FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA



ANO 104 ★ Nº 34.794 | DOMINGO, 7 DE JULHO DE 2024 | R$ 9,90

França ainda mais dividida elege novo Parlamento

Uma França altamente polarizada elege neste domingo (7) a nova composição da Assembleia Nacional, após uma campanha tão curta quanto violenta. Nas quatro semanas entre a dissolução do Parlamento pelo presidente Emmanuel Macron e o segundo turno, foram 51 os candidatos ou militantes agredidos no país. **Mundo A14**

Glenn Greenwald

Uma ameaça para a imprensa

O acordo de Julian Assange com os EUA para sua libertação sinaliza a todos os jornalistas investigativos do mundo democrático que suas reportagens também podem levá-los à prisão se seu trabalho constranger interesses poderosos. **Ilustrada C9**



Eduardo Anizelli/Folhapress

MARINHA TEM 1ª TURMA DE FUZILEIRAS E ANTECIPA DETERMINAÇÃO DE INCLUIR MULHERES

Fuzileiras navais em treino no centro de instrução da Marinha, no Rio de Janeiro; mulheres passam a ocupar todos os corpos e quadros da Força **Política A12**

Seca na Amazônia encurta ano letivo de indígenas

O período de seca, antes fenômeno natural da vida na Amazônia, foi tão prolongado nos últimos anos que tem afetado o ano letivo de crianças indígenas. Isso acontece pois os alunos dependem da vazão dos rios e só chegam às escolas de barco. **Cotidiano B1**

Reformista é eleito no Irã e quer reatar laços com Ocidente

Mundo A16

Como agem países que não criminalizam drogas

Nações que adotaram a descriminalização testam diferentes modelos, que variam de acordo com quantidade e local onde o uso é liberado. **Cotidiano B2**

ilustrada ilustríssima

Eterno 7 a 1

Pior derrota da seleção, para a Alemanha na Copa de 2014, completa dez anos. Placar virou expressão que resume fiascos políticos e sociais do país. **C1**



Pintura de Rodrigo Bivar

MÔNICA BERGAMO

Recuperado de AVC, Tony Ramos volta ao teatro na "peça da minha vida" **C2**

Novo em folha

O trabalho para a geração Z

Jovens nascidos de 1995 a 2010 enfrentam mercado com novas tecnologias e redução de direitos. **p.1**

Incerteza fiscal faz governo pagar maior juro desde 2022

Custo se aproxima do pago quando a gestão Bolsonaro aprovou PEC Kamikaze e dificulta controle da dívida

O Tesouro Nacional pagou em junho a maior taxa de juros nas emissões da dívida pública desde julho de 2022, quando o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) conseguiu aprovar a PEC Kamikaze, para turbinar gastos em ano eleitoral. O motivo atual é a desconfiança quanto ao compromisso do governo Lula (PT) de cumprir o arcabouço fiscal, o que também levou à escalada do dólar.

Um dos principais termômetros dessa incerteza é a emissão das NTN-Bs (Notas do Tesouro Nacional - Série B), título remunerado pelo IPCA, o índice oficial de inflação. Na de cinco anos, o governo pagou juro real de 6,3439% em 11 de junho e de 6,3279% no dia 25. O pico anterior, 6,378%, havia ocorrido em 19 de julho de 2022, dia da promulgação da PEC de Bolsonaro.

O ambiente desfavorável fez com que a União não só pagasse mais caro, mas também freasse a captação de recursos em junho e recorresse à sua reserva de liquidez para honrar obrigações. Em 2024, será necessário captar R$ 1,5 trilhão para pagar dívidas. **Mercado p.1**

Fazenda estuda taxa em federais para manter gastos em educação **p.2**

EDITORIAIS A2

Nunes recebe boas notícias, mas é cedo

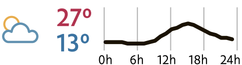
Sobre a disputa paulistana, segundo o Datafolha.

Recado iraniano

Acerca da vitória de um moderado nas eleições.

ATMOSFERA

São Paulo hoje



	Hoje	Amanhã
Rio	16º 30º	18º 27º
Brasília	14º 27º	14º 28º
Ribeirão	15º 30º	16º 31º

Fonte: www.climatempo.com.br

ISSN 1414-5723





Frederic J. Brown/AFP

BRASIL PERDE NOS PÊNALTIS E É ELIMINADO PELO URUGUAI NA COPA AMÉRICA

O zagueiro Éder Militão erra cobrança de pênalti contra o Uruguai durante jogo pelas quartas de final no estádio em Las Vegas, nos Estados Unidos; uruguaios agora enfrentam a Colômbia pela semifinal do torneio na quarta-feira (10) **Esporte B6**

Petistas lideram envio de 'emendas Pix' a São Paulo

Deputados do PT lideram entre os que mais destinaram verbas à capital paulista via "emendas Pix", que permitem injeção de dinheiro no caixa municipal de forma rápida. Petistas dizem que ação visa suprir lacunas da gestão Ricardo Nunes (MDB). **Política A4**

Datafolha: 56% em SP mudariam o voto por padrinho

Mais da metade dos eleitores na capital paulista (56%) admite que mudaria o voto para prefeito por rejeitar o padrinho político do candidato, segundo pesquisa Datafolha. O ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) é quem mais repele eleitores. **Política A6**

INÊS 249

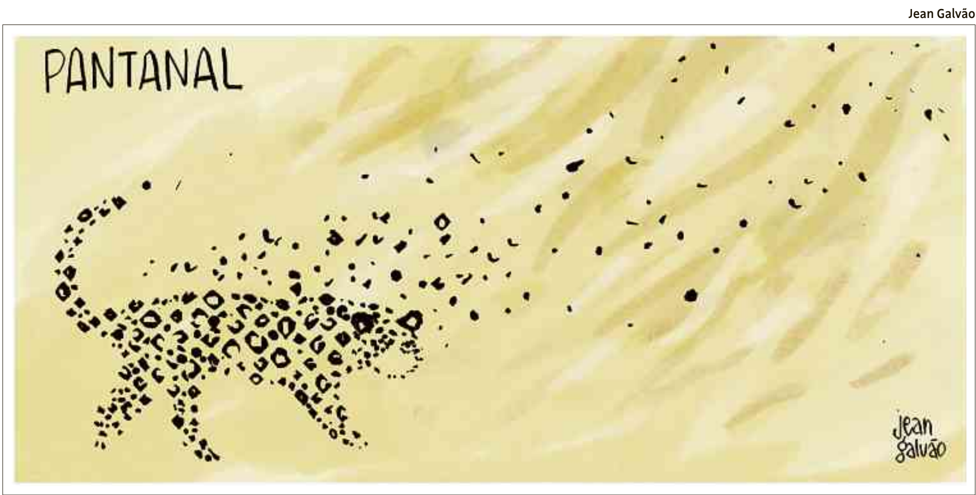
FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patricia Blanco, Patrícia Campos Mello, Pérsio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila *(secretário)*
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Alexandre Bonacio *(financeiro, planejamento e novos negócios)*, Anderson Demian *(mercado leitor e estratégias digitais)*, João Cestari *(tecnologia)* e Marcelo Benez *(comercial)*

Jean Galvão



EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Nunes recebe boas notícias, mas é cedo

Datafolha mostra prefeito à frente de Boulos no segundo turno paulistano; outros postulantes e líderes nacionais podem afetar disputa

A mais recente pesquisa do Datafolha sobre a eleição paulistana trouxe boas notícias para o prefeito Ricardo Nunes (MDB). Muito ainda pode acontecer, entretanto, nos três meses que faltam para o primeiro turno da disputa.

Nunes se mantém tecnicamente empatado com Guilherme Boulos (PSOL) na liderança da corrida, repetindo sondagens anteriores. No cenário que considera todos os candidatos, o primeiro tem 24%, e o segundo, 23% das intenções, invertendo as cifras da sondagem realizada no final de maio.

É na simulação de um segundo turno entre os dois, a primeira conduzida pelo instituto, que está o melhor resultado para o emedebista. Ele marca 48%, a uma distância considerável dos 38% do adversário. Outros 12% inclinam-se a votar em branco ou nulo, e 2% não souberam responder.

Em boa parte, a vantagem pode ser explicada pela maior rejeição a Boulos entre os paulistanos. Um terço (33%) do eleitorado local declara que não votaria nele em nenhuma hipótese; não mais de 24% dizem o mesmo sobre o prefeito.

Por fim, a gestão municipal, embora não desperte números dignos de entusiasmo, voltou a merecer uma melhora da avaliação dos entrevistados. É considerada boa ou ótima por 31%, ante 26% em maio, e ruim ou péssima por 22%, abaixo dos 25% apurados antes.

Numa metrópole tradicionalmente pouco satisfeita com governantes e em momento de renovação de lideranças, a disputa deste ano tende a ser acirrada —embora ainda distantes dos primeiros colocados, outros postulantes se mostram capazes de influenciá-la.

À direita, Pablo Marçal (PRTB) tem 10% das intenções no cenário com todos os candidatos e busca o voto bolsonarista. Nesse campo, Nunes tenta o equilibrismo de contar com o apoio do PL de Jair Bolsonaro sem se deixar contaminar pela rejeição elevada ao ex-presidente no eleitorado da cidade.

O apresentador José Luiz Datena (PSDB) marca 11%, mas sua permanência na corrida é colocada em dúvida. Entre seus eleitores declarados, 52% preferem Nunes no segundo turno, enquanto 33% apontam Boulos. O tucano também já esteve cotado para vice na chapa de Tabata Amaral (PSB).

Ela, de discurso moderado, tem 7% das intenções, e seus apoiadores pendem mais para o psolista (56%) que para o emebebista (33%) numa segunda rodada de votação.

Restam ainda os movimentos dos dois principais líderes nacionais, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), abertamente engajado na candidatura de Boulos, e Bolsonaro. Será lamentável se o urgente debate em torno dos desafios da metrópole der lugar a um mero confronto de bandeiras ideológicas.

Recado iraniano

Teocracia sai derrotada das eleições, mas ainda não há sinal de relaxamento do regime autoritário

O moderado Masoud Pezeshkian foi eleito presidente do Irã na sexta (5) com 53,6% dos votos em uma eleição marcada pelo desalento dos iranianos aptos a votar. Sua vitória sobre o candidato dos aiatolás, o linha-dura Saeed Jalili, é tão significativa quanto a não participação de metade do eleitorado.

Parece improvável que o novo governo possa abalar a estrutura da teocracia xiita. No entanto o contexto das eleições evidencia a pressão por relaxamento do regime.

Pezeshkian saíra vencedor na votação ainda mais esvaziada de 28 de junho, mas, como não obteve o mínimo de 50% dos votos, foi necessário um segundo turno.

Aiatolás já lidaram com presidentes eleitos sob bordões de reforma do regime e de reaproximação com o Ocidente. Não teriam dificuldade de lidar com outro, se as circunstâncias não tivessem mudado.

O nervo exposto do governo autoritário está na massa de cidadãos descontentes com a economia combalida e as opressivas regras morais, cooptada pelo chamado ao boicote às urnas.

Pezeshkian, nesse sentido, pode ser usado pelos teocratas se sua gestão amalgamar o apoio de minorias étnicas, reduzir a insatisfação popular com a perda do poder de compra nos últimos anos e rever normas exorbitantes, em particular as impostas às mulheres.

Um voo mais ambicioso seria abrir algum veio de diálogo com o Ocidente sobre a retomada do acordo nuclear firmado em 2015, visando a eliminação das sanções internacionais que prejudicaram a economia do país.

Mas, embora o presidente iraniano tenha a prerrogativa de orientar as políticas econômica e exterior, não há dúvidas de que caberá ao líder supremo, Ali Khamenei, as decisões cruciais nesses setores. E não se vê, até o momento, nenhuma perspectiva de mudança de rota por parte do aiatolá.

Fato é que a teocracia saiu derrotada do pleito. Khamenei reprimiu os protestos de 2022 e 2023 com brutalidade. Se ignorar o recado das urnas, ao menos há alguma chance de estimular a oposição popular ao regime autoritário que há décadas subjuga os iranianos, notadamente as mulheres.

Revoluções

Hélio Schwartsman

Numa época em que a ordem liberal vem sendo desafiada e sofre reveses, é natural que surjam obras que procurem apontar para as virtudes desse sistema que, aos trancos e barrancos, vem se consolidando no Ocidente. "Age of Revolutions", do jornalista Fareed Zakaria (CNN, Washington Post), é uma delas.

O autor se propõe a tentar entender por que certos períodos da história concentram mudanças que deixam marcas profundas num país e por vezes no mundo. Nós os chamamos de revoluções. No livro, Zakaria investiga nove delas, cinco do passado (Holandesa, Gloriosa, Francesa e a Industrial, em suas vertentes inglesa e americana) e quatro do presente (globalização, tecnologia, identidade e geopolítica).

A escolha das revoluções do passado tem algo de arbitrário que já trai as intenções do autor. Ele descreve todas elas, exceto a Francesa, como movimentos liberais que deixaram um saldo positivo, apesar ter eventualmente produzido vítimas. A prosperidade material experimentada hoje pelo terráqueo médio, por exemplo, é fruto das duas Revoluções Industriais. Já a Francesa aparece como uma revolução fracassada, iliberal, que traiu a um um todos os seus ideais. Não é uma posição absurda (Burke pensava do mesmo modo), mas há visões divergentes que também fazem sentido.

Quanto às revoluções modernas, Zakaria admite que elas estão provocando tensões e retrocessos, mas diz que não precisamos ser pessimistas. Se assimilarmos as lições das revoluções liberais, conseguiremos nos livrar do populismo e outras chagas do iliberalismo e seguir avançando incrementalmente, como holandeses e ingleses fazem desde os séculos 16 e 17.

Zakaria escreve bem e sabe contar histórias. O livro é verdadeiramente prazeroso de ler. Não discordo de suas teses centrais, mas devo dizer que fico um pouco preocupado quando defensores do liberalismo têm de apelar para uma espécie de fé em suas virtudes, como faz o autor.

helio@uol.com.br

Lula em campanha

Bruno Boghossian

Lula nem tentou disfarçar o motivo da visita a Contagem (MG), no fim de junho. Ao lado da prefeita Marília Campos (PT), que vai disputar mais um mandato, o presidente lembrou que a lei eleitoral proíbe a presença de candidatos em inaugurações após 5 de julho. "Então, eu vim aqui hoje para poder fazer neste ano a única coisa pública com você", explicou.

O petista fez uma maratona antes que a janela se fechasse. Em nove dias, foram 11 eventos oficiais com pré-candidatos a prefeituras estratégicas. Em quase todos os atos, Lula abriu espaço para os aliados no palanque, soltou elogios e fez acenos pouco discretos, com a promessa de investimentos do governo federal.

Usar o peso da máquina pública para aumentar a exposição de um pré-candidato é uma malandragem autorizadas pela lei. Lula lançou mão dessa arma para impulsionar candidaturas de sua base política, mas também para melhorar seu próprio desempenho na votação de outubro.

Resultados de eleições municipais não dizem muita coisa sobre a força dos presidentes. Ainda assim, todos eles preferem governar com uma rede ampla de prefeitos alinhados do que isolados pela oposição. O inevitável embate entre candidatos lulistas e bolsonaristas em municípios importantes amplia a relevância dessas disputas no caso de Lula.

A blitz do presidente nas últimas semanas indica os terrenos em que ele pretende não apenas ajudar aliados, mas também reforçar seu próprio governo. Além dos sempre disputados territórios de Minas, o petista anunciou obras em capitais como Rio, Recife e São Paulo, além de um cinturão de outras cidades paulistas.

O discurso que Lula levou aos palanques, em modo campanha, também dá uma pista de seu esforço para tentar quebrar barreiras de popularidade neste terceiro mandato. Em praticamente todos os eventos, o presidente disparou uma mensagem direcionada especificamente à população de baixa renda. "Eu não sou o pai dos pobres, eu sou um pobre que chegou à Presidência", disse, mais de uma vez.

Um cantor lembra outro

Ruy Castro

Acontece com todo mundo. Ao escutar um disco de um cantor este lembra outro, como se um tivesse saído do outro ou vice-versa. Nenhum desdouro nisso, e não há por que renegar uma influência ou descendência ilustre. Veja bem, a semelhança não tem a ver com o gênero de música que eles cantam, mas com certo jeito de cantar ou uma sonoridade em comum. É possível que essa influência tenha sido inconsciente. E, claro, pode ser também apenas uma ilusão auditiva do ouvinte.

Quando ouço Elis Regina, lembro-me de Angela Maria, que, por sua vez, me lembra Dalva de Oliveira. Quando ouço João Gilberto, Caetano Veloso, Paulinho da Viola, Roberto Silva, Lucio Alves, Gilberto Alves e Cyro Monteiro, lembro-me de Orlando Silva —o de 1935-1942, na RCA, talvez o melhor cantor do mundo naquele tempo. Anitta, Ivete Sangalo, Baby Consuelo, Rita Lee, Ademilde Fonseca, Emilinha Borba, Marlene e Dircinha Baptista me lembram Carmen Miranda —que não me lembra ninguém, porque inventou a si mesma.

Mart'nalia pode ter vindo de Elza Soares. Gilberto Gil, de Luiz Gonzaga. Jorge Ben Jor, sem dúvida, de Orlan Divo. Wilson Simonal, Leny Andrade e Claudette Soares, de Johnny Alf. Alayde Costa, de Nora Ney. Maysa, de Doris Monteiro. E Mario Reis veio apenas do microfone elétrico, assim como muitos cantores "sem voz" surgidos por volta de 1928.

Há também as boas influências estrangeiras, como a de Billie Holiday sobre Maria Bethânia; de Bing Crosby sobre Dick Farney; de Joe Mooney sobre João Donato; de Frank Sinatra sobre uma multidão em todas as línguas; e de Nat King Cole sobre Agostinho dos Santos e também sobre João Gilberto. Não, João Gilberto não veio de Chet Baker —havia muita gente cantando baixinho no começo dos anos 1950, era uma tendência.

Já sei, faltou citar o fulano ou me esqueci do beltrano. É verdade. Mas 1.870 caracteres não passam de 1.870 caracteres.

Democracia demencial

Muniz Sodré

Professor emérito da UFRJ, autor, entre outros, de "Pensar Nagô" e "Fascismo da Cor". Escreve aos domingos

O confronto Biden/Trump ficará na história como um dos episódios mais deprimentes da política americana e índice relevante da suspeita de que as democracias possam estar doentes, mais que enfraquecidas. Doença implica afetação negativa num organismo, suscetível de uma alteração essencial. Por analogia, ainda que mantidos os protocolos formais, os processos substanciais das democracias passariam por desencadeamentos morbosos que afetam povo e lideranças.

Os EUA refletem essa mutação porque sempre se apregoaram ao mundo como paradigma democrático. Muito intrigou décadas atrás a afirmação de Jean Baudrillard de que a América seria a única cultura primitiva da atualidade, por sua "indiferença crua a toda cultura" (em "Carnaval e Canibal"). Ele a via como um grande país, com as melhores universidades, mas sua potência tecnológica e militar, ancorada na Bíblia, faria tábula rasa da ideologia humanista que lastreava a civilização europeia. Alexis de Tocqueville já percebera no século 19 que "a primeira de suas instituições políticas é a religião".

A metáfora patológica enseja a hipótese de que a nação americana não curou as feridas de sua unidade republicana, obtida após uma guerra civil, quando do teve de silenciar o ódio e a culpa pelo sangue derramado de 780 mil compatriotas. Além de calar sobre o extermínio de indígenas, escravos africanos, imigrantes chineses. E camuflar, pela simulação de liberdade universal, 248 anos de democracia com apenas 16 sem guerras externas. Um karma pesado.

A morbidade pode chamar-se "passadismo", recidiva demencial de um passado tóxico no presente. Transparece na perda das ilusões, rompimento das simulações que representavam a glória da América. A emergência da ultradireita avassala o povo, o Congresso e até a Suprema Corte como uma espécie de retorno do recalcado, da barbárie sulista, que escande versículos ao modo de tábuas da lei. O trumpismo é descarga de uma constipação histórica.

Quem entre nós pensa que não haveria nada mais rebarbativo do que um minion rezando para pneu deveria ouvir um caipira no centro-oeste americano ou um herdeiro de escravocrata no sul, Bíblia e arma na mão, apostrofando negros e imigrantes. A síndrome é endêmica: na França, a ultradireita pede em cartazes "salvemos as crianças brancas". Na Argentina de Milei, como no tango Cambalacho, "mais vale um burro que um grande professor".

Nos EUA, deseducados pelo neoliberalismo, democratas e republicanos não formaram lideranças sadias, sucumbindo à demência senil. O confronto Biden/Trump foi um surto morboso. Não houve debate, debateram-se: um com problemas cognitivos, o outro com mentiras indecorosas. Dois dementes, um vexame patológico.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

A luta diária contra a seca extrema no sertão

Unidos podemos superar os ambientes mais áridos

Alcione Albanesi
Fundadora e presidente da ONG Amigos do Bem, que atua há 30 anos no sertão nordestino

No vasto cenário do sertão nordestino, onde a seca e a fome são não apenas desafios sazonais mas uma dura realidade diária, enfrentada por milhões de brasileiros, muitas comunidades lutam sem acesso a água potável, recorrendo a fontes contaminadas apenas para sobreviver.

É nesse contexto desolador que o Dia Mundial de Combate à Desertificação e à Seca, instituído pela Organização das Nações Unidas (ONU) e celebrado em 17 de junho, surge para ressaltar a urgente necessidade de mobilização em iniciativas que enfrentem esses fenômenos devastadores, que assolam inúmeras pessoas no Brasil e ao redor do mundo.

No Brasil, cerca de 38 milhões de pessoas vivem em áreas onde a seca e a desertificação representam ameaças constantes. Em escala global, aproximadamente 55 milhões de indivíduos sofrem com a seca anualmente, conforme aponta a ONU. Porém, a luta no sertão nordestino é ainda mais desafiadora, pois a escassez de água é uma batalha secular, enfrentada por gerações.

Hoje, o semiárido nordestino, considerada entre as regiões áridas uma das mais populosas do mundo, abriga 28 milhões de habitantes segundo o Instituto Nacional do Semiárido (Insa).

A escassez de recursos no sertão nordestino é resultado de diversos fatores interligados. A irregularidade das chuvas torna a disponibilidade hídrica extremamente desafiadora. Além disso, a degradação do solo e os efeitos das mudanças climáticas têm contribuído significativamente para um cenário ainda mais árduo.

Em 2023, por exemplo, o Nordeste enfrentou a maior seca dos últimos 40 anos, em decorrência do fenômeno climático El Niño, conforme aponta o Centro de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden), ligado ao governo federal. Esse evento, que tem se estendido até o primeiro semestre de 2024, é caracterizado pelo aquecimento anormal das águas na faixa equatorial do oceano Pacífico, o que altera drasticamente os padrões de chuva em diversas regiões do mundo, incluindo o Nordeste brasileiro.

A combinação desses fatores cria uma vulnerabilidade única em diversos povoados distribuídos pela região. Essa realidade afeta não apenas a disponibilidade de água mas também a segurança alimentar e o bem-estar de milhares de famílias.

Diante desse cenário desolador, é urgente que cada indivíduo e empresa se mobilize e volte seu olhar para o sertão do nosso país.

Ao investirmos nesses povoados, não apenas oferecemos recursos básicos como contribuímos para proporcionar uma mudança completa nas futuras gerações, com educação, saúde e oportunidades de emprego e renda, rompendo um ciclo de pobreza.

Iniciativas como a da ONG Amigos do Bem demonstram o enorme potencial de transformação. Em 2023, atendendo mensalmente mais de 150 mil pessoas em 300 povoados, distribuímos mais de 1,3 bilhão de litros de água. Com o apoio de milhares de amigos e cerca de 11 mil voluntários, já perfuramos 75 poços e construímos 123 cisternas. Além disso, todos os meses, 800 cisternas e caixas d'água são abastecidas com nossos caminhões-pipa.

Segundo um estudo do Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social (Idis), o Retorno Social sobre Investimento (Sroi) da ONG Amigos do Bem é de incríveis 6,45. Ou seja, cada R$ 1,00 doado se transforma em R$ 6,45 em benefícios concretos para a população do sertão. Esse alto índice, somado às ações práticas da organização, demonstra o enorme potencial de impacto positivo que iniciativas focadas no desenvolvimento sustentável da região podem ter não apenas na melhoria da qualidade de vida mas também no fortalecimento da economia regional.

Acredito firmemente que a miséria tem solução, mas isso só é possível com o apoio de muitos amigos. Cada ato de solidariedade representa um avanço rumo a um futuro mais digno.

O dia de combate à desertificação nos convida à reflexão sobre os perigos que assolam o sertão do nosso país e nos instiga a intensificar nossos esforços contra a extrema seca e pobreza que afligem a região. A indignação precisa ser acompanhada de ação.

Cada um de nós pode ser o agente de mudança que a região requer, doando, voluntariando-se ou apoiando iniciativas transformadoras. Unidos podemos superar até os ambientes mais áridos e criar um horizonte de possibilidades para as futuras gerações.



Claudia Liz

Violência religiosa

Famílias devem ser lar de acolhimento

Érico Andrade
Filósofo, psicanalista, pesquisador do CNPp, professor do Departamento de Filosofia da UFPe

Os modos mais comuns de coerção são normalmente associados ao uso da força física. Uma arma apontada para a nossa face nos faz seguir uma ordem. Essa forma inquestionável de violência não pode obliterar que outras modalidades têm uma força análoga e que podem persistir durante muito tempo.

Por exemplo, a violência psíquica tem poder de se estender para além de um momento específico. Assim, se para a violência física é preciso a manutenção de um poder coercitivo na forma de uma ação concreta contra uma pessoa, na violência psíquica são as crenças que impõem uma coerção letal.

O fundamentalismo religioso no Brasil de matriz cristã opera na promoção, divulgação e premiação da violência psíquica com a anuência grave do Estado. As pautas mais evidentes, de criminalização do aborto e de condenação da vida das mulheres, se enquadram num arsenal mais vasto de modalidades opressivas, cujo estrago nas subjetividades jovens é enorme.

Muitas vezes, os cultos e as homilias disseminam a ideia de que certas existências são aberrações que devem ser enfrentadas para que Jesus prevaleça. Desse modo, as pessoas com orientação sexual divergente da heteronormatividade e as pessoas ligadas às religiões de matriz africana são tratadas a encarnação do que deve ser morto.

É como se o "mal" tivesse uma forma material que devesse ser combatida e exterminada. É mais fácil matar uma pessoa de carne e osso do que uma abstração.

Por isso, na clínica psicanalítica com filhos(as) de pessoas fundamentalista se nota que mesmo quando eles conseguem algum grau de abertura para experimentar novas formas de existir, permanecem presos à fantasia da punição e de que serão castigados.

Diferentemente de uma arma apontada, o ódio que o fundamentalismo religioso tem pregado livremente incide diretamente nas subjetividades jovens de um modo quase irreversível.

Pais e mães que se autorizam a dizer, pela legitimidade que os líderes religiosos lhes conferem, que é melhor ver um filho morto do que vê-lo filho de santo ou gay, ou ainda os que deserdam filhos e filhas porque não seguem os preceitos da igreja, demonstram que esse fundamentalismo é o verdadeiro atestado de morte da família.

Dilacerar e desfazer laços afetivos em nome da religião é a forma pela qual o fundamentalismo vem destruindo famílias, opondo pais e mães aos filhos e filhas e adoecendo jovens, obrigados a conviverem com a culpa por serem simplesmente o que são.

É preciso nomear a violência do fundamentalismo e estabelecer formas de contenção do discurso do ódio para que as famílias possam ser um lar de acolhimento, não uma fogueira que quando não sufoca com a pregação ininterrupta queima com a deserção de filhos e filhas.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Câmbio

"Fechar a conta de capital?" (Samuel Pessôa, 6/7). O modelo matemático mais utilizado para o câmbio no curto prazo é o modelo denominado passeio aleatório. Ou seja, no curto prazo, é muito difícil estabelecer as causas de uma variação cambial. Os argumentos do articulista se aplicam apenas às tendências do câmbio de médio e longo prazo. O câmbio nos últimos dias reflete mais um movimento especulativo acompanhado de uma inação do BC.
Enrica Souza (São Paulo, SP)

*

Baita aula! Não briguem com o mensageiro. Ele apenas entrega a carta. Os erros estão no Planalto.
Rafael Garcia (Araras, SP)

*

Concorde-se ou não com a posição do autor, é bem-vindo o debate sobre a liberdade do movimento de capitais. Evidentemente, isso envolve mais coisas do que remessas de divisas de um país para o outro. Por exemplo, a liberdade para montar posições especulativas no mercado de derivativos de câmbio deve vir para a mesa. Excelente iniciativa do autor.
Antonio José Alves Junior
(Rio de Janeiro, RJ)

Ação predatória

"Tráfico de animais muda ciclos naturais de bichos capturados e até de seus descendentes" (Ambiente, 5/7). Causam danos e sofrimento a uma teia inimaginável de seres, ao próprio equilíbrio da vida. Esses traficantes, comerciantes e compradores, todos criminosos, deixam um rastro de dor, sangue e mortes. Estamos cavando nossa extinção ao extinguir nosso meio.
Daniel Bertelli (São Paulo, SP)

Surpresas da paternidade

"Por que desisti de procurar comida boa em Buenos Aires" (Cozinha Bruta, 5/7). Mandou bem, Marcão! O garoto vai lembrar para sempre. Que sorte ter perdido o RG na 1ª tentativa, assim voltaram juntos!
Rafael Luis Machado De Sousa
(São Paulo, SP)

*

Moral da história: jamais contrate um pré-adolescente como guia gastronômico.
Murilo Belezia (São Paulo, SP)

Sem capacitação

"Inclusão de alunos com autismo encontra barreiras em escolas particulares" (Educação, 5/7). Sou professor de escola pública desde 2006, e não vejo qualquer iniciativa da Secretaria da Educação em nos capacitar para essa realidade, estamos recebendo muitos alunos e não estamos sabendo como ajudá-los.
Wilton Cerantola (Neves Paulista, SP)

*

Hoje, educação é negócio e, enquanto isso prevalecer, lamento, pais, não haverá debate objetivo.
Anderson de Souza (São Paulo, SP)

ERRAMOS

erramos@grupofolha.com.br

MUNDO (6.JUL., PÁG. A14) Por erro da edição, o texto "Dos carros ao agro, comércio Brasil-Alemanha busca caminhos sustentáveis" afirmou erroneamente que o Volkswagen Nivus foi o primeiro modelo da empresa projetado no Brasil a ser exportado para a Alemanha. Ele foi o primeiro a ser comercializado no país europeu, mas sua produção é feita na fábrica da Volks em Pamplona, Espanha.

ASSUNTO QUAL É O SEU CD FAVORITO, LEITOR? VOCÊ AINDA TEM EXEMPLARES FÍSICOS?

"Five Live", de George Michael, Lisa Stansfield e Queen. Ainda tenho CDs, mas não consigo mais escutá-los.
Marcia Soares de Aguiar Ferreira
(Vila Velha, ES)

*

"The Dark Side of the Moon", de Pink Floyd. Não tenho nenhum exemplar físico.
Francisco Trindade Ferreira
(São Paulo, SP)

*

"As Quatro Estações", de Sandy & Junior.
Andréia Maria de Souza (Paulista, PE)

*

"Faster Than The Speed Of Night", de Bonnie Tyler. Ainda tenho e escuto todos os meus CDs.
Orli José Alves dos Santos
(Foz do Iguaçu, PR)

*

"Tears Roll Down" do Tears For Fears. Ainda escuto regularmente e não abro mão deles. A sensação de tirar o disco da caixinha e colocar no player é prazerosa e a audição, então, indescritível.
Lauri Raimar Wentz
(Salvador do Sul, RS)

*

"Cor de Rosa e Carvão", de Marisa Monte. Ouvi demais! Tenho exemplares e escuto sim, mas ouço mais vinil.
Waldimar Alex (Lima Duarte, MG)

*

"This Is Where I Came In", de Bee Gees. Sim, tenho mais de uma centena e continuo comprando. Escuto sempre.
Leandro de Souza Cruz
(Sete Lagoas, MG)

*

"Eyes That See in the Dark", de Kenny Rogers.
Mauricio dos Santos (Guarulhos, SP)

*

"All Things Must Pass", de George Harrison.
Maria Ines Albini (Curitiba, PR)

*

"Fear of the Dark", que é o primeiro que adquiri do Iron Maiden. Tenho mais de 2.000, com certeza.
Sandro Luís Olian
(Limeira, SP)

*

"Eternal Devastation", de Destruction. Compro regularmente, tenho entre 700 a 800 CDs e, sim, escuto muito.
Kleber Galdino Albuquerque
(Hortolândia, SP)

*

"A Night at the Opera", do Queen.
Alfred Makoto
(São José dos Campos, SP)

*

Meu CD favorito por muitos anos foi o "The Best Damn Thing", da Avril Lavigne, meu primeiro CD comprado em 2007 da minha atual coleção.
Abnner Alexandre Silva
(São Paulo, SP)

*

"Clube da Esquina 1". Sou colecionador de CDs, como fui de vinis. Tenho aproximadamente 30 mil CDs.
Fernando Remo Queiroz Júnior
(Belo Horizonte, MG)

*

"The Immaculate Collection", de Madonna.
Jeferson Pieri
(Porto Ferreira, SP)

*

Trilha sonora do filme "Cinema Paradiso". Os escuto usando DVD player como reprodutor, DAC externo, pré-amplificador e amplificador.
Adelmo Félix Candido
(Diadema, SP)

*

"Abbey Road", dos Beatles. Ainda coleciono, tenho mais de 1.500 CDs.
Celso De Oliveira
(Maringá, PR)

*

Todos os volumes de "A Grande Orquestra de Paul Mauriat".
Carlos H.Yabuuti (Ibiúna, SP)

INÊS 249

política

PAINEL | *Fábio Zanini*

painel@grupofolha.com.br

Desfalque

O ministro da Casa Civil, Rui Costa (PT), sinalizou que terá atuação tímida na campanha em Salvador e irritou aliados do vice-governador Geraldo Júnior (MDB), que disputa a prefeitura com apoio petista. "Pretendo ter uma presença nas campanhas muito com vídeo, foto, porque não vai dar tempo. Não vou conseguir sair de lá [Brasília]", disse ao Painel. A declaração gerou reações de emedebistas como o ex-ministro Geddel Vieira, que avaliam que Costa deveria ser mais cauteloso com as palavras.

BEICINHO O ministro deixou o governo da Bahia em 2022 com popularidade alta, mas pesquisas apontam que Lula e o ex-prefeito ACM Neto são os principais cabos eleitorais em Salvador. Rui Costa articulou a candidatura do ex-vereador José Trindade (PSB), mas ficou isolado no PT e teve de aceitar a aliança em torno do vice-governador emedebista.

COMPANHEIRA A ministra da Saúde, Nísia Trindade, enviou ofício à colega da Gestão, Esther Dweck, em que declara apoio aos pleitos dos servidores de agências reguladoras que realizaram paralisação na quinta (4). A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) estão vinculadas à pasta.

OMBRO AMIGO Nísia reitera "o apoio à valorização e à recomposição da força de trabalho da Anvisa e da ANS" e também "à continuidade da negociação das agências reguladoras". Os servidores apontam sucateamento dos órgãos ao longo dos anos.

E NÓS? O governador do Piauí, Rafael Fonteles (PT), apresentou proposta de renegociação das dívidas dos estados com a União que beneficiaria todas as unidades da federação, e não apenas as diretamente afetadas. A dívida é de R$ 740 bilhões, 80% concentrados em quatro estados: SP, RJ, MG e RS. O Piauí não tem nenhum débito. "É uma questão de justiça federativa", diz o governador ao Painel.

PRÊMIO A ideia seria destinar os recursos economizados pelos estados com a redução da dívida para um fundo a ser distribuído a todas as unidades da Federação com base em critérios como no FPE (Fundo de Participação dos Estados) e tamanho da dívida, com estados de menor débito recebendo mais recursos.

UAI O cenário pulverizado apontado pelo Datafolha aumentou a pressão por uma unificação de candidaturas da esquerda em Belo Horizonte. No entanto, nem Duda Salabert (PDT), que teve 10%, nem Rogério Correia (PT), que marcou 8%, se mostram dispostos a desistir. "Minha candidatura é a que tem melhor condição de costurar a unidade do campo progressista", afirma o petista. "Nossa candidatura é a que tem mais chance de ir para o segundo turno", rebate a pedetista.

FALA QUE EU TE ESCUTO A pré-campanha de Ricardo Nunes (MDB) à Prefeitura de SP encerrou a fase de consulta popular na elaboração do programa de governo e começará a formação dos grupos de trabalho por áreas temáticas. Cerca de 12 mil pessoas participaram de eventos nas subprefeituras desde junho, e houve 72 mil acessos em um aplicativo criado para receber sugestões.

BASTA O PSOL entrou com queixa-crime contra o pastor Silas Malafaia, que chamou o partido de "lixo moral" por suposto "ativismo gay" em live em 27 de junho. Ele pediu que as pessoas não votem em candidatos psolistas na eleição e citou Guilherme Boulos, em SP. A legenda diz que o religioso proferiu ofensas gratuitas e pede condenação por danos morais.

TECLA SAP O deputado Augusto Coutinho (Republicanos-PE), membro do grupo de trabalho que discute a regulamentação da reforma tributária na Câmara, propôs que os termos em inglês que constam no projeto de lei, como "cashback" e "split payment", fossem trocados por equivalentes em português. "Imagina no sertão de Pernambuco o cidadão falar em 'split payment'. Eu mesmo tenho dificuldade de falar isso", diz. A sugestão, no entanto, não foi acatada.

Três Poderes

VENCEDOR DA SEMANA
O presidente da Câmara Municipal de São Paulo, **Milton Leite** (União Brasil), que negociou a suspensão da greve dos ônibus na cidade e articulou mudanças na Lei de Zoneamento.

PERDEDORA DA SEMANA
Tabata Amaral (PSB), que apareceu numericamente em quinto no Datafolha e pode ficar isolada na disputa pela Prefeitura de SP.

FIQUE DE OLHO
O presidente da Câmara, **Arthur Lira (PP-AL)**, promete votar reforma tributária; PEC da anistia a dívidas de partidos também mobiliza deputados às portas do recesso parlamentar.

Com Guilherme Seto, João Pedro Pitombo e Victoria Azevedo

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital Ilimitado		Digital Premium
PLANO MENSAL	R$ 29,90		R$ 44,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa		Assinatura semestral*
	seg. a sáb.	dom.	Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 6,90	R$ 9,90	R$ 1.085,90
DF, SC	R$ 8	R$ 11	R$ 1.374,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 8,50	R$ 12	R$ 1.729,90
AL, BA, PE, SE, TO	R$ 13	R$ 15,50	R$ 1.868,90
Outros estados	R$ 13,50	R$ 16,50	R$ 2.315,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO FOLHA (verificado por PwC)
834.898 - Fechamento 2º Semestre de 2023
Assinantes Folha + Venda Avulsa Impressa. Veja os critérios em folha.com.br/circulacao-verificada/



O prefeito Ricardo Nunes (MDB), adversário de Guilherme Boulos (PSOL) e do PT Divulgação - 5.jan.23/Governo de SP

Petistas lideram envio de 'emendas Pix' a SP e veem omissão de Nunes

Deputados do PT, que apoia Boulos, dizem tapar lacunas deixadas pelo prefeito; município afirma aplicar verba em áreas mais pobres

Mateus Vargas e Ranier Bragon

BRASÍLIA Cinco deputados federais do PT lideraram o ranking de congressistas que enviaram recursos diretamente para a cidade São Paulo por meio da chamada "emenda Pix", mecanismo do Orçamento que permite injetar dinheiro no caixa de prefeitos e governadores de forma rápida e desengessada.

São Paulo é comandada por Ricardo Nunes (MDB), pré-candidato à reeleição. Ele tem como principal adversário na disputa, até o momento, o deputado Guilherme Boulos (PSOL), que é apoiado pelo PT. Pesquisa Datafolha divulgada na sexta (4) mostra Nunes com 24% e Boulos com 23%.

Ao todo, os petistas Jilmar Tatto, Rui Falcão, Alencar Santana, Nilto Tatto e Carlos Zarattini direcionaram para a Prefeitura de São Paulo, via emendas Pix, quase R$ 20 milhões. Desse total, R$ 15,6 milhões já entraram no caixa da administração Nunes.

Rui Falcão se licenciou do mandato para integrar a coordenação da campanha de Boulos.

Os cinco petistas dizem que não houve nenhum entendimento com o prefeito para o repasse das verbas e, de acordo com alguns deles, elas buscam suprir lacunas deixadas pela administração municipal.

No ranking das emendas Pix, os petistas estão à frente dos parlamentares alinhados à administração Nunes, como Delegado Palumbo (MDB), com R$ 1,2 milhão, o senador Marcos Pontes (PL), com R$ 500 mil, Gilberto Nascimento (PSD), com R$ 300 mil, e Carla Zambelli (PL), com R$ 300 mil —sexto, sétimo, oitavo e nona na lista de maiores emendas empenhadas, ou seja, que tiveram o recurso reservado no Orçamento.

Em linhas gerais, o dinheiro direcionado pelos parlamentares do PT visa a pavimentação de ruas e a construção ou reforma dos Clubes da Comunidade (CDCs) nas zonas leste, norte e sul.

Há em São Paulo mais de 250 Clubes da Comunidade, que são unidades esportivas e de lazer de administração indireta da prefeitura.

O governo Lula (PT) acelerou a liberação de emendas e superou R$ 22 bilhões pagos até a semana que passou, data limite estabelecida pela lei, que impõe trava ao repasse dessas verbas nos três meses que antecedem as eleições municipais.

Desse total, ao menos R$ 4,4 bilhões são emendas Pix. Nesse modelo, o deputado ou senador indica apenas o local que vai receber a verba, sem a necessidade de encaixar o recurso dentro de programas da prefeitura ou convênios, como ocorre com as emendas normais.

"Essas emendas são para suprir demandas da população que a prefeitura se nega a atender. São reivindicações que chegam para nós. É um absurdo a quantidade de coisas simplórias que não são feitas pelo senhor Ricardo Nunes", diz Zarattini, autor de emenda de R$ 2,9 milhões para a cidade.

Sua emenda se destina a oito obras de pavimentação de ruas na Brasilândia e em Jaçanã, na zona norte, reforma de uma praça na região de Ermelino Matarazzo, na zona leste, e diversas melhorias em campos de várzea e Clubes da Comunidade em Campo Limpo, na zona sul.

"O prefeito só atende reivindicação se for de vereador da base dele", diz.

Rui Falcão direcionou emenda Pix de R$ 4 milhões para a cidade, também para obras de infraestrutura e melhorias em Clubes da Comunidade e praças.

Ele ressalta que a cidade de São Paulo é a sua principal base eleitoral e também diz não ter conversado com Nunes sobre o repasse. O petista afirma que as verbas são demandadas por moradores, líderes comunitários, vereadores e deputados estaduais aliados, segundo quem obras para regiões representadas por eles têm dificuldade de sair do papel.

Mesmo tendo execução obrigatória, o petista diz que há dificuldade de execução de emendas patrocinadas por opositores.

"Emenda, em geral, se não for de amigo do prefeito, não sai."

O autor da maior emenda Pix para a cidade de São Paulo é Jilmar Tatto, que disputou a prefeitura em 2020, mas acabou em sexto lugar.

Tatto afirma que o valor direcionado, R$ 6 milhões, será usado para a construção de campos de futebol de várzea nas regiões leste e norte da cidade, o que inclui grama do sintético, vestiário e alambrados.

"Nunca conversei com o prefeito. Essas demandas surgem dos vereadores e deputados estaduais. A prefeitura só executa."

Alencar Santana, autor de emenda de R$ 4 milhões, ressalta que só 10% desse total havia sido efetivamente liberado até a quinta-feira (4) e se limitou a dizer que fez o direcionamento para atender demanda do vereador Alessandro Guedes (PT).

A **Folha** entrou em contato com o gabinete do vereador, mas não conseguiu falar com ele.

Nilto Tatto disse que suas emendas passam, na maioria dos casos, pela relação direta que ele tem nos bairros e assentamentos.

"Às vezes somos nós que levamos, a pedido das comunidades, as demandas para a prefeitura ou outros órgãos. Ao receber a demanda, entramos em contato com o órgão responsável para executar e viabilizamos a emenda e os recursos", diz.

Nilto Tatto direcionou R$ 2,9 milhões em emenda Pix para melhorias em vielas e nos Clubes da Comunidade em Cidade Ademar, Campo Limpo e Capela do Socorro, na zona sul da cidade.

A Prefeitura de São Paulo afirmou que institucionalizou o compromisso de distribuir recursos levando em consideração indicadores de vulnerabilidade social e infraestrutura urbana, entre outros.

"O município busca direcionar investimentos, expandir a oferta de serviços públicos em regiões mais pobres e promover uma efetiva melhoria das condições de vida dessa população. Em 2022, R$ 2,4 bilhões foram aplicados nas regiões de maior vulnerabilidade, considerando o Índice de Distribuição Regional do Gasto Público Municipal. No ano passado, esse valor foi de R$ 3 bilhões, ou seja, um aumento de 24%."

Sobre as emendas dos petistas, a Secretaria-Executiva de Relações Institucionais da prefeitura disse que não havia ocorrido ainda a transferência integral dos recursos até as 12h desta sexta-feira (5) e que as obras indicadas pelos parlamentares "podem ser modificadas, conforme solicitação do próprio deputado ou por razões de inviabilidade técnica".

+ RANKING DE EMENDAS PIX A SP

Valores empenhados

Jilmar Tatto (PT)	R$ 6 milhões
Rui Falcão (PT)	R$ 4 milhões
Alencar Santana (PT)	R$ 4 milhões
Nilto Tatto (PT)	R$ 2,9 milhões
Carlos Zarattini (PT)	R$ 2,9 milhões
Delegado Palumbo (MDB)	R$ 1,2 milhão
Marcos Pontes (PL)	R$ 500 mil
Gilberto Nascimento (PSD)	R$ 300 mil
Carla Zambelli (PL)	R$ 300 mil

INÊS 249

56% podem mudar voto por rejeição a padrinho político em SP, diz Datafolha

Bolsonaro é quem mais repele eleitor, mas 40% não sabem o candidato dele à Prefeitura de SP

Ana Luiza Albuquerque

SÃO PAULO Mais da metade dos eleitores da capital paulista (56%) admite mudar o voto para prefeito se o candidato for apoiado por um político rejeitado por eles, indica pesquisa Datafolha.

No total, 37% dizem que mudariam o voto com certeza, e 19%, que talvez mudassem. Não mudariam o voto 41%, e 2% não souberam responder.

O instituto fez 1.092 entrevistas em toda a cidade de São Paulo, entre 2 e 4 de julho. A margem de erro é de três pontos percentuais, dentro do nível de confiança de 95%.

O Datafolha mediu a influência de quatro padrinhos políticos: o presidente Lula (PT), o vice Geraldo Alckmin (PSB), o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) e o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos).

Entre eles, Bolsonaro é que o mais afasta os eleitores —65% afirmam que não votariam de jeito nenhum em um candidato apoiado por ele. O apoio do ex-presidente levaria 16% dos eleitores a escolher com certeza seu indicado, enquanto outros 16% dizem que é uma possibilidade.

O Datafolha mostra que 40% dos eleitores ainda não sabem qual candidatura Bolsonaro apoiará em São Paulo. Outros 27% afirmam, corretamente, que o ex-presidente endossará o prefeito Ricardo Nunes (MDB). Mencionam Pablo Marçal (PRTB) como candidato de Bolsonaro 11%.

Até a entrada do influenciador na disputa, Nunes planejava contar com o apoio do ex-presidente sem grudar a imagem à dele, para evitar herdar sua rejeição. Porém, com o aparecimento do ex-coach, que ameaça roubar os votos da direita, o prefeito foi pressionado a amarrar sua pré-candidatura a Bolsonaro, aceitando como vice o ex-Rota Ricardo Mello Araújo (PL), indicado pelo ex-presidente.

O apoio de Tarcísio, considerado por aliados de Nunes seu principal cabo eleitoral, levaria 17% dos eleitores a votar com certeza no candidato endossado por ele —outros 30% admitem a possibilidade. Não votariam de jeito nenhum em um nome apoiado por Tarcísio 48% dos eleitores.

O governador tem manifestado publicamente que Nunes é seu favorito, rasgando elogios ao prefeito e falando em sinergia entre as gestões. A pesquisa mostra que 36% dos eleitores sabem que Tarcísio apoiará o emedebista na disputa, enquanto 35% ainda não sabem quem ele endossará.

Já o apoio de Lula, padrinho político de Guilherme Boulos (PSOL), levaria 23% dos eleitores a votar com certeza em um candidato endossado por ele, e outros 28% a considerar fazê-lo. O endosso do petista, por outro lado, afasta 45%. Quase metade dos eleitores, 48%, sabe que o presidente apoia o deputado do PSOL.

O endosso de Alckmin, ex-governador do estado, levaria 15% dos eleitores a escolher o candidato apoiado por ele, e 34% a considerar a possibilidade. Já 47% dizem que não votariam de jeito nenhum em no preferido de Alckmin.

Apenas 7% dos eleitores, porém, sabem que o vice-presidente apoia a deputada federal Tabata Amaral (PSB) na disputa. A pesquisa mostra que 24% acreditam que ele endossará Boulos, e 13%, que ele estará com Nunes. Outros 39% não souberam responder.

No Rio de Janeiro, 61% disseram que não votariam de jeito nenhum em um candidato apoiado pelo governador Cláudio Castro (PL); 57%, em um apoiado por Bolsonaro; e 46%, no preferido de Lula.

Mais da metade dos cariocas, 54%, não sabem qual candidato Castro e o ex-presidente irão apoiar. Já o endosso de Lula ao prefeito Eduardo Paes (PSD) é reconhecido por 42%, enquanto 38% não sabem qual o candidato do presidente.

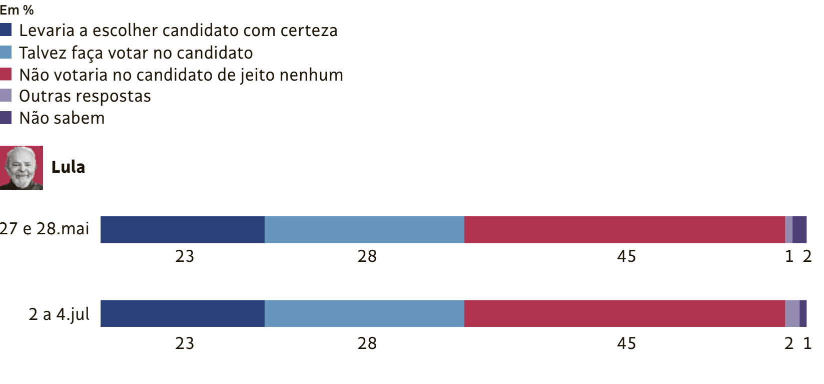
Em Belo Horizonte, 60% dizem que não votariam de jeito nenhum no candidato de Bolsonaro, 53%, no de Lula, e 48%, no do governador Romeu Zema (Novo). A mesma proporção de eleitores, 22%, diz que votaria com certeza em quem o ex-presidente e em quem o petista apoiarem. A maioria não sabe o candidato de cada um dos três.

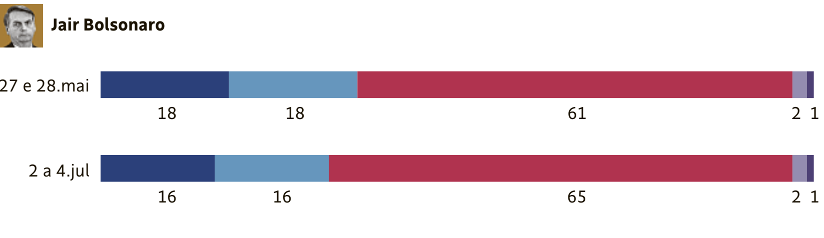
No Recife, 67% rejeitam um candidato apoiado por Bolsonaro, 13% dizem que talvez votem nele, e 16%, que votariam com certeza. Já o endosso da governadora de Pernambuco, Raquel Lyra (PSDB), levaria 59% dos eleitores a rejeitar o candidato apoiado por ela. No caso de Lula, 58% admitem que votariam em um candidato endossado por ele, e 38% rejeitam a possibilidade.

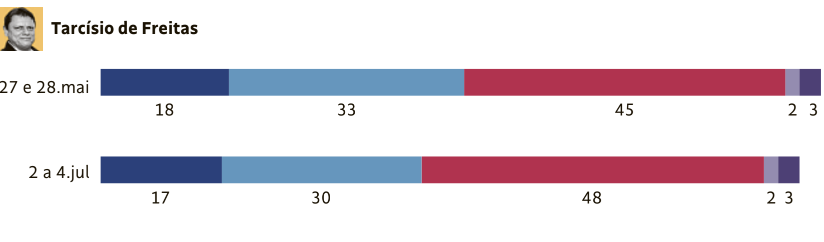
Opinião pública sobre o apadrinhamento de candidatos em SP

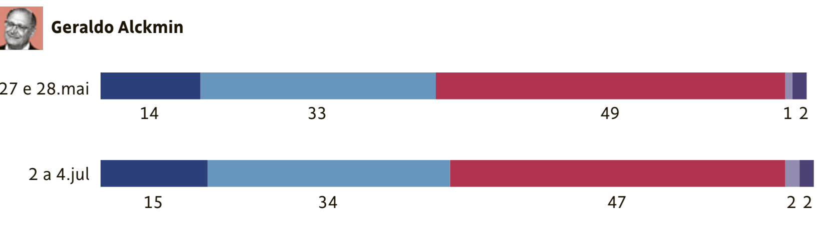
23% certamente votariam em candidato apoiado por Lula, enquanto 16% escolheriam o postulante apadrinhado por Bolsonaro

Em %



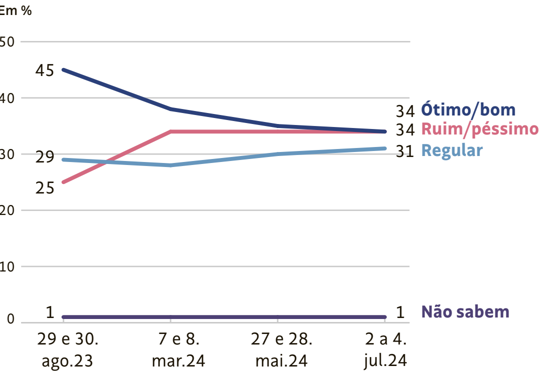






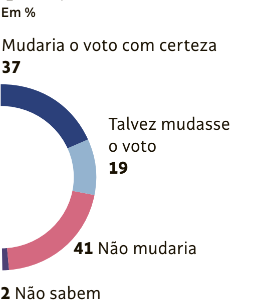
Lula é avaliado como ótimo ou bom por 34% em SP; outros 34% consideram ruim ou péssimo

Em %



Em SP, 37% afirmam mudar de voto caso o candidato seja apoiado por algum político que rejeita

Em %



Fonte: Pesquisa Datafolha realizada presencialmente, com 1.092 pessoas de 16 anos ou mais em São Paulo nos dias 2 a 4 de julho; margem de erro de 3 p.p., para mais ou para menos. Registro na Justiça Eleitoral sob o protocolo SP-01178/2024

Lula e Tarcísio têm aprovação de 34% na cidade de SP

O governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) e o presidente Lula (PT) são aprovados por 34% dos eleitores da cidade de São Paulo, indica pesquisa Datafolha realizada entre os dias 2 e 4 de julho.

A gestão Tarcísio é considerada regular por 35% e ruim por 27%. No caso de Lula, 34% avaliam seu governo como ruim, e 31%, como regular.

Os dois vêm trocando farpas desde que o governador organizou jantar para o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto. Tarcísio é o nome mais citado como candidato à Presidência em 2026 pelo campo bolsonarista.

Na última semana, Lula criticou a ausência do governador em evento sobre a expansão do metrô, dizendo que adiaria a assinatura do contrato. Tarcísio respondeu com indireta nas redes, dizendo que o documento já estava assinado.

As avaliações de Tarcísio e Lula seguem estáveis desde o fim de maio. A aprovação do presidente na cidade, porém, caiu em relação a agosto de 2023, quando era de 45%.

No Rio de Janeiro e no Recife, os governadores Cláudio Castro (PL) e Raquel Lyra (PSDB) têm alta rejeição.

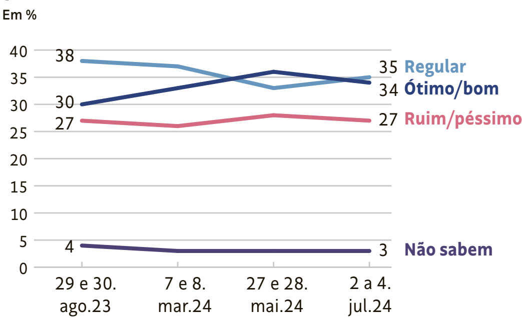
Castro é reprovado por 46%, enquanto 36% consideram sua gestão regular e 14%, ótima ou boa. Já Lyra aparece com 48% de rejeição e 16% de aprovação, enquanto 36% avaliam seu governo como regular.

A rejeição do governador de Minas Gerais, Romeu Zema (Novo), cresceu entre os eleitores de Belo Horizonte desde o meio de 2022. Naquela época, 21% consideravam a gestão ruim ou péssima. Hoje, o índice é de 30%. No mesmo período, a aprovação de Zema variou de 39% para 35%.

No Rio de Janeiro, a gestão Lula é avaliada ruim ou péssima por 39% dos eleitores. Ela é aprovada por outros 33% e considerada regular por 27%.

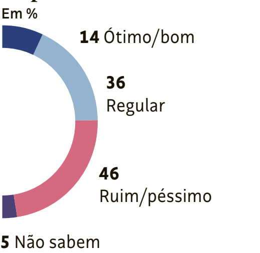
34% dos paulistanos acreditam que Tarcísio faz governo ótimo ou bom; para 27%, é ruim ou péssimo

Em %



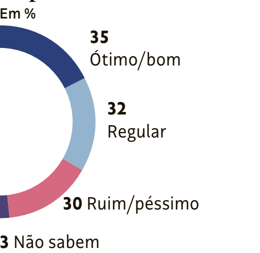
14% dos cariocas acreditam que Cláudio Castro faz governo ótimo ou bom; para 46%, é ruim ou péssimo

Em %



35% dos belo-horizontinos acreditam que Romeu Zema faz governo ótimo ou bom; para 30%, é ruim ou péssimo

Em %



16% dos recifenses acreditam que Raquel Lyra faz governo ótimo ou bom; para 48%, é ruim ou péssimo

Em %

16 Ótimo/bom
36 Regular
48 Ruim/péssimo
1 Não sabem

Fonte: Pesquisas Datafolha realizadas presencialmente; em SP foram ouvidas com 1.092 pessoas de 16 anos ou mais; no RJ, foram ouvidas 840 pessoas; em BH, 616 pessoas e no Recife, 616 pessoas, todas nos dias 2 a 4 de julho; margens de erro de 3 p.p. em SP e no RJ, e 4 p.p. em BH e Recife, para mais ou para menos. Registros na Justiça Eleitoral sob os protocolos SP-01178/2024, RJ-06701/2024, MG-06755/2024 e PE-09910/2024

Aliado de Lula, Paes tem no RJ 42% dos votos de eleitores bolsonaristas

Italo Nogueira

RIO DE JANEIRO Apoiado pelo presidente Lula (PT), o prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes (PSD), atrai a intenção de voto de 42% dos eleitores que se declaram em algum grau bolsonaristas, aponta pesquisa divulgada na sexta-feira (5) pelo Datafolha.

O avanço sobre os eleitores do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) explica a estratégia de alianças do prefeito para tentar a reeleição este ano. Paes tem buscado o apoio de siglas à direita e resiste a ceder a vice da chapa para o PT.

Diferentes recortes da pesquisa mostram como Paes avança sobre simpatizantes de Bolsonaro. Além da preferência dos bolsonaristas declarados, o prefeito tem 49% da intenção de voto dos eleitores que se declaram de direita e 43% da dos que dizem ter votado no ex-presidente em 2022.

A vantagem nesse eleitorado é decisiva para os 53% das intenções de voto que o prefeito registrou entre todos os entrevistados. Bolsonaro venceu na capital fluminense na última eleição presidencial, há dois anos, com 56,5% dos votos válidos.

A pesquisa do Datafolha ouviu 840 eleitores entre terça (2) e quinta-feira (4) e foi registrada no TSE sob o número RJ-06701/2024. Ela tem margem de erro de 3 pontos percentuais.

Paes atraiu nas últimas semanas o apoio do deputado bolsonarista Otoni de Paula (MDB), a fim de se aproximar ainda mais do eleitorado evangélico.

Ele também tem resistido em entregar a vice ao PT para evitar que sua candidatura seja vinculada ao partido. O posto na chapa tem relevância porque há a expectativa de que, se reeleito, Paes deixe o cargo para disputar o governo estadual em 2026.

O prefeito quer uma chapa "puro-sangue" e tem como favorito à vaga o deputado Pedro Paulo (PSD).

O levantamento indica, porém, que há campo para o deputado Alexandre Ramagem (PL), com 7% das intenções de votos, avançar sobre os seguidores de Bolsonaro, defensor da sua pré-candidatura.

O Datafolha mostra que 54% dos eleitores não sabem quem o ex-presidente irá apoiar nas eleições cariocas. Ramagem também tem alta taxa de desconhecimento (63%), inclusive entre os eleitores de Bolsonaro (59%).

A equipe do deputado pretende ampliar a associação entre os dois. Bolsonaro irá ao Rio de Janeiro neste mês para atos de rua com Ramagem, mas a principal aposta é para as inserções na televisão durante a campanha.

A estratégia, porém, pode apresentar limites, segundo o Datafolha. O levantamento mostra que 57% afirmaram que não votariam de jeito nenhum em um candidato apoiado pelo ex-presidente. A rejeição ao apoio de Lula é, segundo o Datafolha, menor: 46%.

Paes tem a intenção de voto de 67% do eleitores que declararam voto em Lula em 2022, patamar semelhante entre petistas (65%).

A estratégia do deputado Tarcísio Motta (PSOL), que aparece com 9%, é tentar disputar a imagem do presidente com Paes.

OMBUDSMAN

folha.com/ombudsman
ombudsman@grupofolha.com.br

Ombudsman tem mandato de um ano, com possibilidade de renovação, para criticar o jornal, ouvir os leitores e comentar, aos domingos, o noticiário da mídia. Tel.: 0800-015-9000; fax:(11) 3224-3895

Carvall

Furos, canos e privatização

Noticiário sobre desestatização da Sabesp fica apagado nas vitrines da Folha

Alexandra Moraes

O que está acontecendo no processo de desestatização da Sabesp? Uma pessoa que dependesse apenas das capas da **Folha** *para se informar acharia que não há nada de mais.*

A Companhia de Saneamento Básico do Estado de SP passa por aquela que, segundo a coluna Painel S.A., será a maior oferta pública de ações do ano no país. Mas os solavancos do processo, embora bem cobertos, não ganharam destaque proporcional na **Folha**.

O colunista André Roncaglia, portanto, parece ter alguma razão ao afirmar que "reportagens da **Folha** *fizeram uma radiografia picotada" do que ele chama de "privataria tarcisiana" na Sabesp.*

Roncaglia reuniu em seu texto mais recente pontos críticos do deveras estranho processo de privatização e deu revestimento irônico a eles.

"A venda de participação acionária da empresa teve a ampla concorrência... de uma empresa interessada. Indagado a este respeito, o governo Tarcísio reagiu com a novilíngua privatista: 'Não é falta de concorrência, é uma aderência ao que a gente vem colocando desde o início."

"Especializada em energia elétrica, a Equatorial conta com uma 'vasta experiência' de dois anos no setor de saneamento, 'conquistada' com a privatização do serviço no Amapá, feita pelo governo Bolsonaro em 2021, sob a batuta do atual governador carioca de São Paulo."

"Se efetivada a operação, a Equatorial deterá 15% das ações da Sabesp, adquiridas a preços abaixo dos vigentes no mercado (R$ 67 contra R$ 75)."

Além das questões destacadas pelo colunista, havia ainda uma outra. A **Folha** *cuidou de apurar a informação de que a presidente do conselho de administração da Sabesp tinha, até dezembro de 2023, cargo no conselho da Equatorial.*

A movimentação soa especialmente atípica quando expressa na linguagem universal do dinheiro. "Ao sair da Equatorial, ela abriu mão de receber cerca de R$ 1,02 milhão por ano, enquanto na Sabesp o salário médio de um conselheiro fica na casa dos R$ 160 mil anuais", afirma a reportagem.

"Especialistas ouvidos pela **Folha** *afirmam que a presença (...) nos conselhos das duas empresas, que viriam a mostrar interesses convergentes, não é ilegal, mas é inadequada. A dupla atuação também abriu margem para executivos questionarem sobre possíveis conflitos de interesses."*

Era um bom furo. Mas aparentemente não o bastante para ganhar espaço em duas das principais vitrines do jornal.

A reportagem, apesar de ter ocupado uma página inteira da edição impressa do dia 3 de julho, não foi chamada na primeira página nem foi enviada aos leitores pela notificação do celular (os "pushes"), por onde costuma ser escoada a parte da produção que o próprio jornal julga de maior interesse do leitor.

O texto, publicado na noite do dia 1º, conquistou no site da **Folha** *uma chamada razoável, que ficou no ar durante 17 horas seguidas.*

Terá sido só o acaso que fez a informação não ser levada à capa da edição impressa nem ao celular do leitor? Pode ser, mas o jornal também não salientou nesses espaços nenhuma das outras reportagens sobre estranhezas na condução do processo na Sabesp.

A concorrência de uma empresa só, a parca experiência em saneamento dessa empresa, as justificativas mal-ajambradas do governo Tarcísio de Freitas e as ações na gôndola de "próximos do vencimento", nenhum desses aspectos mereceu destaque mais robusto. Foram, ao menos, colocados entre as chamadas do site da **Folha**, *e ficou por isso mesmo.*

O incômodo foi bem expresso pelo leitor Luiz Roberto Camargo Numa de Oliveira: "O artigo do André Roncaglia sobre o processo de privatização da Sabesp reforçou minha impressão de que a **Folha** *tem dado pouco destaque a um tema de enorme interesse do cidadão paulista e paulistano. Sei que a* **Folha** *tem posição privatista, mas, convenhamos, um pouco de luz nesse furdúncio é imposição do interesse público".*

Os editoriais do jornal de fato defendem as privatizações de modo mais amplo. Mas o Manual da Redação é claro: "Na **Folha**, *os editoriais não dirigem o noticiário".*

De resto, a cobrança por esclarecimento ficou limitada, nas páginas do jornal, ao segmento ideologicamente contrário à própria privatização.

Será que liberais mais diligentes não teriam nenhum reparo a fazer à condução da desestatização na Sabesp —com cara, pinta e roupa de lambança? Ou expor argumentos que justificassem esse "look"?

A respeito do espaço dado pela **Folha** *ao tema, o secretário de Redação Vinícius Mota afirma: "Não creio que as apurações sobre o assunto tenham sido pouco destacadas no jornal. Houve extensa exposição na home e destaque em alto de página do jornal impresso".*

Mota diz, porém, que, "olhando retrospectivamente, valeria terem sido objeto de chamada na capa do jornal impresso e de push para a versão digital".

A cobertura da **Folha** *a posicionou acima da concorrência, mas o jornal falhou no empenho em promovê-la e em torná-la mais acessível ao leitor*

ESPECIAL
DOENÇAS RESPIRATÓRIAS APRESENTA

EstúdioFOLHA

Temporada de gripe acende o alerta para grupos mais vulneráveis

Vírus influenza pode agravar o quadro de quem tem doenças crônicas, inclusive diabetes; vacinação é a melhor prevenção, dizem especialistas

GUIA PRÁTICO DAS DOENÇAS RESPIRATÓRIAS

CRIANÇAS

Fundamental manter a caderneta de vacinação em dia, incluindo doses anuais para Covid-19 e influenza, ambas disponíveis no SUS

Cuidados no ambiente:

- Não fumar cigarro, inclusive eletrônico ou vape, charuto ou qualquer produto que produza fumaça
- Não deixar os ambientes extremamente úmidos e combater mofo e bolor, prejudiciais à saúde
- Não usar aromatizantes com cheiro forte, mesmo que natural
- Evitar uso excessivo de produtos de limpeza

Muco
Septo nasal
Seio da face
Soro aplicado com seringa
Muco expelido

Lavagem nasal é para todas as crianças?

É preciso avaliar individualmente, mas a lavagem mais frequente pode ser benéfica para os pequenos que estão com muito catarro e ainda não sabem assoar o nariz

Sobre a manutenção de inaladores:

Devem ser higienizados com cuidado, sem uso de água sanitária e produtos com cheiro forte, e todas as partes do equipamento devem ser bem enxaguadas para evitar mofo

Quando procurar ajuda?

1. Febre

- Se a febre é baixa e o estado geral da criança for bom, esperar 48/72 horas
- Se a febre estiver alta e persistente, que não baixa com medicação e a criança está abatida, é sinal de alerta, especialmente abaixo de um ano de idade

2. Dificuldade respiratória

Chiado: Se estiver muito audível e o tratamento que a criança porventura faça não surtir efeito, é preciso procurar ajuda

Frequência respiratória: Procure um médico se o padrão de incursões respiratórias (o ato de inspirar e expirar) por minuto for superior a:

Até 2 meses de vida	até 60
de 2 meses a 1 ano	até 40
de 2 a 5 anos	até 30
de 5 a 8 anos	até 25
maior de 8 anos	até 20

É necessário buscar atendimento também se a criança estiver visivelmente se esforçando para respirar, usando outros músculos, o que faz a região do pescoço e das costelas afundarem

3. Tosse

Caso a tosse esteja atrapalhando o sono, a alimentação e as atividades habituais, a criança deve passar pelo pediatra

ADULTOS E IDOSOS

Para se prevenir

- Evitar contato próximo com quem está com sinais ou sintomas de gripe
- Ter bons hábitos, como não fumar, dormir bem e fazer atividade física
- Evitar ambientes fechados sempre que possível e/ou usar máscara
- Manter vacinação e exames em dia

Quando procurar ajuda?

- Se ficar ofegante
- Sentir muito cansaço
- Sensação de falta de ar
- Aumento da frequência respiratória
- Se a saturação no oxímetro estiver em torno de 92

- Em adultos saudáveis, a febre deve ser observada, mas é comum em quadros de gripe

Vacinação
(disponível no SUS)

Adultos 60+
Anualmente, uma dose para influenza
A cada seis meses, uma dose para Covid-19

Fontes:
Marina Albuquerque de Almeida, pediatra
Marco Tulio Cintra, geriatra
Christina Gallafrio Novaes, infectologista
Ministério da Saúde

A estação mais fria do ano começou oficialmente no último dia 21, e a temporada de doenças respiratórias, em especial as causadas por vírus como o influenza, o causador da gripe, também.

Em adultos saudáveis, vírus como influenza e o Vírus Sincicial Respiratório (VSR) não são tão preocupantes, mas podem complicar a vida de quem tem a saúde mais debilitada. "Quem não tem comorbidades e é imunocompetente, ou seja, com um sistema imunológico em funcionamento pleno, pode ficar de cama um ou dois dias, com febre e dor no corpo, mas vai passar pela doença sem maiores consequências", explica a infectologista Christina Gallafrio Novaes.

"O que nos preocupa mais são os imunodeprimidos, quem faz quimioterapia, os que tomam imunobiológicos (comum no tratamento de várias doenças reumatológicas); ou em casos de imunodeficiência primária, quando a pessoa já nasceu com uma certa deficiência, e Aids avançada. A imunodepressão torna esse indivíduo vulnerável a um quadro grave para esses vírus respiratórios. Também são mais vulneráveis os pacientes que têm o pulmão comprometido por DPOC, a doença pulmonar obstrutiva crônica", completa a médica.

Outro grupo bastante sensível aos vírus respiratórios são as pessoas acima dos 60 anos. "As doenças respiratórias são extremamente relevantes para os idosos. A nossa imunidade muda com o envelhecimento. Por isso, os riscos associados a uma infecção respiratória em pessoas mais velhas, inclusive naqueles sem doenças crônicas, é bem maior do que no adulto", alerta o geriatra Marco Túlio Gualberto Cintra, presidente da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia.

Os pacientes que desenvolvem infecções mais graves podem precisar de internação em unidades de terapia intensiva e de suplementação de oxigênio. As defesas do organismo caem e a pessoa pode ser acometida por bactérias, causando quadros infecciosos complexos, inclusive nos pulmões. "Há risco de hospitalização, de infecção grave, de uma superinfecção bacteriana, e maior risco de morte. É muito além do que um mero resfriado, de coriza e dor no corpo", afirma Marco Túlio.

Ele destaca ainda que a infecção pode tornar mais graves doenças de base, não só ligadas à insuficiência respiratória. "É muito comum o paciente ser internado não pela gripe em si, mas pela consequência que o vírus gera ao agravar condições crônicas. O diabetes pode descompensar e a pessoa ser internada por essa complicação, por exemplo."

A própria internação também é um risco grande para os mais velhos.

"Pode haver danos inclusive na memória, desorientação e perda de cognição, além de diminuição de massa muscular que expõe esses pacientes a maior risco de fraturas. Uma internação hospitalar pode mudar o rumo do idoso de um envelhecimento bem-sucedido para uma vida de dependência e com altos gastos, por exemplo, com reabilitação", explica o geriatra.

O médico destaca ainda uma forte associação entre as infecções causadas por esses vírus e problemas como infarto e AVC, o acidente vascular cerebral. "Vemos sempre que quando há uma forte onda viral, ocorre um grande número de AVCs. Há também mais pessoas que infartam no inverno, o que pode ser uma consequência da inflamação por esses vírus."

A doutora Christina lembra que já há tratamentos tanto para a infecção pelo vírus da Covid-19 quanto para a gripe, destinados sobretudo a pessoas com mais chance de agravamento. "São medicações que devem ser tomadas nos primeiros dias da infecção, ambas disponíveis no SUS. Por isso, é importante fazer o diagnóstico preciso da virose. Há testes PCR, inclusive em farmácias, que podem ajudar."

Ela recomenda esses testes a qualquer paciente que esteja com sintomas gripais para ajudar também a controlar a disseminação das doenças. "Se a pessoa mora com idosos, crianças ou imunodeprimidos e contrai algum desses vírus, deve se isolar, evitar contato com outras pessoas e usar máscara de proteção em locais públicos."

Os dois médicos são enfáticos sobre a melhor forma de se prevenir contra os vírus respiratórios: a vacinação, mesmo para quem é jovem e tem uma boa imunidade. "Algumas cidades estão ampliando a imunização para influenza. É sempre bom tomar a vacina. Assim, se evita um dia de trabalho perdido, ter que ficar de cama e até transmitir para os outros", ressalta a infectologista.

No caso de quem passou dos 60 anos, a recomendação é uma dose anual contra gripe e duas contra Covid-19, todas disponíveis no SUS. "Hoje, a Covid mudou um pouco o perfil, ela não causa mais tanta doença grave em adultos, mas em crianças muito pequenas e idosos, especialmente os mais longevos e os mais frágeis, com muitas comorbidades. A Covid continua sendo uma doença grave. A vacina que já está disponibilizada no SUS é a atualizada e protege contra as cepas que estão circulando hoje", afirma o geriatra.

Na rede particular, há ainda vacina preventiva para o público adulto contra o vírus sincicial respiratório. A Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia recomenda ainda se imunizar contra bactérias, como o pneumococo, causador da pneumonia. A vacina também é distribuída no SUS. E contra a coqueluche, conhecida como tosse comprida, cuja vacina está disponível na rede privada e no SUS, para grupos específicos, como profissionais de saúde.

Por fim, é importante recuperar, especialmente nesta época do ano, outros ensinamentos básicos que foram popularizados durante a pandemia de Covid-19: manter os ambientes sempre arejados, lavar as mãos com frequência, evitar aglomerações se estiver doente ou com a imunidade baixa e, se preciso, usar máscara.

Ar seco e poluído favorecem aumento de doenças respiratórias

Nesta época do ano, crianças ficam mais suscetíveis a bronquiolite e crises de asmas; imunização em dia e manter o ambiente arejado são principais recomendações

Shutterstock

Característica marcante do inverno no Centro-Oeste e no Sudeste do país, a estiagem colabora para a piora da qualidade do ar e é extremamente prejudicial para quem sofre de doenças respiratórias, em especial as crianças.

"Quando fica muito seco e frio, o ar se torna péssimo para a saúde respiratória. Há vários trabalhos que associam aumento de bronquiolite e crises de asma a esses fatores. E, de um modo geral, para todas as doenças respiratórias há uma incidência maior nos dias em que há um pico na poluição", explica a pneumologista pediátrica Marina Buarque de Almeida, vice-presidente do Departamento Científico de Pneumologia da Sociedade de Pediatria de São Paulo.

Causada pelo Vírus Sincicial Respiratório (VSR), a bronquiolite não é apenas perigosa para crianças prematuras e com outras questões de saúde. "A bronquiolite pode ser muito grave também em uma parcela de crianças saudáveis, porque tem a ver com o quão pequena ela é. Ter o primeiro contato com o VSR e evoluir para uma bronquiolite aos dois, três meses de vida é um quadro potencialmente muito mais grave do que com um ano ou um ano e meio, por exemplo, quando o risco de internação, de hospitalização, necessidade de UTI e intubação são menores."

O VSR circula mais nesta época do ano e não há vacina para a população pediátrica. Uma forma de evitar o contágio, lembra a médica, é prestar atenção na ventilação dos ambientes. "Nesta época do ano, o frio faz com que as pessoas fechem as janelas e se aglomerem mais, dentro de escolas, creches, berçários e mesmo em casa." Em adultos saudáveis e crianças grandes, esse vírus costuma causar apenas um resfriado.

O vírus influenza, que causa a gripe, é outra doença que pode trazer complicações na infância. "Há quadros de pneumonia necrosante, em que há áreas de necrose grave no pulmão, que foram diagnosticados após o paciente ter tido contato com o vírus influenza. Essa pneumonia complicada, às vezes, tem necessidade de UTI com internações que podem durar duas, três semanas, com antibiótico na veia. É bem desesperador."

Por complicações como essa, a médica orienta as famílias sobre a importância de se prevenir contra a gripe. "O Ministério da Saúde e o Programa Nacional de Imunização recomendam que todas as crianças abaixo de 5 anos tomem a vacina anualmente, a partir dos seis meses de idade. No primeiro ano, são duas doses e depois é uma dose por ano." Como a vacina leva cerca de 15 dias para fazer a imunoproteção, é interessante buscá-la o quanto antes.

Outro grupo que merece atenção são as crianças asmáticas e os bebês chiadores, como são chamados aqueles que ainda têm um diagnóstico impreciso da sua condição ser asma ou crises de chiado recorrente. "Para esses dois grupos, esses vírus respiratórios são ruins porque normalmente deflagram as crises de chiado, quando os brônquios se fecham, o que piora a oxigenação, derruba a saturação e a criança evolui com dificuldade para respirar."

E não é apenas a poluição que pode prejudicar a saúde dos pulmões das crianças, é preciso estar atento a qualquer fonte de gases tóxicos, incluindo fumaça de fogueiras e cigarros eletrônicos. "Deve-se tomar muito cuidado em relação à exposição passiva ao cigarro, charuto e dispositivos como os vapes. Muita gente acha que não existe fumante passivo com cigarro eletrônico, mas é uma mentira. Assim como o cigarro comum, ele deixa resíduos até no ambiente", afirma a doutora Marina.

Em dias muito secos, a pneumologista aconselha umidificar os ambientes com "bom senso", de preferência por algumas horas e somente nos horários mais secos do dia. "Eventualmente, orientamos colocar uma bacia embaixo do berço, com cuidado para evitar situações em que a criança possa se afogar, ou uma toalha úmida perto dela."

Ela ressalta, no entanto, que esses recursos, incluindo o umidificador de ambientes, devem ser usados com cautela. "Se eu umidificar demais, se o quarto estiver com vapor na janela ou água escorrendo na parede, começa a ter proliferação de mofo e bolor, muito ruins para a saúde respiratória."

Inverno pode facilitar a transmissão do Vírus Sincicial Respiratório

Altamente contagioso, o VSR pode ser grave em adultos 60+, principalmente nos que têm alguma doença crônica, como DPOC [1,2]

A chegada do inverno e as temperaturas em queda podem facilitar a transmissão de alguns vírus. Um que merece destaque é o Vírus Sincicial Respiratório ou VSR, muito conhecido por causar bronquiolite em crianças pequenas, mas o que muitos não sabem é que pode ser perigoso também em pessoas com 60 anos ou mais [1,3,6]. O vírus pode desenvolver consequências graves, como por exemplo a pneumonia, além de agravar doenças pré-existentes, e é motivo de alerta também para quem já sofre com alguma condição crônica, como a Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica (DPOC).[1]

"De 18 a 60 anos de idade, em pessoas com boa imunidade, o VSR passa como uma gripe e algumas vezes não leva à internação. A partir de 60 anos, no entanto, há mais chance de complicação, não só para quem tem doença pulmonar, mas entre cardíacos e diabéticos. Em 2023, 21% dos casos diagnosticados com síndrome respiratória aguda grave por VSR nesta faixa etária, foram a óbito (n=5.663)", afirma a infectologista Lessandra Michelin, gerente médica da GSK (CRM 23494-RS).

O diagnóstico do VSR é difícil porque, muitas vezes, se confunde com outras infecções respiratórias. Mas a identificação e confirmação da doença podem ser feitas por exames laboratoriais, como testes rápidos ou moleculares (como PCR-RT).[22-24]

É durante o outono e inverno que a circulação do VSR aumenta consideravelmente. O InfoGripe monitora dados de notificação de Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG) no Brasil, e desde o início do ano até a Semana Epidemiológica 22, que se encerrou em 01/06/2024, um total de 44,8% dos casos positivos foram VSR (N= 22894).[3,21]

VSR E COMORBIDADES

A especialista alerta que a doença é ainda mais preocupante para quem já possui uma condição crônica, como a DPOC, conhecida como enfisema e bronquite crônica, que se caracteriza por bloquear progressivamente as vias aéreas, prejudicando a respiração.[5,26] Para se ter uma ideia, idosos com DPOC podem ter até 13 vezes mais probabilidade de serem hospitalizados devido a complicações do VSR.[19,20] "Quem tem DPOC tem uma reação mais intensa ao VSR. É como se houvesse uma inflamação sobre outra", explica Lessandra.

Assim como o VSR, a DPOC também é subdiagnosticada - muitos não sabem que possuem a doença -, mas é considerada a terceira causa de morte no mundo, atingindo cerca de 300 milhões de pessoas.[7,8,17,27]

"Acima dos 40 anos, há uma prevalência grande de DPOC, de 15% na população, em nível leve, moderado ou grave, mas o diagnóstico acaba sendo feito apenas de forma tardia, quando a função pulmonar já caiu muito", afirma o pneumologista Frederico Leon Arrabal Fernandes, da Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia (SBPT). (CRM-SP 97404)

É a exposição a gases tóxicos que leva à DPOC – 80% dos casos têm o fumo como causa principal.[5] Tosse crônica com pigarro, cansaço, falta de ar são os principais sintomas.[5,8]

Embora não tenha cura, a DPOC pode ser tratada.[8,9] "O tratamento é feito com medicamentos inalatórios, que ajudam a respirar melhor e sentir menos falta de ar. Mas a principal maneira de impedir o avanço da doença é não fumar", explica o médico.

Outro motivo de atenção para a população com 60 anos ou mais e, principalmente, entre aqueles que possuem DPOC, é o aumento de casos de coqueluche no país.[11] Portadores de DPOC têm risco aumentado de contrair a coqueluche.[12] "A infecção por coqueluche pode ser ainda uma importante causa na descompensação da DPOC", alerta Lessandra.

Conhecida como tosse comprida, a doença é causada pela bactéria *Bordetella pertussis*, afeta o sistema respiratório e é altamente contagiosa, sendo transmitida de uma pessoa para a outra por gotículas de saliva ao falar, tossir ou espirrar - assim como o VSR.[10,15]

VSR – VÍRUS SINCICIAL RESPIRATÓRIO

É uma das maiores causas de infecções respiratórias em crianças pequenas, mas em adultos mais velhos, o VSR é capaz de causar pneumonia e levar à piora ou à descompensação de condições de saúde pré-existentes[1,6]

Principais Sintomas[16]:
- Tosse
- Febre
- Coriza
- Espirros
- Dor de cabeça
- Dor de garganta

Mais de 26 mil*
casos de doença grave pelo VSR em 2023[29]

51%**
dos casos positivos de Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG) por infecção viral foram causados pelo VSR no período de 19/05/24 a 15/06/2024[21]

1 a cada 5#
pacientes 60+ hospitalizados por VSR podem ir a óbito[29]

DPOC - DOENÇA PULMONAR OBSTRUTIVA CRÔNICA

É um grupo de doenças pulmonares, do qual fazem parte a bronquite e o enfisema, caracterizadas pela obstrução ou pelo bloqueio das vias aéreas[5]

Números da DPOC
- 3ª causa de morte no mundo[5]
- 5ª causa de morte no Brasil [28¬]
- 105 óbitos por dia no país [18&]

Tabagismo é o principal fator de risco[5]

Portadores de DPOC podem ter o risco mais que dobrado de contrair a coqueluche[12]

Medidas de prevenção para doenças respiratórias como VSR, coqueluche, dentre outras incluem: [13,14,25]
- Lavar as mãos frequentemente
- Evitar contato próximo com pessoas doentes
- Cobrir o nariz e a boca ao tossir ou espirrar
- Evitar aglomerações
- Arejar o ambiente regularmente
- Manter a vacinação em dia

*Dados referentes à semana epidemiológica 52 (05/01/2024). N = 26061 **Resultado laboratorial positivo para todos os vírus respiratórios= 38.361; Resultado laboratorial positivo para VSR=19.564 #Dados referentes ao ano de 2023. Resultado de VSR em adultos com 60 anos ou mais: Casos positivos= 614; Óbitos=129 . Resultado de VSR em crianças menores de 4 anos: Casos positivos= 24349; Óbitos= 270 ¬Dados referentes até o ano de 2016. &Dados referentes aos anos de 2021 e 2022. Óbitos por DPOC 2021: 32178/365=88 | Óbitos por DPOC 2022: 45163/365=123 | N:(123+88)/2 = 105,9



Aponte a câmera do seu celular ou tablet para ter acesso a todas as referências citadas nesta reportagem

Vitória da esquerda no Reino Unido

Está difícil ser situação no mundo pós-Covid, de crescimento baixo e juro alto

Celso Rocha de Barros
Servidor federal, é doutor em sociologia pela Universidade de Oxford (Inglaterra) e autor de "PT, uma História"

O Partido Trabalhista deu uma surra nos conservadores e venceu as eleições britânicas por uma margem histórica, quase igual à goleada de Tony Blair em 1997. Ganharam 412 cadeiras no Parlamento, 214 a mais do que na última eleição. É muita coisa.

Foi o fim de um ciclo de governos conservadores que começou com políticas de austeridade implementadas cedo demais após a crise do euro, passou pelo desastre do brexit e terminou com as menores taxas de crescimento do mundo desenvolvido. Não, não foi um sucesso.

Talvez seja possível analisar a derrota dos conservadores como resultado das contradições originais do brexit.

Os setores da elite que apoiaram o brexit esperavam um Reino Unido muito mais integrado globalmente —Londres seria a "Singapura sobre o rio Thames". Mesmo se o público britânico estivesse disposto a desistir de décadas de conquistas sociais para se adequar ao modelo asiático, e não está, a globalização está em recuo. Londres, visceralmente antibrexit, não virou Singapura, mas os tories levaram uma surra em toda a região da capital. Bastiões do liberalismo como a revista The Economist e o jornal Financial Times declararam apoio aos trabalhistas esse ano.

Por outro lado, os setores mais radicais que votaram pelo brexit dessa vez seguiram o Partido da Reforma, da direita populista. Pelo sistema distrital britânico, o Reforma ganhou apenas quatro cadeiras no Parlamento, mesmo tendo obtido uma votação expressiva. Isso acontece quando o partido fica em segundo em muitos distritos. Os conservadores têm razões para temer que, no futuro, a direita radical ocupe seu espaço no sistema político britânico.

Não há dúvida de que a divisão da direita ajudou os trabalhistas a vencer em muitos distritos. De maneira análoga, no outro lado do espectro político, Marine Le Pen conta com a divisão entre centristas e esquerdistas para vencer na França.

O que a eleição britânica significa dentro do quadro geral da política internacional? Seria tentador dizer que é o refluxo da ascensão do populismo de direita, que teve no brexit um de seus momentos decisivos; mas talvez tenha sido o começo da substituição dos conservadores pela direita radical na liderança da direita britânica.

Ainda não é possível cravar esse diagnóstico, mas uma coisa é clara: a derrota dos conservadores britânicos mostra como é difícil ser governo no mundo pós-Covid, de crescimento baixo e juros altos. A inflação pode estar mais baixa, mas isso não quer dizer que os preços da comida tenham caído desde a grande escalada pós-Covid: só quer dizer que sobem mais devagar. Continua difícil comprar uma casa no mundo desenvolvido e continua difícil comprar comida nos países pobres.

As eleições britânicas confirmaram a tendência global anti-incumbente, contrária a candidatos governistas. Bolsonaro e Trump perderam a reeleição, Modi teve muito mais dificuldades nas eleições indianas do que se esperava, Biden e Macron podem perder em breve.

Não sabemos, inclusive, se a nova maioria trabalhista será estável. Isso dependerá do quanto o novo primeiro-ministro, Keir Starmer, conseguirá entregar resultados em um cenário muito pior do que aquele em que Tony Blair governou. Lembra um pouco o desafio de Lula 2024 em comparação com Lula de vinte anos atrás.

| DOM. Elio Gaspari, Celso Rocha de Barros | SEG. Deborah Bizarria, **Camila Rocha** | TER. Joel Pinheiro da Fonseca | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Marcos Augusto Gonçalves | SÁB. Demétrio Magnoli



Michele Collins (PP) em sessão da Câmara do Recife Carlos Lima - 28.jun.22/Câmara Municipal de Recife

Evangélica é aposta no Recife para atrapalhar reeleição de Campos

PP, aliado da governadora Raquel Lyra, busca levar disputa ao 2º turno, o que seria revés para prefeito

José Matheus Santos

RECIFE Principal aliado da governadora Raquel Lyra (PSDB), o PP articula, de última hora, o lançamento de candidatura própria à Prefeitura do Recife. A ideia do partido é tentar forçar que a eleição tenha segundo turno, o que contraria interesses do prefeito João Campos (PSB), que visa à vitória na primeira etapa da disputa.

O nome do PP é o da vereadora licenciada Michele Collins, que assumiu o mandato de deputada federal na quarta-feira (3) em Brasília durante a licença da titular do mandato.

Michele é evangélica e apoiadora do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL). "Ela é vereadora com três mandatos, tem um segmento muito grande que precisa ser representado no pleito, que é o público evangélico, com a pauta da família e os princípios cristãos", afirma o deputado federal Eduardo da Fonte, presidente do PP em Pernambuco.

Pesquisa Datafolha realizada na semana passada ainda sem o nome de Michele mostrou Campos com 75% das intenções de voto. A margem folgada poderia garantir a vitória já no primeiro turno.

Em segundo lugar, há um empate técnico. O ex-deputado federal Daniel Coelho (PSD), apoiado pela governadora, aparece com 7% das intenções de voto, seguido por Gilson Machado (PL), que tem 6%, e pela deputada estadual Dani Portela (PSOL), com 3%.

Tecio Teles (Novo) e Simone Fontana (PSTU) têm 1% cada um —5% dos entrevistados disseram que votariam em branco, nulo ou nenhum. E 2% responderam que não sabem em quem votariam.

Na semana passada, Michele teve um entrave para conseguir se licenciar da Câmara Municipal do Recife. Inicialmente, o parecer da Procuradoria da Casa foi contrário ao afastamento. A alegação era que não havia previsão na Lei Orgânica do município para licença de um vereador com o objetivo de assumir como deputado federal.

O PP fez críticas, nos bastidores, à cúpula da Câmara do Recife, comandada pelo vereador Romerinho Jatobá (PSB), aliado de primeira hora de João Campos. Em nota, Romerinho negou interferência no caso. "Não houve, como nunca há, qualquer intervenção do presidente da Câmara no parecer jurídico ofertado."

O impasse foi resolvido nesta semana, quando o afastamento acabou liberado pela Câmara Municipal da capital pernambucana. De acordo com Romerinho Jatobá, o segundo pedido foi concedido "porque foi uma licença para trato de interesse pessoal, sem remuneração, desvinculado de qualquer outra finalidade específica, na qual a gente não tem qualquer poder de veto".

Em Brasília, Michele Collins assumiu o mandato de deputada federal por 120 dias na vaga da também bolsonarista Clarissa Tércio (PP), que vai disputar as eleições de Jaboatão dos Guararapes, segundo maior município de Pernambuco.

O mandato de deputada será usado pelo PP como vitrine para ampliar o grau de conhecimento de Michele. Na campanha eleitoral, se confirmada a candidatura, a parlamentar quer dar ênfase aos princípios cristãos e ao conservadorismo, sem necessariamente defender Bolsonaro, de acordo com aliados próximos.

O lançamento de uma candidatura própria do PP agrada Raquel. Os opositores reconhecem, nos bastidores, o favoritismo de Campos, porém, afirmam que, se o pleito for para o segundo turno, será uma derrota política para o prefeito, ainda que ele seja reeleito.

Nesse caso, a oposição ganharia um argumento para contestar a musculatura política de Campos, que pode ser candidato a governador em 2026 contra Raquel.

O governo estadual acredita, nos bastidores, que Michele possa tirar votos de Campos do segmento evangélico no Recife. A parlamentar tem boa relação com pastores, que podem contribuir para a ampliação dos votos nas comunidades.

Nas eleições de 2020, Michele fazia parte da base aliada do PSB, partido de João Campos, e fez discursos na Câmara e nas redes sociais contra Marília Arraes, recém-aliada do prefeito e que à época era do PT e foi derrotada no segundo turno.

Além de Michele Collins, também são pré-candidatos a prefeito do Recife pela oposição de direita o ex-deputado federal Daniel Coelho, apoiado oficialmente pela governadora Raquel, o ex-ministro do Turismo do governo Bolsonaro Gilson Machado, que tem o ex-presidente como seu cabo eleitoral, e Tecio Teles.

Na esquerda, o principal nome de oposição a João Campos é o da deputada estadual Dani Portela, ex-líder da oposição a Raquel Lyra na Assembleia Legislativa.

O prefeito entrou no mês de julho com apenas um impasse a resolver na sua campanha: o nome para a sua vaga de vice. Pela vontade de João Campos, será Victor Marques, seu ex-chefe de gabinete e amigo pessoal, recém-filiado ao PC do B.

João Campos quer um vice da sua confiança diante da possibilidade de disputar o governo estadual em 2026. Nessa hipótese, entregaria o cargo de prefeito a um aliado.

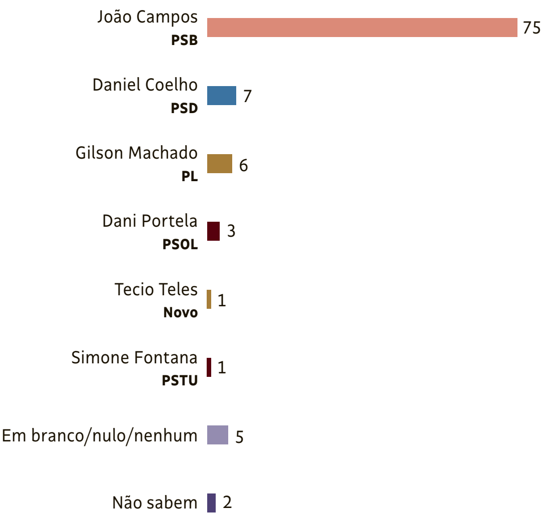
PT e PSB têm um histórico de rompimentos e reencontros na política de Pernambuco, o que faz da relação uma desconfiança mútua.

O PT insiste em fazer a indicação para a vice. O partido indicou Mozart Sales, assessor do Ministério das Relações Institucionais e nome próximo do ministro da pasta, Alexandre Padilha. A expectativa é que a definição saia após uma conversa, ainda sem data, entre o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e João Campos.

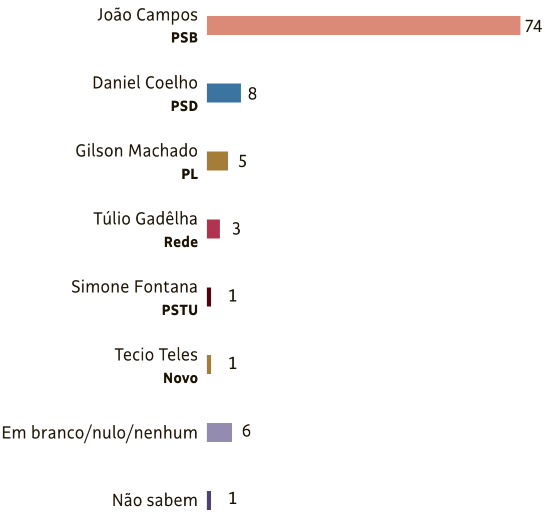
Nos bastidores, lideranças do PT admitem a dificuldade em obter a indicação, mas mantêm as esperanças.

Pesquisa Datafolha sobre a corrida eleitoral no Recife

Em cenário sem Túlio Gadêlha, João Campos possui 75% dos votos, e Gilson Machado, 6%; Daniel Coelho fica com 7%
Cenário 1, resposta estimulada e única, em %



Com Gadêlha e sem Dani Portela, João Campos tem 74% e Gilson Machado, 5% na disputa pela Prefeitura do Recife
Cenário 2, resposta estimulada e única, em %



Fonte: Pesquisa Datafolha realizada presencialmente, com 616 pessoas de 16 anos ou mais no Recife nos dias 2 a 4 de julho; margem de erro de 4 p.p., para mais ou para menos. Registro na Justiça Eleitoral sob o protocolo PE-09910/2024

Elio Gaspari
Excepcionalmente a coluna não será publicada neste domingo (7)


O ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) fala no evento conservador Cpac, em SC Anderson Coelho/Reuters

Indiciado, Bolsonaro fala em esclarecer e ouve coro por volta

Em evento conservador, ex-presidente repete negacionismo sobre vacinas

Fábio Zanini

BALNEÁRIO CAMBORIÚ (SC) O ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) disse na manhã deste sábado (6), na abertura da Cpac, conferência conservadora que acontece em Balneário Camboriú (SC), estar à disposição para dar esclarecimentos sobre acusações que pesam contra ele.

"A imprensa que me critica, a grande imprensa, mais uma vez estou à disposição de vocês, para duas horas ao vivo ser sabatinado sobre qualquer coisa", declarou, sem citar diretamente as investigações das quais é alvo.

Na quinta-feira (4), Bolsonaro foi indiciado pela Polícia Federal na investigação sobre joias recebidas de governos estrangeiros. "Se acham que vão me desgastar, as mídias sociais nos deram liberdade, por isso querem me censurar", afirmou.

Sua fala foi aplaudida com gritos de "volta, Bolsonaro" pelo plenário lotado de um centro de convenções na cidade catarinense. O ex-presidente disse que não tem ambição pelo poder. "Tenho é uma obsessão pelo nosso Brasil".

Ele também chamou o PT de "partido do trambique" e disse que soube do que a esquerda é capaz em 1970, dez anos antes da criação do partido.

À noite, no encerramento do primeiro dia de evento, Bolsonaro repetiu uma fala negacionista contra vacinas, enalteceu o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos), disse que é vítima de censura, numa referência indireta ao STF (Supremo Tribunal Federal), e voltou a atacar o que chama de "sistema".

O ex-presidente fez ainda uma série de críticas ao governo Lula, em especial à equipe de ministros e à política econômica. Declarou que fez bem ao deixar o Brasil antes do fim de seu mandato porque "presentia" o que poderia ocorrer, em referência aos ataques golpistas do 8 de janeiro de 2023.

Também falou sobre as investigações da Polícia Federal das quais é alvo, pediu voto "com a razão" nas eleições municipais e destacou a mudança nas cadeiras no TSE (Tribunal Superior Eleitoral) —Bolsonaro aposta na reversão de suas condenações até 2026, quando Kassio Nunes Marques (STF) assumirá o comando da Justiça Eleitoral.

A quinta edição da Cpac Brasil deve consolidar a aliança do bolsonarismo com movimentos mundiais da direita radical.

Realizado no sábado (6) e no domingo (7), o evento é inspirado em uma conferência que ocorre anualmente nos EUA desde os anos 1970.

Em discurso ao lado do marido, a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro criticou de forma irônica sua "sucessora", Janja Lula da Silva.

Ao falar de sua trajetória na política, ela disse que foi uma primeira-dama vocacionada. "Umas têm vocação para trabalhar, outras para viajar, mas a gente não está aqui para discutir isso", afirmou, em fala aplaudida no evento.

Falas em tom crítico a viagens de Janja ao lado do presidente Lula (PT) são frequentes em redes de direita.

Michelle fez diversos elogios a Bolsonaro em sua fala. "Diferente da esquerda, você não é egoísta, você está aqui para criar novas lideranças", disse-lhe, no momento em que a direita avalia alternativas ao ex-presidente como candidato em 2026.

A Cpac, que continua neste domingo, ainda dará palco a Bolsonaro e ao atual chefe de Estado argentino, Javier Milei.

A expectativa é de uma imagem dos dois juntos e de provocações a Lula (PT).

O argentino irritou o governo brasileiro ao vir ao país em caráter não oficial, ignorando os protocolos diplomáticos. No domingo, terá encontros com empresários e o governador de Santa Catarina, Jorginho Mello (PL), antes de falar no evento.

Outras figuras de proa da direita latino-americana e europeia estarão presentes. Do Chile virá José Antônio Kast, que perdeu no segundo turno a eleição presidencial para o esquerdista Gabriel Boric em 2021 e desponta como favorito no pleito do ano que vem.

Ministro da Justiça de El Salvador, Gustavo Funes deve ser recebido efusivamente pela plateia, já que a política de linha-dura contra o crime no país centro-americano, com encarceramento em massa de suspeitos, virou referência para a direita brasileira.

Também estão previstas as presenças de representantes de partidos europeus como o português Chega!. A organização do evento chegou a convidar o ex-presidente americano Donald Trump, sem sucesso.

Declarado inelegível pelo TSE até 2030 por ataques e mentiras sobre o sistema eleitoral, o ex-presidente já havia sido indiciado em março em outro inquérito, envolvendo a falsificação de certificados de vacinas contra a Covid.

Além do caso da venda das joias e da carteira de vacinação, Bolsonaro é alvo de outras investigações, que apuram os crimes de tentativa de golpe de Estado e de abolição violenta do Estado democrático de Direito, incluindo os ataques de 8 de janeiro de 2023.

Parte dessas apurações está no âmbito do inquérito das milícias digitais. Caso seja processado e condenado pelos crimes de tentativa de golpe de Estado, tentativa de abolição do Estado democrático de Direito e associação criminosa, Bolsonaro poderá pegar uma pena de até 23 anos de prisão e ficar inelegível por mais de 30 anos.

Tarcísio enaltece ex-presidente e cita 2026 em SC

O governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) disse neste sábado (6) que o ex-presidente Jair Bolsonaro foi "bombardeado por narrativas" e teve que se contrapor a elas durante toda a sua gestão no governo federal (2019-2022).

"Quanta inspiração, quanto sacrifício", disse Tarcísio, que depois falou em Deus, em orações e no Espírito Santo para o avanço do Brasil. "Esse ano a gente começa a construir 2026", disse, ao destacar Bolsonaro como o líder da direita e chamá-lo de "professor".

Tarcísio falou no dia de abertura da Cpac, conferência conservadora que acontece em Balneário Camboriú (SC). Segundo ele, "em São Paulo não terá invasão de terra, porque nós não vamos deixar" e que "o crime organizado em São Paulo não terá mais vez".

O governador de São Paulo é apontado como o principal nome da direita para a disputa presidencial de 2026, já que Bolsonaro foi declarado inelegível pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral) até 2030 por ataques e mentiras sobre o sistema eleitoral.

Enquanto ministro da Infraestrutura de Bolsonaro, Tarcísio endossou a postura negacionista do então presidente diante da pandemia de Covid. O agora governador estava ao lado de Bolsonaro na live em que o ex-presidente ri ao comentar um suposto aumento de suicídios na pandemia.

+

Bolsonaro aparece com bebê de Nikolas, e Carlos reclama

O deputado federal Nikolas Ferreira (PL-MG) postou foto de sua filha, Aurora, com Jair Bolsonaro (PL) e provocou a reação de Carlos Bolsonaro (PL-RJ), vereador e filho do ex-presidente. "No colo do ex mais amado do Brasil", escreveu Nikolas. "Legal o cara fazer isso com sua filha e com a minha não!", postou Carlos nos comentários. A ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro veio em seguida e comentou: "Que Deus livre e guarde a nossa Aurora de toda a inveja e maldade". Mais tarde, em fala na Cpac, ela fez menção a Eduardo Bolsonaro (PL-SP) como "meu enteado e meu afilhado".

Eleições e falta de dados devem atrasar ação contra Seif no TSE

José Marques e Julia Chaib

BRASÍLIA A conclusão do julgamento do TSE (Tribunal Superior Eleitoral) que pede a cassação do mandato do senador Jorge Seif (PL-SC) pode ser atrasada pelas eleições municipais e também por necessidade de mais informações que fundamentem o processo.

Em abril, o tribunal suspendeu o julgamento que analisava se o senador bolsonarista cometeu abuso de poder econômico na campanha de 2022.

A pedido do relator, ministro Floriano de Azevedo Marques, foram determinadas novas diligências. As novas informações, até o momento, não chegaram de forma completa ao TSE por causa da dificuldade de intimar aeródromos que deveriam fornecer dados à corte.

Segundo membros do TSE, com os dados disponíveis até agora, a tendência é pela absolvição do parlamentar.

Mesmo que a ação seja liberada pelo relator para julgamento a partir de agosto, a pauta do tribunal deve estar sobrecarregada até outubro, por causa das eleições.

A avaliação feita internamente por integrantes do TSE é a de que esses entraves podem ser motivos para que o julgamento da ação fique na geladeira até o fim do ano.


O senador Jorge Seif (de óculos) conversa com colegas no plenário Pedro Ladeira - 16.abr.24/Folhapress

Quando o relator liberar o processo, cabe à presidente do TSE, Cármen Lúcia, pautá-lo para julgamento na data que considerar conveniente.

A ação contra Seif foi apresentada por Patriota, PSD e União Brasil, partidos que apontaram suspeita de favorecimento indevido ao então candidato ao Senado em 2022. No TRE-SC (Tribunal Regional Eleitoral de Santa Catarina), a ação foi rejeitada, e chegou ao tribunal superior.

As legendas dizem ter havido a doação irregular de um helicóptero para deslocamento do então candidato, o uso da estrutura física e pessoal da empresa Havan para promoção da campanha e o financiamento de propaganda eleitoral por entidade sindical.

A corte solicitou à Havan, de propriedade de Luciano Hang, que a empresa informasse os prefixos de todas as aeronaves que possuía ou que estivessem à disposição da empresa de janeiro de 2022 até março de 2023.

Com esses dados, foi demandado a uma série de pistas de pouso e helipontos que informe se houve pouso ou decolagens dessas aeronaves no período citado e, se sim, a lista de passageiros a bordo.

Inicialmente, a previsão era a de que as respostas viriam rápido, e o ministro Alexandre de Moraes chegou a cogitar que conseguiria encerrar o julgamento antes de encerrar o seu mandato à frente do TSE, no início de junho.

A situação, porém, foi mais complexa. O tribunal não conseguiu intimar todos os aeródromos até o momento. Além disso, as informações que a corte já tem pouco ajudam a robustecer o caso. A maioria dos aeródromos apontou que não houve pousos ou decolagens das aeronaves utilizadas pela Havan.

Essa foi a resposta de 29 aeródromos no estado de Santa Catarina já consultados.

Um aeródromo de Blumenau aponta que pousaram e decolaram aeronaves ligadas à Havan, mas Seif não consta na lista de passageiros.

Outro aeródromo de Jaraguá do Sul, também no estado catarinense, afirma que não tem a lista de passageiros. Um terceiro diz que não tem carta dos voos que ocorreram no local.

Também pousaram e decolaram aeronaves da Havan nos aeroportos de Navegantes — que é utilizado por passageiros que vão a Blumenau, Itajaí e Balneário Camboriú, por exemplo— e de Florianópolis.

Os aeroportos, porém, também afirmam que não têm a lista de passageiros.

Segundo um integrante do TSE, este seria justamente um entrave para a condenação do senador. Para que fosse provado o uso da estrutura da Havan pelo parlamentar, seria necessário comprovar que o então candidato usou as aeronaves de Hang, o que até agora não teria sido confirmado.

Desde o começo do julgamento, parte da cúpula do Congresso atuou para que a corte absolvesse o bolsonarista. A movimentação englobou aliados de Jair Bolsonaro (PL) e parlamentares não alinhados ao ex-presidente, especialmente no Senado, incluindo o presidente da Casa, Rodrigo Pacheco (PSD-MG).

O governador Tarcísio Freitas (Republicanos-SP) também entrou em campo em favor do bolsonarista.

Na avaliação até mesmo de integrantes do Judiciário, o caso de Seif não seria robusto o suficiente para levar a uma perda de mandato. Portanto, a absolvição seria um desfecho razoável, somado aos argumentos por um gesto de pacificação no ambiente político.

Floriano Azevedo, relator no TSE, reclamou com pessoas próximas da fragilidade das provas coletadas até ali e criticou a diligência solicitada pela acusação e feita pela instância inferior, o TRE-SC, que absolveu o senador.

Antes um crítico ferrenho do Judiciário, Seif também fez gestos na tentativa de melhorar o clima com ministros —teceu elogios ao presidente do STF, Luís Roberto Barroso, menos de um ano após defender o impeachment do magistrado.

INÊS 249


Fuzileiras navais da primeira turma feminina demonstram treinamento em centro de instrução da Marinha, no Rio de Janeiro Eduardo Anizelli/Folhapress

Mulheres se tornam combatentes e fazem história na Marinha

Primeira turma de fuzileiras se forma com 114 jovens; atuação feminina antecipa determinação de ministério

Aléxia Sousa

RIO DE JANEIRO "Eu não tinha noção da grandiosidade disso tudo assim que eu entrei. Somente agora caiu a ficha de que estou entrando para a história da Marinha", disse a nova soldado fuzileiro naval Jamille de Souza Franklin, 21.

Junto de outras 113 jovens mulheres, ela se formou na primeira turma de combatentes da Força nesta sexta-feira (5). O grupo passou por quatro meses de treinamento intenso no Centro de Instrução Almirante Milcíades Portela Alves, no Rio de Janeiro, para integrar a tropa de elite.

A partir de agora, as mulheres passam a ocupar todos os corpos e quadros da Marinha, que é a primeira entre as três Forças Armadas brasileiras a ter participação feminina na linha de frente do combate.

"O mais difícil não foi dar conta da parte física, como muitos pensam, mas trabalhar o psicológico e entender que nada pode me limitar", afirmou Jamille, que disse se inspirar em outras mulheres, a começar pela própria mãe, policial.

"Tenho três irmãos e comecei a trabalhar aos 16 anos para ajudar em casa, fazendo de tudo um pouco", diz ela. "Agora quero seguir carreira na Marinha, terminar minha graduação em educação física e, daqui a alguns anos, construir minha família também, sonho em ser mãe."

Continuar desbravando as fronteiras nas Forças Armadas é resposta comum entre as novas fuzileiras. Depois de quatro meses de intenso treinamento militar, elas afirmam querer superar mais desafios e abrir caminhos para as futuras gerações.

"Sonho com isso desde criança, mas não imaginava como ocuparia esse lugar. Vou seguir carreira na Marinha e ser instrutora para turmas futuras", afirmou a catarinense Letícia Cristina Alves.

Ela saiu do estado pela primeira vez aos 19 anos, direto para o internato no centro de instrução. "Minha maior dificuldade foi não ter o apoio da minha família aqui. Isso me desestabilizou muito. No momento em que tivemos liberação para sair do campus, tive que ficar na casa de uma colega do quartel, que me acolheu."

Nas primeiras semanas, o curso de fuzileiros navais ocorre em regime de internato. Após dois meses, é permitida uma visita de três horas com a família no centro de treinamento. Somente a partir do terceiro mês é que é possível sair, aos finais de semana.

Também para Fabiana Damaceno, 20, lidar com o distanciamento da família foi o mais difícil. Ela veio de Itiúba, no interior da Bahia.

"Eu nunca tinha saído da minha cidade. Diferente de muitas das minhas colegas aqui, eu não tenho ninguém na família na área militar, então é realmente tudo muito novo para mim", conta.

> "O mais difícil não foi dar conta da parte física, como muitos pensam, mas trabalhar o psicológico e entender que nada pode me limitar
>
> **Jamille de Souza Franklin**
> soldado fuzileiro naval da primeira turma de combatentes mulheres da Marinha

> "Não é fácil treinar armada, equipada, com mochila pesada, sendo subestimada pela sociedade. Porém, quando menos espera, você está concluindo uma corrida de 16 quilômetros, mesmo com todo esse peso físico e mental
>
> **Fabiana Damaceno**
> soldado fuzileiro naval

"Se eu fosse deixar uma mensagem para as próximas soldados, eu diria para fortalecer a mente e se apegar na sua fé, naquilo que você acredita. Nunca imaginei que hoje estaria na primeira turma de fuzileiras navais, e deixando um legado para o corpo de fuzileiros, para a Marinha do Brasil e às futuras gerações de mulheres", afirmou.

"Mas não é fácil treinar armada, equipada, com mochila pesada, sendo subestimada pela sociedade. Porém, quando menos espera, você está concluindo uma corrida de 16 quilômetros, mesmo com todo esse peso físico e mental. Foi o que aconteceu comigo", afirmou Fabiana.

Formaram-se nesta sexta 660 novos Soldados Fuzileiros Navais, sendo 546 homens e 114 mulheres. Após a conclusão do curso, os combatentes podem ser designados para servir em organizações militares da Marinha em qualquer parte do território nacional.

Para isso, os aprendizes passam por rotina intensa de exercícios e estudos. Mulheres e homens acordam às 4h, fazem faxina em seus respectivos alojamentos e se arrumam para entrar em formação.

Somente depois descem para o café da manhã e seguem para o cronograma do dia, com atividades físicas e estudos obrigatórios em sala de aula. Normalmente, são liberados para dormir a partir das 22h, mas há dias de serviço de madrugada.

A recém-soldado Jamille Franklin afirma que a tensão para lidar com a rotina intensa reflete em questões fisiológicas. "A maioria das meninas para de menstruar. Eu, por exemplo, só voltei depois que passamos a ter liberação de saída aqui da base, porque aí a gente vai em casa e relaxa. Mas, durante o internato, eu não menstruei", relatou.

Na avaliação da capitão tenente fuzileiro naval Giselle Rebouças, o desempenho das mulheres nas atividades não sofre impacto por conta do período menstrual.

"Ninguém aponta isso como dificuldade ou empecilho para desenvolver qualquer atividade. É uma coisa que a gente tem que lidar, muitas optam pelo uso contínuo do anticoncepcional para interromper a menstruação. Elas têm muitas atividades aquáticas, mas conseguem administrar da melhor maneira possível."

Há 18 anos na Marinha, a capitão tenente foi treinada para ser instrutora da primeira turma de soldadas. "Fazer parte desse momento histórico é muito gratificante, melhor ainda ver o avanço das Forças Armadas com esse progresso na Marinha", disse a capitão, que vibra ao falar das adaptações para receber a turma.

"O campus já tinha sistema de videomonitoramento, mas, com a chegada delas, foi feito aprimoramento com câmeras no entorno do alojamento, onde também foi implementado sistema de reconhecimento facial, que permite acesso somente de alunas e instrutoras", explicou.

Outra adaptação foi a compartimentação dos banheiros — diferentemente dos homens, elas têm esse espaço individualizado. Também foram colocadas tomadas próximas aos espelhos para uso de secador de cabelo após as atividades aquáticas.

O capitão de mar e guerra Vanderli Júnior, comandante do centro de instrução, disse que o planejamento para receber a primeira turma de soldados mulheres ocorreu a partir de estudos e intercâmbios, como o firmado com a Marinha dos EUA, que já tem atuação feminina no combate.

"Houve preparação de dez instrutoras porque não tínhamos militares combatentes femininas, então trouxemos sargentos músicas fuzileiras, que se prepararam por um ano acompanhando a dinâmica desse curso, que é bem diferente do que elas fizeram para entrar. A preparação física e técnica foi bem intensa para assumir o cargo de instrutoras", afirmou.

"Também trouxemos médicas, enfermeiras e fisioterapeutas mulheres. Além disso, chamamos preparadores físicos para fazer um trabalho de desenvolvimento muscular gradual. Porque todos são submetidos ao mesmo esforço aqui, mas a composição muscular entre homens e mulheres é diferente", completou.

A Marinha foi precursora da participação feminina, com abertura de vagas, em 1981, mas em funções administrativas. Nos anos 1990, houve uma reestruturação que ampliou a participação em cargos de direção, comando e comissões, culminando com a promoção da primeira oficial general em 2012. Atualmente, 8.362 mulheres fazem parte dos quadros da força.

A atuação feminina no combate da Marinha antecipa a determinação do Ministério da Defesa que prevê, a partir de 2025, o alistamento voluntário de mulheres nas Forças.


Fuzileiras navais se arrumam no vestiário da Marinha em centro de instrução no Rio de Janeiro Eduardo Anizelli/Folhapress

INÊS 249

mundo

França volta às urnas mais dividida do que no 1º turno para eleger Parlamento

Agressões físicas e retórica virulenta marcam campanha; resultado pode paralisar gestão Macron

Guilherme Botacini

BOA VISTA Uma França altamente polarizada elege neste domingo (7) a nova composição da Assembleia Nacional, após uma campanha tão curta quanto violenta.

Nas quatro semanas entre a dissolução do Parlamento pelo presidente Emmanuel Macron e o segundo turno realizado agora, foram 51 os candidatos ou militantes agredidos no país, segundo o ministro do Interior, Gérald Darmanin.

O ministro afirmou que os ataques atingiram todos os lados do espectro político. Um dos episódios mais emblemáticos foi a agressão sofrida pela equipe da porta-voz do governo, Prisca Thevenot, quando ela fazia campanha para reeleição em Hauts-de-Seine, nos arredores de Paris.

O ex-premiê Gabriel Attal, representante do bloco governista, Jordan Bardella, líder da Reunião Nacional (RN), e Salomé Nicolas-Chavence, candidata do bloco de esquerda no distrito de Thevenot, pediram calma e apoiaram a porta-voz. Darmanin anunciou a mobilização de 30 mil policiais para este domingo.

A violência nas ruas se reflete na retórica inflamada de algumas manifestações. Exemplo disso é um videoclipe produzido por 20 rappers contrários à ultradireita que mistura críticas, insultos misóginos, teorias da conspiração e ameaças explícitas a Bardella —a produção somou mais de 2,3 milhões de visualizações em quatro dias.

O primeiro turno, que teve participação de 60% dos eleitores registrados (20 pontos percentuais a mais do que na votação anterior), colocou a RN na dianteira tanto em termos de votos totais como de representantes eleitos. O partido de ultradireita conquistou 29,25% dos votos válidos e 37 cadeiras —incluindo a da líder da sigla, Marine Le Pen.

Enquanto isso, o bloco de esquerda, Nova Frente Popular (NFP), angariou 28% dos votos e obteve 32 assentos.

O grande perdedor até aqui foi o Juntos, aliança governista de centro que, com 20% dos votos, só elegeu dois parlamentares no primeiro turno. Espremido pela ultradireita e por um bloco de esquerda que inclui a radical França Insubmissa (LFI), liderada por Jean-Luc Mélenchon, Macron perdeu sua estratégia inicial de absorver moderados dos dois lados do espectro político.

A vitória desses extremos —que o presidente chegou a dizer que levariam a uma "guerra civil" na França—na primeira fase da votação consagrou a polarização latente na atmosfera do país desde o início de junho, quando a ultradireita venceu com folga as eleições para o Parlamento Europeu. Esse foi o gatilho, aliás, para que Macron demitisse o Congresso e antecipasse o pleito legislativo.

Essa sensação de que o que está em jogo são duas propostas de nação completamente diferentes parece ser uma das poucas concordâncias entre eleitores que falaram com a **Folha** na semana que antecedeu o segundo turno.

A advogada Claudia de Barros, 60, que tem dupla nacionalidade brasileira e francesa e mora há 28 anos no país, compara o cenário àquele do pleito brasileiro de 2022 entre Lula (PT) e Jair Bolsonaro (PL). "Eu nunca vi isso aqui. As pessoas evitam falar sobre o assunto para não ter confusão", afirma ela, que diz votar na esquerda.

O programa da RN é enfático em questões migratórias. O partido diz que pretende deportar "imigrantes delinquentes", acabar com o direito à cidadania apenas pelo nascimento —o chamado "jus soli", que no caso da França permite a filhos de pais estrangeiros conquistarem a cidadania quando completarem 18 anos se tiverem morado ao menos 5 anos em solo francês— e restringir o acesso de pessoas com dupla nacionalidade a certos cargos públicos, algo já previsto em alguns casos.

Um empresário de Bordeaux que preferiu não se identificar avalia que a sociedade francesa passa por uma situação de declínio econômico, cultural e social. Por isso, necessita de mudanças radicais —motivo pelo qual votará na direita, explica ele.

A NFP, bloco canhoto que inclui a LFI, socialistas, comunistas e ecologistas, formou-se logo nos primeiros dias após a dissolução da Assembleia Nacional e tem como meta declarada barrar o avanço da ultradireita. Propõe o congelamento de preços e a revogação da reforma das aposentadorias aprovada no ano passado sob protestos.

Aurelie Burtman, 33, que trabalha com direito tributário e se considera esquerdista, preocupa-se com um discurso de parte da LFI que considera antissemita e, por isso, se diz decepcionada com a inclusão do partido no bloco de esquerda. Ela, no entanto, reconhece na RN um perigo maior e votará na NFP.

"Vejo [a RN] como um perigo enorme para a França, para a democracia. Eles surfam no medo que as pessoas têm da migração, da violência e do islamismo, mas acho que o antissemitismo está no DNA político deles. Por isso não confio de jeito nenhum no seu discurso de moderação", diz ela, que é franco-israelense e vota em Seine-Saint-Denis, a leste de Paris.

No mesmo departamento vota Samy Lounes, 29, que discorda da percepção de que a LFI é antissemita e atribui essa característica à RN, "o inferno na terra", de acordo com ele. "São o oposto da direção em que caminha a história, o pior que pode acontecer à França", afirma.

Questionado sobre a estratégia de candidatos da esquerda moderada e do centro de desistir para que seus pares mais radicais, mais votados no primeiro turno, tenham mais chances de conter nomes da ultradireita, ele diz que isso é algo normal. "Mesmo que o governo anterior tenha promulgado leis que vão contra o que eu desejo, eu diferencio a extrema direita e Macron."

Mas ele não arrisca dizer se enxerga a NFP compondo um governo com a aliança governista de centro —no semipresidencialismo francês, a maioria parlamentar forma o gabinete de governo e indica o premiê. Bardella, da RN, já disse que descarta governar sem maioria absoluta.

O cenário de incerteza se mistura à provável paralisia institucional com a qual um eventual governo sem maioria precisará lidar, qualquer que seja a sua inclinação ideológica, até o fim do mandato de Macron, em 2027.

São 501 cadeiras em disputa neste segundo turno, de um total de 577. Uma nova dissolução do Parlamento e outra eleição legislativa só podem ocorrer daqui a um ano.



Franceses protestam contra a ultradireita em Paris antes do 2º turno Yara Nardi - 3.jul.24/Reuters



Resultados do primeiro turno da eleição legislativa

REUNIÃO NACIONAL

29,25%
dos votos válidos

37
cadeiras conquistadas

NOVA FRENTE POPULAR

27,99%
dos votos válidos

32
cadeiras conquistadas

JUNTOS

20,04%
dos votos válidos

2
cadeiras conquistadas

No segundo turno, estão em disputa 501 do total de 577 cadeiras da Assembleia Nacional



Estrela da ultradireita e pupilo de Le Pen, Jordan Bardella pode virar primeiro-ministro


Jordan Bardella, presidente da Reunião Nacional
Sarah Meyssonnier - 30.jun.24/Reuters

Ivan Finotti

SÃO PAULO Estrela ascendente da ultradireita francesa, Jordan Bardella não é apenas um jovem conservador que segue os passos de sua mestra, Marine Le Pen. É um político ambicioso que tem realizado feitos considerados históricos pelo seu partido.

Há cerca de um ano e meio, ele se tornou presidente da Reunião Nacional (RN), a legenda que Marine Le Pen reformou a partir da sigla que o pai dela havia fundado em 1972 sob o nome de Frente Nacional. Bardella é o primeiro líder do partido a não pertencer à família Le Pen em 50 anos.

A presença do rosto de Bardella nos flyers distribuídos pela RN em sua campanha para as eleições do Parlamento Europeu do mês passado foi apontada como uma das razões para o seu bom resultado no pleito —a sigla conquistou o dobro dos votos do partido de Emmannuel Macron. Isso fez o presidente francês dissolver o Legislativo do país para tentar expurgar a direita.

Não deu certo, já que a RN e seus aliados venceram o primeiro turno com 33% dos votos, seguidos pelo bloco de esquerda Nova Frente Popular (NFP), com 28%, e bem à frente da aliança centrista de Macron, que marcou apenas 22%, segundo resultados oficiais.

Neste domingo (7), Bardella está novamente no centro das atenções, quando se desenrola o segundo turno das eleições legislativas. Por ora, ele se sente à vontade para dizer que não será o primeiro-ministro do novo Parlamento, a menos que a RN consiga maioria absoluta das cadeiras.

"Francesas, franceses: neste domingo, não deixem que a vitória lhes seja roubada, não se deixem intimidar", disse ele no X, onde tem 480 mil seguidores, nesta sexta (5). "Abram espaço para alternância e para a mudança. Convido vocês a se mobilizarem. Dêem-nos uma maioria absoluta para governar e restaurar a França."

Seu alcance em outras redes, como TikTok, onde tem 1,3 milhão de seguidores, ou o Instagram, 800 mil, é ainda mais impressionante, e razão pela qual analistas afirmam que ele é um dos nomes que melhor consegue se comunicar com o eleitorado jovem na França. Um de seus apelidos, dito por políticos pelas suas costas, é "monsieur selfie", ou "senhor selfie".

De acordo com a imprensa francesa, o rapaz de sorriso fácil já está escrevendo, aos 28 anos, uma autobiografia.

Bardella não é tão radical nos temas das chamadas guerras culturais.

Já disse, por exemplo, que um dos maiores desafios dos jovens era a crise climática, apesar de criticar o que vê como excesso de punições do governo Macron no campo do ambiente. Também afirmou ser contra o casamento de pessoas do mesmo sexo, ainda que tenha admitido que a lei que permite isso já foi assimilada pela sociedade francesa. E se declarou a favor do uso da cânabis para uso médico.

O ponto de honra da RN, no entanto, é a política migratória. Bardella e o partido querem dificultar o máximo possível a vida de imigrantes na França e desestimular a chegada de novos grupos.

De ascendência italiana, Bardella já propagou a teoria da conspiração da Grande Substituição, que diz que as elites estão por trás de um plano para substituir os brancos cristãos da Europa por negros muçulmanos.

Reportagens recentes da imprensa europeia, feitas no bairro Saint-Denis, onde Bardella cresceu —e onde vivem muitos muçulmanos— vêm escancarando um passado um tanto desconfortável para um político desse naipe.

Sua mãe era uma imigrante italiana que veio de Turim para a França na década de 1960. Já seu avô paterno foi casado com uma argelina, depois com uma marroquina, e após esta segunda união se converteu ao islamismo.

Mas essas revelações dificilmente mudarão os votos dos franceses. A julgar pelo que Bardella tem realizado nos últimos dois anos, não é só Macron e a esquerda que devem temê-lo. A própria chefona da ultradireita, Marine Le Pen, corre o risco de acabar eclipsada pelo "monsieur selfie".

Novo premiê britânico suspende deportações para Ruanda

LONDRES | REUTERS O novo primeiro-ministro britânico, Keir Starmer, declarou neste sábado (6) que seu governo não seguirá a política de seus antecessores do Partido Conservador de deportar solicitantes de asilo no Reino em situação irregular para Ruanda.

"O esquema de Ruanda estava morto e enterrado antes mesmo de começar", disse Starmer, que já tinha anunciado a intenção de acabar com a lei durante sua campanha.

"Não estou disposto a prosseguir com artimanhas que não funcionam", continuou, referindo-se ao fato de que a lei não cumpriu seu objetivo inicial, de diminuir as chegadas de migrantes em situação irregular pelo Canal da Mancha. Mais de 7.500 deles entraram no Reino Unido em pequenos barcos por essa via até o início de maio deste ano, um recorde histórico.

Como alternativa, o premiê afirmou que seu governo criará um Comando de Segurança de Fronteiras para reunir policiais, agentes de inteligência e promotores para trabalhar com agências internacionais a fim de impedir o tráfico de pessoas.

Ruanda é um país no centro da África, a 7.000 km de distância do Reino Unido. Tem um dos piores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) do mundo.

A deportação de migrantes em situação irregular para Ruanda era uma das principais bandeiras da gestão anterior, do Partido Conservador.

O plano foi formulado inicialmente por Boris Johnson, premiê do Reino Unido entre 2019 e 2022. Depois de sua renúncia, os líderes que o substituíram no comando do país, Liz Truss e Rishi Sunak, continuaram batalhando por sua aprovação apesar de entidades de direitos humanos, tribunais nacionais e internacionais e até mesmo alguns membros da sigla serem contra ele por o considerarem imoral.

Depois de uma série de reveses judiciais que incluiu uma reformulação completa do projeto, o Parlamento britânico aprovou a lei em abril deste ano. Ela prevê que solicitantes de refúgio que chegarem ao país sem autorização sejam enviados a Ruanda enquanto suas requisições são processadas.

No mês seguinte, em maio, policiais começaram a prender requerentes de asilo em situação irregular com a intenção de deportá-los para o território africano. A ideia era que os primeiros voos acontecessem em julho —o que não deve ocorrer após o anúncio de Starmer deste sábado.

Sonya Sceats, CEO da Freedom from Torture, uma das instituições que fizeram campanha para impedir o plano de deportações, disse que recebeu com satisfação o anúncio do novo líder britânico. "Aplaudimos Keir Starmer por agir imediatamente para acabar com este vergonhoso esquema que brincou com a vida de pessoas que estão fugindo."

Apesar de ter ficado tão pouco tempo em vigor, a medida agora suspensa custou aos cofres públicos britânicos pelo menos £ 240 milhões (R$ 1,54 bilhões) até o fim de 2023. O valor tinha sido encaminhado a Ruanda para que o país fornecesse hospedagem aos requerentes de asilo.

Esquerda do Uruguai se fortalece

Vitória da Frente Ampla em primárias mostra país na contramão do resto do mundo

Sylvia Colombo

Historiadora e jornalista especializada em América Latina, foi correspondente da **Folha** em Londres e em Buenos Aires, onde vive

Já virou lugar-comum ressaltar o Uruguai como um país especial na América Latina, onde prevalecem uma democracia organizada, o respeito às instituições, uma sociedade com excelente formação educativa, na vanguarda com relação à aceitação de vários direitos pessoais, ao mesmo tempo em que possui um Estado com ampla preocupação com a justiça social.

Os principais partidos do país são instituições antigas e bem estabelecidas. O atual governante, o Partido Nacional, ou Blanco, hoje mais liberal, nasceu em 1836, mesmo ano em que foi criado o Partido Colorado, hoje mais conservador. Enquanto isso, a Frente Ampla, que reúne vários partidos e agrupações de centro e de esquerda, estabeleceu-se em 1971.

É claro que nenhuma situação pode ser assim tão idílica e estável, e o quadro real dos problemas uruguaios é mais complexo. A poucos meses da eleição presidencial, em outubro, as principais preocupações dos uruguaios talvez surpreendam quem imagina o país como um lugar paradisíaco para passar a aposentadoria: segurança, altos impostos e desemprego.

Obviamente, não se pode comparar as cifras de homicídios do país (11,2 para cada 100 mil habitantes) com as de uma nação centro-americana convulsionada como Honduras (31,1 para cada 100 mil). Mas, diante de Chile (4,5) e Argentina (4), trata-se de um dado alarmante.

No último dia 30, ocorreram as primárias uruguaias, e a interpretação de seus resultados passa por compreender tanto as características que fazem do Uruguai um país positivamente diferente, como também suas mazelas e angústias específicas.

O partido governante, liderado pelo presidente de direita moderada, Luis Lacalle Pou, curiosamente recebeu um castigo nestas eleições, mesmo não tendo enfrentado grandes crises e tendo mantido índices de popularidade altos durante o mandato.

O comparecimento às urnas dos "blancos" foi muito menor que o esperado, e o vencedor, o ex-secretário da Presidência Álvaro Delgado, que será o candidato da sigla em outubro, não entusiasma para além de seu espaço político. Com isso, o ambiente não é o mesmo de 2019, em que o Nacional pôde formar uma ampla aliança com outros partidos para vencer.

Já na Frente Ampla, o entusiasmo transborda com um líder de uma nova geração. Trata-se de Yamandú Orsi, de 57 anos. Simpaticão, torcedor do Peñarol, ele faz campanha com a garrafa de mate debaixo do braço, hábito típico dos uruguaios comuns. Orsi ganhou de braçada a primária e desponta como líder na maioria das sondagens.

Antes da vitória de Lacalle Pou, a Frente Ampla governou por três mandatos seguidos, dois do socialista Tabaré Vázquez e um do ex-guerrilheiro José "Pepe" Mujica.

Sendo um "partido de partidos", a legenda abarca várias correntes de pensamento. Orsi, no caso, volta a colocar o time de Mujica em campo, o MPP (Movimento de Participação Popular), formado nos anos 1980, quando ex-combatentes da organização Tupamaros decidiram trocar a luta armada pelo caminho democrático.

Nas primárias, e reforçando que o Uruguai é um país na contramão dos vizinhos e mesmo do planeta, o partido de ultradireita, Cabildo Abierto, encolheu.

Tudo indica que teremos uma eleição competitiva e que é cedo para previsões. A tendência, hoje, é de um possível retorno de uma esquerda consolidada e organizada, de tendência mais combativa e popular, com o impulso de uma velha geração de idealistas em armas.

Voltar ao clichê é inevitável, mas, sim, trata-se de um país singular.

| DOM. Sylvia Colombo | TER. Mundo Leu | QUI. Lúcia Guimarães | SÁB. Igor Patrick



APÓS DEIXAR RASTRO DE DESTRUIÇÃO NO CARIBE, FURACÃO BERYL SE DIRIGE PARA O TEXAS
Tempestades deixaram ao menos sete mortos em países da região ao longo da semana; acima, mulher observa casa danificada em St. Elizabeth Parish, na Jamaica Maria Alejandra Cardona - 5.jul.24/Reuters

Mercosul se reúne sob sombra de Milei ausente

Argentino, que não irá à cúpula no Paraguai, tem agido para travar negociações relativas a temas progressistas no bloco

Mayara Paixão e Ricardo Della Coletta

BUENOS AIRES E BRASÍLIA O presidente argentino, Javier Milei, será a grande ausência da cúpula do Mercosul na capital do Paraguai, cuja agenda principal ocorre neste domingo (7) e na segunda (8). Ao mesmo tempo, a diplomacia do ultraliberal será o principal ponto de conflito do bloco formado por Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai e uma novata Bolívia durante o evento.

Além de se ausentar da reunião, um fato de pouquíssimos precedentes e visto como um sinal de enfraquecimento do bloco, o líder tem impulsionado uma agenda ultraconservadora no que é considerado o principal instrumento de integração da América do Sul, o que desperta preocupação no governo Lula (PT).

Neste primeiro semestre, os argentinos travaram a criação de um subgrupo de trabalho no Mercosul para impulsionar a participação feminina no comércio regional. Foi uma proposta que partiu dos paraguaios, um dos membros mais conservadores do bloco. Brasília e Montevidéu deram luz verde, mas Buenos Aires vetou o processo.

A atual gestão da Casa Rosada também atua para paralisar o Instituto de Políticas Públicas e Direitos Humanos (IPPDH) do Mercosul, com sede justamente na capital argentina. De acordo com um diplomata com conhecimento do assunto e que fala reservadamente, sob Milei a diplomacia argentina busca de maneira sistemática criar um labirinto de questões técnicas e burocráticas que, na prática, resultam na paralisia de institutos como o IPPDH.

Quando assumiu a Presidência em dezembro e colocou a chancelaria sob a batuta da economista Diana Mondino, Milei comunicou ao Brasil que sua prioridade para o Mercosul seria estritamente econômica, deixando de lado agendas sociais. O que causa surpresa a pessoas que acompanham a guinada ideológica argentina é a criação de barreiras em assuntos que eram consenso entre países-membros do bloco há décadas.

No caso do IPPDH, os argentinos têm pleiteado uma racionalização do órgão e uma revisão de seu funcionamento e de seu uso de verbas. Em um relato público recente ao conselho do grupo, a diretora do instituto, a brasileira Andressa Caldas, relatou que hoje há uma paralisia na contratação de funcionários e na renovação de cargos temporários.

Afirmou ainda ter feito "reiterados pedidos" de respostas, mas que "o processo de consulta a um dos Estados-membros" tem demorado de maneira incomum, uma referência não nominal à Argentina. A reportagem procurou Caldas, que não respondeu.

A trava argentina ao funcionamento do IPPDH já foi tema de conversa da chanceler Mondino com seu homólogo brasileiro, o ministro Mauro Vieira. Para destravar o funcionamento do instituto, o Brasil estaria disposto inclusive a rever a sua contribuição orçamentária e crescê-la, segundo pessoas envolvidas.

Hoje a Argentina assume a maior fatia do orçamento (62,5%) do instituto, seguida pelo Brasil (24,9%). O IPPDH está sediado em um local simbólico em Buenos Aires, o prédio do "ex-ESMA", antigo centro de tortura militar da época da ditadura que hoje abriga um complexo de museus.

A atual cúpula do Mercosul em Assunção foi preparada para celebrar o ingresso da Bolívia no bloco com mais de 30 anos de história.

Mas quem se encaminha ou já está em Assunção para a reunião diz estar preocupado com o que esperar da participação argentina. Com a ausência de Milei —que, após protagonizar conflitos com o brasileiro Lula (PT) e com o boliviano Luis "Lucho" Arce, decidiu ir a Santa Catarina para uma conferência de políticos conservadores, em um aceno ao bolsonarismo—, os argentinos serão representados por Mondino.

A chanceler argentina era vista como possível força moderadora na política externa do país. Mas a Casa Rosada, personificada na figura de Karina Milei —a irmã do presidente e secretária-geral do gabinete—, tem tomado as rédeas e pleiteado uma agenda de forte caráter ideológico.

Os exemplos se acumulam e vão além do Mercosul. Um caso notável nesse sentido foi a atuação argentina em outro espaço multilateral, a Assembleia-Geral da OEA (Organização dos Estados Americanos), realizada em Assunção no final de junho.

As resoluções da OEA já estavam praticamente todas negociadas quando Buenos Aires pediu para reabrir várias delas. Quatro principais áreas pareciam incomodar o país: gênero, emergência climática, restrição a discursos de ódio e a Agenda 2030 da ONU.

Sempre que um desses assuntos aparecia em uma resolução, os argentinos buscavam suprimir os termos. Menções ao combate à desigualdade e à pobreza extrema também não eram bem-vindas.

Cada país da OEA pode manifestar sua discordância das resoluções negociadas incorporando notas de rodapé a elas. Os números falam por si: as resoluções finais do encontro em Assunção têm 46 notas de rodapé da Argentina. É muito mais do que qualquer outro país —em segundo lugar, vêm os Estados Unidos, com oito notas.

Enquanto Milei estará em Santa Catarina na companhia de bolsonaristas, em Assunção os olhos estarão voltados para sua diplomacia e também para as boas-vindas à Bolívia, que acaba de aprovar em seu Senado a entrada no Mercosul e ratificar a medida em sanção presidencial.

O feito ocorre pouco mais de uma semana após uma tentativa de golpe militar frustrada em La Paz contra o presidente Luis Arce. Ainda faltam em média quatro anos para que o país andino consiga aderir a todos os protocolos exigidos pelo Mercosul.



O presidente eleito do Irã, Masoud Pezeshkian, comemora com apoiadores em Teerã após o anúncio do resultados do segundo turno das eleições Atta Kenare/AFP

Irã elege reformista que quer reatar laços com o Ocidente

Masoud Pezeshkian derrota linha-dura em sinal de insatisfação com o regime

SÃO PAULO O político moderado Masoud Pezeshkian superou o ultraconservador Saeed Jalili e foi eleito neste sábado (6) o novo presidente do Irã. Embora ainda alinhado ao regime, o vencedor era o único reformista na disputa, e o resultado sinaliza a insatisfação popular com a gestão do líder supremo, Ali Khamenei.

Após liderar o primeiro turno das eleições antecipadas em 28 de junho, Pezeshkian obteve 53,6% dos votos no segundo turno, de acordo com os primeiros resultados oficiais. A participação no pleito foi de 49,8% dos eleitores.

O eleito afirmou que "estenderá a mão da amizade a todos" em suas primeiras declarações após a confirmação da vitória. "O caminho que temos pela frente é difícil. Só será fácil com cooperação, empatia e confiança de todos."

O príncipe herdeiro saudita Mohammed bin Salman, conhecido como MbS, saudou a eleição de Pezeshkian.

A sunita Arábia Saudita e o xiita Irã são grandes adversário no Oriente Médio, disputando influência na região e aliando-se a blocos distintos no cenário de reordenamento global atual —Riad é próxima dos Estados Unidos, enquanto Teerã tem laços estreitos com a Rússia.

Os dois países retomaram relações diplomáticas em 2023 após um hiato de sete anos em acordo mediado pela China.

O presidente russo, Vladimir Putin, foi outro que congratulou Pezeshkian. "Espero que suas atividades como presidente contribuam para avançar a cooperação construtiva bilateral em todas as áreas para o benefício de nossos povos amigos", disse o Kremlin.

Pezeshkian, 69, é médico e foi ministro da Saúde no governo de Mohammad Khatami (1997-2005). Durante a campanha, defendeu a retomada de negociações com o Ocidente, em especial aquelas relacionadas ao programa nuclear iraniano.

Em 2015, Teerã assinou um acordo com EUA, China, Rússia, França e Reino Unido em que se comprometia a limitar suas atividades nucleares em troca de um alívio das sanções desses países sobre ele.

Mas em 2018, os EUA, então sob o governo de Donald Trump, se retiraram do pacto, invalidando-o. É este tratado que Pezeshkian quer reavivar.

53,6%
foi o percentual de votos recebido pelo candidato reformista Masoud Pezeshkian no segundo turno das eleições presidenciais do Irã nesta sexta-feira (5), de acordo com os primeiros resultados oficiais

49,8%
foi o índice de comparecimento às urnas

"Se conseguirmos suspender as sanções, as pessoas terão uma vida mais fácil, e se elas continuarem, a vida das pessoas será miserável", declarou em entrevista na televisão.

Khamenei não criticou Pezeshkian diretamente, mas chegou a alertar eleitores a ficarem atentos a quem vê nos EUA "a fonte do progresso" em discurso durante a campanha.

O médico vai suceder Ebrahim Raisi, conservador linha-dura que morreu em uma queda de helicóptero em maio. Em função do episódio, ainda obscuro, a eleição foi antecipada, e o segundo turno ocorreu nesta sexta-feira (5), com um embate direto entre Pezeshkian e Jalili.

O político moderado inspira mais liberdade interna do que seu adversário, e o cargo de presidente, apesar de não ter a palavra final na gestão do regime, influi na condução de políticas internas e externas. Analistas descartam mudanças significativas, no entanto, com Khamenei buscando controlar sua própria sucessão —e o destino da teocracia.

A opinião é compartilhada com o governo dos Estados Unidos que, em nota, disse à agência de notícias Associated Press não ter "expectativa de que essas eleições levem a uma mudança fundamental na direção do Irã ou que ele respeite mais os direitos humanos de seus cidadãos".

De todo o modo, a vitória de Pezeshkian surpreende. Ele foi o único moderado permitido pelo Conselho de Guardiões, órgão com 12 membros que aprova todos os candidatos a qualquer cargo no país — nas eleições que terminaram com a vitória de Raisi em 2021, por exemplo, nenhum reformista pôde concorrer.

Além disso, analistas acreditavam que o auge do reformismo iraniano já tinha passado, e que a maioria dos eleitores estava convencida de que não valia a pena ir às urnas.

De fato, no primeiro turno, foram às urnas 39,9% dos 61,4 milhões de eleitores potenciais, o menor índice desde a criação da República Islâmica.

Além disso, a dura repressão aos protestos contra a morte de Mahsa Amini, mulher curda de 22 anos detida por não usar o véu islâmico da forma considera correta, em 2022, tinha aumentado a sensação de que o caminho para a mudança através do voto seria difícil.

Com AFP e Reuters

Europa faz expedição aérea contra China e Rússia no Pacífico

Igor Gielow

SÃO PAULO Em uma demonstração de força para os aliados China e Rússia, três países europeus montaram a maior expedição aérea de sua história para atuar em cinco diferentes exercícios militares no Indo-Pacífico, o foco estratégico de Pequim na Guerra Fria 2.0 com os Estados Unidos.

Alemanha, França e Espanha mobilizaram 48 aeronaves, entre caças, aviões de transporte, reabastecimento aéreo e helicópteros, para uma jornada de 58 mil km que começou no dia 27 de junho e se estenderá até 15 de agosto.

É a missão Pacific Skies (céus do Pacífico, em inglês), que também é o primeiro teste de ação integrada do programa FCAS (Sistema de Combate Aéreo do Futuro, na sigla inglesa). A iniciativa une os três países no desenvolvimento de um caça da chamada sexta geração e de drones que serão comandados a partir dele, previstos para entrar em operação na década de 2040.

Do ponto de vista político, esta é também uma resposta europeia ao temor de que uma eventual vitória de Donald Trump na eleição americana afete novamente as relações transatlânticas. Quando esteve no poder, de 2017 a 2021, o republicano deixou às moscas a Otan, aliança que os EUA lideram e que terá sua cúpula anual a partir da terça (9).

Veja a rota de 58 mil km da missão Pacific Skies-24

1 Alemanha - 12 Tornado, 8 Eurofighter, 4 A400M, 4 H145 e 3 A330-MRTT
2 França - 4 Rafale, 3 A400M e 3 A330-MRTT
3 Espanha - 4 Eurofighter, 2 A400M e 1 A330



Fonte: Força Aérea Alemã

Ao escolher o Indo-Pacífico para seu show, a trinca europeia busca mostrar que não está presa apenas à grave crise de segurança que a Guerra da Ucrânia trouxe às suas fronteiras, mas de olho no grande jogo do século 21, a rivalidade entre o Ocidente liderado pelos EUA e a China, que traz os russos e seu enorme arsenal nuclear a tiracolo.

Por óbvio, há limites à pretensão, e eles começam pelo bolso. Os EUA, maior potência militar da história, despendem 70% do gasto com defesa da Otan, que une Washington ao Canadá e a 31 países europeus. Suas capacidades expedicionárias são inigualáveis.

A ideia da operação conjunta é também econômica, unindo tanto forças quanto orçamentos em missões futuras.

Para tanto, o trio montou um circo respeitável. A Alemanha traz 12 aviões de ataque Tornado, 8 caças Eurofighter, 4 aviões de transporte pesado A400M, 4 helicópteros H145 e 3 aviões-tanque A330-MRTT, esses da força europeia de reabastecimento.

A França emprega 4 caças Rafale, 3 A400M e 3 A330-MRTT. Os espanhóis, sócios minoritários do grupo, vêm com 4 Eurofighter, 2 A400M e 1 A330 de transporte de pessoal.

A ação começa nesta segunda (8) sobre o maior campo de provas militares do mundo, no Alasca. O exercício Arctic Defender, liderado pelos EUA, irá treinar defesa de área e ataques de precisão ao solo — função dos Tornado alemães em sua despedida de viagens internacionais, já que serão substituídos na missão de ataque com bombas nucleares táticas pelo F-35.

Nesta primeira etapa, que vai até o dia 18, participarão 60 aviões e 500 militares americanos. De lá, o grupo segue para o Japão para participar do Nippon Skies, na primeira vez em que caças alemães irão treinar lado a lado com seus antigos aliados derrotados na Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Parte do contingente alemão, contudo, irá se separar para integrar as manobras anuais da Marinha americana no Havaí, o Rimpac.

Depois do exercício japonês, o grupo irá para a Austrália, aliada fundamental dos EUA no Pacífico, para o exercício Pitch Black. Por fim, as frotas alemã e francesa irão de lá para a Índia, onde a capaz Força Aérea local liderará a simulação Tarang Shakti.

Ali, os Rafale e Eurofighter terão oportunidade de enfrentar os caças russos Sukhoi Su-30 da Índia, país que mantém excelente relação com a Rússia, mas é adversária estratégica da China na Ásia.

Haverá dois eventos paralelos ao Pacific Skies: uma visita dos A400M alemães à Nova Zelândia e uma segunda frota, composta por 3 Rafale, 3 A330-MRTT e 3 A400M da França, que participará de um outro exercício australiano, o Griffith Strike, com um grupo de aviação britânico.

O Pacific Skies envolve rivais diretos de China e Rússia. Desde que firmaram sua "amizade sem limites", 20 dias antes da invasão da Ucrânia, em fevereiro de 2022, Vladimir Putin e Xi Jinping escalaram suas operações conjuntas.

Patrulhas de bombardeiros e manobras navais de ambos são uma constante, e nesta semana China e Rússia lançaram mais uma ação de suas forças com embarcações no Pacífico.

Para os europeus, é um ensaio da tentativa de colocar de pé o novo sistema de armas. Até aqui, a indústria europeia de aviação militar se dividia entre os franceses (que têm o Rafale como principal produto), consórcios europeus (Eurofighter) e os suecos (o Gripen, comprado pelo Brasil).

A inundação do mercado por caças F-35, da chamada quinta geração, furtivos a radares, travou esse nicho para os europeus. Restou a eles somarem força para a próxima etapa da evolução dos caças.



O único acesso à escola Maria do Carmo, em Careiro, na região metropolitana de Manaus, é por barco; nos períodos de seca as crianças não conseguem chegar à unidade Isabela Palhares/Folhapress

Seca na Amazônia encurta ano escolar de crianças indígenas

Em alguns locais, aulas param a partir de outubro devido à dificuldade de acesso, o que prejudica o aprendizado

Isabela Palhares

CAREIRO (AM) O ritmo das águas sempre conduziu a vida de comunidades indígenas na Amazônia. Por isso, a alteração dos ciclos de enchente e vazantes dos rios por eventos climáticos extremos tem causado impactos nas esferas social e econômica desses grupos, com prejuízos na alimentação, na forma de se locomover e até mesmo no tempo para estudar.

Antes um fenômeno natural da vida da região, o período de seca nos últimos anos foi tão prolongado que encurtou o calendário escolar, interrompeu o processo de aprendizagem das crianças e deixou professores sem trabalho e salário por meses.

"O nosso calendário escolar depende da vazão dos rios, porque só conseguimos chegar à escola de barco. Cada ano é de um jeito, sempre foi assim. Mas, nos últimos dois anos, as aulas tiveram que acabar mais cedo. Muito mais cedo do que em qualquer outro ano", conta Valdenilza Maia, 37, diretora da escola indígena Maria do Carmo, em Careiro, município na região metropolitana de Manaus.

A escola fica em um igarapé no Paraná do Castanho Mirim, um braço do rio Castanho. A única forma de chegar até ela é com pequenos barcos, que em tempos normais conseguem navegar pelo curso d'água. Já nos períodos de seca, o trajeto à escola se torna intransponível, tanto por embarcações quanto a pé.

"Era comum conseguir ter aula até o fim de outubro. Mas, em 2022, a seca chegou mais cedo e tivemos que encerrar na segunda semana do mês. No ano passado, só fomos até o dia 6. Para este ano, com o pouco de chuva que tivemos, acho que as aulas acabam ainda em setembro", afirma ela.

"Choveu muito pouco este ano, então o rio deve secar ainda mais rápido. Assim, vamos para o terceiro ano seguido em que o ano letivo é encurtado, mais um ano que essas crianças ficam com menos aula."

A escola tem 60 alunos, que estão matriculados do 1º ao 9º ano do ensino fundamental, mas conta com apenas cinco professores. Assim, a partir do 4º ano as turmas se tornam multisseriadas, ou seja, juntam crianças de idades e séries diferentes.

"O desafio para o aprendizado é imenso. Os alunos têm um único professor, que é responsável por dar todas as oito matérias obrigatórias. Além disso, eles têm menos tempo de aula que o restante dos alunos do país", diz Odair José de Souza, 50, professor de uma das turmas.

Ele conta que a maior dificuldade dos alunos é com a alfabetização. "Não há tempo suficiente para as crianças consolidarem o que aprendem, porque o ano letivo é muito curto e está ficando ainda menor. Elas terminam o ano sabendo ler e escrever, mas esquecem boa parte porque ficam muitos meses em casa. Todo começo de ano, eu preciso ajudá-las a lembrar novamente como ler e escrever."

"É frustrante para nós, como educadores, ver as crianças aprenderem e depois esquecerem. E não é por falta de vontade delas, mas por não haver condições nem tempo para o aprendizado fixar na memória. Não é que eles perdem todo o aprendizado, mas regridem por ficar muito tempo sem aula", diz a diretora.

Além de ficarem quase cinco meses sem aula, as crianças também não têm em casa livros ou materiais escritos para treinar enquanto estão longe da escola. Os professores enviam lições para as férias e tentam desenvolver atividades de forma remota, mas esbarram na dificuldade de conexão da região.

"Fazemos um esforço para que elas tenham alguma atividade durante esse período de seca, mas nem sempre elas têm acesso à internet. Com a seca, os alunos também acabam ficando sem tempo para estudar, porque precisam buscar uma fonte de renda para ajudar os pais", diz a diretora.

Como o tempo de aprendizado é escasso, os professores priorizam nas aulas aquilo que poderá ser mais usado pelos alunos fora da escola. No dia em que a **Folha** esteve na unidade, Souza ensinava para as crianças do 4º e 5º ano as operações de soma e subtração. "Diante das condições que temos, eu me esforço e fico feliz quando eles aprendem a fazer contas, quando entendem o que estão lendo."

O ano letivo mais curto também prejudica os professores. O município de Careiro está há mais de 14 anos sem fazer concurso público para docentes, assim quase todos são contratados de forma temporária.

"Acaba o ano letivo, acaba o nosso contrato e ficamos sem receber. Se o ano termina mais cedo por causa da seca, são mais meses sem receber salário. O jeito é ir guardando o que dá ao longo dos meses, eu também ajudo meu irmão a vender farinha para complementar a renda desses meses que fico sem receber", conta Souza.

As dificuldades da escola Maria do Carmo, assim como a de centenas de outras unidades indígenas, ficam praticamente invisíveis nos levantamentos e avaliações que retratam o cenário educacional do país.

Por ter poucos alunos por série, a escola não é elegível para o cálculo do Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), principal termômetro da educação básica.

Um levantamento feito pelo QEdu, em parceria com o Iede (Interdisciplinaridade e Evidências no Debate Educacional), sugere que essa é a realidade da maioria das escolas indígenas que ficam na Amazônia Legal. O estudo identificou que nessa região apenas 11% das unidades escolares de zonas rurais têm o Ideb calculado para os anos iniciais do ensino fundamental. E apenas 17% para os anos finais.

"Quase 90% dessas escolas não são avaliadas, o que significa que o poder público não as acompanha. E assim, não sabe quais são as dificuldades enfrentadas para poder formular políticas que as ajude a superá-las", diz Luana Bunese, coordenadora do QEdu.

O levantamento mostra ainda que o desempenho escolar nessa região é inferior à média nacional. Em 2022, por exemplo, o país tinha 51% de seus estudantes do 5º ano com aprendizado adequado em português. Na Amazônia Legal, essa proporção cai para 37% e chega a 34% para a população indígena.

No 3º ano do ensino médio, apenas 1% dos alunos indígenas da Amazônia Legal atingem o nível considerado adequado em matemática.

Segundo o Censo da Educação Básica de 2022, o país tinha 129.574 crianças indígenas matriculadas nos anos iniciais. O número de matrículas cai para 96.049 nos anos finais e despenca para 44.103 no ensino médio — ou seja, apenas um terço chega na última etapa da trajetória escolar.

Também não há no país um esforço para identificar quantas escolas têm tido o ano letivo afetado por causa de estiagem ou outros eventos climáticos extremos. No fim de setembro do ano passado, por exemplo, o governo do Amazonas estimou que cerca de 2.200 alunos ficaram sem acesso às escolas durante a seca.

Para Thiago Cavalli, diretor e fundador da ONG Casa do Rio, a ausência de monitoramento e ações para garantir condições adequadas de aprendizado para as crianças indígenas coloca em risco avanços que essa população alcançou.

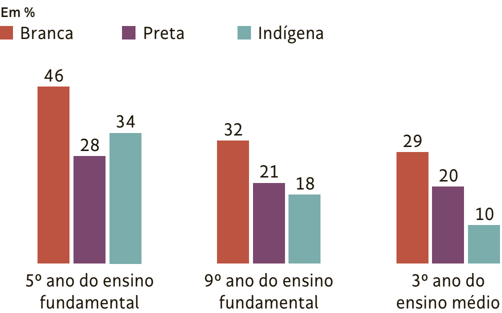
"Vimos nos últimos anos o aumento de indígenas nas universidades, a ocupação desses povos em espaços de decisão das políticas públicas. Mas não conseguimos garantir que essa população tenha acesso ao direito básico de estudar", diz Cavalli.

A jornalista viajou a convite da Casa do Rio e da Fundação Katia Francesconi

Educação na Amazônia

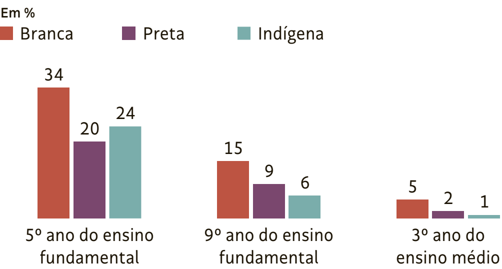
Estudantes com aprendizado adequado em português no Ideb

Em %



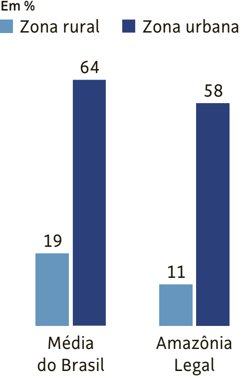
Estudantes com aprendizado adequado em matemática no Ideb

Em %



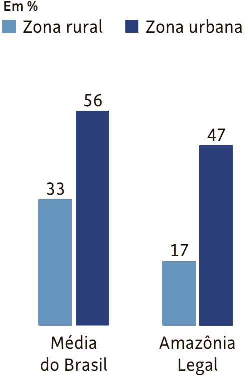
Escolas com anos iniciais do ensino fundamental que têm o Ideb calculado

Em %

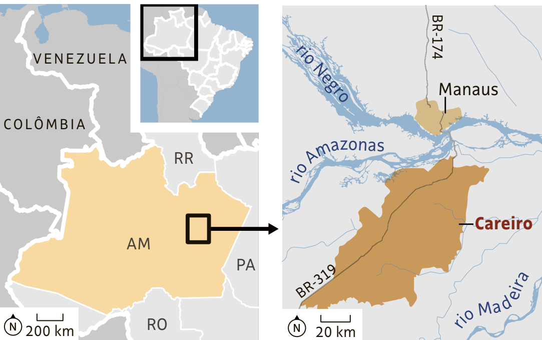


Escolas com anos finais do ensino fundamental que têm o Ideb calculado

Em %



Onde fica Careiro (AM)



Fontes: QEdu e Iede/MEC


No mundo, alguns países possuem diferentes modelos de uso recreativo regulado da *Cannabis* Adriano Vizoni - 10.set.19/Folhapress

Países que descriminalizaram drogas têm diferentes regras

Medidas variam de acordo com quantidade e local; multas podem ser milionárias

Lucas Lacerda

SÃO PAULO A descriminalização do porte de maconha para uso pessoal decidida pelo STF (Supremo Tribunal Federal) tem movimentado debates sobre outros passos nas políticas de drogas no Brasil. No mundo, alguns países têm experimentado diferentes modelos de uso recreativo regulado da droga.

É o caso de Espanha e de Malta. Para driblar as barreiras legais contra a legalização na União Europeia, esses países optaram por incluir outras soluções sob a descriminalização.

No caso da *Cannabis*, é possível adquirir a droga por meio dos clubes canábicos, que em geral são associações sem fins lucrativos para cultivo e distribuição a um número limitado de membros.

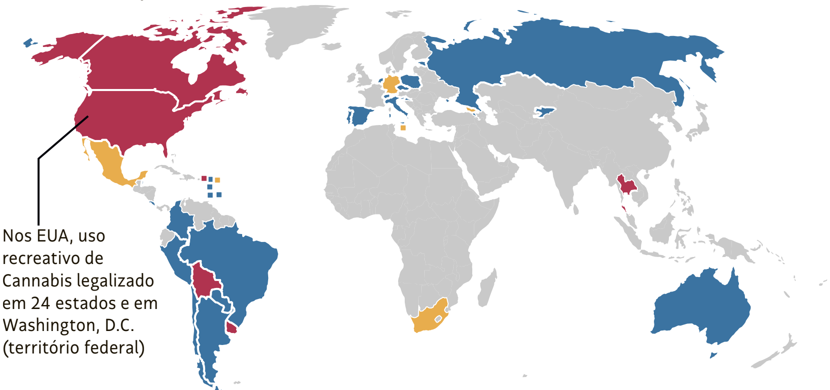
Em Barcelona, na Espanha, até estrangeiros podem —fazendo contato e recebendo um convite— se juntar aos clubes, que cobram pela assinatura e pela droga.

Mas o uso de drogas em público continua sendo alvo de sanções como multas, confisco das substâncias e suspensão de documentos. De acordo com o site Talking Drugs, as penalidades na Espanha variam de 601 a 30 mil euros (R$ 3.576 a R$ 178,5 mil).

Já a Alemanha, que copiou o modelo dos clubes canábicos para até 500 membros, permite que cidadãos portem até 25 gramas e fumem maconha em público, exceto nos arredores de escolas, centros esportivos ou zonas movimentadas de pedestres (entre 7h e 20h).

Países em que há alguma forma de regulação, legalização ou descriminalização de drogas

- Regulação
- Legalização
- Descriminalização



Fonte: Talking Drugs (Release, International Drug Policy Consortium e Accountability International)

Em Luxemburgo, apesar da legalização da maconha para uso recreativo e de cultivo doméstico de até quatro plantas, há penalidades para quem porta a droga ou faz uso dela em público, com multas que vão de 25 a 500 euros (R$ 149 a R$ 2.975). Fumar na presença de menores pode resultar em até seis meses de prisão.

A pena sobe bastante para quem planta *Cannabis* fora de casa ou cultiva mais do que as quatro plantas permitidas. São até cinco anos de prisão e uma multa de até 250 mil euros (R$ 1,5 milhão). Atualmente, o país discute a criação de clubes canábicos.

No Canadá, que regulamentou a maconha em 2018, adultos a partir dos 19 anos devem seguir as mesmas regras aplicadas ao uso de tabaco, mantendo distância de locais públicos com prática de esportes, prédios públicos, áreas comuns de condomínios ou dormitórios e pontos de ônibus, entre outros.

As experiências em diferentes níveis de reforma na política de drogas —da descriminalização à regulação— têm modelos adaptados, mas são, em geral, particulares. Cada país experimenta essas mudanças de formas diferentes.

O uso e a aquisição de maconha na Jamaica, por exemplo, são legalizados para o rastafarianismo, bem como para uso médico. O restante do público que for pego na condição de usuário (porte até 56,7 gramas ou de até cinco plantas em casa) fica sujeito a multa de 500 dólares jamaicanos (pouco mais de R$ 17).

Já a Tailândia viu seu mercado canábico mirar cifras bilionárias há cerca de dois anos após uma legalização do uso recreativo por meio da retirada da droga de uma lista de substâncias controladas, mas deve voltar a restringir o uso ao medicinal.

As categorias como descriminalização ou legalização podem significar coisas diferentes. Na Holanda, por exemplo, há uma descriminalização informal, com a tolerância do consumo de maconha em espaços públicos e o comércio da droga nos chamados "coffee shops" —abastecidos de forma ilegal— famosos em Amsterdã.

Nos Estados Unidos, maconha ainda é ilegal sob a lei federal, mas 24 estados e Washington, D.C. (Distrito de Columbia, semelhante ao Distrito Federal no Brasil) legalizaram o uso recreativo da droga.

Em geral, o uso é proibido ou dificultado em espaços públicos movimentados ou perto de menores de idade, e as plantas cultivadas devem ser mantidas fora da visão de terceiros. O delivery é comum, mas pode ser proibido, a exemplo da lei do Maine, nas "drug free zones" (áreas livres de drogas), como os arredores de escolas.

Nevada proíbe o uso público e só permite o plantio se o interessado residir a 40,2 quilômetros da loja mais próxima. Já em Vermont, onde também é proibido fumar fora de casa, a lei permite o cultivo simultâneo de até seis plantas, desde que apenas duas estejam maduras. Em Michigan, é possível cultivar até 12 plantas, comprar até 70,8 gramas e guardar até 283 gramas em casa, mas o porte permitido é de, no máximo, 15 gramas.

Já em Washington e Illinois, o cultivo para uso não medicinal continua proibido, mesmo com a legalização da maconha para fins recreativos.

Estados também podem definir quantidades de acordo com o produto final, como é o caso de Nova Jersey. É permitido, em cada transação, adquirir 28,35 gramas da flor seca, quatro gramas de concentrados em resina ou seu equivalente em líquido ou óleo para vapes, ou dez pacotes de 100 mg de balas.

Em Nova York, é permitido usar maconha onde se usa tabaco, segundo o governo estadual, e fica vetado o uso dentro de veículos, restaurantes (e seus pátios), propriedade federal e em parques e praças, regra replicada na cidade de homônima.

Já na Califórnia, que legalizou a maconha em 2018, é proibido consumir *Cannabis* em locais públicos, assim como em Massachusetts e no Colorado, que legalizou o uso recreativo em 2012. Conhecido pelo turismo nos resorts de esqui em Aspen, o estado permite que turistas comprem 28 gramas de maconha, mesma quantidade permitida aos residentes, o que é comum onde o uso recreativo é legalizado.

As diferenças entre regiões também ocorrem na Austrália, onde a maconha foi descriminalizada nos territórios da Capital, do Norte e Meridional. Na capital, também foi retirado o caráter criminal do porte de metanfetamina, anfetamina, cocaína, psilocibina, heroína, MDMA e LSD, como ocorre em outros países.

Mas quem for pego com alguma dessas drogas, mesmo com as quantidades permitidas, pode pagar multa de cem dólares australianos (R$ 370, aproximadamente) e ser direcionado a um programa de avaliação e tratamento voluntário.

Se uma pessoa estiver com três ou mais das substâncias permitidas, pode ser condenada a até seis meses de prisão. No território do Norte, quem for flagrado pode receber multa de 200 dólares australianos (R$ 740), que deve ser paga em até 28 dias para evitar uma acusação criminal.

Costumes e economia influenciam liberação de entorpecentes

SÃO PAULO Com a descriminalização do porte de maconha, o Brasil se junta a um rol de países que implementaram ao menos algum tipo de mudança sobre o uso de drogas.

Mas o mapa dessa e de medidas mais avançadas, como a legalização do uso medicinal ou recreativo de *Cannabis* e a regulação de um mercado, pode revelar o peso tanto de questões culturais e políticas quanto de econômicas.

No dia 1º, por exemplo, a Alemanha passou a permitir o funcionamento de clubes canábicos, associações que produzem e distribuem maconha entre um número limitado de membros. A modalidade funciona, segundo defensores da descriminalização de drogas, como uma maneira de o usuário acessar a droga sem apelar para o mercado ilegal —coisa que falta no Brasil.

Já no campo da redução de danos, um relatório conjunto do Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência e da Rede Europeia de Redução de Danos publicado em dezembro de 2023 apontou que as salas de consumo seguro de drogas eram ao menos cem no mundo em 2022, operando em países como Bélgica, Dinamarca, França, Grécia, Portugal, Austrália, Canadá e México.

Embora haja uma concentração aparente em países desenvolvidos de avanços na regulação do acesso a drogas e em abordagens diferentes da repressão, nações fora desse eixo também registram avanços na descriminalização, segundo Matthew Wilson, diretor de divisão do programa global de políticas de drogas da Open Society Foundations.

"O Uruguai foi o primeiro país a legalizar [*Cannabis*] no mundo, e a África do Sul acaba de aprovar uma nova regulação que permite uso e cultivo."

De acordo com Paulo Pereira, que coordena o Grupo de Pesquisas Internacionais sobre Políticas de Drogas da PUC-SP, o caminho das reformas de políticas de drogas no mundo pode indicar uma visão da extensão dos Estados sobre a vida cotidiana, mas carrega o peso de anos de proibicionismo.

"É uma hipótese, mas na periferia do sistema internacional, particularmente em Ásia e África, houve um investimento grande em criminalização das drogas e ainda não há um incentivo, como houve na Tailândia, para que a *Cannabis* tenha expressão política e econômica." **LL**

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Cientista destacou-se em trabalhos sobre física nuclear

THEREZA BORELLO-LEWIN (1941 - 2024)

Mauren Luc

CURITIBA Nascida em uma família de físicos, Thereza Borello-Lewin foi um dos grandes nomes da física nuclear no Brasil. Graduada em física pela USP, em 1963, chegou à livre-docência do Departamento de Física Experimental do Instituto de Física da instituição, conquistando destaque por seus trabalhos sobre espectroscopia nuclear.

Em nota, a SBF (Sociedade Brasileira de Física) lamentou a morte da cientista, responsável pelo Laboratório de Emulsões Nucleares e Outras Técnicas, com trabalhos de inserção internacional. Em colaboração com a Universidade de Tóquio, desenvolveu estudos de interações nucleares de altíssima energia, produzidas pela radiação cósmica e detectadas em câmaras de emulsões fotográficas (CEFC).

Thereza participou da criação de uma nova experiência no laboratório Pelletron, com a instalação de um espectrógrafo magnético tipo Enge, que se tornou o centro de sua pesquisa em espectroscopia nuclear, lembrou a SBF.

O Instituto de Física da USP ressaltou a história de Thereza com a universidade: foram 60 anos de dedicação.

"Como professora, orientadora, cientista e administradora foi sempre querida e respeitada. Thereza era séria, competente e tinha princípios rígidos, mas estava sempre disposta a ouvir e considerar outros argumentos. Durante sua vida, sempre manteve uma posição rigorosa e nunca deixou de batalhar pelas causas que considerava importantes, a ciência entre elas", descreveu o amigo e também cientista Otaviano Helene.

Ele recorda que muitos dos pesquisadores que hoje compõem o instituto de física, inclusive docentes, foram alunos de Thereza.

Em seu doutorado, ela foi orientada pelo físico brasileiro Ernst Hamburger, que desenvolveu trabalhos inovadores sobre a organização dos núcleos dos átomos, reconhecido mundialmente. Com ele, realizou pesquisas sobre reações e estruturas nucleares, dando importante contribuição para o desenvolvimento da física nuclear no país.

"Nos orgulhávamos de sermos mulheres na física, e Thereza se preocupava com tudo, era muito dedicada ao ensino e à academia", recorda a amiga e física Lighia Matsushigue.

Marcos Alexandre, que auxiliou Thereza nos últimos anos, conta que a USP era para ela a sua segunda casa, da qual falava com orgulho e sentia falta. "Ela viveu em busca de conhecimento, com o propósito de passar aos seus alunos."

Thereza morreu em 28 de maio, aos 82 anos, de infarto. Deixa o marido e grande contribuição à educação acadêmica e à física nuclear no Brasil.

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo: tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (19h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.



Adams Carvalho

O canalha no tanquinho de areia

O problema é que o tanquinho de areia nos segue pelo resto da vida, e nem sempre estamos do lado certo

Antonio Prata
Escritor e roteirista, autor de "Por Quem as Panelas Batem"

Lembro muito da infância. Não só de fatos, histórias que vez por outra são projetados na tela da consciência, feito curtas de super 8. Trago também opiniões formadas aos dois, quatro ou seis anos que seguem intocadas —e, também, vez por outra, são trazidas à baila.

Como um Muro de Berlim, o alambrado cindia o pátio da escola e o tanque de areia em dois. Do meu lado, as crianças de um a quatro anos. Do lado de lá, os mais velhos, dos cinco aos sete —quase adultos, aos meus olhos. Estava num recreio. Fui cavoucando, cavoucando, cavoucando, até que a minha pá (de plástico, branca, lembro bem) caiu pra lá do alambrado. Um menino mais velho, chamado Lucas Amadeu, viu. Viu que eu vi. Me olhou nos olhos. Pegou a minha pá e saiu andando. Aí está um mau caráter, pensei — e nunca me esqueci.

Trinta anos depois, reencontrei o Lucas Amadeu, num bar. "Oi". "Lembra de mim?". "Estudamos juntos". "Pois é". "Olha só". Papo vai, papo vem, ele me disse que tinha feito engenharia e trabalhava em alguma coisa no mercado financeiro. Todo feliz, usando termos complexos como "alavancagem", "hedge funds" e "subprimes", explicou, basicamente, que ganhava a vida pegando as pás que caíam dos menores e metendo-as no bolso.

Não me entendam mal. Tenho amigos queridos do mercado financeiro, que inclusive me ajudam com dicas de como cuidar das modestas pazinhas que tento juntar, ao longo da vida. A história é mais sobre o operador do que sobre o sistema. Meu ponto é: o canalha não se revela só num incêndio ou na invasão da Normandia, o canalha se revela no tanquinho. O problema, meus amigos, é que o tanquinho de areia nos segue pelo resto da vida —e nem sempre estamos do lado certo.

Tive a sorte de ter dois pais. Meu pai biológico e meu padrasto, um grande cara que teve o azar de padecer de uma doença terrível. Em seus últimos anos, foi necessário criar um esquema caríssimo com cuidadores, enfermeiros e uma cornucópia de profissionais que custavam muito mais do que podíamos pagar. Antes que tivéssemos tempo de pedir ajuda, uma turma pequena, porém fiel, de amigos e familiares, nos escreveu oferecendo suporte. Por quatro anos eles depositaram, sem falta, todo mês, parte do dinheiro de que precisávamos.

Corta pra uma festa, anos depois. Uma feijoada. Tem uma fila. Tô ali, conversando com uma diretora de TV com a qual estou trabalhando. Chega atrás de mim uma amiga da minha mãe, integrante de primeira hora da vaquinha. Ela está sozinha e vejo, com o canto do olho, que me observa. A diretora me conta, porém, empolgada, alguma coisa de seu novo programa. Eu preciso interrompê-la. Virar pro lado. Dizer "oi, fulana, essa é sicrana. Oi, sicrana, essa é fulana". Puxar um assunto que as una. Fazer a mediação.

É a pá caindo do meu lado do alambrado. Eu vejo a pá. Vejo, pela visão periférica, a dona da pá, me pedindo para tomar uma atitude. A diretora segue falando. Tá quase chegando a nossa vez de nos servir da feijoada. É o cara à minha frente terminar de colocar arroz e pronto. Pronto. Ele se serve. Chega a minha vez. Deixo a pá ali, caída, do meu lado do alambrado.

| DOM. Antonio Prata | SEG. Marcia Castro, **Giovana Madalosso** | TER. Vera Iaconelli | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

INÊS 249

ilustrada



Os autores Henry Louis Gate Jr., à esquerda, e Jamaica Kincaid, à direita, em mesa na Feira do Livro Rafaela Araújo/Folhapress

Com Nobel na plateia, Feira do Livro analisa a literatura negra

Sábado destacou debate com Henry Louis Gates Jr. e Jamaica Kincaid, visto pelo escritor nigeriano Wole Soyinka

Bárbara Blum e Walter Porto

SÃO PAULO Neste sábado, a mesa que reuniria os professores Jamaica Kincaid e Henry Louis Gates Jr., dois dos convidados internacionais mais esperados da Feira do Livro, teve uma outra presença ilustre, mas na primeira fila da plateia: o nigeriano Wole Soyinka, vencedor do Nobel de Literatura em 1986.

O autor se sentou entre Luiz e Lilia Schwarcz, fundadores da Companhia das Letras, que passa a publicar a obra do nigeriano em setembro.

Soyinka estava na Feira disfarçado com óculos escuros e chapéu de pescador. Escolheu ver uma mesa que reunia uma das principais romancistas negras em língua inglesa, cotada para o Nobel, e um crítico literário que foi seu aluno.

Gates elogiou sua amiga e colega de palco —autora de obras pungentes como "Autobiografia da Minha Mãe" e "Annie John"— como uma revolucionária insubmissa. "Temos dois inimigos na frente: um são as pessoas que escrevem justificativas para escravidão, o velho racismo antinegro que ainda está vivo", disse. "E o segundo inimigo está dentro do nosso grupo racial, dizendo que, se escrever de determinada forma, você 'está envergonhando a raça'."

Kincaid lembrou que durante sua infância não entendia bem o conceito de racismo, tendo vindo de um lugar —Antigua e Barbuda, no Caribe— onde a maioria das pessoas não era branca. "Hoje entendo o racismo, mas eu achava que as pessoas eram só mal-educadas. Então continuei escrevendo sobre minha família e o colonialismo."

"Ela nunca identifica os personagens negros, apenas os descreve como personagens. Em outras palavras, a negritude está implícita, e isso não é verdade para nenhum escritor branco", afirmou Gates sobre a obra de Kincaid.

Já a mesa que encerrou o dia reforçou que é essencial falar da ditadura militar para evitar desvirtuamentos da história. "O bolsonarismo é um saudosismo que diz que a ditadura tinha paz, progresso, liberdade", disse o escritor Marcelo Rubens Paiva, autor de "Feliz Ano Velho".

A mediadora do debate, a jornalista Patrícia Campos Mello, da **Folha**, comentou a "dissonância cognitiva" que faz parte expressiva dos bolsonaristas afirmarem que o Brasil vive hoje numa ditadura.

"É obrigação de jornalistas, escritores, produtores de cinema, da cultura, tocar nesse assunto o tempo todo", arrematou o escritor, cujo pai, o deputado Rubens Paiva, foi assassinado pelos militares.

Foi por esse senso de dever que o historiador Luiz Felipe de Alencastro, com quem ele dividiu a mesa, topou reeditar textos escritos naquela época sob o pseudônimo de Julia Juruna, em "Despotismo Tropical".

Mais cedo, o palco recebeu a escritora e cineasta argentina Camila Fabbri para falar do livro "O Dia em que Apagaram a Luz", sobre uma tragédia parecida com a da boate Kiss que aconteceu em Buenos Aires em 2004.

Ela diz que não se vê escrevendo um livro sobre os anos Javier Milei, presidente de extrema direita eleito na Argentina, mas que o político vai impulsionar a boa literatura no país com as respostas à sua hostilidade contra a cultura.

A mesma tenda recebeu a autora paulistana Lilia Guerra, de "O Céu para os Bastardos". Ela, que vive em Cidade Tiradentes, na zona leste de São Paulo, reconheceu que seus vizinhos talvez não sejam seus leitores. Mas diz querer pavimentar caminho para que se tornem futuros leitores, mesmo que não dos seus livros.

Já a presença da autora Ruth Rocha, de 93 anos, responsável por inserir gerações no mundo dos livros, também agitou o evento. Antes do horário para uma sessão de autógrafos, já se formava uma fila de adultos e crianças. Ruth chegou de cadeira de rodas e logo foi atacada por beijos e abraços, que continuaram até que ela levantou da cadeira.

Mais tarde, uma fila com alguns rostos conhecidos do jornalismo se formou para o pré-lançamento da reedição de "O Gosto da Guerra", de José Hamilton Ribeiro. O livro reúne o relato o clássico da guerra do Vietnã de 1969 e outras reportagens publicadas na revista Realidade, que circulou de 1966 a 1976 sob a asa da Abril.

Ribeiro tem uma carreira jornalística de sete décadas, mesmo número de prêmios Esso que recebeu. Foi no Vietnã que sofreu o acidente que custou sua perna esquerda.

A Feira do Livro segue até este domingo com nomes como Geni Núñez e Vera Iaconelli.

equilíbrio

Após relacionamento aberto, casais fecham relação por reconexão

Respeito e comunicação clara entre ambas as partes é o mais importante para não gerar conflitos, dizem especialistas

SÉRIES FOLHA
É TUDO AMOR

Vitória Macedo

SÃO PAULO Muitos casais discutem sobre abrir relacionamentos e deixar que ambas as partes se relacionem afetivamente com outras pessoas. Mas o caminho inverso, ou seja, tornar a relação monogâmica, também é uma realidade que, para alguns, serve para reaproximar um ao outro.

Com a oraculista Lorena Gomes, 30, e o publicitário Gustavo Blosfeld, 33, foi isso o que aconteceu. Eles se conheceram em 2019 pelo Instagram e, na época, Gustavo tinha acabado de terminar um namoro de oito anos —por isso, não queria se estabilizar em um relacionamento. "Mas a gente gostava da companhia um do outro, então sempre ficávamos tentando entender esse ponto", diz ele.

A sugestão de terem um relacionamento aberto foi de Lorena. "Eu sempre vi o amor nessa perspectiva da liberdade", diz ela, que teve uma experiência malsucedida. "Eu era muito imatura, acho que a moça também. A gente não tinha muita segurança no que estava fazendo", diz.

"De maneira geral, o que está acontecendo com muita frequência, é uma das partes propor a abertura da relação. Ou seja, cada um transar com quem quiser. Mas, dentro disso, existem nuances", afirma Regina Navarro Lins, psicanalista e autora do livro "Novas Formas de Amar".

Não existem parâmetros exatos para saber qual é a melhor forma de manter uma relação aberta, afirma a especialista. Mas algumas regras vão se impondo. Para Lorena e Gustavo, elas eram poucas: ser sincero e responsável com todos os envolvidos e não dormir fora de casa —essa última considerada "praticamente inconcebível" por eles.

É comum relacionamentos abertos terem alguns acordos, mas isso também ocorre em relações monogâmicas. "Acontece que a regra já vem pronta e já está em prática. A diferença é que você não as questiona", afirma Filipe Starling, psicólogo clínico, terapeuta de casal e autor do livro "Não-Monogamia Responsável: Abrindo a Relação Com o Cuidado Que Ela Merece".

As relações que Lorena e Gustavo tinham fora do namoro eram casuais, mas já aconteceu de ela se apaixonar por outra pessoa, que no fim não quis permanecer no meio dos dois. Enquanto ela sofria, Gustavo ficou ao seu lado o tempo inteiro, consolando a namorada. Ele diz que as pessoas ficam abismadas quando ele conta essa história.

"Nós todos fomos aprendemos a acreditar que quem ama não tem interesse por mais ninguém. Porque o amor romântico prega isso. As pessoas são obcecadas por essa história de exclusividade", diz Navarro Lins.



Nós todos fomos aprendemos a acreditar que quem ama não tem interesse por mais ninguém. Porque o amor romântico prega isso. As pessoas são obcecadas por essa história de exclusividade

Regina Navarro Lins
psicanalista

Assim como em qualquer outra relação, os dois enfrentavam desafios. Para Lorena, a pior parte era ver seu companheiro se relacionar com alguém com muita intimidade e fazer falta. Esse foi um dos motivos que os levaram a fechar a relação. "Foi chegando um momento em que o Gu disponibilizava tesão, desejo e humor para outras pessoas e em casa eu ficava só com os problemas, com a parte complexa dele", diz ela.

Os dois vivem praticamente casados e possuem obrigações e responsabilidades em comum. "Não é uma questão de carência, longe disso, mas de companheirismo", afirma.

Em meados de 2023, ela sugeriu que eles se relacionassem só entre si. A decisão imediata não foi terminar e sim fechar a relação. O casal afirma que tem funcionado.

No início, porém, não era consenso. "Eu me senti injustiçado, ao mesmo tempo que eu sabia que realmente precisava [fechar a relação]. Aquilo tinha se tornado um hábito", diz Gustavo. Eles dizem que a decisão foi importante para se reconectarem.

O analista de marketing Vinicius Aleixo, 32, e o seu namorado também resolveram fechar a relação a partir do momento em que ambos estavam se chateando. "Não era motivo de grandes brigas, mas a gente estava constantemente machucando um ao outro, ou deixando o outro desconfortável, ou o outro triste e, não estava valendo a pena machucar uma pessoa com essa situação para viver essa dita 'liberdade'", diz.

Ele e o namorado se conheceram no Réveillon de 2021 para 2022 e, por morarem em cidades diferentes, se viam pouco nos primeiros meses. Até que, um ano depois, eles começaram a se ver com mais frequência, iam para festas e ficavam com outras pessoas também. Assim permaneceram por cinco meses, até que a coisa ficou séria no ano passado. "Quando começamos a namorar, a gente meio que seguiu o fluxo do que já estava acontecendo, então o nosso relacionamento já começou aberto", afirma.

A ideia de fechar foi um consenso entre os dois. "Com o amadurecimento da nossa relação e a gente pensando em conquistar coisas maiores, em morar junto, já não era mais uma preocupação que a gente queria ter, porque acabou virando uma preocupação de ambos os lados", diz Vinicius.

Starling afirma ser comum perguntarem por que, então, a pessoa não fica solteira e tem a sua liberdade garantida. Mas, para ele, esse não é o ponto. "O problema não é ser monogâmico, o problema é a monogamia imposta. Ninguém te pergunta se isso vai ser bom para você", diz.

Por outro lado, Navarro Lins pensa que esse movimento de fechar o relacionamento pode não dar muito certo. "A impressão que eu tenho é que não funciona. Quando as pessoas propõem isso é por medo de perder o outro, de acabar a relação e por aí vai."

Para Lorena, um relacionamento não tem uma fórmula única e não é linear, por isso resolveu tentar outra configuração com seu parceiro. "As pessoas podem ser o que quiserem dentro da relação, desde que elas se respeitem, se organizem e cuidem uma da outra. Se vai beijar alguém, transar com alguém, isso é tão pequeno perto do que a vida é e pode ser", diz.

"O que é mais importante numa relação é que as pessoas estejam juntas, não por necessidade, mas pelo prazer da companhia. Que as pessoas tenham uma visão de mundo semelhante e, principalmente, que respeitem a individualidade do outro", diz Navarro Lins.



Lorena Gomes e Gustavo Blosfeld decidiram tornar o namoro monogâmico Adriano Vizoni/Folhapress

INÊS 249

Com grandes descobertas, Lattes virou celebridade

Nascimento do físico curitibano completa cem anos na próxima quinta (11)

Salvador Nogueira

SÃO PAULO Prótons e nêutrons formam o núcleo atômico, como quase todo mundo sabe. Mas o que permite que vários prótons, todos com carga positiva e, portanto, repulsivos uns aos outros, se juntem para formar átomos? E por que esses agregados simplesmente não explodem e desmancham numa fração de segundo?

Coube ao brasileiro César Lattes, cujo nascimento completa cem anos na próxima quinta (11), descobrir a "cola" que supera a repulsão eletromagnética e, com isso, permite a existência da matéria como a conhecemos.

O achado ocorreu em 1947, 12 anos após o pesquisador japonês Hideki Yukawa formular uma teoria de como uma partícula, até então jamais observada, poderia ser emitida e absorvida por prótons e nêutrons e com isso criar uma ligação de curto alcance entre eles que seria muito mais poderosa que a repulsão dos prótons, capaz de dar estabilidade aos núcleos atômicos.

Yukawa calculou que a massa dessa hipotética partícula seria maior que a dos elétrons (partículas negativas que circundam o núcleo atômico), mas menor que a dos prótons. Por ter essa massa intermediária, a partícula acabou recebendo o nome de "méson".

Não tardou para que dois cientistas encontrassem o que parecia ser o tal. Estudando chuveiros de raios cósmicos (partículas geradas nas profundezas do espaço que mergulham atmosfera adentro e podem ser detectadas na Terra), Carl Anderson e Seth Neddermeyer encontraram em 1937 uma candidata, mas que acabou se revelando ser a partícula que hoje chamamos de múon, uma versão mais pesada do elétron.

Para descobri-la, a capacidade de análise das partículas dos raios cósmicos teria de melhorar. É onde César Lattes entra na história.

Durante seu doutoramento na Universidade de Bristol, no Reino Unido, nos anos 1940, Lattes trabalhou sob a direção do britânico Cecil Frank Powell no desenvolvimento de uma técnica que envolvia registrar a ação de raios cósmicos em emulsões fotográficas, expostas em grandes altitudes. Quanto maior, mais rarefeito o ar; a ideia era ter o mínimo de interação possível entre os raios cósmicos e a atmosfera antes que eles chegassem ao detector.

Lattes teve a ideia de modificar a substância que compunha as emulsões, o que aumentou sua sensibilidade e permitiu que as trajetórias de partículas não se apagassem tão rápido com o tempo. Expondo as emulsões aos cerca de 2.800 m de altitude do Pic du Midi, nos Pirineus franceses, o grupo encontrou mais traços do múon, o méson já conhecido desde a década anterior. Além deles, dois dos sinais detectados pareciam vir de outra partícula, que parecia diminuir de velocidade até parar e então disparar uma nova, similar ao múon.

Eram poucos sinais para uma descoberta, o que levou Lattes a viajar até o pico Chacaltaya, na Bolívia, a 5.500 m de altitude, para expor mais emulsões. Nelas, os pesquisadores detectaram cerca de 30 rastros de mésons duplos e puderam constatar que de fato havia duas partículas diferentes, cada uma com sua massa específica. A antiga, conhecida desde 1936, ganhou o nome de méson mi (hoje múon). A nova, méson pi (hoje píon).

Lattes desembarca no aeroporto de Congonhas, na zona sul paulistana, em 1948 Folhapress

Quando Lattes foi indicado ao Nobel de Física e por quem

1949
- **Físico Walter Hill** (1903-1987)
- **Físico James H. Bartlett** (1904 -2000)

Laureado: Hideki Yukawa

1951
- **Físico Gleb Vassielievich Wataghin** (1899-1986)

Laureados: John Douglas Cockcroft e Ernest Thomas Sinton Walton

1952
- **Físico Marcel Schein** (1902-1960)
- **Químico Leopold Ruzicka** (1887-1976)

Laureados: Felix Bloch e Edward Mills Purcell

1953
- **Ruzicka**

Laureado: Frits Zernike

1954
- **Ruzicka**

Laureados: Max Born e Walther Bothe

Lattes e seus colegas descobriram que a nova partícula, mais pesada, se desintegrava e dava origem à já conhecida, mais leve. Estudos posteriores mostrariam que o achado se encaixava na hipótese original de Yukawa, explicando assim como os núcleos atômicos poderiam ser estáveis.

"Com apenas 23 anos, Lattes ganhou fama internacional", diz Rogério Rosenfeld, físico e professor da Unesp (Universidade Estadual Paulista). Ele revela que optou por iniciar a graduação em física na Unicamp em 1979, entre outras coisas, pela presença de Lattes em seu corpo docente.

A detecção do méson pi foi reportada em artigo publicado na revista científica britânica Nature em 24 de maio de 1947, tendo Lattes como primeiro autor (o que costuma indicar quem deu a maior contribuição ao trabalho específico) e Cecil Powell como último (posição usualmente dada ao pesquisador sênior, responsável pela equipe).

Em rápida sucessão, haveria dois prêmios Nobel em Física associados à descoberta: o primeiro em 1949, concedido a Yukawa, pela previsão teórica do méson pi, e o segundo a Cecil Powell, líder da equipe de Bristol, pela detecção da partícula, em 1950. Poderia ter sido aquele o primeiro Nobel brasileiro, caso Lattes tivesse sido incluído na escolha da Academia Real de Ciências da Suécia —o que provavelmente seria merecido, já que foram suas contribuições e inovações técnicas que viabilizaram o trabalho. Mas não aconteceu.

Para além da descoberta do méson pi, o achado inaugurou uma nova era no estudo de partículas subatômicas —e não somente a partir dos raios cósmicos.

Em 1948, apenas um ano após a descoberta do méson pi, Lattes faria uma segunda grande descoberta, ao aplicar suas técnicas com emulsões fotográficas a aceleradores de partículas.

Na ocasião, a Universidade da Califórnia em Berkeley abrigava o maior acelerador de partículas do mundo, com o qual os pesquisadores americanos esperavam promover colisões de partículas conhecidas para produzir artificialmente outras, potencialmente desconhecidas —basicamente o mesmo método que é empregado até hoje em instalações de ponta como o LHC (Grande Colisor de Hádrons), do Cern (centro europeu para física de partículas), na divisa entre a França e a Suíça.

Ocorre que os americanos estavam tendo pouco sucesso nas detecções. Lattes então foi para lá transportando algumas de suas emulsões modificadas. Trabalhando em parceria com o americano Eugene Gardner, ele rapidamente detectou rastros de mésons a partir das colisões do acelerador —foi a primeira detecção de píons produzidos de forma artificial, em laboratório. "Na verdade, inaugurou-se ali a época do estudo de partículas elementares em acelerado-res", diz Rosenfeld.

Hoje, graças à capacidade cada vez mais aguçada para detectar partículas, o zoológico subnuclear já tem uma quantidade significativa de espécimes. Eles foram agrupados em um arcabouço teórico, baseado na mecânica quântica, que abarca todas as formas conhecidas de matéria e energia: o modelo padrão da física de partículas.

Sabemos, por exemplo, que o píon (o velho méson pi de Lattes) é composto de um quark e um antiquark, e os quarks, por sua vez, juntam-se em trios para formar os prótons e nêutrons. A última peça desse grande quebra-cabeças a ser descoberta foi o bóson de Higgs, cuja existência foi confirmada pelo LHC em 2012.

Mas os cientistas seguem à procura de novidades, além do modelo padrão, e para isso continuam a projetar e testar novos métodos e aparatos experimentais para decifrar as entranhas da matéria por meio de raios cósmicos e aceleradores de partículas —mostrando que o espírito de Lattes segue vivo e bem representado na física, mesmo cem anos após seu nascimento.

A linha imaginária das drogas

Pensamento mágico incrustado na legislação sobre essas substâncias precisa ser substituído pelo conhecimento científico

Reinaldo José Lopes

Jornalista especializado em biologia e arqueologia, autor de "1499: O Brasil Antes de Cabral"

Definitivamente não sou a pessoa mais experiente do mundo quando o assunto são "entorpecentes" (leia a palavra entre aspas com voz de apresentador de programa sensacionalista, por gentileza). Não bebo álcool. Não fumo cigarros, cachimbos ou charutos de qualquer natureza. Cogumelos? Só os que podem ser colocados na pizza ou no estrogonofe. No ramo dos estados alterados de consciência, as únicas coisas que consumo são chocolate, catolicismo e romances de fantasia.

Não escrevo isso para me vangloriar. É bastante possível que alguém tenha esquecido de instalar o aplicativo da busca por sensações insólitas no meu cérebro antes de ele sair da fábrica, e pronto. Só resolvi listar de antemão todas as substâncias psicoativas que não aprecio porque sou incapaz de compreender, mesmo assim, por que tanta gente se descabela diante da tímida decisão do STF sobre o consumo de maconha, ou sobre o tema da descriminalização do consumo de drogas, de forma mais geral.

É, eu sei que estamos diante do Congresso mais conservador a ser eleito no país desde o Segundo Reinado (para não falar da população que o escolheu). Mas tentemos raciocinar juntos.

O que todas as drogas têm em comum é, conforme mencionei no primeiro parágrafo, a capacidade de produzir estados alterados de consciência por meio de seus efeitos no cérebro. É por isso que todas as culturas humanas sempre usaram substâncias desse tipo, pelo que sabemos. Acho que ninguém vai discordar disso, certo?

O próximo passo lógico é o seguinte: não existe nenhuma razão objetiva para supor que drogas de consumo legalizado (e tributado), como o álcool e o tabaco, sejam intrinsecamente "mais seguras" para consumo do que todas as demais. Não foi esse o critério que fez delas drogas "lícitas", enquanto todas as demais seriam ilícitas por natureza, por decreto divino concedido no monte Sinai ou coisa que o valha. O critério foi pura e simplesmente cultural e histórico.

É possível que o álcool, digamos, cause menos dependência, menos danos aos neurônios e menos risco de desencadear doenças mentais do que drogas proibidas por lei? Talvez, mas isso é algo a ser determinado caso a caso, por uma comparação criteriosa, e não por um tabu cultural que traça uma linha imaginária entre um tipo de droga e o outro.

Uma vez feita essa comparação, é um bocado provável que a droga "lícita" exceda, em seus efeitos nocivos, ao menos algumas substâncias hoje proibidas. Basta pensar na letalidade da mistura álcool + veículos automotivos.

A pergunta inevitável que viria depois disso é: e aí? Algum congressista teria coragem de defender a proibição completa da venda de bebidas alcoólicas em território nacional, como os EUA tentaram fazer no começo do século 20? Se a resposta for "não", o que impede que drogas de "periculosidade" similar à do álcool sejam igualmente legalizadas além de, mais uma vez, mero tabu?

Note que eu nem toquei nos dilemas sobre liberdades individuais versus custos sobre o sistema de saúde, a viabilidade de barrar venda e consumo por meio da repressão etc. —até porque tem gente muito mais qualificada para abordar essas variáveis.

Mesmo sem levar tudo isso em conta, o fato é que a legislação brasileira de hoje divide os tipos de drogas com base em pouco mais do que pensamento mágico. Se a intenção é realmente proteger a saúde pública, os direitos dos cidadãos e evitar injustiças, trata-se de uma base extremamente frágil, que precisa ser substituída pelo que realmente sabemos a respeito dos efeitos de cada substância.

[...]

Não existe razão objetiva para supor que drogas de consumo legalizado (e tributado), como o álcool e o tabaco, sejam intrinsecamente 'mais seguras'

| **DOM.** Reinaldo José Lopes, **Marcelo Leite**

INÊS 249

esporte

Derrota por 7 a 1 fragilizou técnicos veteranos do Brasil

Dez anos após a Copa de 2014, treinadores ainda sentem os seus reflexos

Luciano Trindade

SÃO PAULO Um dia após a seleção brasileira ter vivenciado o maior vexame de sua história, o técnico Luiz Felipe Scolari afirmou que não sabia explicar a derrota por 7 a 1 para Alemanha, nas semifinais da Copa do Mundo de 2014.

Ao convocar a imprensa para dar explicações, apresentou como principal argumento que o time sofreu um "apagão" de cerca de seis minutos, período no qual o rival europeu marcou quatro gols. Munido de uma série de estatísticas do jogo e até de partidas anteriores ao Mundial, realizado no Brasil, tentou defender seu trabalho, dizendo que "não foi todo ruim".

Era difícil, no entanto, argumentar diante do placar hediondo, do massacre sofrido dentro de casa.

Daquele momento para a frente, veio à tona uma série de questionamentos. A respeito dos métodos de Felipão, que contava 65 anos, e também sobre os de outros treinadores de sua geração, tidos como ultrapassados.

"Aquele resultado foi realmente um marco divisório no futebol brasileiro. A partir dali, achou-se que tudo o que se fazia aqui não prestava", disse à Folha Geninho, 76, técnico contemporâneo de Felipão.

Dez anos após o vexame do dia 8 de julho, no Mineirão, os reflexos desse processo ainda são visíveis. Primeiro, houve uma onda de apostas em jovens treinadores. Em seguida, a solução foi buscar profissionais no exterior.

A primeira moda ganhou força pelo sucesso de Fábio Carille, em seu início de carreira no Corinthians. Com ele, que foi campeão brasileiro (2017) e tricampeão paulista (2017, 2018 e 2019) e hoje tem 50 anos, veio a leva dos "jovens, modernos e estudiosos".

Despontaram nessa época nomes como Jair Ventura, que hoje tem 45 anos, Zé Ricardo, 53, Roger Machado, 49, Thiago Larghi, 43, Rogério Ceni, 51, Mauricio Barbieri, 42, Tiago Nunes, 44, Osmar Loss, 49, Odair Hellmann, 47, e Fernando Diniz, 50, que tiveram em suas mãos logo no início de carreira a chance de comandar times grandes.

Todos ainda estão na ativa. Alguns, como Ceni, Nunes e Diniz, conquistaram títulos importantes, porém, de maneira mais ampla, não houve a revolução que se imaginava.



Luiz Felipe Scolari não tem grandes recordações da Copa do Mundo de 2014, realizada no Brasil Ueslei Marcelino - 12.jul.14/Reuters

E o que até então era exceção se tornou recorrente: a contratação de estrangeiros. Nesse caso, o impulso para a onda crescer foi o sucesso de Jorge Jesus, que atualmente tem 69 anos, no Flamengo.

O português teve o mérito de adaptar as ideias originárias da Europa ao estilo dos atletas brasileiros. A fórmula resultou na quebra de uma espécie de dogma, o de que uma equipe não conseguiria brigar em condições iguais no Brasileiro e na Copa Libertadores. Em 2019, o time rubro-negro levou os dois troféus.

Jesus abriu a porta especialmente para outros portugueses. A maioria não teve o mesmo sucesso, mas Abel Ferreira, hoje com 45 anos, chegou ao Palmeiras e conseguiu até superar o compatriota. Com dez títulos desde 2020, tornou-se o treinador mais vencedor da história alviverde.

Apesar das tentativas que não deram certo, buscar um profissional do exterior continua sendo a primeira opção dos dirigentes. No Campeonato Brasileiro de 2023, por exemplo, pela primeira vez na história, havia mais técnicos estrangeiros do que brasileiros durante um período longo da competição, que se estendeu até o fim do primeiro turno, quando 65% dos profissionais —13 dos 20— não eram nascidos no Brasil.

"O Brasil tem uma tendência de apostar na moda e na repercussão. O Brasil não contrata técnico por ideia", afirmou o jornalista Paulo Vinicius Coelho. "Tem uma legião de técnicos [estrangeiros] que não deram certo", acrescentou PVC, lembrando que o recurso não chega a ser uma novidade: "O Brasil tem técnicos estrangeiros no futebol brasileiro desde a década de 1910 e por todas as décadas até hoje".

De qualquer maneira, começou a ganhar força nos últimos anos uma possibilidade que antes parecia distante: a contratação de um técnico de fora para comandar a seleção brasileira.

O espanhol Pep Guardiola, 53, era o sonho da CBF (Confederação Brasileira de Futebol), mas a entidade avançou mesmo em uma negociação com o italiano Carlo Ancelotti, 65, também prestigiado. Ou disse que avançou.

Ednaldo Rodrigues, presidente da CBF, estava tão confiante na contratação que dava como certa a chegada do técnico do Real Madrid. A ponto de contratar Fernando Diniz, então no Fluminense, como interino para esperar quase um ano pelo encerramento do vínculo de Ancelotti com o time espanhol. Mas, no fim,o italiano renovou com o Real.

Diniz, que de interino passou a ser tratado como efetivo, acabou caindo depois da péssima sequência de resultados do Brasil nas Eliminatórias. Para seu lugar, a CBF desistiu de um estrangeiro e contratou Dorival Júnior, 62.

É Dorival no momento quem tem a responsabilidade de resgatar a identidade do futebol brasileiro, perdida desde a conquista de sua última Copa do Mundo, em 2002, um fato que Felipão sempre gosta de lembrar.

"Se perdi sozinho a Copa de 2014, ganhei sozinho a Copa de 2002", declarou.

Felipão pode dizer também que teve triunfos relevantes após o 7 a 1, algo que outros ilustres membros da velha guarda, como Vanderlei Luxemburgo, 72, não alcançaram. Após o adeus à seleção, ele teve passagem vitoriosa pelo futebol chinês, voltou a comandar equipes brasileiras de ponta e ganhou o Brasileiro de 2018 pelo Palmeiras.

Seu trabalho mais recente foi no Atlético Mineiro, de onde acabou desligado em março deste ano após um início de temporada ruim.

Nos pênaltis, Brasil é eliminado da Copa América pelo Uruguai

URUGUAI 0 (4)
BRASIL 0 (2)

SÃO PAULO O Brasil perdeu para o Uruguai nos pênaltis na noite deste sábado (6), em Las Vegas, e está eliminado da Copa América. A partida valia pelas quartas de final do torneio.

Após empate por 0 a 0 no tempo normal, os uruguaios venceram a disputa nas penalidades por 4 a 2. Éder Militão desperdiçou sua cobrança, parando no goleiro Rochet, e Douglas Luiz chutou na trave. Alisson pegou a cobrança de Giménez, do Uruguai, mas não foi suficiente.

A equipe comandada por Dorival Júnior, assim, sai da competição após uma primeira fase abaixo do esperado. Empatou por 0 a 0 com a Costa Rica na estreia, bateu o Paraguai por 4 a 1 na partida seguinte e empatou de novo, desta vez ante a Colômbia, por 1 a 1, na última rodada, e se classificou na segunda colocação de seu grupo, com 4 pontos.

Já a equipe comandada por Marcelo Bielsa chega às semifinais após uma primeira fase perfeita, com 3 vitórias em 3 partidas: 3 a 1 ante o Panamá, 5 a 0 contra a Bolívia e 1 a 0 sobre os Estados Unidos. O Uruguai agora enfrentará a Colômbia, na quarta (10), às 21h.



Alisson mergulha, mas não defende a cobrança de Valverde, do Uruguai Ethan Miller/Getty Images/AFP

O primeiro tempo foi equilibrado neste sábado, com bastante disputa de bola e poucas chances claras. Na melhor dos uruguaios, aos 34 minutos, Darwin Núñez cabeceou, sozinho, dentro da área, para fora.

O Brasil teve duas boas chances parecidas, ambas com Raphinha. Na primeira, um minuto depois do lance de Núñez, ele recebeu e ficou cara a cara com Rochet, o goleiro adversário, mas chutou em cima dele. Na segunda, já nos acréscimos da primeira etapa, quase um replay, com a diferença de que ele praticamente dividiu com o uruguaio.

O segundo tempo começou com a mesma tônica —muita briga, disputa de espaço e pouca inspiração de ambas as equipes. O Uruguai abusava dos chutes sem direção de fora da área e o Brasil pouco chegava.

Aos 27 da segunda etapa, Nahitan Nández acertou a perna de Rodrygo e foi expulso. O árbitro Darío Herrera, da Argentina, conferiu o lance no VAR antes de tomar a decisão —antes, lhe mostrara o cartão amarelo.

Mais cedo, a Colômbia — que foi a primeira colocada no grupo do Brasil— goleou o Panamá por 5 a 0 em Glendale, no Arizona. Os gols foram de Jhon Córdoba, James Rodríguez, Luis Díaz, Richard Ríos e Miguel Borja.

Na outra semifinal, a Argentina pega o Canadá, no domingo (9), às 21h, em Nova Jersey. Ambas as equipes passaram pelas quartas de final nos pênaltis. Enquanto a primeira superou o Equador, após empate por 1 a 1 no tempo normal, o segundo venceu a Venezuela, após igualdade também de 1 a 1 nos 90 minutos.

As coisas precisam ser ditas

Sinto falta na história do futebol brasileiro de três investigações profundas

Tostão

Cronista esportivo, participou como jogador das Copas de 1966 e 1970. É formado em medicina

Na segunda-feira, dia 8 de julho, os 7 a 1 completarão dez anos. Assim como não podemos esquecer a nefasta ditadura de 1964 para não repeti-la, temos de lembrar os 7 a 1 para corrigir os erros.

Em 2010, Mano Menezes era o técnico da seleção brasileira e fazia bom trabalho. Em 2012, José Maria Marin assumiu o comando da CBF no lugar de Ricardo Teixeira. Anos depois, Marin foi preso por corrupção, e aconteceria o mesmo com Ricardo Teixeira se ele saísse do país.

Mano Menezes foi despedido. Felipão foi contratado como treinador, e Parreira, como diretor técnico. Penso que as mudanças foram mais por motivos políticos e comerciais. Os investidores e parceiros da CBF queriam uma comissão técnica com mais prestígio, campeões do mundo, para inflamar o público e diminuir o desânimo que havia com a seleção após os fracassos nos Mundiais de 2006 e 2010. Além disso, havia muitos protestos nas ruas contra os problemas sociais e a corrupção, que poderiam se estender à seleção e à realização da Copa do Mundo no Brasil.

A conquista da Copa das Confederações um ano antes do Mundial, com uma vitória marcante sobre a Espanha, campeã do mundo, na final, foi uma ilusão, uma atuação heroica. Não dá para ser herói duas vezes seguidas.

Na Copa de 2014, Felipão, que teve uma carreira muito mais de sucessos do que de fracassos, repetiu tudo o que tinha feito na Copa das Confederações, só que contra adversários mais fortes, além de escalar vários jogadores que não estavam na mesma forma de um ano antes.

Nos 7 a 1, Felipão colocou vários atacantes e deixou Fernandinho sozinho no meio-campo contra muitos meio-campistas brilhantes da Alemanha. Eles comandaram o jogo, envolveram o time brasileiro, e o primeiro tempo terminou 5 a 0. Os torcedores brasileiros choravam no Mineirão.

Depois da partida, Felipão disse que foi um apagão. No dia seguinte, o diretor técnico Parreira leu uma mensagem de uma torcedora, dona Lúcia, com palavras afetivas e de solidariedade à seleção, um pedido para que as pessoas não fossem tão duras nas críticas.

Os 7 a 1 trouxeram benefícios, mas o futebol brasileiro continua refém de várias condutas ultrapassadas. Além dos gramados ruins, do péssimo calendário, dos tumultos durante as partidas e de vários outros problemas fora de campo, durante o jogo existem ainda muitos espaços entre os setores, muitas bolas longas da defesa para o ataque, muita pressa para chegar ao gol e pouca valorização do meio-campo.

Na derrota do Atlético-MG para o Flamengo, o time jogava com inúmeros atacantes e apenas Otávio no meio-campo. Na derrota do Cruzeiro para o Criciúma, o time jogava bem, tinha boas chances para virar o placar, quando o jovem treinador Seabra, que faz ótimo trabalho, trocou vários jogadores. O time ficou confuso e perdeu a chance de ganhar. Essa ansiedade de mudar é frequente nos treinadores, pressionados para vencer e para fazer substituições sempre que o time está perdendo. Nem sempre elas são necessárias.

As coisas precisam ser ditas. Sinto falta na história do futebol brasileiro de três investigações profundas, esclarecedoras. A primeira sobre quais foram os detalhes das conversações em Brasília entre o ditador Médici e membros da então CBD, que resultaram na demissão do treinador João Saldanha antes da Copa de 1970. A segunda sobre o que ocorreu com Ronaldo na véspera da final do Mundial de 1998, se ele teve uma convulsão ou um distúrbio emocional. Se foi uma convulsão, nunca poderia ter entrado em campo. A terceira é se dona Lúcia existiu.

Djokovic busca ouro para completar coleção

Inédito triunfo olímpico daria ao sérvio mais um forte argumento no debate sobre o maior da história do tênis

PARIS-2024

Marcos Guedes

SÃO PAULO Novak Djokovic sempre repete que jamais dirá sua opinião sobre qual é o maior tenista da história, "por respeito aos demais grandes do esporte". A justificativa já dá um sinal claro de qual seria a resposta, se falada em voz alta, e Novak Djokovic de fato tem ótimos argumentos para apontar Novak Djokovic em primeiro lugar.

Até o rival Rafael Nadal chegou a observar que, "no que diz respeito a títulos, Djokovic é o melhor da história, e não há muito a discutir". Os mais relevantes desses títulos são os da série Grand Slam, que reúne os quatro principais torneios do tênis: Aberto da Austrália, Aberto da França, Torneio de Wimbledon e Aberto dos Estados Unidos.

São 24 triunfos nesses torneios, contra 22 do espanhol Nadal, que vem sofrendo há anos com problemas físicos, e 20 do suíço Roger Federer, já aposentado. Novak também acumula mais taças da série Masters, a segunda mais importante: 40, contra 36 de Nadal e 28 de Federer. E ficou muito mais tempo como número um do mundo, 428 semanas —Federer tem 310, e Nadal, 209.

"Números são números, e estatísticas são estatísticas. Nesse sentido, ele tem números melhores que os meus, e isso é indiscutível", disse Nadal. O espanhol, porém, pode dizer que alcançou um feito não obtido pelo sérvio: o Career Golden Slam, isto é, uma carreira com ao menos uma vitória em cada um dos torneios da série Grand Slam e uma medalha de ouro nos Jogos Olímpicos.

Só Nadal e o norte-americano Andre Agassi, entre os homens, alcançaram o Career Golden Slam na modalidade de simples. Algo que Djokovic batalha para mudar nos Jogos Olímpicos de Paris. Com um histórico de frustrações e resultados incompatíveis com o que exibiu durante toda a sua trajetória, falta ao sérvio um triunfo olímpico.

Novak tem apenas um bronze, obtido em 2008, em Pequim, em vitória sobre o norte-americano James Blake. Desde então, não conseguiu retornar ao pódio, ainda que tenha tentado também nas duplas e nas duplas mistas, em múltiplas ocasiões. Por isso, estabeleceu a disputa na cidade de Paris como prioritária em sua temporada.

"No fim das contas, quem sabe se eu vou ter outra chance de disputar os Jogos Olímpicos?", disse o jogador, que, aos 37 anos, ainda não tem pressa para se aposentar. "Eu disse recentemente que realmente quero atuar ao menos até os Jogos Olímpicos de Los Angeles [em 2028], mas, nesta altura, você não tem como ter certeza da situação, do que vai acontecer. Vou fazer o possível para aproveitar a chance que está aí agora."

Essa chance quase deixou de existir no mês passado, quando ele sofreu uma lesão no mesmo palco que receberá o tênis nas Olimpíadas, o icônico complexo de Roland Garros. Djokovic danificou o menisco medial do joelho direito na partida contra o argentino Francisco Cerúndolo, mas, de algum jeito, conseguiu vencer por 3 sets a 2.

Os exames após o duelo apontaram um problema mais sério, que tornou necessária uma cirurgia, realizada em 6 de junho, tirou o atleta da ponta do ranking e ameaçou a continuidade de sua temporada. Ele precisou abandonar o Aberto da França nas quartas de final, mas teve uma recuperação muito rápida e está atuando no Torneio de Wimbledon, em Londres, em bom nível.

"Quanto mais jogos eu tiver, maiores serão as chances de eu me sentir confortável na movimentação, ganhando velocidade, agilidade, mudança de direção, aquela liberdade que ainda estou buscando, na verdade. Em alguns momentos, ela ainda não está lá, mas, de certa maneira, isso é esperado quando você volta de cirurgia. O corpo está tentando entender o que aconteceu", disse.

Djokovic derrotou neste sábado (6) o australiano Alexey Popyrin, 47º colocado no ranking mundial, por 3 sets a 1, com parciais de 4/6, 6/3, 6/4 e 7/6 (7/3). Mesmo ainda à procura da melhor forma, já está nas oitavas de final de mais um Slam, com apenas dois sets perdidos em três jogos. A meta, agora, é Wimbledon. Em seguida, o sonho olímpico.

"É claro que ganhar uma medalha de ouro ou qualquer medalha para meu país é um desejo, uma meta. É uma das minhas prioridades neste ano, todos sabem disso", afirmou, prevendo uma experiência "estranha" em Roland Garros. "O público será diferente, mais barulhento. As Olimpíadas são sobre isso, unir as pessoas do mundo enquanto você representa seu país."

Rafael Nadal, 38, conhece muito bem o local. Ele conquistou incríveis 14 vezes o Aberto da França e agora luta contra dores no quadril na esperança de conquistar seu segundo ouro olímpico de simples —ele venceu em Pequim, em 2008, e subiu ao topo do pódio também no Rio de Janeiro, em 2016, mas na competição de duplas.

Se vencer no saibro em que tanto já triunfou, Nadal impedirá Djokovic de alcançar o sonhado Career Golden Slam. Outro candidato a atrapalhar os planos do sérvio é o também espanhol Carlos Alcaraz, 21, que conquistou o mais recente Aberto da França, tem títulos no Aberto da Austrália e no Aberto dos Estados Unidos e espera ter uma carreira tão prolífica quanto as dos adversários da velha guarda.



Novak Djokovic voltou de lesão apresentando bom nível de tênis Andrej Isakovic - 6.jul.24/AFP



Raio-X

Nome: Novak Djokovic

Idade: 37 anos

Nascimento: Belgrado (Sérvia)

Altura: 1,88 m

Participações olímpicas: quatro (Pequim-2008, com um bronze, Londres-2012, Rio de Janeiro-2016 e Tóquio-2020)

Principais resultados não olímpicos: 24 títulos em torneios da série Grand Slam

INGLATERRA BATE A SUÍÇA NOS PÊNALTIS E AVANÇA NA EURO

Após empate por 1 a 1 no tempo normal, a Inglaterra bateu a Suíça nos pênaltis (5 a 3) na tarde deste sábado (6), em Düsseldorf, e se classificou para as semifinais da Eurocopa. Os gols da partida foram de Embolo, para os suíços, e Saka, para os ingleses. O goleiro Jordan Pickford defendeu a cobrança de Akanji e todos os demais jogadores, de ambas as equipes, converteram suas cobranças; na próxima fase, a equipe de Gareth Southgate pega a Holanda, que, também na tarde deste sábado, bateu a Turquia, de virada, por 2 a 1, em Berlim. A partida acontece na próxima quarta (10), às 16h, e o vencedor enfrenta na final quem passar na disputa entre Espanha e Holanda, que jogam na terça (9).



Adrian Dennis/AFP

Murray dá adeus a Wimbledon após dupla desitir

REUTERS Emma Raducanu, 21, desistiu das duplas mistas de Wimbledon, neste sábado (6), devido a rigidez no pulso. Assim, seu parceiro, Andy Murray, 37, não terá outra chance de entrar jogar em sua despedida do tradicional Grand Slam.

O escocês desistiu do torneio de simples antes de sua partida com o tcheco Tomas Machac, na primeira rodada, para se recuperar de uma cirurgia na coluna.

Ele já havia tido uma despedida emocionante e repleta de estrelas na quinta (4). Na ocasião, ele e o seu irmão, Jamie, perderam pela primeira rodada das duplas masculinas. Em Wimbledon, Murray conquistou dois dos seus três Grand Slams, em 2013 e 2016.

O Uruguai na vida brasileira

Do Maracanazo até hoje, não se conta a história do Brasil sem os uruguaios

Juca Kfouri

Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

*Por óbvio, o horário tardio do jogo pelas quartas de final da Copa América entre Brasil e Uruguai me impede comentar o clássico sul-americano na edição impressa desta **Folha**.*

Se o favoritismo oriental se confirma ou não na cidade norte-americana de Paradise, é assunto para depois.

Por ora, vale registrar o significado do Uruguai na história do futebol brasileiro.

A começar pelo célebre Maracanazo, quando, comandado pelo negro capitão Obdulio Varela, o Uruguai venceu a decisão de Copa do Mundo.

Bastava o empate para os brasileiros, que fizeram 1 a 0 e permitiram a virada, consumada no célebre gol do 2 a 1 de Ghiggia, aos 34 minutos do segundo tempo.

A derrota deu origem ao complexo de vira-latas de Nelson Rodrigues, ao livraço "Anatomia de uma Derrota", do escritor brasileiro Paulo Perdigão, pela L&PM, e a "Maracanã: os Labirintos do Caráter", do jornalista uruguaio Franklin Morales, pela Breve Companhia. Os dois livros são encontráveis em ebook.

Do Maracanazo, em 16 de julho de 1950, há sentenças definitivas como a de ser considerado o primeiro grande velório da história do Brasil, só comparável aos três que vieram depois —de Getúlio Vargas, em 1954, de Tancredo Neves, em 1985, e de Ayrton Senna, em 1994.

O algoz Alcides Ghiggia, sem arrogância nenhuma, um dia disse: "Só três pessoas calaram o Maracanã: eu, o papa e Frank Sinatra".

O cineasta Ugo Giorgetti, autor do célebre filme "Boleiros", é definitivo na admiração aos uruguaios e repete, sempre que pode, quase como mantra: "Respeitem os uruguaios".

Uruguaios que nos legaram escritores do porte de Eduardo Galeano, cujo livro "Futebol ao Sol e à Sombra", também pela L&PM, é clássico mundial da literatura sobre o ludopédio.

Galeano, que em épocas de Copas do Mundo, botava uma placa na porta de sua casa: "Cerrado por fútbol".

Ou como Mauricio Rosencof, 91, que escreveu "As Cartas que não Chegaram", pela Record, companheiro de Pepe Mujica, 89, este estadista exemplar, figura tão rara na política mundial como Mahatma Gandhi e Nelson Mandela.

Mujica e Rosencof são dois dos três personagens do impressionante filme "Uma Noite de 12 anos", sobre o martírio a que foram submetidos pela ditadura instalada em Montevidéu.

Isso tudo ainda sem falar dos uruguaios que enriqueceram e enriquecem o futebol brasileiro, como Mazurkiewicz (ou Rodolfo Rodríguez), Pablo Forlán, Hugo de Léon (ou Diego Lugano), Darío Pereyra e Álvaro Pereira; Nicolás de la Cruz, Dom Arrascaeta, Pedro Virgilio Rocha e Rubén Paz; Loco Abreu e Luis Suárez.

O Maracanazo, saibam a rara leitora e o raro leitor, até hoje dói mais que o 7 a 1, porque aconteceu antes de 1958, ao passo que a goleada alemã no Mineirão veio depois do pentacampeonato, com o complexo de vira-latas devidamente enterrado.

E não ache que a vitória brasileira sobre o Uruguai na semifinal da Copa do Mundo de 1970, no México, por 3 a 1, com memoráveis atuações de Clodoaldo, Rivellino, Pelé e Tostão, apaga 1950.

Nem muito menos eventual vitória no jogo em Paradise.

A revanche do Maracanazo só se dará no estádio Centenario, em nova final de Copa do Mundo entre as duas seleções, e de virada para o Brasil contra o favoritismo dos anfitriões.

E no dia em que já tivermos superado o racismo estrutural que condenou à pena perpétua o goleiro Barbosa pelo gol de Ghiggia.

Fotos Gabriela Biló/Folhapress





IMAGENS DA SEMANA

O presidente Lula (PT) lançou nesta quarta (3) o Plano Safra para 2024 e 2025 com a cifra recorde de R$ 400,5 bi, em um evento. O anúncio contou com a presença de parlamentares e empresários do agronegócio e do ministro da Fazenda, Fernando Haddad.

Também na quarta, o presidente se reuniu com a equipe econômica para discutir medidas de equilíbrio fiscal. À noite, após o encontro, Haddad anunciou um corte de R$ 25,9 bi em despesas e disse que Lula determinou o cumprimento do arcabouço fiscal.

CRUZADAS

HORIZONTAIS

1. Raça de cães originária do Japão / Santos Futebol Clube **2.** Cidade mineira da região de Pará de Minas **3.** Num tempo passado **4.** Pessoa caracterizada por adoração, estima exagerada de si próprio **5.** Macaquinho / (Red., inform.) Múltiplo do bit que equivale a mil gigabits **6.** Dezena menos... dez / Destino, geralmente mau, funesto, cheio de amarguras **7.** As iniciais do cantor Carlos, de "Eu Sou Terrível" / Sólida e compacta **8.** (Fig.) Tornar suave **9.** Que tem um olho só **10.** Asinha articulada com a asa maior do avião / A letra entre o u e o dáblio **11.** Contar como foi **12.** Dar pio / Equipamentos que protegem o operário **13.** O tempo passado / Planta nativa da Índia, cultivada para a produção de fibras usadas na indústria têxtil.

VERTICAIS

1. Comprimir, fazer pressão em **2.** Laterais da Kombi / Disputa cultural, com problemas imprevistos, considerados difíceis / O símbolo químico do paládio **3.** Lapa, caverna / No futebol, jogada na qual o jogador salta para chutar a bola enquanto ela ainda está no ar **4.** Tão grande / Aquele que protege artistas e sábios **5.** Prefixo: oposição / (Fig.) Edificante **6.** Acenar **7.** Sinal que, junto a qualquer nota, indica que a sua entoação deve ser elevada de meio tom / Homem que pode ser condenado pela justiça **8.** Fundos de Investimento / Pequena árvore de frutos semelhantes aos da goiabeira, porém menores / Som que imita golpe rápido **9.** Vaso que transporta o sangue do coração para a periferia.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1						■			
2									■
3		■						■	■
4									■
5					■				
6				■					■
7			■						
8	■								
9								■	
10	■						■		
11	■	■							
12	■					■			
13					■				

HORIZONTAIS: 1. Akita, SFC, **2.** Pitanguí, **3.** Antes, **4.** Egotista, **5.** Mico, Tera, **6.** Ena, Sina, **7.** RC, Maciça, **8.** Aveludar, **9.** Unóculo, **10.** Aleta, Vê, **11.** Enarrar, **12.** Piar, EPI, **13.** Idos, Juta.

VERTICAIS: 1. Apremer, **2.** Ki, Gincana, Pd, **3.** Itaoca, Voleio, **4.** Tanto, Mecenas, **5.** Anti, Salutar, **6.** Gesticular, **7.** Sustenido, Réu, **8.** Fi, Araçá, Vapt, **9.** Artéria.

SUDOKU

texto.art.br/fsp

DIFÍCIL

			4				7	
	9		3		7	8	6	
					9		5	1
3	7				4			
		1				3		
			2				4	7
4	2		6					
	3	6	7		8		9	
	1				2			

O **Sudoku** é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

8	5	2	4	6	1	9	7	3
1	9	4	3	5	7	8	6	2
7	6	3	8	2	9	4	5	1
3	7	5	1	8	4	6	2	9
2	4	1	9	7	6	3	8	5
6	8	9	2	3	5	1	4	7
4	2	7	6	9	3	5	1	8
5	3	6	7	1	8	2	9	4
9	1	8	5	4	2	7	3	6

COMBO | *Tiago Ribas*
folha.com/hqdtgz47

Conheça 4 jogos brasileiros destaques da gamescom latam

SÃO PAULO Fechando um mês lotado de eventos de games, a gamescom latam (ex-BIG Festival) foi realizada pela primeira vez em São Paulo e mostrou alguns dos principais jogos que estão sendo desenvolvidos no Brasil e na América Latina. Dentre os muitos títulos brasileiros disponíveis para teste, selecionei alguns que me impressionaram por sua originalidade e qualidade:

Mark of the Deep

O game desenvolvido pela Mad Mimic é um título de ação em terceira pessoa com perspectiva top-down que mistura combate inspirado na série "Dark Souls" com elementos de "metroidvania".

Além de já apresentar controles precisos e bastante ação, os desenvolvedores prometem uma narrativa envolvente em um mundo repleto de lendas e histórias que poderão ser desvendadas pelo jogador. A dublagem do jogo, que tem lançamento previsto neste ano para PCs e, futuramente, para consoles, contará com 24 influenciadores e YouTubers, como Tiago Leifert, Haru e Coelho no Japão.

Debtor's Club

Um jogo em que você é um coletor de impostos inescrupuloso, trabalhando para uma prefeitura corrupta, que terá que descobrir podres de empresários da cidade para fazê-los pagar suas dívidas. Há algo mais brasileiro do que isso?

Desenvolvido pelo estúdio mecagames, esse jogo de gerenciamento de recursos conta com diálogos bem escritos e cheios de humor, em uma inteligente paródia da vida real. Além disso, tem uma arte primorosa, que combina perfeitamente com o estilo debochado do game.

O título tem lançamento previsto para este ano no PC.

Immortal Mantis: Revenge

Não se deixe enganar pelos gráficos em pixel art que por vezes se assemelham aos do velho Atari, "Immortal Mantis: Revenge" é um jogo de terror competente com visão top-down e momentos perturbadores.

No título da Bitlife, o jogador se divide entre o papel de um serial killer que fez um pacto com uma entidade demoníaca para ganhar imortalidade e do detetive que tenta pará-lo a qualquer custo. Para avançar na história, é necessário resolver uma série de quebra-cabeças, que contam com jogabilidade bem diversificada.

O game foi indicado na categoria de melhor jogo brasileiro no BIG Festival e as versões para PC e Mac já estão disponíveis no Steam por um preço camarada, apenas R$ 5,24.

Super Bafo Championship

Outro jogo com cara bem brasileira, "Super Bafo Championship" é isso que o nome já diz: um simulador de jogo de bafo. A cada rodada, o jogador precisa escolher uma técnica, força e posição para a batida em três montinhos de figurinhas diferentes. Quem conseguir virar mais cromos, avança para a próxima rodada.

O título desenvolvido pelo estúdio maranhense Clops Game Studio tem uma pegada retrô, com música e visual que remete aos videogames 16-bit. Além disso, o game faz diversas referências à cultura pop brasileira e do Maranhão do fim dos anos 1990 e início dos 2000, com alguns Easters Eggs para o jogador descobrir. O game tem lançamento previsto para PC, sem data definida.



PLAY
Dica de game, novo ou antigo, para você testar

Footgun: Underground
(PC)
Entre os jogos estrangeiros na gamescom, um dos que mais me chamou a atenção foi "Footgun: Underground". Como o próprio nome já indica, nesse título "roguelike" o jogador usa uma bola de futebol como arma para derrotar criaturas no subterrâneo de um metrô. É preciso habilidade para controlar bem a redonda, mas quando o jogador pega o jeito, é pura diversão.

DOWNLOAD
Principais lançamentos dos próximos dias

9.JUL
Lifeless Moon
R$ 31,45 (Xbox One/X/S), preço não disponível (PS 4/5)

Once Human
grátis (PC)

Promoção da semana:
A Steam começou no último dia 27 sua promoção de férias, com descontos de até 90%. Entre os jogos de destaque com desconto estão "EA Sports FC 24" por R$ 71,80 (-80%), "Hogwarts Legacy" por R$ 99,99 (-60%), "Cyberpunk 2077" por R$ 99,95 (-50%). As ofertas vão até 11 de julho, às 14h.

*Expansão
**Disponível no Xbox Game Pass

FRASES DA SEMANA

Não adianta falar de responsabilidade fiscal, porque, se tem uma coisa que eu aprendi com a dona Lindu [mãe do presidente], foi responsabilidade fiscal, cuidar do meu pagamento, cuidar do meu salário, cuidar da minha família. E hoje a minha família é o Brasil

Lula
presidente da República, na sexta (5), sobre incertezas quanto à responsabilidade fiscal do governo

Uma sociedade e um governo que não têm o mínimo de compromisso com a responsabilidade fiscal encontrarão formas de expandir os gastos, independentemente do estatuto jurídico do seu Banco Central. Esse é o negócio que me preocupa

Pedro Malan
ex-ministro da Fazendo, à Folha, no domingo (30), sobre o regime fiscal do Brasil

As mulheres têm mais burnout porque são elas que estão carregando o mundo nos ombros. São elas que são criadas para não reclamar, não pedir ajuda

Luisa Jötten
psicóloga, na sexta (5), sobre mulheres serem maioria em atendimentos de burnout no SUS

ACERVO FOLHA

Há 50 anos **7.jul.1974**

Seleção brasileira perde e fica em 4º lugar na Copa do Mundo

A despedida da seleção brasileira da Copa do Mundo-1974 foi um fracasso. A equipe perdeu a disputa pelo terceiro lugar do torneio ao cair diante da Polônia por 1 a 0, em Munique, neste sábado (6).

No fim da partida, o quarto-zagueiro Alfredo Mostarda criticou a comissão técnica, em uma crise que é cada vez mais patente na equipe nacional. O técnico Zagallo não definiu se sairá ou permanecerá no comando do time.

A decisão do título será disputada entre as equipes da Holanda e da Alemanha Ocidental.

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br


FOLHA DE S. PAULO

Japão: Tanaka ameaçado

O fracasso: Comissão é acusada

FOLHA DE S.PAULO ★★★
DOMINGO, 7 DE JULHO DE 2024 C1

ilustríssima

ilustrada

Tremendo 7 a 1

Dez anos após a humilhante derrota para a Alemanha, que apagou o brilho da seleção pentacampeã, placar tornou-se expressão comum do brasileiro para se referir a fiascos políticos e sociais do país C4 a C6

Pintura de Rodrigo Bivar a partir de fotografia de Eduardo Knapp
Folhapress

MÔNICA BERGAMO | monica.bergamo@grupofolha.com.br

Tony Ramos
Só lembro quando acordei na UTI, depois de o pior já ter passado

[RESUMO] Plenamente recuperado do acidente vascular cerebral que o fez passar por duas cirurgias na cabeça há menos de dois meses, o ator volta ao teatro na sexta-feira (12), ao lado de Denise Fraga, no que chama de 'a peça da minha vida'

Por ***Teté Ribeiro***

Tony Ramos, 75, é um homem de sorte. E não digo isso porque ele quase morreu há pouquíssimo tempo e está completamente recuperado —vamos falar desse assunto espinhudo mais pra frente.

*

Tony Ramos tem um tipo de sorte rara de se ver por aí. É a sorte de saber desde cedo o que quer, ir atrás, conseguir e – essa parte é fundamental – continuar querendo depois que consegue. Foi assim no trabalho e é assim no amor.

*

E, pensa bem, se a gente tirar da frente o que não é importante, toda a espuma de desejos que embaçam tão frequentemente nossa visão, se a gente for completamente honesto na hora de pensar no que quer da vida, não acaba resumindo tudo em um trabalho e um amor?

*

Saúde também, é evidente. E Tony Ramos não se descuida, afinal seu corpo é seu material de trabalho. "Nunca deixei de fazer exercícios aeróbicos, musculação. E mantenho minha vacinação sempre em dia. Eu e a Lidiane", diz o ator, em uma conversa por Zoom de mais de uma hora no começo desta semana.

*

Tony agora faz fisioterapia diariamente, desde que saiu da UTI, no dia 21 de maio, depois de duas cirurgias no cérebro feitas de emergência para drenar dois sangramentos grandes e importantes que, se não fossem tratados a tempo, teriam sido fatais.

*

"Eu não me lembro de nada do que aconteceu. Quando acordei, já no hospital, depois das duas cirurgias, a Lidiane me contou o que tinha acontecido, levei um susto e pedi para ler as notícias que tinham saído sobre o meu caso."

*

"Eu estava no Rio de Janeiro para terminar as filmagens do filme 'A Lista', com a Lilia Cabral [ainda sem definição de estreia]. E vinha sentindo uma dor de cabeça quando tossia, doía a minha testa, bem na frente, às vezes na lateral. Eu dizia para a minha mulher que achava que tinha pinçado um nervo na coluna. Ela me disse 'vai ao médico'. Mas eu não tinha tempo naquele dia, então tomei um remédio comum e fui deitar. Quando comecei a me demorar, estava chegando a hora de eu sair para a filmagem, ela subiu até o quarto e me encontrou desfalecido, entregue, desmaiado", conta.



O ator Tony Ramos nos bastidores das gravações do filme "A Lista" Fabio Rocha/Globo

*

"Nisso chegou o carro da produção, a Lidiane chamou nosso funcionário e pediu que ele chamasse o motorista do filme para ajudar, porque ela não aguentava o meu peso sozinha. Ligou para a minha médica por FaceTime. Quando me viu daquele jeito, ela mandou uma ambulância na mesma hora."

*

Nos 15 minutos que a ambulância levou para chegar à casa dele, a médica Viviane Belidio entrou em contato com o neurocirurgião Paulo Niemeyer, ainda sem certeza do que estava acontecendo com o ator, mas já sabendo que era muito grave. O doutor Niemeyer foi direto para o hospital Samaritano, no bairro de Botafogo, na zona sul do Rio, e pediu que a sala de cirurgia fosse preparada.

*

Tony Ramos chegou ao hospital, fez uma tomografia. Assim que os pontos do sangramento ficaram visíveis através do exame, o neurocirurgião determinou em que lugar ia perfurar o crânio do ator para drenar o sangue que estava comprimindo seu cérebro e causando as dores de cabeça.

*

A primeira cirurgia aconteceu minutos depois de o paciente chegar ao hospital. Mas, algum tempo depois, já na UTI, Tony teve uma convulsão e foi necessária uma segunda cirurgia. Ou seja, outro buraco foi aberto na cabeça dele para drenar mais um tanto de sangue de um segundo hematoma que havia ficado escondido na tomografia, embaixo do primeiro.

*

"Eu tô repetindo tudo o que a minha mulher me contou, eu mesmo só me lembro do que aconteceu quando acordei na UTI, depois de o pior já ter passado". Tony iniciou a fisioterapia assim que foi transferido para um quarto de hospital normal, não mais uma UTI, e tem feito diariamente desde então.

*

Outro exercício que ele fez ainda na cama do hospital foi testar a memória, e passou todo o texto da peça "O Que Só Sabemos Juntos", o espetáculo que ele e Denise Fraga fazem desde o dia 26 de abril no Tuca, em São Paulo, e que foi interrompido por causa do acidente do ator, no dia 16 de maio.

*

Quem estava com ingresso comprado para as sessões canceladas e ainda não pediu reembolso do dinheiro pode fazê-lo por meio do site da empresa Sympla. As sessões que vão acontecer ainda não estão totalmente lotadas, portanto, quem tiver interesse em assistir ao que Tony Ramos chama de "a peça da minha vida" ainda tem tempo.

*

"Essa peça é muito especial, porque ela invade até terrenos da minha infância, coisas que estavam guardadas na minha memória há muito tempo", conta o ator. "É um espetáculo que nasceu na sala de ensaio, e ver isso acontecer, de uma maneira muito orgânica, mas pulsante, é uma coisa muito especial", diz ele.

*

"A gente ia fazendo exercícios, improvisos, ia vendo o que estava funcionando, aí juntava com um trecho de uma poesia do Fernando Pessoa, uma história pessoal, uma cena de filme de super-herói. Só de falar me emociona."

*

Já fazia 20 anos que Tony Ramos estava longe dos palcos, dedicado ao audiovisual, novelas, séries, filmes, quando apareceu o convite para construir e apresentar "O Que Só Sabemos Juntos", uma espécie de spin-off, um produto derivado, digamos, do espetáculo anterior de Denise Fraga, também apresentado no Tuca, um enorme sucesso de público e crítica chamado "Eu de Você".

*

A sorte de Tony Ramos esbarrou até em mim, que tenho hoje a felicidade de contar que o ator estará de volta aos palcos do Tuca daqui a cinco dias, na próxima sexta-feira (12), para retomar a temporada deste espetáculo incomum, descrito como uma peça-celebração-despertador.

*

Confuso? Pode ser que sim, eu mesma ainda não tive chance de assistir, estava com ingresso comprado justamente para a apresentação do dia 17, o dia seguinte ao acidente que quase tirou Tony Ramos dos cinemas, das novelas, do teatro e da vida, de uma vez só. Mas não podia ter sido assim, e não foi.

*

A história deste paranaense nascido em Arapongas, que completa 76 anos no dia 25 de agosto, ainda tem muitos capítulos pela frente. E olha que tudo na vida dele foi precoce.

*

Tony Ramos trabalha como ator desde os 14 anos —ele se encantou pela profissão muito criancinha, quando tinha 3 ou 4 anos. São mais de seis décadas de profissão —com carteira assinada! Ele é contratado da TV Globo há 45 anos e está esperando a decisão da emissora para saber se vai fazer uma novela ou uma minissérie em seguida. Seu último trabalho foi como o vilão Antônio La Selva, da novela "Terra e Paixão".

*

É casado desde os 21 anos de idade, com seu primeiro e único amor, Lidiane. Os dois são pais de um casal de jovens adultos, Rodrigo e Andréa, que optaram por levar a vida longe dos holofotes e por seguir carreiras diferentes da do pai.

*

A vida privada de Tony sempre foi assim, privada. Não escondida, mas protegida. Ele é tão adepto da privacidade que não gosta nem de ouvir fofocas dos colegas. E já pensou o tanto de fofoca que já passou perto dele, de raspão, nos bastidores das mais de 50 novelas em que já trabalhou?

*

"Eu sou famoso na televisão por não querer ouvir fofoca", conta. "Se chega alguém dizendo que tem uma história quente para contar, meu Deus do céu, aí é que eu não quero ouvir mesmo, saio pela tangente". Quando não consegue, quando a fofoca é tão quente que chega até os jornais, aí não tem jeito, mesmo sem gostar ele acaba sabendo.

*

"Mas quando vem alguém me perguntar o que eu acho de não sei quem trair não sei quem com não sei quem, eu só digo que lamento, o que é do foro íntimo de cada pessoa não é da minha conta. Aliás, não é da conta de ninguém."

*

"É fácil conviver comigo", afirma. "Não suporto intolerância nem soberba, nunca falo de ninguém pelas costas e rio à toa, adoro até as piadas politicamente incorretas, desde que não machuquem ninguém. Meu ídolo, além do ator italiano Totò (1898-1967), é o Steve Martin. Mas adoro as reprises do Paulo Gustavo, o humor do Paulo Vieira. E vi um menino muito engraçado recentemente, Igor Guimarães, você conhece?".

*

Conheço. Mas confesso que nunca imaginei essa cena, Tony Ramos assistindo, e rindo, de Igor Guimarães, um comediante mineiro muito engraçado mesmo, que surgiu como um fenômeno da internet já há alguns anos e tem mais de três milhões de seguidores. É mais uma dessas sortes que algumas pessoas têm, e de que Tony Ramos desfruta, a de gostar genuinamente do que a vida tem a oferecer.

Vanguarda e misticismo

[RESUMO] Antologia poética organizada por Samuel Titan Jr. traz as principais traduções feitas no Brasil de poesias do alemão Christian Morgenstern, autor de vanguarda ainda pouco conhecido por aqui. Versões assinadas por nomes do porte de Haroldo de Campos e Paulo Mendes Campos, afora ensaios de relevo também agrupados pelo volume, dão a ver um poeta poderoso, que foi do humor grotesco à poesia lírica e espiritual com igual destreza

Por ***Sérgio Medeiros***

Poeta, ficcionista e artista visual. Ensina literatura na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Antologia bilíngue, "Jogo da Forca" (Editora 34) traz poemas de Christian Morgenstern (1871-1914) em traduções assinadas por nomes conhecidos, como Haroldo de Campos e Paulo Mendes Campos. Começando com a célebre composição visual "Noturno do Peixe", que não exige tradução (sinais substituem letras), o volume é organizado por Samuel Titan Jr., que assina também o posfácio, onde a recepção do poeta alemão no Brasil é discutida a fundo.

Destaca-se, nesse oportuno posfácio, o fato de "Jogo da Forca" constituir uma homenagem aos primeiros tradutores de Morgenstern no Brasil, entre 1950 e 1990, sem pretender apresentar, porém, um recorte amplo da poesia do autor alemão, ainda pouco conhecido entre nós.

Além dos dois tradutores já citados, integram o elenco Augusto de Campos, Roberto Schwarz, Sebastião Uchoa Leite, Montez Magno, Rubens Rodrigues Torres Filho e Felipe Fortuna.

Ao registrar cronologicamente a lenta chegado de Morgenstern ao país, por meio de versos cômicos e grotescos, nos quais são frequentes os impagáveis personagens Von Korf (que se declara não existente) e Palmstöm, o organizador da antologia confessa que deixou de lado umas poucas contribuições que lhe pareceram pedestres, concentrando-se naquelas que realmente lhe pareceram bem-sucedidas.

Graças a essa aposta em boas versões, "Jogo da Forca" impressiona pela alta qualidade poética do conjunto.

Paulo Mendes Campos optou por traduzir um poema lírico, "Erster Schnee" ("Primeira Neve"), oferecendo dele duas versões igualmente sensíveis, feitas em épocas diferentes. Cito a primeira versão, que é a menos elaborada no que se refere à disposição dos versos na página: "Dos vales de gris argênteo / chega à floresta hibernal / uma corça airosa, esguia: / cautelosa, passo a passo, / ela prova a neve pura, fria /que cai do céu. / E eu penso em ti, / em tua graça infinita".

Os demais tradutores escolheram destacar o lado antilírico de Morgenstern, em versos que descrevem situações absurdas e frequentemente hilárias.

Um exemplo característico desse lado grotesco da sua poesia é "Das Knie" ("O Joelho"), composição dedicada a um joelho imortal que parece aludir a um Aquiles reduzido a um fragmento, imagem especular do seu famoso calcanhar, a parte mortal do seu corpo: "Um joelho, ele-só, percorre a Terra. / É um joelho só: mais nada. / Não uma árvore! Não uma serra! / É um joelho só: mais nada. // Na guerra, uma vez, foi alguém / de lado a lado metralhando. / O joelho, ele-só escapou: / como um local sagrado. // Desde aí, ele-só, percorre a Terra. / É um joelho só: mais nada. / Não uma árvore! Não uma serra! / É um joelho só: mais nada" (tradução de Sebastião Uchoa Leite).

Um exemplo característico desse lado grotesco da sua poesia é "Das Knie" ("O Joelho"), composição dedicada a um joelho imortal que parece aludir a um Aquiles reduzido a um fragmento, imagem especular do seu famoso calcanhar, a parte mortal do seu corpo

O que faz a obra do poeta alemão atual talvez seja o fato de que o seu lado lírico e espiritual não se separa facilmente do seu lado vanguardista e desmistificador. A sátira "patibular" é indiscutivelmente o suprassumo da obra do autor alemão ("Após a morte de Morgenstern, as sucessivas edições das 'Galgenlieder' [Canções da Forca] foram recolhendo poemas inéditos ou dispersos, chegando a um corpus que ultrapassa a duzentas páginas"), porém, como Samuel Titan Jr. chama a atenção, as outras vertentes da sua produção poética, menos cultuadas pelos críticos e tradutores brasileiros, não devem ser desconsideradas, como algo à parte.

A oscilação entre poemas grotescos e poemas líricos "pode também nos inspirar uma saudável desconfiança diante de tentativas de distinguir lapidarmente a face celebrada como moderna, grotesca e crítica de sua obra, de um lado, e a face tida por tradicional, lírica e mística, de outro", pondera Titan Jr.

A tuberculose (contraída da mãe) levou Morgenstern a passar temporadas em sanatórios distantes, tendo, em 1906, numa dessas instituições, uma experiência mística que marcou sua vida para sempre. Por influência de sua esposa, uma enfermeira, começou também a se aproximar da antroposofia de Rudolf Steiner.

Na Europa, Steiner foi uma figura crucial para a arte mais avançada de vários países, influenciando tanto a vanguarda da época de Morgenstern como a posterior, até, pelo menos, a época de Joseph Beuys, o revolucionário desenhista e escultor alemão que deve a Steiner tantas coisas, entre elas o uso do quadro-negro como suporte artístico.

Assim, não se pode atribuir à antroposofia de Steiner uma influência exclusivamente negativa sobre o autor do poema fonético "Das Grosse Lalulā" ("O Grande Lalulā"), quando essa mesma influência, em outros artistas, foi extremamente benéfica, ajudando a arte a trilhar novos caminhos experimentais.

No ensaio "No Planeta de Morgenstern" de 1983, que integra "Jogo da Forca", Sebastião Uchoa Leite admite a "dissociação estilística" do poeta alemão, mas pondera que, em todo caso, "não se deve também julgar que nesses denominados poemas 'místicos' estivesse totalmente ausente o jogo da linguagem".

Como Thomas Mann mostrou na sua tetralogia bíblica "José e seus Irmãos", o planeta do místico não é menos excêntrico e assombroso do que o do poeta grotesco e experimental, e Isaac, que foi quase imolado por Abraão, termina seus dias balindo como um carneiro, ou seja, emite na agonia um assustador poema exclusivamente fonético que Morgenstern poderia ter assinado.

O crítico Anatol Rosenfeld já havia, entre nós, nos anos 1950, chamado a atenção para a profunda ambivalência do poeta alemão diante da linguagem, "feita como era 'do amor do poeta' que a cultiva e do 'ódio do místico' que gostaria de se livrar desse empecilho à iluminação".

Mas esses dois polos se comunicavam subterraneamente, nota o crítico, e o "intuito sistemático de desagregar" a linguagem e a realidade nutria também o desejo ardente de vencer a distância entre "Eu e Deus", como resume Samuel Titan Jr. no posfácio. ←

Jogo da Forca

Autor: Christian Morgenstern. Editora: 34. Organização: Samuel Titan Jr.. Quanto: R$ 68 (168 págs.)



Um 7 a 1 todo dia

[RESUMO] Há 10 anos, em 8 de julho de 2014, no estádio Mineirão,em Belo Horizonte, o futebol brasileiro sofreu a maior humilhação de sua história: a goleada de 7 a 1 para a Alemanha, em partida de semifinal da Copa. A hecatombe esportiva não só estremeceu um pilar central da identidade nacional —a excelência dentro dos gramados, cada vez mais distante da seleção pentacampeã— como também entrou no vocabulário do país como metáfora do clima de desesperança da última década na vida brasileira

Por ***Sérgio Rodrigues***
Escritor e jornalista, autor dos romances 'O Drible' e 'A Vida Futura'

Ilustração ***Rodrigo Bivar***
Artista plástico

No ambicioso ensaio "Veneno Remédio" (Companhia das Letras), lançado em 2008, José Miguel Wisnik começa a tecer os múltiplos fios de sua reflexão sobre o futebol como fato cultural global com uma constatação que, quase desencorajadora para a dificuldade da empreitada, acaba por valorizá-la, numa ambivalência que está no cerne do livro e do próprio esporte: talvez estivesse escrevendo para ninguém.

Como assim, ninguém? É que os amantes do futebol não gostam de refletir criticamente sobre ele, e quem cultiva o pensamento crítico esnoba o futebol (nada impedindo os dois lados de conviverem na mesma pessoa, alternadamente). "Tudo isso, por si só", escreve Wisnik, "já daria um belo assunto: o futebol como o nó cego em que a cultura e a sociedade se expõem no seu ponto ao mesmo tempo mais visível e invisível".

Essa incompreensão mútua entre pares que podem ser equacionados como alma e razão, turbilhão emocional e linguagem cartesiana, dificultou uma tarefa que seria posta diante da cultura brasileira seis anos após a publicação do livro: a de providenciar curativos para a funda ferida narcísica infligida pela seleção alemã no dia 8 de julho de 2014, em Belo Horizonte, em partida válida por uma das semifinais da segunda Copa do Mundo sediada pelo Brasil.

O 7 a 1 foi, como se sabe, um resultado aberrante —provavelmente o mais extraordinário da história esportiva em todos os tempos, por envolver a completa e humilhante aniquilação da mais vitoriosa seleção do esporte mais popular do mundo, em sua própria casa, por aquela que é sua principal desafiante. Trata-se de algo muito sério, e tão mais sério quanto mais risível.

"O ridículo desonra mais do que a desonra", disse La Rochefoucauld em uma de suas máximas, três séculos e meio antes do 7 a 1. Imagine-se então uma desonra impensável no tempo do nobre francês, transmitida ao vivo para uma audiência planetária e recaindo sobre um país especialmente vulnerável, ciclotímico, de glórias escassas.

Periférico e pobre, semianalfabeto e acossado por surtos periódicos de autoritarismo militar, com saneamento básico atrasado em mais de um século e milionários filistinos que passam férias em Miami, o Brasil encontrou no reconhecimento internacional à excelência de seu futebol e sua música popular dois pilares de identidade nacional, sustentáculos de uma autoestima de resto vacilante. Foi numa dessas vigas que os sete gols alemães —de Müller, Klose, Kroos (2), Khedira e Schürrle (2)— provocaram fissuras talvez remediáveis, talvez não.

No décimo aniversário do desastre, os sinais não são animadores. Em contraste com uma hecatombe esportiva de dimensões semelhantes, o lendário Maracanaço, o 7 a 1 não levou o Brasil ao luto, mas ao recalque. Se a derrota de 1950 foi meticulosa e obsessivamente vivida como tragédia por um país que tinha como melhor resultado internacional um terceiro lugar na Copa de 1938, a tragicomédia de 2014 já era piada antes mesmo do apito final.

Para retomar a oposição apresentada acima, os amantes do jogo reagiram ao impensável com uma simulação de leveza e deboche que, esgotado o prazo regulamentar dos memes, deu lugar ao silêncio; enquanto isso, os críticos usavam o mesmo deboche para reafirmar seus conceitos sobre a frivolidade e a alienação promovidas pela paixão esportiva, da qual sempre tirou proveito uma súcia de cartolas e empresários. (Mais uma vez, nada impede a mesma pessoa de alternar as duas visões.)

Se os torcedores optaram por tratar o resultado como acidente cômico, sem importância real, os críticos viram nele o bem-vindo golpe fatal numa ilusão coletiva que já morria tarde. E assim o 7 a 1 foi morar naquele nó cego apontado por Wisnik. Ocorre que, como todo nó cego, esse não deixa de existir por ser invisível.

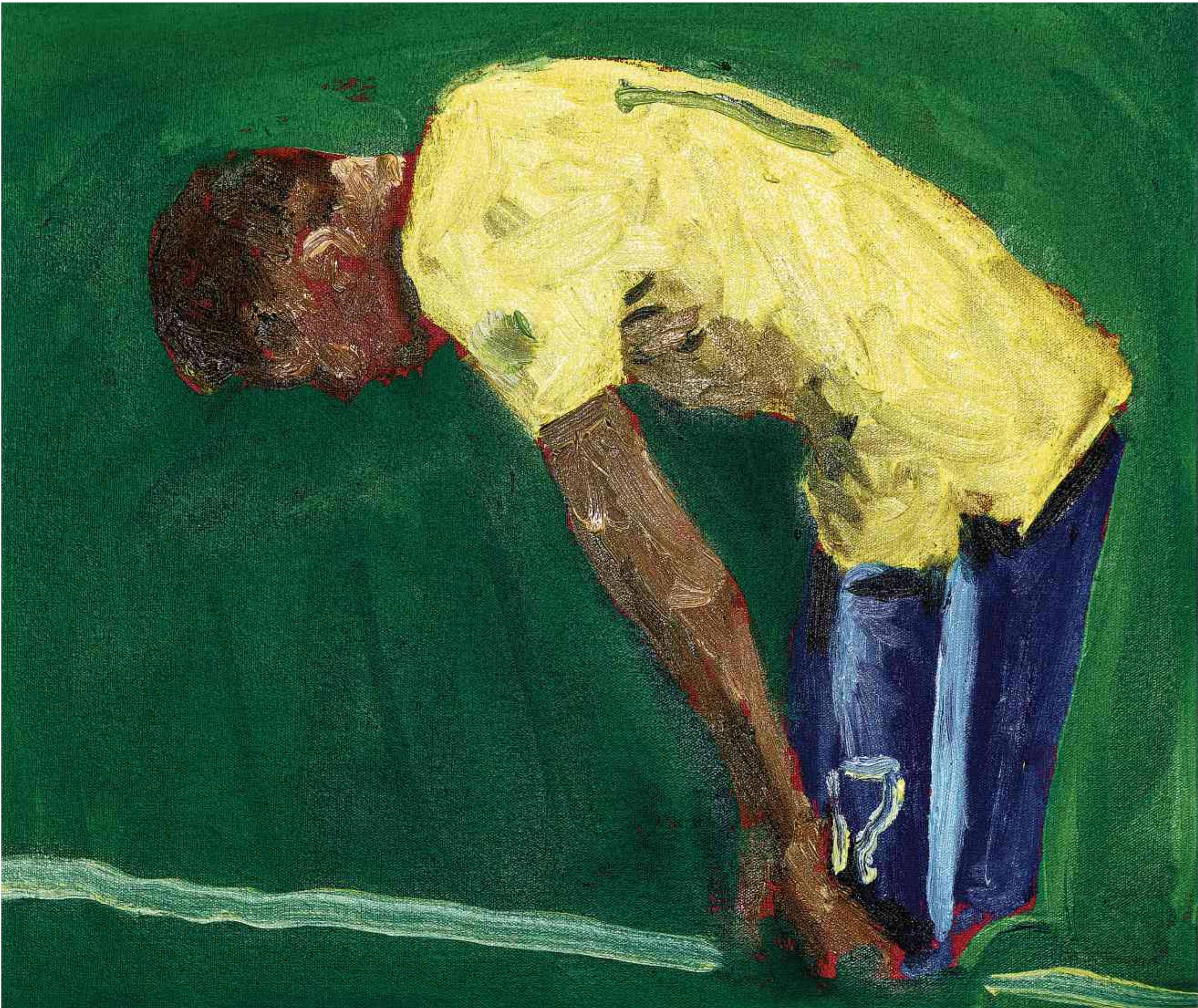
Freud ensinou que o recalcado sempre volta sob outras formas, e a derrota ridícula de 2014, sobre a qual pouco se pensou e se escreveu em dez anos, deixou sua marca na linguagem. O 7 a 1 entrou para o vocabulário brasileiro —tudo indica que para ficar— como substantivo masculino (para o qual os gramáticos conservadores talvez recomendassem a grafia sete-a-um), metáfora cristalizada, sinônimo galhofeiro de derrocada surpreendente mas fragorosa, total, inapelável.

Entre os placares do futebol, apenas o 0 a 0 tinha merecido até então essa entronização na linguagem comum; no caso, para indicar um esforço que não dá em nada, promessa que se frustra por inteiro, quase sempre em contexto sexual. No entanto, se no 0 a 0 nada acontece, no 7 a 1 acontece tudo —contra nós.

É provável que, impacto esportivo à parte, um detalhe contingente tenha contribuído para o sucesso da expressão: o 7. Conta de mentiroso, revestido de sentidos mitológicos e sagrados desde tempos imemoriais, o 7 é o número das cabeças da besta do Apocalipse e das maravilhas do mundo antigo, por exemplo. Se os alemães, em vez de afrouxar claramente a pressão no segundo tempo da partida, tivessem marcado oito ou mesmo dez gols (não teria sido difícil), a derrota brasileira seria mais acachapante, mas talvez o placar ressoasse menos.

"Tremendo 7 a 1!", passou-se a dizer diante de catástrofes que nada tinham de esportivas —e que, por coincidência ou alguma misteriosa sincronicidade de fatores históricos, não deram sossego ao orgulho nacional nos anos seguintes.

Continua na pág. C5



No décimo aniversário do desastre, os sinais não são animadores. Em contraste com uma hecatombe esportiva de dimensões semelhantes, o lendário Maracanaço, o 7 a 1 não levou o Brasil ao luto, mas ao recalque. Se a derrota de 1950 foi meticulosa e obsessivamente vivida como tragédia por um país que tinha como melhor resultado internacional um terceiro lugar na Copa de 1938, a tragicomédia de 2014 já era piada antes mesmo do apito final

Antes de começar a pensar em como o 7 a 1 pode ajudar a seleção a reencontrar um caminho virtuoso, será preciso parar de fingir que o resultado humilhante não existiu ou não teve importância. Teve —e descomunal. Enfrentar esse tabu teria a vantagem extra de nos permitir fazer justiça ao solitário gol do Oscar

Continuação da pág. C4

O rompimento da barragem de Mariana, em 2015, foi um macabro 7 a 1 que em 2019 se repetiu com agravantes em Brumadinho. Entre uma tragédia e outra, o incêndio do Museu Nacional, no Rio de Janeiro, em 2018, goleou nosso patrimônio histórico e nossa dignidade como nação.

"É um 7 a 1 por dia!", ouvia-se nas esquinas de todo o país, enquanto a política brasileira entrava em parafuso. Num processo que já vinha em curso antes da Copa, iniciado com as gigantescas manifestações populares de 2013, o Brasil foi do impeachment de Dilma Rousseff à eleição de Jair Bolsonaro, um político de extrema direita abertamente hostil à democracia, em apenas quatro anos.

"Gol da Alemanha!", demos de exclamar amargamente, numa variante talhada para evitar o desgaste do 7 a 1 por excesso de uso, enquanto um presidente negacionista contribuía para que o número de brasileiros mortos na pandemia de Covid-19 viesse a passar de 700 mil.

O vandalismo golpista do 8 de janeiro de 2023, quando uma multidão de bolsonaristas invadiu a Praça dos Três Poderes uma semana após a posse de Lula, a maioria de camisa amarela da seleção, foi 7 a 1 ao cubo.

Que fique claro: não se trata de estabelecer relações de causa e efeito entre eventos tão disparatados, o que seria uma rendição absurda ao pensamento mágico. Metáforas são metáforas. A ideia é apontar um fenômeno de linguagem que traduz como poucos o sombrio clima de desesperança e até de cinismo instalado nos últimos dez anos na vida brasileira —do qual a maior derrota da história do nosso esporte é emblema e parte fundamental.

De volta ao que se passa nos campos de futebol, é possível que a decadência da seleção pentacampeã do mundo, cujos sinais vêm se multiplicando há anos e neste momento cintilam com força na Copa América, seja inevitável. Máquina bilionária rendida à lógica do hiperconsumo, o futebol globalizado tem sede na Europa e vem transformando as velhas escolas nacionais, que davam sabor inconfundível às Copas, numa pasta mais ou menos uniforme.

Esse modelo reserva ao Brasil, formador de bons atletas em quantidade e craques de vez em quando, o papel de fornecedor de mão de obra —espelhando o de exportador de matéria-prima em outros ramos da atividade econômica.

Como os produtos da indústria de ponta, o melhor futebol é fabricado no exterior. Além das limitações estruturais impostas pelo mercado global, a falta de uma política que espane as velhas teias politiqueiras de nossa gestão esportiva condena o antigo "país do futebol" a se manter à margem.

Tudo isso ajuda a explicar o progressivo deslocamento, da seleção para os clubes locais, da paixão preferencial dos torcedores. O fato de ter há anos como líder e único supercraque um adulto infantilizado como Neymar e o sequestro da camisa amarela pelo bolsonarismo são, nesse quadro de perda de prestígio do "time da CBF", tanto efeitos quanto causas.

Nada disso, porém, justifica menosprezar o 7 a 1 ou tratá-lo como um benfazejo choque de realidade. Sendo obviamente um mito, o "país do futebol" está longe de ter sido uma mentira. Pelo contrário, construiu-se historicamente —e o próprio mito, uma vez instalado na cultura, passa a influenciar a história também.

Conforme descrita com maestria por Mario Filho no clássico "O Negro no Futebol Brasileiro" (1947, Mauad X), a epopeia de afirmação do futebol brasileiro ao longo do século 20 é uma bonita história de ocupação de espaços por jogadores pobres, em sua maioria negros, e da construção de uma marca de excelência de alcance planetário —uma marca cuja força, em grande parte, ainda se mantém.

O sociólogo Gilberto Freyre viu no estilo brasileiro de jogar o esporte criado por aristocratas ingleses "a capoeiragem e o samba". Otimismo racial datado? Talvez sim; de um modo ou de outro, história.

Deixar tudo isso se perder na geleia geral de um amuo com fascistas de amarelo ou com a vida de luxo e ostentação levada por jogadores deslumbrados significa jogar fora não apenas o bebê com a água do banho, mas também a banheira e as próprias noções básicas de higiene.

Encarar o desafio de pensar o 7 a 1 exige reconhecer que, longe de ter sido um acidente imprevisível, ele foi a culminância de um processo: o derretimento de uma equipe que, mal treinada por uma comissão técnica de anciões, viu-se posta como anfitriã diante da obrigação de vencer a qualquer custo.

Comovidos demais, esgoelando-se ao cantar o Hino Nacional à capela e debulhando-se em lágrimas —o capitão Thiago Silva à frente— a cada partida, os jogadores buscavam no doping emocional o que sabiam lhes faltar em preparo.

Vinham avançando na competição aos trancos e, contra a forte Alemanha —que terminaria por levantar a taça—, ainda mais fragilizados pela perda do contundido Neymar, desmoronaram espetacularmente. Há lições a serem tiradas daí, entre elas a de que, sem uma preparação atualizada e muito trabalho, o tal "coração na ponta das chuteiras" que os locutores esportivos exaltam é uma maneira garantida de morrer de infarto.

Contudo, antes de começar a pensar em como o 7 a 1 pode ajudar a seleção a reencontrar um caminho virtuoso, será preciso parar de fingir que o resultado humilhante não existiu ou não teve importância. Teve —e descomunal. Enfrentar esse tabu teria a vantagem extra de nos permitir fazer justiça ao solitário gol do Oscar.

Marcado em jogada individual no último minuto do tempo regulamentar, quando a desgraça estava mais do que consumada, aquilo que chamam, com boas razões, de "gol de honra" exigiu do ótimo meia formado no São Paulo uma força moral que eu não sei de onde terá saído. É triste que o 1 do 7 a 1 nunca tenha sido reconhecido pelo que representou naquele dia funesto: a única prova de que o futebol brasileiro, estrebuchando ali, todo esculachado, não ia morrer tão facilmente. ←

Anatomia de um vexame

ANTES

Jogando em casa, o Brasil era tido como favorito na Copa de 2014. O treinador era Luiz Felipe Scolari, o mesmo do penta, em 2002. Na primeira fase, o Brasil derrotou a Croácia (3 a 1), empatou com o México (0 a 0) e venceu Camarões (4 a 1). Nas oitavas de final, após empate (1 a 1), vencemos o Chile por 3 a 2 nos pênaltis. Nas quartas, eliminamos a Colômbia por 2 a 1

DURANTE

No Mineirão (BH), em 8/7, Brasil e Alemanha se enfrentaram na semifinal. Às 17h daquele dia começava o 7 a 1

Gols da Alemanha

O time abriu o placar do jogo aos 11 minutos (Thomas Müller). Numa inacreditável sequência de seis minutos marcou mais quatro: aos 23 (Miroslav Klose), aos 24 (Toni Kroos), aos 26 (de novo Kroos) e aos 29 (Sami Khedira). No segundo tempo, o 6º gol veio aos 69 minutos (André Schürrle). E o fatídico 7º apareceu aos 79 (Schürrle, mais uma vez)

Gol do Brasil

O solitário, chorado e mais desprezado gol brasileiro em uma Copa veio literalmente aos 45 do segundo tempo, no último minuto regulamentar, dos pés do meio-campista Oscar

DEPOIS

Em 12/7, no Estádio Nacional de Brasília, Brasil terminou o torneio em 4º lugar, após nova surra: 3 a 0 para Holanda. No dia seguinte, a Alemanha venceu a Argentina por 1 a 0 no Maracanã (Rio) e conquistou seu tetracampeonato



O atacante Klose (ao centro), que no Brasil-2014 se tornou o maior artilheiro da história das Copas, dança com pataxós em treino da Alemanha em Santo André, litoral sul da Bahia Markus Gilliar - 9.jun.2014/AFP

Quando Alemanha descobriu Brasil

[RESUMO] Repórter da Folha que acompanhou a Alemanha na Copa de 2014 relembra a temporada do time no litoral baiano, bastante atípica para os padrões da competição, a euforia dos jogadores com a experiência e as boas relações que mantiveram com a população local, como comprovam vídeos que viralizaram na época e ainda hoje despertam simpatia, a despeito da goleada de 7 a 1 sobre o Brasil. Isolada e com acesso difícil, só por balsa, concentração praiana costuma ser apontada como fator central do êxito do país no torneio

Por ***Fabio Victor***
Repórter especial da **Folha**, é autor de 'Poder Camuflado' (Companhia das Letras), ganhador do Prêmio Jabuti

Numa época em que ainda se usava pouco o neologismo viralizar, a cena viralizou: o goleiro Neuer e o meio-campista Schweinsteiger, ambos vestidos com camisas do Bahia e abraçados a desconhecidos, pulavam e cantavam o hino do clube soteropolitano.

Duas das maiores estrelas da seleção de futebol da Alemanha, eles haviam chegado ao Brasil na véspera. Estavam num resort à beira-mar na vila de Santo André, município de Santa Cruz Cabrália, na chamada Costa do Descobrimento, litoral sul baiano onde desembarcou a armada de Pedro Álvares Cabral em 1500, escolhido para ser a base dos alemães durante a Copa do Mundo de 2014.

Naquela mesma tarde, a equipe recebeu no gramado do seu campo de treino um grupo de pataxós que vivem na região, na Terra Indígena Coroa Vermelha. O atacante Klose, que completava 36 anos, foi festejado no meio de uma roda de dança e recebeu de presente um chocalho e um arco e flecha. Neuer ganhou um cocar.

Auxiliados por um brasileiro professor de dança de quem eram chapa, Schweinsteiger e Neuer surgiram dias adiante noutro vídeo, agora na praia, ensaiando desajeitadamente passos de samba e uma coreografia do hit "Lepo Lepo", do grupo Psirico.

"Se concentração ganhasse jogo, o time do presídio não perdia uma." De tão boa, a máxima desmerecendo a velha prática de confinar boleiros às vésperas de jogos e durante competições tem dois pais, o técnico João Saldanha (1917-1990) e Neném Prancha (1906-1976), roupeiro, jogador e lenda do futebol carioca.

Mas a concentração baiana dos alemães na Copa-2014 era fora da curva, um caso à parte. Acabou sendo, como reconheceram jogadores e comissão técnica e restou evidente aos olhos do mundo, um dos trunfos da seleção europeia para conquistar o tetracampeonato mundial, atropelando o Brasil por 7 a 1 na semifinal e batendo a Argentina por 1 a 0 na final.

Santo André está localizada na APA (Área de Proteção Ambiental) de Santo Antônio, graças, segundo o decreto estadual que a criou em 1984, à "importância do ecossistema litorâneo que se estende da foz do rio João de Tiba até a foz do rio Jequitinhonha [em Belmonte, vizinha à Cabrália], caracterizado pela presença de várzeas associadas à vegetação de restinga costeira e pela existência de remanescentes da Mata Atlântica, bem como recife de corais, constituindo valioso patrimônio ambiental".

Embora esteja a apenas 35 km do agito de Porto Seguro, o acesso à vila de Santo André é dificultado pela necessidade de se cruzar de balsa o rio João de Tiba, o que torna suas praias de águas calmas e mornas quase sempre vazias.

O resort Campo Bahia, mesclando luxo e conforto ao despojamento inerente à beira da praia (localizada a poucos metros dos chalés dos atletas), foi construído por empresários alemães sob medida para a seleção do país — a única entre as 32 participantes do Mundial a dispensar hotéis sugeridos pela Fifa para criar sua própria hospedagem.

Em tese, o inverno brasileiro se inicia em junho, mês em que começou a Copa (realizada naquele ano entre 12/6 e 13/7). Mas não existe inverno naquele pedaço de litoral, e o sol quase onipresente no meio do ano não chega a ser escaldante.

Os craques alemães treinavam relativamente pouco, em horários de sol mais ameno. No restante do tempo, faziam atividades físicas no próprio hotel, participavam de entrevistas coletivas no centro de mídia montado pela Federação Alemã de Futebol num resort vizinho e, como estampou um título desta **Folha** sobre a euforia dos estrangeiros na Copa brasileira, curtiam a vida adoidado.

Passeavam de bicicleta, iam à praia (às vezes acompanhados de esposas ou namoradas) e conciliavam agenda turística e social com ações de marketing: passeio de barco organizado por um patrocinador, visita a uma escola municipal da vila (com direito a bate-bola), gravação de vídeos exaltando o Brasil.

A média com os brasileiros se estendeu ao traje de jogo: o uniforme número 2 da Alemanha para a Copa era vermelho preto, uma homenagem ao Flamengo, clube de maior torcida do país (sim, aquele que eles usaram no 7 a 1).

> **Os craques alemães treinavam relativamente pouco, em horários de sol mais ameno. No restante do tempo, faziam atividades físicas no próprio hotel, participavam de entrevistas coletivas no centro de mídia montado pela Federação Alemã de Futebol num resort vizinho e, como estampou um título desta Folha sobre a euforia dos estrangeiros na Copa brasileira, curtiam a vida adoidado**

"Estamos todos dominados pela 'febre brasileira'", resumiu, em entrevista à **Folha**, Schweinsteiger, um dos mais simpáticos do grupo. Em outra conversa exclusiva, o ex-jogador Bierhoff, então diretor técnico da seleção alemã e maior responsável pela decisão de instalar o QG do time em Santo André, lembrou que teve de vencer resistências.

"Estou 100% satisfeito. Houve ceticismo quando decidi vir, porque o centro não estava pronto. É um lugar especial, pelo clima e pela localização. Se você fica na cidade e vê somente casas, prédios, trânsito, rumores, não relaxa. E estamos numa área que não é tão quente e abafada nem muito fria. É o lugar perfeito. Todos adoraram."

Como repórter da **Folha** responsável pela cobertura da Alemanha durante toda a Copa, fiz essas e outras entrevistas com o time que terminaria campeão. Fiquei também hospedado na vila de Santo André, viajando para acompanhar de perto a seleção em todas as partidas.

Diferentemente dos alemães, que tinham uma balsa só para eles, muitas vezes os mortais tínhamos de esperar horrores pela embarcação à beira do João de Tiba — em uma ocasião, a travessia foi feita à noite, no mais puro breu, porque o capitão desligou o farol para economizar bateria. Cenas de jornalismo explícito, como dizia Clóvis Rossi.

Aliás, a primeira travessia alemã do rio só foi concluída graças a uma gambiarra: a maré estava baixa, e, na chegada a Santo André, o para-choques do ônibus do time —novo em folha, em contraste com a balsa velhusca— emperrou no concreto da rampa de desembarque, travando o veículo. O problema foi resolvido com a colocação de pranchas entre a balsa e a rampa.

O congraçamento com a população de Santo André (então com 800 habitantes) e o deleite dos alemães com seu QG improvável foram precedidos por algumas turbulências. A rua principal da vila teve de ser fechada no trecho do resort alemão, gerando críticas dos moradores e a provocação de que o time construíra um "muro de Berlim" na minúscula vila.

Os construtores do resort tiveram, por um acordo com o Ministério Público, de pagar uma compensação ambiental por construir na APA mesmo sem terem obtido todas as licenças ambientais. Moradores protestaram pela demora na promessa alemã de ajudar na reforma do campinho de peladas da vila.

O sucesso do esquadrão de Müller, Kroos, Schweinsteiger, Neuer, Klose, Lahm, Hummels etc. na campanha da Copa foi amainando os problemas. Os alemães jogaram toda a primeira rodada no Nordeste, em partidas disputadas à tarde, com temperatura média de 28º: golearam Portugal por 4 a 0 na estreia na Arena Fonte Nova, em Salvador (três de Müller); empataram com Gana em 2 a 2 na Arena Castelão, em Fortaleza; e bateram os EUA por 1 a 0 na Arena Pernambuco, no Recife.

No primeiro jogo do mata-mata, viajaram até Porto Alegre e, sob 15º, eliminaram a Argélia por 2 a 1 na prorrogação. O choque térmico causou um pequeno surto de gripe no elenco, sem maiores prejuízos. Nas quartas de final, despacharam a França no Maracanã, 1 a 0.

O jogo seguinte foi aquele.

"Nunca vou esquecer do silêncio da madrugada do 7 a 1", lembra hoje a jornalista carioca Léa Penteado, moradora de Santo André há 20 anos, ex-secretária de Cultura e de Comunicação de Cabrália, agitadora turístico-cultural e espécie de embaixadora informal da região. Até ali, as noites das vitórias alemãs eram de festa. "Daquela vez, eles voltaram muito tarde, e creio que houve uma recomendação para que chegassem em silêncio. Achei muito respeitoso", diz ela, vizinha do Campo Bahia.

A antiga concentração virou um resort com o mesmo nome, com as diárias mais baratas a partir de aproximadamente R$ 2.500. Na entrada, uma placa informa que ali funcionou uma "acomodação oficial" da Copa. Na praia, a barraca da Santinha mantém duas bandeiras, uma do Brasil e uma da Alemanha.

Um dos garotos que bateram bola com os craques alemães na escola municipal envolveu-se com drogas e pequenos crimes e teve de fugir da vila para não ser preso. Parece um caso raro, porque o isolamento mantém a vila pacata. Em Cabrália, poucos quilômetros adiante, na outra margem do rio João de Tiba, a criminalidade é um problema crescente nos últimos anos —assim como os conflitos fundiários têm levado violência à zona rural da região.

Os alemães construtores e donos do Campo Bahia compraram também o outro resort de Santo André, onde funcionou o centro de mídia. Segundo Léa Penteado, os empreendimentos, sobretudo o primeiro, funcionam como escolas de hotelaria e geram emprego para a região.

Não houve um boom de pousadas, mas de moradores de fora. "O que mudou a vida aqui não foi a Alemanha, foi a pandemia, quando começou uma busca enorme por terrenos e casas", diz a jornalista.

A principal novidade desde os alemães é a construção de um "condomínio exclusivo", conforme a propaganda da incorporadora, com 56 lotes (de 800 m² a 1.500 m²), "beach club com piscina, fitness, área gourmet e lounge spa com sauna e massagem" e uma "charmosa rua de lojas de grifes e artesanato rústico típico da Vila de Santo André".

Moradores tentam na Justiça minimizar os impactos ambientais do empreendimento, à beira-mar do trecho definido pelos vendedores como "o segredo mais bem guardado do extremo sul da Bahia". ←

Camões de chuteiras

Brasileiros mostram que com nossa língua podemos dizer o que nos apetecer

Ricardo Araújo Pereira
Humorista, membro do coletivo português Gato Fedorento. É autor de 'Boca do Inferno'

O poema de Adélia Prado chamado "O que a Musa Eterna Canta" começa com os versos "cesse de uma vez meu vão desejo/ de que o poema sirva a todas as fomes". A gente sente a presença de Camões no poema, por causa daquelas célebres linhas de "Os Lusíadas" que dizem "cesse tudo o que a musa antiga canta,/ que outro valor mais alto se alevanta".

Mas há um protagonista maior do que Camões no poema de Adélia Prado. É referido logo a seguir: "Um jogador de futebol chegou mesmo a declarar: / 'Tenho birra de que me chamem de intelectual,/ sou um homem como todos os outros'". Quem seria? Andei pela internet e o palpite mais frequente aponta para Sócrates, o capitão da seleção brasileira na Copa de 1982.

Acontece que o poema "O que a Musa Eterna Canta" pertence ao livro "Bagagem", publicado em 1976 —mas escrito pelo menos em 1973, data em que chegou às mãos de Affonso Romano de Sant'Anna e Carlos Drummond de Andrade.

Ora, em 1973 a carreira de Sócrates mal tinha começado. Nessa altura jogava no Botafogo de Ribeirão Preto ao mesmo tempo em que estudava medicina, e só depois de terminar o curso foi contratado pelo Corinthians. (Espero que a minha conversa sobre literatura não seja demasiado técnica.)

Mas é improvável que, em 1973, em Divinópolis, onde morava, a escritora já tivesse ouvido falar do craque. Seja como for, um jogador de futebol anônimo é citado no poema.

É aqui que quero chegar. Em 1966, ano da Copa disputada na Inglaterra, o escritor português José Gomes Ferreira anota no seu diário, a 10 de julho, um poema de Carlos Drummond de Andrade sobre Pelé. E acrescenta a seguinte reflexão: "Não pude deixar de pensar: e se eu ousasse publicar em Portugal uns versos ao nosso futebolista Eusébio, que diriam de mim? Que era parvo pelo menos". (Parvo é como se diz bobo no hemisfério norte.)

Nem de propósito, no dia seguinte, 11 de julho, o escritor registra que, durante um jantar de homenagem a Lygia Fagundes Telles, a escritora brasileira segredou-lhe: "Vocês, os portugueses, são tão graves… Tão sérios…". Portanto, quando se soube que o prêmio Camões tinha distinguido Adélia Prado, fiquei muito satisfeito. É excelente que os brasileiros continuem a mostrar que, com a nossa língua comum, podemos dizer o que nos apetecer, fazer o que nos apetecer. Incluindo calçar chuteiras em Camões.



Luiza Pannunzio

| DOM. Ricardo Araújo Pereira | **SEG. Bia Braune** | TER. Manuela Cantuária | QUA. Hmmfalemais | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE

Jacqueline Cantore
cantorejac@gmail.com (interina)

Eliana e Antonio Banderas julgam samba e tango hoje no Domingão

Domingão com Huck
TV Globo, 18h10, livre
O quadro "Dança dos Famosos" do chega à final com três semifinalistas, Amaury Lorenzo, Lucy Alves e Tati Machado. A última eliminatória, que terá samba e tango, tem como convidados especiais o ator Antonio Banderas, as apresentadoras Ana Maria Braga e Fátima Bernardes e a nova contratada da emissora, Eliana. É esperado que Fátima Bernardes dance com Banderas.

Balaio Globonews
GloboNews, 18h, livre
A apresentadora Bete Pacheco percorre alguns quilômetros de arte urbana exposta pelas ruas de São Paulo, conhece a instituição cultural criada para promover e preservar o graffiti e conversa com os artistas Rui Amaral, Eduardo Kobra, Nenê Surreal e Tody One.

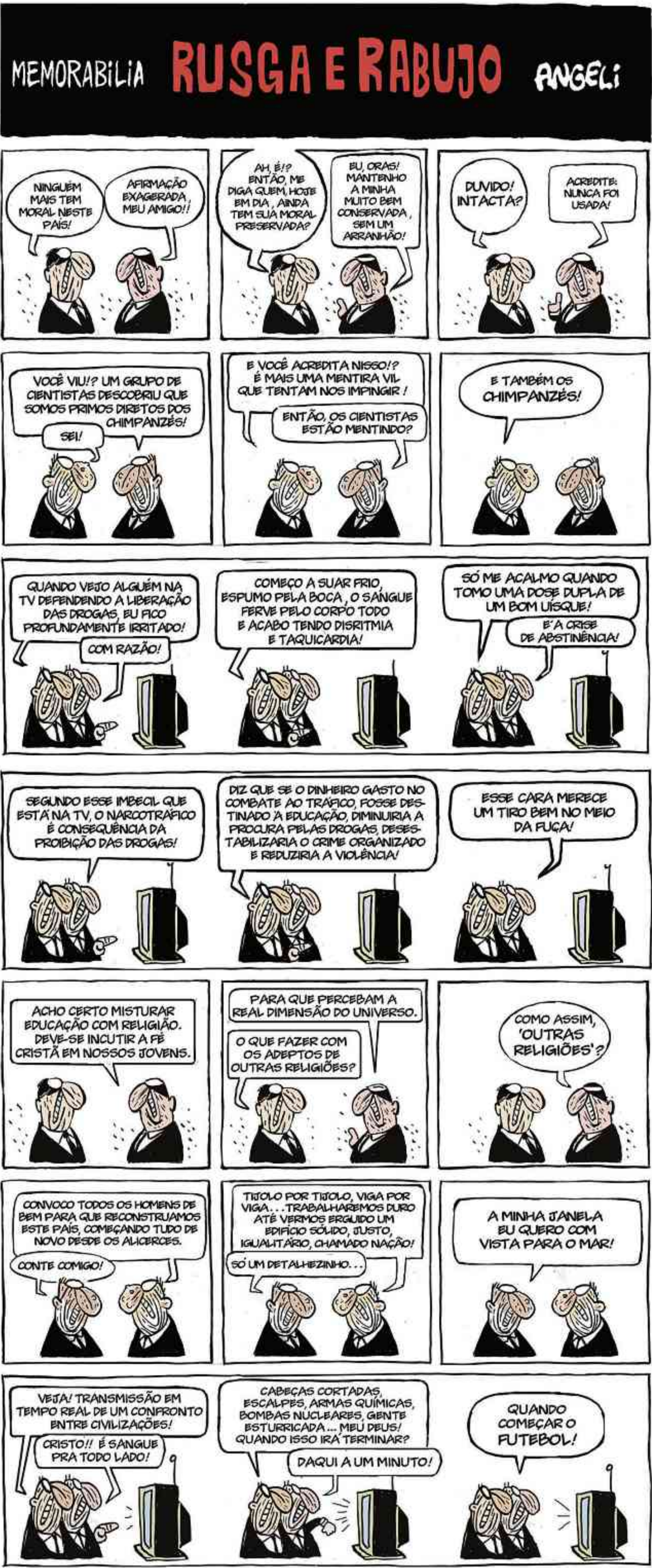
Psicopata Americano
Telecine Cult, 22h, 18 anos
Patrick é um jovem executivo rico, obcecado por sucesso e que esconde sua psicopatia dos amigos. Mas o ódio pelo mundo e o desprezo pelos outros o acabam transformando em um brutal assassino em série. Sátira de terror protagonizada por Christian Bale.

Meninas Malvadas
Paramount+, 12 anos
Cady Heron entra em uma nova escola e se aproxima das meninas populares, as patricinhas, mas acaba se apaixonando pelo ex-namorado da líder, Regina George. As duas se tornam inimigas, dificultando ainda mais o cotidiano do ensino médio. Nova versão do filme de 2004.

Politicamente Incorretos
Netflix, 12 anos
Nesta comédia espanhola que satiriza a polarização política do país, dois assessores de imprensa rivais são forçados a trabalhar juntos e, apesar dos embates políticos, formam um vínculo inesperado, que acaba repercutindo nas eleições presidenciais.

Quantos Dias. Quantas Noites
Aquarius, 10 anos
Com a expectativa de vida ultrapassando os cem anos no mundo, este documentário brasileiro realiza um mergulho profundo nos propósitos da existência. Especialistas e pensadores discutem as oportunidades e as desigualdades, assim como a nossa conexão com o tempo e com a idade.

QUADRÃO | Angeli



| DOM. Jan Limpens, João Montanaro, Ricardo Coimbra, Angeli, **Laerte**

Nome fundamental do choro, Laércio de Freitas morre aos 83

SÃO PAULO Morreu na tarde da última sexta-feira, em São Paulo, o maestro, compositor, arranjador e ator Laércio de Freitas, célebre por seu trabalho na MPB ao lado de nomes como Elza Soares, Erasmo Carlos, Marcos Valle e Maria Bethânia. Ele tinha 83 anos. Segundo a família, a morte aconteceu por causas naturais.

De formação erudita, Freitas "caiu no popular", conta o amigo e produtor Helton Altman, para quem o músico foi um "divisor de águas incontestável" para o gênero musical do choro. "Ele chegou ao ponto de transformar o choro, maior música instrumental brasileira", afirma Altman.

Nascido em 1941, em Campinas, no interior paulista, ele se formou em piano pelo Conservatório Carlos Gomes e fez sua carreira como compositor e arranjador de discos como "Quem É Quem", de João Donato, e "Contraste", de Jards Macalé. Ainda trabalhou com Maria Bethânia, Ângela Maria, Wilson Simonal, Ivan Lins, Martinho da Vila e Emílio Santiago.

Pai da atriz e cantora Thalma de Freitas, ele trabalhou também com os grupos dos maestros Radamés Gnatalli, Severino Araújo e fez parte do Tamba 4 substituindo Luis Eça no terceiro disco do grupo.

Seu primeiro álbum solo, lançado em 1972, "Laércio de Freitas e o Som Roceiro", foi cultuado por sua sonoridade ousada. A ele se seguiram obras como "São Paulo no Balanço do Choro", e "Terna Saudade".

O músico também atuou, ao longo da carreira, como arranjador junto à Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, a Osesp, e Banda Mantiqueira.

Freitas deixa as filhas Thalma e Tricia, além da mulher, a empresária e produtora Piki de Freitas, e três netos.

Ciclo de Cinema e Psicanálise debate filme 'O Camaleão'

SÃO PAULO Em parceria com a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e a Cinemateca Brasileira, a **Folha** promove, na quarta-feira, dia 10, sessão de cinema com a presença de especialistas para discutir o racismo.

O filme exibido será "O Camaleão", de 1990. A obra conta a história de um camaleão social que se faz passar por repórter, médico e advogado para ganhar dinheiro.

A quarta sessão do Ciclo de Cinema e Psicanálise conta com parceria da Filmicca, streaming brasileiro de filmes independentes e autorais. O evento acontecerá às 19h30 na Cinemateca. Os ingressos gratuitos serão distribuídos uma hora antes da sessão.



Brinquedos em meio a escombros de casa queimada por colonos israelenses na aldeia de Al-Mughayyir, na Cisjordânia Zain Jaafar - 17.abr.24/AFP

Descolonização reacionária

[RESUMO] As noções de descolonização e decolonialidade, forjadas no pensamento crítico latino-americano, vêm sendo apropriadas por movimentos autoritários cujos projetos nativistas, sustenta o autor, concebem uma relação essencializada da população com o território que ocupa, o que impulsiona o ódio contra grupos considerados invasores e medidas que podem resvalar em extermínio

Por ***Fábio Zuker***
Antropólogo e jornalista, com doutorado pela USP e pós-doutorado pela Universidade de Princeton. Autor de 'Vida e Morte de uma Baleia-minke no Interior do Pará e Outras Histórias da Amazônia'

As primeiras décadas do século 21 têm sido marcadas por um fenômeno curioso e assustador. Novos movimentos autoritários encontraram nas ideias de descolonização e decolonialidade uma justificativa para seus projetos políticos.

São movimentos ultraconservadores de amplo apoio popular na Rússia, na França e nos Estados Unidos ancorados em uma ideia de nativismo. Essa apropriação também tem sido feita pelo sionismo messiânico judaico em Israel e pelos grupos jihadistas na Palestina, cada um almejando estabelecer um Estado nativo entre o mar Mediterrâneo e o rio Jordão.

Originada no campo acadêmico por intelectuais latino-americanos de esquerda como Walter Mignolo, Aníbal Quijano e Enrique Dussel, preocupados em criticar o traço multifacetado e contínuo do poder colonial, a ideia de decolonialidade encontrou terreno fértil na extrema direita. Trata-se de uma essencialização da relação de pertencimento entre um grupo étnico e um território que leva o nacionalismo anterior à formação dos Estados-nações ao campo da supremacia étnico-religiosa com os Estados já formados.

Esse movimento de apropriação de conceitos críticos elaborados pela esquerda, subvertendo o seu significado original, também definiu a extrema direita no século passado. Não é à toa que o Partido Nazista se chamava, precisamente, Partido Nacional-socialista dos Trabalhadores Alemães.

Como defende Hannah Arendt, os nazistas, enquanto erigiam um partido e um governo para transformar a estrutura do Estado alemão e torná-lo antibolchevique e antijudaico, propositadamente tornaram obsoletas denominações políticas ao incorporar a palavra socialismo no nome de seu partido.

Em um curto ensaio publicado recentemente, a historiadora das ideias políticas Miri Davidson apontou o que ela chama de "descolonização da extrema direita". Para que não sobrem dúvidas: essa apropriação da ideia de decolonialidade vem a serviço de projetos políticos retrógrados, racistas e muito distantes do espírito crítico que moveu os intelectuais latino-americanos mencionados que forjaram o conceito.

Rússia

O caso de Vladimir Putin é significativo. A invasão da Ucrânia é defendida pelo presidente-czar e seus ideólogos como um movimento anticolonial e, simultaneamente, parte de um projeto imperialista.

O que permite a articulação dos dois conceitos contraditórios é o entendimento de que a ordem global existente é fruto de um imperialismo norte-americano que opera em termos culturais, econômicos e militares. Daí, segundo essa lógica, o imperialismo russo ser decolonial, se contrapondo ao imperialismo dominante, chamado de atlantismo pelo místico russo Alexander Dugin.

É impossível compreender a racionalidade política da Rússia contemporânea sem entender Dugin, considerado o mais influente filósofo político do país e responsável por moldar, no século 21, sua ideologia pós-soviética. Dugin tem grande inserção na elite russa e defende que o país não é nem ocidental nem oriental, mas uma civilização própria que luta para estabelecer um império eurasiano ancorado em uma mística cristã ortodoxa.



Donald Trump em aeroporto da Pensilvânia Anna Moneymaker - 22.jun.24/Getty Images/AFP

Assim, enquanto os EUA e seus aliados europeus trabalhariam pela extensão de um império centrado em uma ideia de um espaço vazio, neutro e homogeneamente concebido, a territorialidade russa e seu império estariam baseados em uma concepção concreta, em que um povo particular é inseparável do território que ocupa.

A batalha russa contra o imperialismo ocidental não seria, portanto, uma batalha política qualquer. Para Dugin, se trata de uma luta espiritual, uma batalha existencial pela alma russa, já que a globalização exportada pelos Estados Unidos seria uma forma de mascarar o lado "espiritual" do imperialismo, marcado pela imposição dos valores liberais norte-americanos em todo o globo.

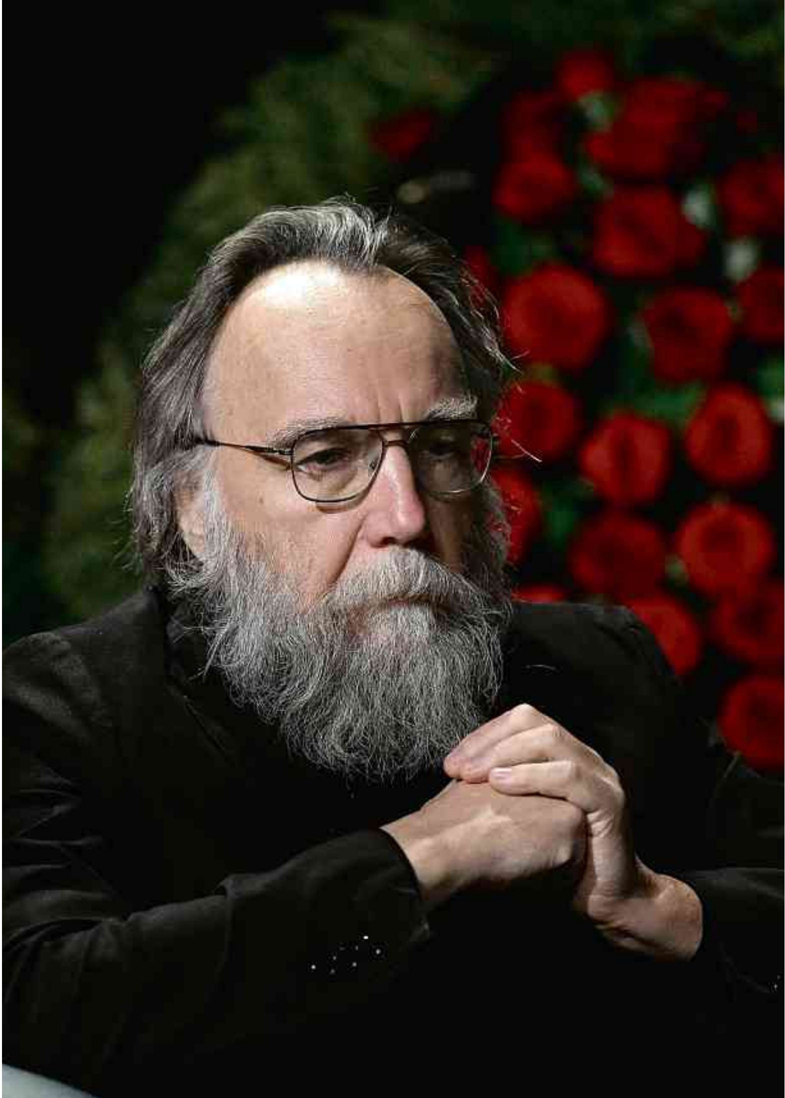
Dessa forma, na sua visão, o surgimento de movimentos nativistas ao redor do mundo acontece como vulcões que entram em erupção um depois do outro, desfazendo a promessa de paz almejada pelo duplo projeto democracia liberal/economia de mercado. Para a Rússia, é fundamental minar o imperialismo norte-americano, fomentando movimentos populistas isolacionistas nos EUA —daí o apreço por Donald Trump— e a extrema direita europeia.

Ao lado do renascimento da Eurásia, Dugin prevê também uma ala islâmica, uma xiita, uma africana, uma chinesa e uma latino-americana, completando o quadro. Trata-se de um projeto geopolítico centrado na descolonização dos povos ao redor do globo e em uma ideia fascista da relação entre povos e territórios.

Teoria da grande substituição

Longe de se restringir à Rússia, ideias similares têm sido

Continua na pág. C9



O ideólogo russo Alexander Dugin Kirill Kudryavtsev - 23.ago.22/AFP

Continuação da pág. C8

disseminadas amplamente na França e nos EUA. O escritor francês Renaud Camus é o autor de "A Grande Substituição" (2012), livro em que defende a tese racista e islamofóbica de que a Europa está sendo invadida por árabes e africanos. Aqui, a ideia de descolonização da Europa se volta contra a suposta invasão que tiraria o caráter nativo do povo branco e cristão.

A teoria tem sido apropriada por movimentos supremacistas brancos na Europa, nos EUA, na Austrália e na Nova Zelândia e utilizada frequentemente para legitimar marchas neonazistas ou assassinatos em massa. Este foi o caso do terrorista australiano que, depois de postar um manifesto inspirado na teoria da grande substituição, transmitiu online o massacre em uma mesquita em Christchurch, na Nova Zelândia, em que assassinou 51 pessoas.

Nos EUA, a teoria da grande substituição deixou de ter uma circulação marginal e passou de grupos supremacistas brancos para o mainstream do Partido Republicano, a ponto de Trump estar propondo medidas de deportação em massa caso seja eleito em novembro. Na versão norte-americana, os judeus seriam os principais responsáveis por traficar latinos e outros povos para destruir o caráter branco e cristão do país.

O fato de os EUA terem se tornado, nas últimas décadas, um país mais diverso é utilizado por políticos ultraconservadores para amedrontar a população branca, afirmando que eles perderiam seus privilégios e que seus votos se tornariam menos valiosos. Para grupos extremistas dos EUA e de diversos países da Europa, descolonizar passou a ser sinônimo de projetos autoritários em defesa da população branca "nativa".

Israel e Palestina

Talvez em nenhum outro lugar a cooptação reacionária da ideia de descolonização tenha gerado tanta violência quanto no conflito Israel-Palestina. A extrema direita israelense e movimentos islâmicos teocráticos como Hamas e Jihad Islâmica têm travado uma brutal dança da morte na disputa a respeito de quem tem o direito de ser descolonizado.

Se há uma simetria no desejo de varrer o outro da terra com o propósito de extirpar aquele considerado invasor, há uma assimetria brutal no que diz respeito às capacidades militares e ao apoio internacional para de fato fazê-lo. Assim, de um lado, o genocídio perpetrado por Binyamin Netanyahu e seu governo é, em grande medida, guiado pelo delírio fundamentalista que vislumbra que a construção de uma Grande Israel precipitaria a vinda do Messias e o fim dos tempos.

Complementarmente, Yahya Sinwar, Ismail Haniya, Mohammed Deif e demais líderes do Hamas são responsáveis nesse genocídio, já que usam as mortes de palestinos alheios ao movimento para a efetivação de um projeto político teocrático. Para tanto, afirmam que a autodeterminação judaica sob um Estado nacional equivaleria a um projeto colonial a ser extirpado.

O retorno de Netanyahu ao cargo de premiê ocorreu em 2022, apenas um ano e meio depois da sua saída. Acuado pelo Judiciário em acusações de suborno e corrupção, o político do partido tradicional de direita Likud avançou em sua virada para a extrema direita ancorando seu governo em siglas extremistas como os partidos Religioso Sionista e Poder Judaico.

Anos antes, Netanyahu já havia aprovado a controversa lei que estabelece que Israel é um Estado exclusivo aos judeus, entendida por muitos como uma norma que institui um regime de apartheid, já que cerca de 20% da população israelense é composta de árabes cristãos e muçulmanos.

Figuras outrora marginais da política israelense, como Bezalel Smotrich e Itamar Ben-Gvir, que construíram suas carreiras políticas incentivando a violência de colonos israelenses contra palestinos na Cisjordânia e em Gaza, foram alçados a cargos centrais no governo Netanyahu. Smotrich é ministro das Finanças, e Ben-Givr comanda a pasta da Segurança Nacional. Ambos dedicam suas vidas à empreitada de "descolonizar" o território localizado entre o Mediterrâneo e o rio Jordão, defendendo a formação de um Estado com território ampliado em que judeus sejam considerados indígenas e árabes, invasores.

A arqueologia, nesse sentido, se tornou em Israel uma ciência a serviço não apenas do Estado, mas de uma visão radical e expansionista do país, baseada em uma espécie de destino manifesto, mobilizado para justificar décadas de ocupação ilegal da Cisjordânia e da Faixa de Gaza. A situação é particularmente drástica em Jerusalém, onde estudos arqueológicos conduzidos por grupos de colonos em busca de vestígios da cidade do rei Davi são usados para expulsar bairros palestinos inteiros.

O Hamas também tem um projeto reacionário e teocrático de descolonização. Seus inimigos são tanto os judeus quanto as organizações palestinas seculares e de tendência socialista.

A criação de um Estado islâmico na Palestina, do rio ao mar, está apoiada na ideia racista de que os judeus não pertencem ao Oriente Médio, apesar de a maior parte dos judeus que vivem em Israel ter origem no Norte da África, na região do Levante (da qual a Palestina histórica faz parte) e na Península Arábica. Entre os anos 1940 e 1970, cerca de 800 mil judeus sofreram limpeza étnica em países árabes e muitos encontraram refúgio em uma Israel em plena formação.

Além disso, ninguém é nativo do território entre o rio e o mar, já que todos os impérios dos últimos 3.000 anos que dominaram a região forçaram pessoas a irem para um lado e para o outro, dos babilônios aos britânicos.

A perspectiva fundamentalista do Hamas, que ganha adeptos de esquerda ao redor do mundo, trabalha precisamente para apagar que a ideia de formação de um Estado judaico surgiu concomitantemente a outros nacionalismos, à medida que os impérios de Habsburgo, Otomano e Russo iam se esfacelando.

No caso do Império Otomano, a emergência de nacionalidades modernas, sejam as hegemônicas (turcas e árabes), sejam as minoritárias (entre as quais a judaica), buscaram estabelecer uma lógica de Estado-nação avessa à dos impérios multiétnicos, que foi atrasada pelo colonialismo britânico e francês.

Historicamente, as mesmas tendências políticas que defendiam a criação dos Estados árabes eram a favor do Estado judaico. Do contrário, seriam saudosistas do otomanismo ou simpáticas à colonização pelas potências europeias. A criação de um pequeno Estado judaico em meio à vastidão de Estados árabes era lida como um projeto anti-imperial e anticolonial, inclusive por líderes árabes. A tragédia é que Israel esteja há décadas se valendo de táticas coloniais para impedir a emergência de um Estado palestino como vizinho —o que, invariavelmente, implicará a concessão de terras.

Ao longo das décadas, a cooptação de dois movimentos anticoloniais legítimos por grupos extremistas gerou dois projetos de descolonização mutuamente excludentes, que têm minado qualquer possibilidade de diálogo e coexistência de dois povos cujo destino histórico foi entrelaçado, em grande medida, independentemente da sua vontade.

Em nome da descolonização, tudo se tornou superlativo. O ataque de 7 de outubro foi o maior assassinato de judeus em um só dia desde Auschwitz. A resposta de Netanyahu é uma carnificina sem precedentes e já assassinou quase 40 mil palestinos, com bombardeio indiscriminado em Gaza e o uso da fome como arma de guerra —ações que levaram a Corte de Haia a determinar medidas contra atos de genocídio em Gaza, embora as decisões pareçam ter surtido poucos efeitos concretos em deter a máquina de guerra israelense.

Estamos diante de um fenômeno político novo. Os novos autoritarismos ganham tração na Europa, na Rússia e nos EUA, bem como junto aos movimentos fundamentalistas judaicos e islâmicos, cada qual justificando seu projeto político no nativismo e na essencialização do pertencimento étnico-religioso a um território.

Esses casos tornam evidente que a apropriação da lógica da descolonização pela extrema direita pode rapidamente resvalar em projetos supremacistas, que, para prosperar, dependem do cultivo do ódio e, em última instância, do extermínio do outro. ←

Os novos autoritarismos ganham tração na Europa, na Rússia e nos EUA, bem como junto aos movimentos fundamentalistas judaicos e islâmicos, cada qual justificando seu projeto político na essencialização do pertencimento étnico-religioso a um território

A apropriação da lógica da descolonização pela extrema direita pode rapidamente resvalar em projetos supremacistas, que dependem do ódio e, em última instância, do extermínio do outro

Imprensa ameaçada

Teoria usada contra Assange pode transformar jornalistas em criminosos

Glenn Greenwald
Jornalista, advogado constitucionalista e fundador do The Intercept

Ver Julian Assange deixar a prisão e sair do Reino Unido como um homem livre foi uma das cenas mais gratificantes que já tive a chance de presenciar. Já que Assange é um amigo, um aliado e um colega de longa data, foi difícil fazer qualquer coisa além de comemorar sua liberdade.

Assange foi finalmente libertado porque a opinião pública australiana passou a cobrar que seu governo deixasse de ser tão subserviente aos EUA e trabalhasse mais pela liberdade do fundador do WikiLeaks (Assange é cidadão australiano). O primeiro-ministro do país, Anthony Albanese, finalmente exerceu pressão —em público e em particular— sobre o governo de Joe Biden.

Assange passou os últimos cinco anos na prisão de Belmarsh, em Londres, uma penitenciária de segurança máxima tão repressiva que foi apelidada pela BBC de "Guantánamo inglesa". Ao lado dos detentos mais perigosos do país e dos considerados terroristas, Assange foi mantido o tempo todo confinado sozinho em uma cela mínima, com exceção de uma hora de banho de sol por dia.

Antes de ser mandado para Belmarsh, Assange já estava confinado havia sete anos. Em 2012, ele foi intimado pelas autoridades suecas a se submeter a um interrogatório no âmbito de uma acusação de estupro.

Defendendo sua inocência, o fundador do WikiLeaks deixou claro que estaria disposto a pegar um avião para Estocolmo para responder às acusações, desde que o governo sueco oferecesse garantias de que ele, uma vez no país, não seria entregue ao governo americano —que, se sabia, buscava prendê-lo.

Depois de a Suécia negar essa proteção, Assange solicitou e recebeu asilo político do Equador. O então presidente Rafael Correa prometeu que o fundador do WikiLeaks poderia ficar na embaixada do país em Londres enquanto permanecessem as ameaças dos EUA. Mas, em 2019, os EUA e o Reino Unido conseguiram pressionar o sucessor enfraquecido de Correa, Lenín Moreno, a retirar o asilo político concedido a Assange e permitir que a polícia de Londres ingressasse na embaixada para prendê-lo.

Os sete anos que Assange passou naquela embaixada pouco diferem de uma prisão. Quando o visitei em 2017, junto com meu marido David Miranda, ficamos chocados ao ver seu evidente declínio físico.

Seu lar na embaixada era pouco mais que um pequeno apartamento conjugado, sem nenhuma área ao ar livre. Policiais eram mantidos de plantão em frente à embaixada 24 horas por dia. A única razão pela qual existe um vídeo que documenta essa visita é porque a CIA —ilegalmente— monitorou e espionou Assange, incluindo as visitas que recebeu, durante os sete anos que ele passou lá.

Talvez o mais notável de tudo isso seja o fato de Assange nunca ter sido condenado por nenhum crime, exceto violação de liberdade condicional por não ter comparecido ao tribunal, em 2012, quando obteve asilo do Equador. Essa sentença foi de apenas 12 meses, que ele cumpriu integralmente em 2020. No entanto, os EUA e o Reino Unido conspiraram para mantê-lo preso por anos, sem condenação.

A enorme alegria —e alívio— com a libertação de Assange não pode minimizar a gravidade e o perigo representados por essa tentativa de criminalização do fundador do WikiLeaks pelos EUA. Como alertei em um artigo no Washington Post publicado quando os EUA o indiciaram pela primeira vez, a teoria usada para criminalizar Assange pode ser igualmente empregada para criminalizar a prática de jornalismo investigativo como um todo.

Isso porque seus supostos crimes —"conspirar com a fonte" para evitar que ela seja identificada e incentivá-la a obter informações— é a base do trabalho de qualquer jornalista investigativo. Não por acaso, quando o Ministério Público do Brasil tentou, em 2020, me processar criminalmente pela Vaza Jato, as teorias usadas foram exatamente as mesmas usadas pelos EUA para criminalizar Assange, como alertou o Comitê para a Proteção dos Jornalistas.

Como condição para sua libertação, Assange foi obrigado a se declarar culpado do crime de espionagem. Isso não teve efeito sobre Assange, que acabou libertado pelo mesmo acordo, mas significa que agora há o precedente de que o governo dos EUA e, presumivelmente de qualquer outro país, pode transformar qualquer jornalista em criminoso.

O governo americano exigiu essa confissão de culpa por um único motivo: embora o acordo de Assange não tenha força como precedente legal, ele sinaliza a todos os jornalistas investigativos do mundo democrático que suas reportagens também podem levá-los à prisão se seu trabalho constranger interesses poderosos.

Como essa é a atribuição mais nobre do jornalismo, para além da tragédia humana que foi manter Assange enjaulado por 12 anos, esse caso representa uma ameaça maior que nunca à liberdade de imprensa em todo o mundo.

[...]

Embora o acordo de Assange não tenha força como precedente legal, ele sinaliza a todos os jornalistas investigativos do mundo democrático que suas reportagens também podem levá-los à prisão

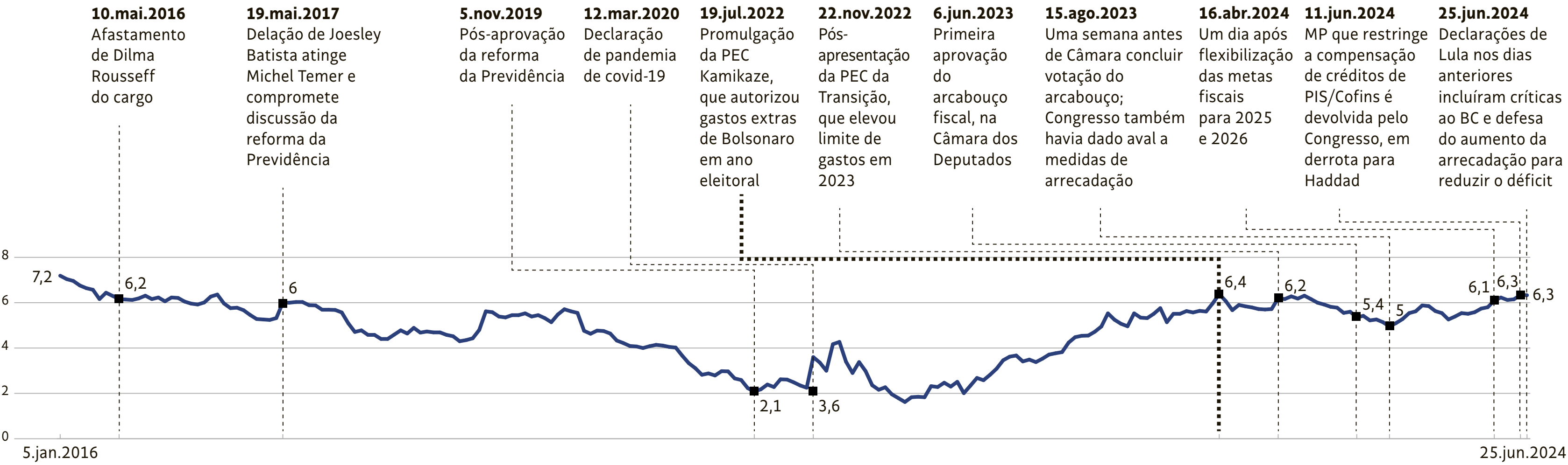
DOM. Bernardo Carvalho, Ailton Krenak, Juliana de Albuquerque, Glenn Greenwald


INÉDITO E
EXCLUSIVO

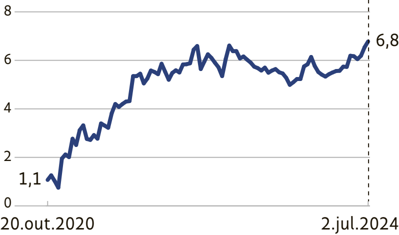


Juros de títulos emitidos pelo Tesouro Nacional na última década

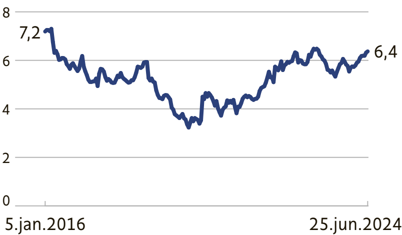
NTN-B de 5 anos
Taxa de juros por data do leilão*, em %



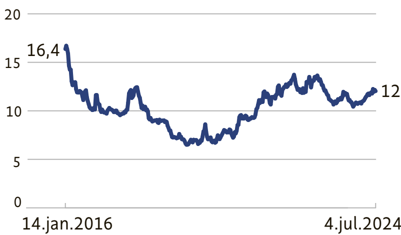
NTN-B de 3 anos
Taxa de juros por data do leilão, em %



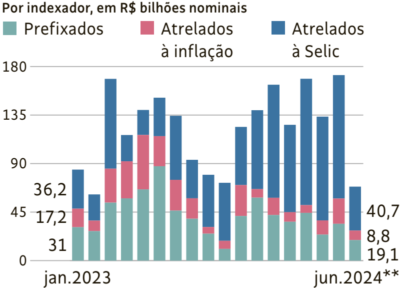
NTN-B de 40 anos
Taxa de juros por data do leilão, em %



NTN-F de 10 anos
Taxa de juros por data do leilão, em %



Volume de emissões
Por indexador, em R$ bilhões nominais



* As datas se referem à realização do leilão, não necessariamente do evento mencionado ** Informação consolidada ainda não divulgada pelo Tesouro. Dados compilados a partir dos resultados dos leilões de oferta pública dos títulos Fonte: Tesouro Nacional

Incerteza fiscal leva governo a pagar maior juro desde a PEC Kamikaze

Tesouro freou volume de novas emissões; custo maior amplia esforço para controlar dívida

INCERTEZA FISCAL

Idiana Tomazelli

BRASÍLIA A desconfiança dos investidores quanto à disposição do governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) em cumprir o arcabouço fiscal levou o Tesouro Nacional a pagar a maior taxa de juros nas emissões da dívida pública desde julho de 2022, quando o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) conseguiu aprovar a PEC Kamikaze para turbinar gastos em ano eleitoral.

O ambiente desfavorável fez com que a União não só pagasse mais caro, mas também freasse a captação de recursos no mês de junho. Sempre que isso acontece, o governo precisa recorrer a uma reserva de liquidez, conhecida como "colchão da dívida", para honrar obrigações com os investidores.

A turbulência se deu em um mês marcado pela piora no ambiente externo e por uma sucessão de declarações de Lula que ampliaram a percepção de risco fiscal no Brasil. O chefe do Executivo desferiu ataques ao Banco Central e interditou uma série de medidas de contenção de gastos que estavam em discussão na equipe econômica.

A cotação do dólar escalou e chegou a bater a marca dos R$ 5,70 durante a terça-feira (2), o que gerou repercussão negativa para o governo e deflagrou uma espécie de freio de arrumação. Na quarta (3), o ministro Fernando Haddad (Fazenda) anunciou um corte de R$ 25,9 bilhões em despesas obrigatórias para 2025.

Mas o câmbio não foi o único ativo financeiro que reagiu à maior percepção de risco. As taxas cobradas pelos investidores para financiar o governo brasileiro deram um salto nos diferentes segmentos da curva de juros, que incluem prazos curtos e mais longos.

Já o volume das emissões ficou em R$ 68,6 bilhões em junho, o menor do ano e um valor baixo ante a média dos últimos 12 meses (cerca de R$ 130 bilhões ao mês).


O presidente Lula discursa em cerimônia no Campus Osasco da Unifesp Danilo Verpa/Folhapress

Um dos principais termômetros dessa desconfiança é a emissão das NTN-Bs (Notas do Tesouro Nacional - Série B), título remunerado pelo IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo) mais uma taxa real de juros.

Na última terça, a NTN-B de três anos foi emitida com uma taxa de 6,78% acima da inflação, patamar recorde desde que o papel com esse prazo foi criado, em 2020. Diante do custo elevado, o Tesouro aceitou captar apenas R$ 261 milhões, valor considerado baixo.

Na NTN-B de cinco anos, título com histórico maior, o governo brasileiro pagou juro real de 6,3439% em 11 de junho e de 6,3279% em 25 de junho. O pico foi o maior desde 19 de julho de 2022, após a promulgação da PEC Kamikaze de Bolsonaro, quando chegou a 6,378%.

As taxas se equipararam a outros momentos de afrouxamento da política fiscal ou de maior percepção de risco, como o aumento de gastos aprovado na transição para o governo Lula, a dúvida sobre a aprovação do teto de gastos no governo Michel Temer (MDB) e as semanas que antecederam o impeachment de Dilma Rousseff (PT) em 2016.

A deterioração também foi percebida nas NTN-Bs de 40 anos, papéis de maior prazo emitidos pelo governo nos leilões de oferta pública, e nas NTN-Fs (Notas do Tesouro Nacional - Série F) de dez anos, títulos prefixados preferido dos estrangeiros.

"Se eu preciso ir ao banco toda semana para tomar empréstimo, eu preciso convencer o banco toda semana que eu tenho condições de pagar os empréstimos. Senão, ele vai me cobrar taxas de juros cada vez mais altas", afirma o economista Jeferson Bittencourt, head de macroeconomia do ASA e ex-secretário do Tesouro Nacional.

"É nesse sentido que o governo precisa estar o tempo todo reforçando a credibilidade em sua trajetória de solvência, de maneira estrutural e no curto prazo, e evitar ruídos de comunicação que coloquem em dúvida a institucionalidade, tanto da política monetária quanto da política fiscal. Isso é fundamental para cada leilão", diz.

Em relatório a clientes, o economista Sergio Goldenstein, estrategista-chefe da Warren Rena e ex-chefe do Departamento de Mercado Aberto do BC, elencou seis fatores que afetaram negativamente o mercado de títulos públicos no mês de junho.

Eles incluem os rumores de isolamento de Haddad dentro do governo, as seguidas declarações de Lula refutando a necessidade de conter gastos e atacando a autonomia do BC, os receios quanto à sucessão de Roberto Campos Neto, a redução da alocação de investidores em mercados emergentes, o pequeno apetite dos investidores locais ao risco e a significativa desvalorização do real.

Um aumento no custo da dívida tem reflexo direto no esforço que o próprio governo ou seus sucessores precisarão fazer para honrar a fatura dessas obrigações. As taxas mais altas serão carregadas durante anos, até o vencimento do papel emitido no momento da turbulência.

A questão tem peso ainda maior diante da elevada necessidade de financiamento do país.

Só em 2024, o governo brasileiro precisa captar quase R$ 1,5 trilhão no mercado para pagar outras dívidas que vencem este ano e honrar despesas do Orçamento, dada a perspectiva de déficit.

Segundo Bittencourt, ruídos podem levar o Tesouro a adiar seu cronograma de captações, reduzir o colchão da dívida ou sancionar taxas mais elevadas —ou uma combinação dessas três estratégias.

O Brasil tinha em maio um colchão de liquidez robusto, de R$ 1 trilhão, o suficiente para honrar oito meses de pagamento do serviço da dívida federal.

Mas a reserva de segurança é um recurso finito e existe justamente para dar confiança aos investidores de que o país é solvente.

Para lidar com o cenário mais adverso, o órgão também pode fazer emissões em prazos mais curtos ou em modalidades mais arriscadas, como os títulos atrelados à taxa Selic (se o Banco Central decide subir os juros, o governo não está protegido e precisa arcar com um custo adicional). Trata-se de uma composição longe do padrão ideal almejado pelo Tesouro em seu planejamento anual e de longo prazo.

Em maio, por exemplo, a proporção de títulos remunerados pela Selic no estoque da dívida pública estava em 43,78%, bem próximo do teto de 44% estipulado no PAF (Plano Anual de Financiamento).

Ultrapassar esse limite não gera nenhuma punição, mas é sinal das dificuldades para cumprir o planejado.

No longo prazo, a proporção de títulos atrelados à Selic deveria caminhar para a faixa entre 21% e 25% do estoque da dívida. No julgamento das contas da Presidência da República de 2023, o TCU (Tribunal de Contas da União) destacou a "notável distância de alguns desses indicadores em relação aos objetivos ideais de longo prazo".

Embora a sinalização de corte nas despesas obrigatórias em 2025 tenha contribuído para a melhora do mercado, Bittencourt afirma que boas condições para a gestão da dívida dependem de melhor comunicação do governo e de medidas críveis para garantir a sustentabilidade do arcabouço fiscal.

"É preciso mostrar que o arcabouço oferece uma trajetória confortável para a dívida em mais de um cenário. O governo mostrou uma trajetória no último PLDO [Projeto de Lei de Diretrizes Orçamentárias] em um cenário muito específico, que é muito diferente do cenário de mercado. Não é só uma questão de 'cada um acredita no que quer', mas sim de se fazer crível", diz.

+ Série aborda incerteza sobre as contas públicas

Após uma expansão de gastos autorizada em 2022, durante a transição entre o antigo e o novo governo, a gestão de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) propôs o novo arcabouço fiscal. No entanto, pairam dúvidas sobre a capacidade de a equipe econômica entregar os resultados prometidos. Série da **Folha** expõe em detalhes essa incerteza fiscal e os meios para resolvê-la.

> Se eu preciso ir ao banco toda semana para tomar empréstimo, eu preciso convencer o banco toda semana que eu tenho condições de pagar os empréstimos
>
> **Jeferson Bittencourt**
> head de macroeconomia do ASA e ex-secretário do Tesouro

PAINEL S.A.

Julio Wiziack
painelsa@grupofolha.com.br

Tufi Daher Filho

'Só quero que Lula cumpra o que me prometeu', diz CEO da Transnordestina

Um dos maiores projetos de infraestrutura do país, a ferrovia Transnordestina, que liga Eliseu Martins (PI) ao porto de Pecém (CE), foi mantida sob o comando do grupo CSN, de Benjamin Steinbruch, e agora enfrenta dificuldades para obter o financiamento necessário para a última etapa. Se tudo der certo, a via estará totalmente trafegável até 2027, com dez anos de atraso.

O presidente Lula disse publicamente que não faltaria dinheiro para a ferrovia. Por que o projeto emperrou novamente? É preciso um decreto autorizando uma operação de R$ 3,6 bilhões com o FDNE [Fundo de Desenvolvimento do Nordeste]. Sem isso, a obra fica parada.

De quem é a culpa?
Isso [o decreto] estava parado no Ministério da Fazenda durante sete meses. Não tem cabimento o presidente da República prometer a liberação da obra e, por causa da burocracia, ela ficar parada. Lula pegou no meu braço [em visita à obra] e falou: 'não faltarão recursos para a Transnordestina'. Eu só quero que se cumpra o que Lula me prometeu.

Que tipo de operação pendente é essa? É um empréstimo para a Transnordestina que tem como avalista o grupo CSN. Se não pagar, dá vencimento da dívida lá na CSN.



Raio-X
Engenheiro civil (PUC-MG), fez carreira em infraestrutura, boa parte dela ligada ao grupo CSN. É CEO da Transnordestina Logística desde 2022 e já presidiu a MRS Logística. Atuou na Ferrovia Centro-Atlântica e na Companhia Brasileira de Trens Urbanos. Também é cafeicultor em Minas Gerais

A obra avançou muito. Foi com dinheiro de Steinbruch? Ele já colocou R$ 4,2 bilhões, saídos do caixa da companhia, fora empréstimos. A CSN se comprometeu a colocar mais R$ 1,5 bilhão.

Mas Steinbruch deve ter renegociado dívidas para injetar dinheiro novo, não? Ele alongou a dívida [o equivalente a R$ 1,5 bilhão] por cinco anos para finalizar a obra.

Nos projetos ferroviários de grande porte, como a Norte-Sul, o governo construiu a obra para que fosse licitada depois. Nesse projeto é o contrário. Mesmo assim, o governo terá alguma participação? Metade desses R$ 3,6 bilhões a serem tomados com o FDNE é conversível em ações pelo governo.

A ferrovia foi modificada e um trecho foi cortado do projeto original no governo Jair Bolsonaro. No entanto, muitos investimentos já tinham sido feitos. Quanto devem receber de indenização por isso? Cerca de R$ 4 bilhões, o equivalente a R$ 25 milhões por quilômetro já construído [em direção ao porto de Suape]. São cerca de 190 km ao todo. Mas há outras obras, até um túnel. Os valores ainda estão em discussão.



O ministro Fernando Haddad em cerimônia de lançamento do Plano Safra, no Palácio do Planalto Pedro Ladeira/Folhapress

Governo cogita taxa em universidades e mudança no Fundeb

Ideias estão em cardápio de iniciativas formulado por ala do Executivo em meio à restrição orçamentária

INCERTEZA FISCAL

Fábio Pupo
Adriana Fernandes
e Idiana Tomazelli

BRASÍLIA Após o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) descartar mudanças no piso de despesas com educação, a equipe econômica redirecionou as atenções a outras medidas de ajuste ligadas à área. Entre elas, cobrar mensalidade de alunos ricos em universidades públicas e alterar parâmetros do Fundeb (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica).

As medidas são analisadas por uma ala do governo e, de acordo com relatos feitos à **Folha**, fazem parte de um cardápio com mais de cem iniciativas vistas como passíveis de serem colocadas em debate. O objetivo é buscar o reequilíbrio fiscal diante do compromisso de eliminar o déficit nas contas públicas.

A cobrança das mensalidades nas universidades seria voltada apenas a alunos de classes sociais mais favorecidas. A iniciativa teria como alvo parte dos 1,3 milhão de estudantes matriculados na rede federal de ensino superior.

Apesar de as discussões considerarem essas possibilidades, ainda é incerto o impacto fiscal das iniciativas. A mudança no perfil dos alunos de universidades públicas ao longo dos anos, por exemplo –com mais presença de estratos pobres–, pode limitar os ganhos com eventuais cobranças.

No caso do Fundeb, a visão é que as alterações podem proporcionar maior flexibilidade orçamentária. Em determinados anos, porém, a redução efetiva de despesa pode acabar não sendo tão significativa. Uma das opções é elevar o percentual da contribuição paga pela União ao Fundeb que pode ser contabilizado no piso federal da educação. Hoje, só é possível considerar 30% do valor repassado.

A chamada complementação ao Fundeb –abastecido por uma combinação de recursos federais, estaduais e municipais– é uma obrigação da União quando os demais entes não atingem determinados indicadores financeiros estabelecidos, que incluem um valor anual por aluno. Para 2024, por exemplo, o aporte do Tesouro é estimado em R$ 45 bilhões.

Contabilizar um valor maior para esse fim poderia, em tese, reduzir a pressão para atingir o piso da educação. Historicamente, no entanto, o governo aplica um valor bem acima do mínimo exigido –o que pode fazer com que a medida não gere efeito imediato.

Outra ideia para o Fundeb é reduzir de 70% para 60% o percentual do fundo destinado ao pagamento dos profissionais da educação básica em efetivo exercício. O diagnóstico é que a regra tem causado problemas e elevado salários de maneira distorcida.

Na época da aprovação da medida, especialistas apontavam que professores já recebiam 2,8 vezes mais que o salário mínimo e que as remunerações poderiam crescer 83% acima da inflação em uma década.

Uma terceira alternativa é ampliar a gama de profissionais que podem receber esses recursos. Hoje, a lista de pessoal atendido inclui professores, diretores, coordenadores pedagógicos, entre outros que atuam em atividades ligadas à educação básica.

A ideia é incluir trabalhadores de outras áreas, como, por exemplo, segurança, portaria, limpeza e manutenção — não vinculados diretamente a atividades educacionais, mas que exercem funções essenciais para o funcionamento dos estabelecimentos de ensino.

Os repasses ao Fundeb não impactam o teto de despesas do arcabouço fiscal, mas entram na conta do resultado primário. As mudanças podem trazer também maior flexibilidade ao Orçamento.

O cardápio está sob análise da equipe econômica após Lula descartar mudanças mais estruturais nos pisos de saúde e educação, que tomam um espaço crescente do Orçamento federal por terem regras diferentes das demais.

A Constituição obriga que um percentual fixo da arrecadação da União seja direcionado a essas áreas. A regra tem impulsionado as despesas nesses casos, especialmente após a implantação do arcabouço fiscal do ministro Fernando Haddad (Fazenda), que exige uma elevação significativa das receitas para alcançar as metas fiscais.

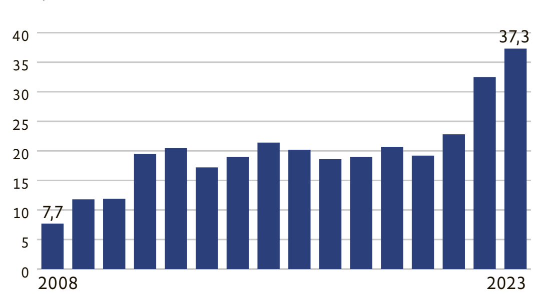
Isso faz com que os gastos com saúde e educação, ligados à arrecadação, tenham que ser também cada vez maiores. Enquanto isso, o crescimento anual do limite de despesas pode ser de, no máximo, 2,5% acima da inflação.

O cenário levou a equipe econômica a considerar de maneira mais convicta uma mudança nas regras de avanço do piso, mas o plano foi descartado por Lula.

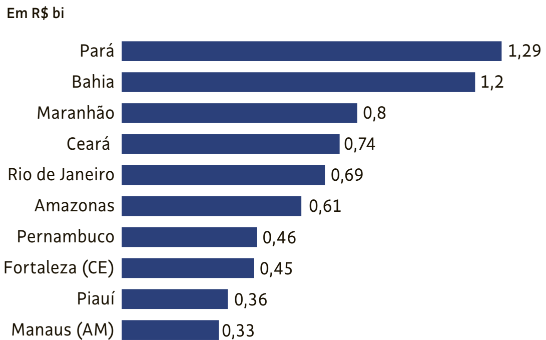
"Eu vou dizer em alto e bom som: a gente não vai fazer ajuste em cima dos pobres. Achar que nós temos que piorar a saúde e piorar a educação para melhorar... Isso é feito há 500 anos no Brasil. Há 500 anos o povo pobre não participava do Orçamento", disse Lula a jornalistas há três semanas.

Gastos federais com Fundeb pressionam Orçamento

Complementação da União ao fundo
Em R$ bi*



Principais entes recebedores em 2023
Em R$ bi



Ente	Em R$ bi
Pará	1,29
Bahia	1,2
Maranhão	0,8
Ceará	0,74
Rio de Janeiro	0,69
Amazonas	0,61
Pernambuco	0,46
Fortaleza (CE)	0,45
Piauí	0,36
Manaus (AM)	0,33

*Valores atualizados pela inflação. Fonte: Tesouro Nacional



A gente não vai fazer ajuste em cima dos pobres. Achar que nós temos que piorar a saúde e piorar a educação para melhorar... Isso é feito há 500 anos no Brasil

Luiz Inácio Lula da Silva
em entrevista em junho

Secretário deixa cargo às vésperas de entrega do Orçamento

Marianna Holanda

BRASÍLIA O Ministério do Planejamento comunicou, neste sábado (6), a saída do secretário de Orçamento Federal, Paulo Bijos, a menos de dois meses do envio do Orçamento de 2025 para o Congresso.

A exoneração ocorreu em 26 de junho, mas será publicada retroativamente no Diário Oficial da União na próxima segunda-feira (8).

Bijos é servidor da Câmara e estava cedido para a pasta, mas foi requisitado de volta pelo presidente da Casa, Arthur Lira (PP-AL), para atuar como analista legislativo da Consultoria de Orçamento da Câmara, no fim de junho.

Segundo a **Folha** apurou, a ministra Simone Tebet foi pega de surpresa com um ofício requisitando Bijos e tentou reverter a saída do seu secretário, sem sucesso.

Aliados de Lira disseram que ele estava contrariado com o trabalho de Bijos e que avaliava que o secretário estava prejudicando a Câmara na questão das emendas parlamentares e ao se recusar a conversar com deputados.

Procurado, o parlamentar não se manifestou. A **Folha** não conseguiu falar com Bijos neste sábado.

O Ministério do Planejamento só se manifestou por meio da nota em que diz que a exoneração ocorreu a pedido "para priorizar projetos pessoais".

De acordo com a pasta, assumirá o posto interinamente o atual secretário-adjunto Clayton Luiz Montes, que é analista de Planejamento e Orçamento desde 1998 e ocupa o posto de adjunto da secretaria desde novembro de 2023.

A baixa de um secretário da equipe econômica às vésperas do envio da peça orçamentária é incomum.

A situação do governo no Congresso é delicada, sobretudo na Câmara, com Lira na presidência.

Os parlamentares têm intensificado demandas por mais emendas parlamentares, apesar de o governo de Lula (PT) ter acelerado a liberação de verbas, que superaram R$ 22 bilhões pagos neste ano, antes da trava imposta pela lei por causa das eleições municipais.

Como mostrou a **Folha**, a cifra desembolsada ultrapassa os cerca de R$ 17 bilhões (em valores já corrigidos pela inflação) distribuídos antes das eleições de 2022 por indicações de deputados e senadores, no governo Jair Bolsonaro (PL).

INÊS 249



LEILÃO JUDICIAL ELETRÔNICO



IMÓVEIS COM DESÁGIOS DE ATÉ 50% SOBRE O VALOR DE AVALIAÇÃO. APROVEITE!

Prédio Comercial
Jacupiranga/SP

Imóvel comercial com 882 m² de construções e terreno com área de 8.668 m². Localizado a 2 min. da Av. Adhemar de Barros e a 3 min. da Rod. Regis Bittencourt.

Leilão 08/07 - 11:00hs

Avaliação R$ 5.192.708,26 | Lances a partir de R$ 3.115.624,95

Juiz: Exmo. Dr. Augusto Bruno Mandelli
1ª Vara Cível de Avaré/SP



2 Terrenos Urbanos
Guarulhos e Campos do Jordão/SP

Terreno (1) com área de 2.041 m², localizado às margens da Rod. Ayrton Senna e a 14 min. do Aeroporto Internacional de Guarulhos. Terreno (2) loteamento Vila Chantal Zona I com área de 1.262 m² em Campos do Jordão - SP.

Leilão 08/07 - 14:00hs

Avaliação R$ 1.814.500,19 | Lances a partir de R$ 1.814.500,19

Juiz: Exmo. Dr. Diego Ferreira Mendes
4ª Vara Cível do Foro Regional XI – Pinheiros/SP



Terreno Urbano
Rio Claro/SP

Terreno com 73.348 m², composto por 2 barracões e benfeitorias. O 1º barracão é integrado por refeitório, banheiro, vestiário e fábrica. O 2º barracão contém área de escritório, banheiro, produção e garagem.

Leilão 10/07 - 14:00hs

Avaliação R$ 3.549.179,77 | Lances a partir de R$ 1.774.589,88

Juiz: Exmo. Dr. Alexandre Dalberto Barbosa
1ª Vara Cível de Rio Claro/SP



Galpão
São José do Rio Preto - SP

Imóvel com área de terreno de 1.034 m², propriedade da falida Banco Empresarial S.A. Localizado a 2 min. da Rod. Washington Luís e a 5 min. do Plaza Shopping.

1º Leilão 17/07 - 14:00hs
2º Leilão 17/07 - 15:00hs

Avaliação R$ 3.251.525,28 | Lances a partir de R$ 2.276.067,70

Juiz: Exmo. Dr. Glariston Resende
3ª Vara Cível de São José do Rio Preto/SP



Terreno Urbano
São Paulo/SP

Terreno com área de 1.170 m², composto por uma guarita de estacionamento de 20 m². Localizado na Praça da Sé, região central de São Paulo.

1º Leilão 29/07 - 15:00hs
2º Leilão 29/07 - 16:00hs

Avaliação R$ 12.936.895,01 | Lances a partir de R$ 9.055.826,51

Juiz: Exmo. Dr. Cassio Pereira Brisola
1ª Vara Cível do Foro Regional XI – Pinheiros/SP



Terreno Urbano
São Paulo/SP

Fração de 1,78571432% do terreno condominial com área de 2.370m², reservado para a construção do prédio (bloco 33), do Conjunto Residencial Parque das Orquídeas em São Paulo/SP.

1º Leilão 29/07 - 15:30hs
2º Leilão 29/07 - 16:30hs

Avaliação R$ 3.257.016,33 | Lances a partir de R$ 1.628.508,16

Juiz: Exmo. Dr. Cassio Pereira Brisola
1ª Vara Cível do Foro Regional XI – Pinheiros/SP





Terreno rural
Água Branca/AL

Imóvel denominado Sítio Boa Vista com área de 664 tarefas ou aprox. 200 hectares. Localizado a 24 min. de Delmiro Gouveia.

1º Leilão 08/07 - 09:00hs
2º Leilão 08/07 - 10:00hs

Avaliação R$ 585.970,45 | Lances a partir de R$ 292.985,22

Juiz: Exmo. Dr. Thiago Augusto Lopes de Morais
Vara do Único Ofício de Mata Grande/AL



Terreno Rural
São José da Bela Vista/SP

Parte ideal correspondente a 1/3 do Sítio Pitangueiras com área total de 55,00 hectares.

1º Leilão 08/07 - 09:00hs
2º Leilão 29/07 - 09:00hs

Avaliação R$ 1.441.644,82 | Lances a partir de R$ 1.249.444,73

Juiz: Exmo. Dr. Humberto Rocha
3ª Vara Cível de Franca/SP



Apartamento com 170 m²
Guarujá/SP

Imóvel no Cond. Edifício Sorocotuba III, composto por sala 2 ambientes, 3 dorms com suítes, 4 varandas, lavabo, cozinha, área de serviço, wc de empregada e vaga dupla de garagem.

1º Leilão 08/07 - 10:30hs
2º Leilão 29/07 - 10:30hs

Avaliação R$ 1.093.079,89 | Lances a partir de R$ 546.539,94

Juiz: Exmo. Dr. Marcelo Machado da Silva
4ª Vara Cível de Guarujá/SP



Apartamento Duplex
São Bernardo do Campo/SP

Imóvel com 150 m² no Edifício Delphus, composto por sala, terraço, 2 dorms, banheiro, dormitório e wc de empregados, cozinha e vaga de garagem.

Leilão 08/07 - 11:00hs

Avaliação R$ 697.341,08 | Lances a partir de R$ 418.404,64

Juíza: Exma. Dra. Patricia Svartman Poyares Ribeiro
6ª Vara Cível de São Bernardo do Campo/SP



Apartamento Cobertura
Praia Grande/SP

Imóvel com 155 m² no Edifício Saint Louiz. Composto por 2 salas, copa, cozinha, 2 dorms, suíte, 4 sanitários, área de serviço, dormitório de empregada, 2 terraços e 2 vagas de garagem.

1º Leilão 08/07 - 11:00hs
2º Leilão 29/07 - 11:00hs

Avaliação R$ 605.746,24 | Lances a partir de R$ 454.309,68

Juiz: Exmo. Dr. André Quintela Alves Rodrigues
Vara de Família e Sucessões de Limeira/SP



Galpão Industrial
Paraguaçu Paulista/SP

Imóvel com 885 m² de construção e terreno com 609 m². Composto por uma residência e prédio para fins industriais. Localizado a 8 min. da Rodovia SP-284.

Leilão 08/07 - 11:00hs

Avaliação R$ 964.680,68 | Lances a partir de R$ 578.808,40

Juiz: Exmo. Dr. Cassio Pereira Brisola
1ª Vara Cível do Foro Regional XI - de Pinheiros/SP



Imóvel Residencial
Santana de Parnaíba/SP

Imóvel no Alphaville Residencial 10 com 249 m² de construção e terreno com área de 420 m². Composto por 3 dorms com suíte, sala 2 ambientes, cozinha/copa, lavanderia, lavabo, churrasqueira, piscina, vestiário, 2 banheiros, quintal, escritório e garagem para 2 veículos.

Leilão 08/07 - 11:30hs

Avaliação R$ 2.298.747,28 | Lances a partir de R$ 1.379.248,37

Juiz: Exmo. Dr. Marcos Vinicius Krause Bierhalz
2ª Vara Cível de Santana de Parnaíba/SP



Apartamento Duplex
Guarulhos/SP

Cobertura Duplex com 115 m² no Edifício Piazza Isabella, composto por 2 salas, 2 banheiros, terraço externo, 2 dormitórios, cozinha, área de serviço e vaga de garagem coberta.

Leilão 08/07 - 11:30hs

Avaliação R$ 501.896,66 | Lances a partir de R$ 250.948,33

Juíza: Exma. Dra. Caroline Quadros da Silveira Pereira
2ª Vara Cível de Guarulhos/SP



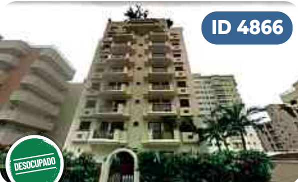
Imóvel Residencial
Bairro Nossa Senhora do Ó/SP

Imóvel com 200 m² de construção e terreno com área de 125 m². Localizado a 5 min. da Rodovia Engenheiro Renê Benedito Silva.

Leilão 08/07 - 11:30hs

Avaliação R$ 384.936,29 | Lances a partir de R$ 230.961,77

Juiz: Exmo. Dr. André Luiz Tomasi de Queiróz
1ª Vara Cível de Jandira/SP



Apartamento com 150 m²
Guarujá/SP

Imóvel cobertura tipo duplex no Edifício Cancun, composto por 4 dorms com suítes, 3 salas, cozinha, lavabo, área de serviço, 2 varandas, piscina, churrasqueira e 3 vagas de garagem.

1º Leilão 08/07 - 14:30hs
2º Leilão 29/07 - 14:30hs

Avaliação R$ 1.192.949,66 | Lances a partir de R$ 596.474,83

Juiz: Exmo. Dr. Marcelo Machado da Silva
4ª Vara Cível de Guarujá/SP



Apartamento com 161 m²
Franca/SP

Imóvel no Cond. Residencial Terraço D'itália, composto por 3 suítes, 2 salas, varanda, lavabo, cozinha, área de serviço, banheiro, despensa e 3 vagas de garagem.

1º Leilão 08/07 - 14:30hs
2º Leilão 29/07 - 14:30hs

Avaliação R$ 1.600.000,00 | Lances a partir de R$ 960.000,00

Juiz: Exmo. Dr. Humberto Rocha
3ª Vara Cível de Franca/SP



Imóvel Residencial
Espírito Santo do Pinhal/SP

Imóvel com 271 m² de construção e terreno com área de 581 m². Localizado a 3 min. da Av. Washington Luís e a 6 min. do centro da cidade.

1º Leilão 08/07 - 14:30hs
2º Leilão 29/07 - 14:30hs

Avaliação R$ 767.705,56 | Lances a partir de R$ 383.852,78

Juíza: Exma. Dra. Roseli Jose Fernandes Coutinho
1ª Vara Cível de Espírito Santo do Pinhal/SP



Galpão
Boca da Mata/AL

Imóvel e lote de terras com área de 1.124 m². Composto por galpão de alvenaria, torre de telefonia móvel e oficina mecânica.

1º Leilão 17/07 - 09:00hs
2º Leilão 17/07 - 10:00hs

Avaliação R$ 468.337,00 | Lances a partir de R$ 234.168,50

Juiz: Exmo. Dr. Vinicius Augusto de Souza Araujo
Vara do Único Ofício de Boca da Mata/AL



Apartamento com 112 m²
Franca/SP

Imóvel no Condomínio Diamonds Residence, composto por 2 dorms, 1 suíte, sala estar, sala jantar, cozinha, varanda, banheiro, área de serviço e 2 vagas de garagem.

Leilão 17/07 - 11:00hs

Avaliação R$ 664.547,37 | Lances a partir de R$ 531.637,90

Juiz: Exmo. Dr. Humberto Rocha
3ª Vara Cível de Franca/SP



Apartamento com 56 m²
Guarulhos/SP

Imóvel no Cond. Residencial Solar Bom Clima com vaga de garagem. Localizado a 7 min. da Rodovia Presidente Dutra e a 8 min. do centro de Guarulhos.

1º Leilão 25/07 - 10:30hs
2º Leilão 25/07 - 11:30hs

Avaliação R$ 479.550,85 | Lances a partir de R$ 239.775,42

Juiz: Exmo. Dr. Jaime Henriques da Costa
2ª Vara Cível de Guarulhos/SP

Reservamo-nos o direito à correção de possíveis erros de digitação. As informações aqui contidas não substituem o edital.

11 3969 1200 | 0800 789 1200 | 11 95577 1200 | www.leje.com.br | @lejeoficial | Leilão Judicial Eletrônico



Plantação de mamona na Show Safra, em Lucas do Rio Verde (MT), que teve bioinsumos como destaque Marcelo Toledo/Folhapress

Empresas disputam mercado de R$ 5 bi com bioinsumos

Exigências internacionais, interesse do consumidor e resistência de plantas a agrotóxicos explicam avanço

AGROFOLHA

Marcelo Toledo

LUCAS DO RIO VERDE (MT) Em ascensão, o mercado de bioinsumos cresce em ritmo chinês, já representa negócios de R$ 5 bilhões por ano e, no mundo, deve triplicar o faturamento até 2032. Isso tem impulsionado a disputa por uma fatia de mercado no agronegócio brasileiro, especialmente no Centro-Oeste, que concentra as cidades mais ricas do setor.

Só na safra 2023/24, esse mercado ficou 15% maior e, nos últimos três anos, cresceu a uma taxa média anual de 21%, segundo dados da CropLife Brasil. Em oito anos, a estimativa é que os negócios no mundo cheguem a US$ 45 bilhões (cerca de R$ 250 bi).

A pressão internacional para que haja uma produção agrícola cada vez mais sustentável, o aumento do interesse de consumidores brasileiros por produtos com menos químicos, as políticas de incentivos governamentais, assim como a resistência de plantas a certos agrotóxicos usados atualmente e o desenvolvimento científico são alguns dos fatores que explicam o crescimento e motivam as empresas a buscarem mercado em Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás.

Os bioinsumos são produtos de origem vegetal, animal ou microbiana que atuam no crescimento e no desenvolvimento da planta e melhoram a fertilidade do solo ou inibem pragas.

Mato Grosso representa 33,4% dos produtos usados, seguido por Goiás e DF, com 13%. Mato Grosso do Sul tem 7,8% do mercado, ao lado de Minas Gerais e atrás de Paraná (7,9%) e São Paulo (9%).

O interesse foi visto nas duas grandes feiras agrícolas realizadas no primeiro semestre na região, em Rio Verde (GO) e Lucas do Rio Verde (MT), que reuniram fazendeiros em busca de soluções para suas lavouras —especialmente a soja, que representa 55% dos bioinsumos usados no país, e o milho, com 27%.



A Orígeo, empresa que tem dois anos de mercado e é fruto de uma joint venture entre Bunge e UPL, foca justamente o cerrado e os grandes produtores para crescer, atuando em todo o ciclo da jornada de produção, o que inclui os biológicos.

A empresa, que iniciou as atividades no Matopiba, chegou ao Centro-Oeste para buscar fazendeiros que tenham potencial de, no mínimo, 4.000 hectares de plantio. De 300 clientes, chegou a 1.500 neste ano.

"O produtor rural tem que tomar mais de 2.000 decisões por safra, é uma quantidade muito grande. Nosso objetivo é simplificar isso, ofertando todos esses insumos dentro de uma estrutura única: fertilizantes, sementes, defensivos agrícolas e produtos biológicos", afirma Paulo Laurente Junior, diretor de marketing da Orígeo.

> "O produtor rural tem que tomar mais de 2.000 decisões por safra, é uma quantidade muito grande. Nosso objetivo é simplificar isso
>
> **Paulo Laurente Junior**
> diretor de marketing da Orígeo

Igor Borges, líder de sustentabilidade da empresa, afirma que há muito espaço para a agricultura sustentável crescer como um sistema complementar. "A gente tem visto o produtor bastante interessado por essas alternativas."

É o caso do fazendeiro mato-grossense Francisco Oliveira, que esteve na Show Safra em busca de novos insumos para sua lavoura. "É inevitável usar bioinsumos, buscar uma agricultura mais sustentável."

Na mesma feira, a Mosaic Fertilizantes lançou a Mosaic Biosciences Brasil, focada em bionutrição, dividida em manejo do estresse hídrico e de ativação foliar e eficiência do uso de nutrientes.

O diretor da divisão, Alexandre Ricardo Alves, afirma que Lucas do Rio Verde foi escolhida para o lançamento pelo fato de 80% dos negócios no país serem feitos com produtores do cerrado.

"É o primeiro passo que estamos dando na direção desse portfólio de bionutrição. É algo realmente disruptivo, porque o mercado de biológicos basicamente é biocontrole e fertilizantes foliares. Estamos falando de um novo segmento. Vamos trazer bases naturais para construir a otimização dos nutrientes do solo. Isso realmente é uma linguagem nova", diz.

Entre os exemplos da importância vista pelo agro com os biológicos estão a resistência que algumas culturas passaram a ter ao glifosato —um dos agrotóxicos mais usados no mundo— e aos inseticidas usados na citricultura.

Os dados da CropLife foram divulgados no último dia 25 e, segundo seu presidente, Eduardo Leão, apesar de 2023 ter sido desafiador para o mercado de insumos, o segmento de bioinsumos manteve o ritmo de aumento.

O mercado global de bioinsumos está estimado em US$ 15 bilhões (R$ 82 bilhões) em 2023, incluindo todos os setores (controle, inoculantes, bioestimulantes e solubilizadores), com estimativa de manter crescimento entre 13% e 14% até 2032, chegando aos US$ 45 bilhões. O principal segmento é o de bioinsumos de controle, com 57% do total.

A expectativa é que o setor cresça nos próximos anos com a expansão da indústria, o manejo integrado de químicos e biológicos e o surgimento de novas fórmulas e tecnologias.

Além da Orígeo, a UPL criou nas margens da BR-163, na mesma Lucas do Rio Verde, a Bioplanta, junto com a Tapajós Participações, para ser o "braço verde" da companhia.

Seu CEO, Giuliano Scalabrin, diz que os biológicos permitem que a planta tenha mais equilíbrio em relação ao uso de químicos, melhorando a absorção de nutrientes.

Na Tecnoshow Comigo, em Rio Verde, a Vittia, com fábrica em São Joaquim da Barra (SP), apresentou um bioinseticida microbiológico para controlar pragas com três dias de aplicação.

A produção de biológicos apresentou alta de 9,2% em relação ao ano anterior na empresa, que alcançou receita líquida de R$ 756,1 milhões em 2023 e investe 2,2% em pesquisa e desenvolvimento —tem mais de 250 projetos em andamento, dos quais 37% para inovações em defensivos biológicos.

Há também um outro motivo que contribui para despertar o interesse de produtores rurais por produtos sustentáveis: o bolso. Já no ano passado, quando o governo federal lançou o Plano Safra de R$ 364 bilhões para médios e grandes produtores, havia taxas de juros reduzidas para produtores que adotassem práticas sustentáveis.

O Pronamp (Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor Rural) tinha juros de 8% ao ano, mas quem comprovasse a adoção de produção orgânica, agroecológica ou com bioinsumos tinha redução de 0,5 ponto percentual. O Plano Safra deste ano foi lançado com valor recorde, R$ 400,5 bilhões.

O jornalista viajou a convite da Orígeo

Já ultrapassamos nossa meta de produtos sustentáveis no Brasil, diz CEO da UPL

ENTREVISTA
ROGERIO CASTRO

LUCAS DO RIO VERDE (MT) A UPL, multinacional de origem indiana produtora de insumos agrícolas biológicos e químicos, já ultrapassou no Brasil uma meta que, globalmente, a empresa espera alcançar em três anos, diz Rogerio Castro, CEO da companhia no Brasil, em entrevista à **Folha**.

Com receita anual que supera US$ 6 bilhões e atuação em mais de 130 países, a agrotech viu seus negócios no setor de bioinsumos serem impulsionados com a aquisição, há cinco anos, da Arysta LifeScience, que já tinha forte atuação na área de biossoluções.

*

O sr. afirma que a UPL está buscando equilíbrio entre insumos biológicos e químicos. Como está essa relação hoje? Nós não falamos só em biológicos, mas em produtos sustentáveis e inovadores e produtos tradicionais e de pós-patente. Globalmente, estamos com cerca de 35% e 65% [respectivamente]. No Brasil é o contrário. Já somos quase 60% de produtos sustentáveis e inovadores.

Nos sustentáveis e inovadores entram produtos químicos também, em que há uma certa inovação em cima deles, e alguns têm patente. Não temos uma divisão entre biológicos, especificamente, e químicos, especificamente. Nossas metas são constituídas em cima de pós-patente e inovação e sustentáveis. É assim que vemos o negócio.

E qual é a meta a ser atingida para os próximos anos? Globalmente, queremos ser 50% e 50%. O Brasil já ultrapassou essa meta. No ano passado, fomos 53% e 47%. Neste ano, devemos chegar a 60% e 40%.

E globalmente deve atingir os 50%-50% quando? Na safra 2026/27.

Esse movimento é algo recente na empresa ou já estava no horizonte? Quando a UPL fez a aquisição da Arysta, no início de 2019, assumiu algumas aquisições que a Arysta havia feito na área. Vimos que tinha uma complementaridade legal. Eles tinham um conceito que nós ainda usamos, que é vender uma solução integrada entre os produtos tradicionais de químicos e os biológicos, produtos naturais de proteção ou de nutrição de plantas.

A associação dessas duas coisas trabalha não só para curar alguma coisa, não só para matar um inseto ou para matar uma erva daninha, ela trabalha no conceito de saúde vegetal. E a saúde vegetal tem um poder muito maior do que simplesmente curativo.

Tanto que a soja, quando você dá todos esses elementos para ela, para o solo onde ela está e para ela em si, chega a produzir 120, 130 sacas [por hectare]. E a média brasileira é 58, 59. A agricultura tem muito a ganhar com essa junção dos dois portfólios.

Isso transformou a estratégia de longo prazo da UPL em ter um portfólio mais balanceado entre químicos e produtos de biossolução.



Rogerio Castro, 56
Formado pela Universidade Federal de Lavras, cursou o programa de gestão avançada da Harvard Business School e tem mais de 30 anos de atuação no setor de agronegócios. Foi líder de negócios da UPL Brasil entre 2011 e 2019 e é CEO da empresa no país desde 2021

O período de testes dos produtos para o campo pode levar mais de dez anos, mas há casos em que eles são colocados mais rapidamente no mercado. Qual é o prazo médio para um novo produto chegar ao campo no país? Depende muito. Precisamos testar, pelo menos internamente, por dois, três anos. Depois, fazemos os ensaios oficiais, levam mais dois anos. No mínimo, [tudo] leva cinco anos, quando é muito rápido.

Quando digo cinco anos, digo até moléculas que já são conhecidas, às vezes até registradas.

Às vezes, cinco anos é adicionar uma nova cultura naquele produto já registrado, ou adicionar uma nova praga, ou uma mistura de produtos conhecidos que vai ser lançada no mercado.

Porque, quando se trata de uma molécula nova, que não existe, ela tem que passar por todos os testes toxicológicos. Aí é muito mais tempo, estamos falando de 15, 20 anos.

Temos testes interessantes para serem lançados de produtos que controlam ervas resistentes ao glifosato. Se você for a um campo que passou glifosato, às vezes parece que não passou nada, de tão resistente que é.

Glifosato é uma grande bandeira de luta de ambientalistas. Ao mesmo tempo, é considerado um produto importante para a agricultura... Superimportante. É o produto mais conhecido e mais usado pelos agricultores em função do amplo espectro de controle. Ele controlava tanto o que chamávamos de folhas largas quanto folhas estreitas. Como ele tinha esse amplo espectro, era uma solução muito usada.

Depois veio a biotecnologia, os transgênicos que fizeram com que, além de controlar o mato, podia ser aplicado sobre a cultura e não matar a cultura, criar seletividade. Soja, milho, algodão. Isso fez com que, além de ser seletivo para a cultura —que é não fazer mal—, ele controlava o amplo espectro.

A alta intensidade de uso em todas as culturas de forma muito ampla fez com que as ervas também criassem a própria resistência ao glifosato.

Então, tudo que usa demais, a natureza se acomoda, e ela vai se protegendo daquilo. Por isso que criou resistência ao glifosato e agora o agricultor precisa de outras soluções para essas ervas resistentes. O glifosato, para algumas ervas, é como se fosse jogar água. **MT**

O Brasil que surta e delira

País afunda em debate econômico louco e ruim, paga caro e fica no mesmo lugar

Vinicius Torres Freire
Jornalista, foi secretário de Redação da **Folha**. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA).

Durante dois meses, o debate-boca sobre economia andou mais desvairado do que de costume. Foi aquela algaravia sobre déficits, isenções de impostos, juros e Banco Central.

Ao final do surto, Lula 3 não terá conseguido jeitinho de aumentar a despesa de modo relevante, para efeitos práticos, sociais ou políticos. A promessa de contenção de despesas anunciada por Fazenda e Planejamento deixa quase inalterada a perspectiva de que a dívida pública continuará a crescer.

Quanto ao déficit, pois, não aconteceu nada, para os que odeiam ou que amam contas no vermelho. Juros e dólar ainda mais altos deixaram um saldo ruim. Ficamos no mesmo lugar, com um futuro imediato mais danado.

Em vez disso, poderíamos ter passado por conflito sério, em todos os sentidos da palavra. Por exemplo, uma disputa causada por um plano de Lula 3 de aumentar impostos sobre renda e patrimônio de ricos. Ou de diminuir aqueles benefícios tributários dos quais Luiz Inácio Lula da Silva tanto tem se queixado, mas sobre o que não propôs quase nada. Na verdade, cria ou defende mais isenções.

Mais imposto progressivo ainda é providência necessária se quisermos conter o endividamento crescente e perigoso do governo; desde 2015 é necessária a fim de acelerar o ajuste e distribuir a conta de modo mais justo. Não será suficiente nem vai funcionar se não houver também contenção da despesa e reorganização do Estado. Contenção não significa redução.

Em vez de conflito sério, tivemos um surto contraproducente, prejudicial até para interesses politiqueiros do governo.

Vivemos conflitos fantasmagóricos, embora motivados por dores reais. Uma névoa grossa de ideologia abafa debates essenciais como impostos, uma reforma do SUS que barre a privatização da saúde, as opções duras da transição energética, a reforma da propriedade urbana, um choque contra a devastação ambiental, a escola péssima, o desemprego crônico, os juros altos —para ficar no mais óbvio.

Relatos sobre o bunker luliano dizem que, na visão da "ala política", bater na meta fiscal, no BC, nos banqueiros etc. renderia pontos nas pesquisas. Quanto custaram décimos de prestígio? Parece tudo louco e ignorante.

Perto de 71% do gasto primário é social: Previdência (INSS), benefícios sociais (Bolsa Família, BPC, seguro desemprego etc.), saúde, educação, ciência. Outros 17% vão para servidores (salários, aposentadorias, pensões e benefícios).

"Ah, e os juros?". A receita do governo federal equivale ora a 17,7% do PIB. O gasto é de 20,4% do PIB. O déficit primário é, pois, de 2,7% do PIB, o que é financiado por mais dívida.

A conta de juros da dívida, de 6,1% do PIB, é paga também por meio de mais dívida. Mesmo que a despesa com juros diminuísse, o que é desesperadamente necessário, não haveria mais dinheiro para gasto primário (Previdência, benefícios sociais etc.), para os quais nem a receita atual de impostos é suficiente (há déficit primário).

A despesa com juros é ora maior também porque a dívida federal cresceu. Era de 50,7% do PIB ao final de Lula 2 (2010), de 65,4% ao final de Dilma 2 (agosto de 2016) e está em 73,2%, crescendo rápido. Dívida crescendo sem limite eleva as taxas de juros, tudo mais constante.

Parte da dívida federal é remunerada pela taxa Selic, definida pelo BC. Parte, de prazo mais longo, é definida no mercado de dinheiro. O BC pode diminuir a Selic em quanto quiser, até a zero, amanhã. As demais taxas subiriam. Se a lei mudasse (e supondo que não haja pânico explosivo), poderia até baixar taxas de outros prazos. A inflação ficaria sem controle; o dólar explodiria, causando mais inflação. O desastre iria além. Quem souber como fazer essa mágica dar certo, com modelos e planos: cartas para a redação.



Ana Bógus, a primeira mulher a assumir a presidência da Nivea no Brasil, em 49 anos da empresa no país Karime Xavier/Folhapress

CEO da Nivea no Brasil abriu mão de promoção pelo filho

Ana Bógus, 50, assume a maior filial da fabricante de cosméticos no mundo

TODAS

Daniele Madureira

SÃO PAULO A executiva Ana Bógus, 50, está reaprendendo o alemão, idioma com o qual teve contato na infância, quando estudava no colégio Visconde de Porto Seguro, em São Paulo, de tradição germânica. A língua será fundamental na nova etapa da carreira dessa administradora de empresas, que já ocupou posições de liderança na Nestlé, Kimberly-Clark, Rappi e Alpargatas/Havaianas.

Ana Bógus é a nova presidente no Brasil da alemã Beiersdorf Nivea, uma das maiores fabricantes globais de produtos de cuidados com a pele –o que envolve cremes faciais, corporais, desodorantes, sabonetes e protetores labiais. A executiva é a primeira mulher a assumir o cargo na filial brasileira, a maior do mundo para a Nivea, que só perde para o consumo alemão em faturamento.

Ela sucede dois executivos alemães que estiveram à frente da filial brasileira nos últimos 17 anos (Christian Götz e Nicolas Fischer). Seu maior desafio é manter a marca centenária –criada em 1911, lançada no Brasil em 1975– relevante para as novas gerações, que todos os dias descobrem lançamentos de cosméticos nas redes sociais, em um consumo impulsionado por influenciadoras da beleza.

O momento é estratégico: o Brasil voltou a ser o terceiro maior mercado da beleza do mundo em 2023, só atrás dos Estados Unidos e da China. Com isso, ultrapassou o Japão, que ocupara o terceiro lugar do pódio nos últimos nove anos. O consumo brasileiro de cosméticos e produtos de higiene pessoal cresceu 13% no ano passado, mais do que a média mundial (9%), chegando a US$ 31 bilhões (R$ 173,2 bilhões), número equivalente ao PIB (Produto Interno Bruto) de Honduras, de acordo com a Euromonitor.

"A força da marca Nivea, presente em praticamente todos os países do mundo e dentro de quase dois terços dos lares no Brasil [63%], me fez brilhar os olhos", diz a executiva à **Folha**.

A indústria, no entanto, só apareceu na vida da administradora de empresas depois de sete anos no mercado financeiro, uma experiência que a decepcionou. "É um setor muito machista", diz ela, que passou por duas instituições adquiridas por grandes grupos –Bamerindus, pelo HSBC, e BankBoston, pelo Itaú. "Mas o que mais me incomodou foi a competição acirrada: o bolo cresce e tem sempre alguém para roubar a fatia maior para si e deixar a menor para o outro. Vai contra o que eu penso, sempre fui uma pessoa de jogar junto."

O "jogar junto" inclui determinar um tempo para construir a própria família: quando engravidou do filho único, Rafael, hoje com 12 anos, estava prestes a assumir o comando de uma filial no exterior da americana Kimberly-Clark, onde era diretora.

"Demorei muito para engravidar e, quando aconteceu, surgiu a oportunidade de eu assumir um país", diz ela. "Pedi dois anos no Brasil para viver este momento que eu quis tanto. Só depois fui para o Chile, ser presidente da operação."

No país andino, Ana Bógus promoveu um "turnaround" (reestruturação) dos negócios, para que a filial voltasse ao lucro em quatro anos. No período, houve transformações também na vida pessoal da executiva, que se separou do primeiro marido. De volta ao Brasil, assumiu a divisão de vendas corporativas da Kimberly, até que veio a proposta da startup colombiana de entregas Rappi para assumir a operação brasileira.

Ficou dois anos e meio e saiu. "Aprendi muito sobre toda essa agilidade de um negócio digital, algo que eu posso aplicar hoje aqui na Beiersdorf", diz ela. "Mas eu era a mais velha de um time formado pela geração Z [nascidos entre 1995 e 2010]. Esse pessoal vem com um chip diferente do nosso, já nasceram digitais."

Aceitou o convite da Alpargatas para assumir a marca Havaianas, primeiro no Brasil e depois na América Latina. Até que surgiu o chamado da Beiersdorf para cuidar das marcas no Brasil, Nivea e a Eucerin, de dermocosméticos.

"Eucerin é uma marca líder em alguns países da América Latina, mas aqui no Brasil não, onde está há dez anos", diz. "Estamos unificando as duas operações comerciais neste momento, vamos atender mais lojas com o mesmo número de pessoas."

De acordo com a Euromonitor, os dermocosméticos são um filão de crescimento dentro do segmento de cremes para pele: responderam por vendas de R$ 3,3 bi em 2023, um salto de 74% sobre 2018.

No Brasil, a Eucerin concorre com nomes como Vichy, La Roche-Posay e Cerave, todas da multinacional francesa L'Oréal. A Cerave se tornou fenômeno nas redes sociais no último ano, com ativação de influencers e dermatologistas para divulgar benefícios da marca.

"O brasileiro gosta muito de novidade", diz a analista da Euromonitor Mariana Teixeira. "Especialmente no mercado de beleza, o consumo cresce puxado por lançamentos, o que exige um ritmo mais intenso por parte da indústria, que precisa estar sempre inovando, e muitas vezes com o desafio de trazer algo que caiba no bolso do consumidor."

No Brasil, a Beiersdorf Nivea mantém um laboratório de inovação em desodorantes. No mundo, a empresa investiu 320 milhões de euros (R$ 1,9 bilhão) em pesquisa e desenvolvimento de produtos em 2023.

"As categorias de desodorantes e sabonetes já estão muito penetradas, falta crescer mais em produtos para pele e protetor solar", diz Ana. "O brasileiro não tem o hábito de cuidar da face."

O mercado de cuidados com a pele em geral, que engloba cremes para rosto e corpo, movimenta R$ 19 bilhões ao ano no Brasil, segundo a Euromonitor. Apesar do tamanho, o país é o oitavo maior no ranking de "skin care" –bem abaixo de perfumes e desodorantes, por exemplo, nos quais o país ocupa a vice-liderança, só atrás dos EUA.

Segundo Teixeira, da Euromonitor, o consumidor hoje exige produtos para pele com diferencial. "Não basta um creme que hidrate, tem que oferecer tecnologia, um 'firmador' da pele, por exemplo", diz.

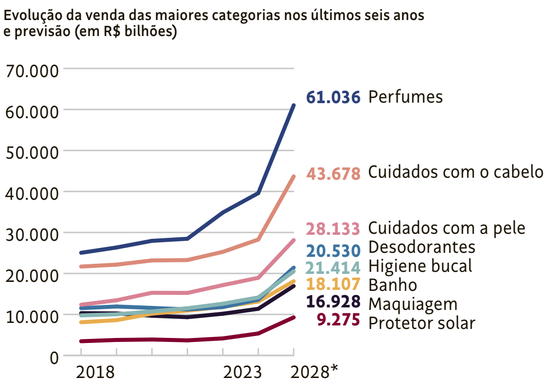
Já a fórmula do creme hidratante apresentado na icônica latinha azul, que deu origem à Nivea, é a mesma desde o seu lançamento, em 1911. "Isso é uma prova de que a empresa consegue entregar um produto de qualidade a um preço acessível", afirma Ana.

Apesar de ser a primeira mulher à frente da Nivea no país, ela diz que a diversidade de gênero não é um problema na filial brasileira. "Tanto na diretoria quanto no corpo funcional, as mulheres representam 63% do total", diz Ana, revelando que o índice está acima da média mundial do grupo (55% dos funcionários e 50,1% da diretoria).

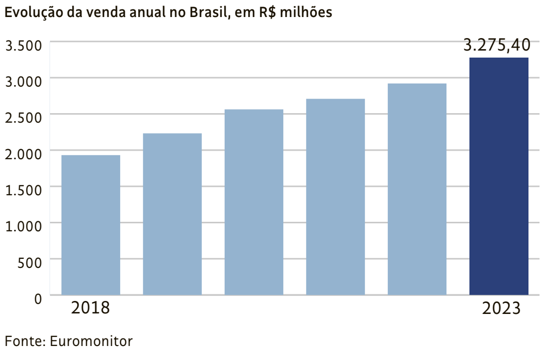
"Agora, nossa meta no curto prazo no Brasil é chegar a 30% de profissionais negros até o fim do ano que vem", diz a executiva. Hoje os negros representam 25%.

Ainda em diversidade, a executiva se emociona ao relatar o programa brasileiro "Care Beyond Voice", que contratou oito deficientes auditivos como funcionários da fábrica em Itatiba (SP) no ano passado. O programa foi desenvolvido em parceria com o Instituto Phala e envolve o treinamento das equipes em língua de sinais, para que elas interajam com os novos colaboradores.

O mercado da beleza e higiene pessoal no Brasil



O avanço dos dermocosméticos



Fonte: Euromonitor

INÊS 249

INÊS 249



METEOR
METEOR
METEOR
Volkswagen Caminhões e Ônibus
Volkswagen Caminhões e Ônibus
@vwcaminhoes
*Imagem referente ao modelo VW Meteor 29.530. Alguns itens são vendidos como opcionais.

Fechar a conta de capital?

Câmbio tem se desvalorizado pois temos um problema que nos destaca em relação aos nossos pares

Samuel Pessôa

Pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (FGV) e da Julius Baer Family Office (JBFO). É doutor em economia pela USP

Em plena ação do "pragmatismo de coação", expressão cunhada por Tony Volpon, o governo Lula anuncia algumas medidas de contenção de despesas. Não sabemos ao certo o que é real ou somente espuma para alegrar momentaneamente o mercado.

De qualquer forma, sempre que o câmbio desvaloriza em função de aumento do risco Brasil diversos economistas têm a resposta pronta: vamos fechar a conta de capital.

Podemos fechar a conta de capital. No continente, entraremos para o clube formado pela Venezuela e Argentina.

"Mas e a China?", perguntariam os defensores do fechamento da conta de capital. De fato, a China mantém a conta de capital fechada. Muito fechada.

A China é uma economia em que o capital é muito abundante. O adjetivo muito não é nenhum exagero. Deve ser a economia que opera com a maior relação capital-produto que há. Se o capital é abundante, os juros domésticos são inferiores aos juros internacionais. Há pressão por saída de capitais. A ditadura chinesa não deseja que seus cidadãos enviem capital para fora. Fecham a conta de capital. Vale enfatizar: a China apresenta a maior taxa de poupança do mundo.

O Brasil tem uma das menores taxas de poupança do mundo. Se a poupança é baixa, a taxa de juros doméstica é maior do que a internacional. Se a conta de capital for fechada, os juros domésticos serão definidos pelo equilíbrio interno entre investimento e poupança. Elevar-se-ão, portanto.

Com a conta de capital aberta, os juros domésticos são dados pelo juro internacional somado ao risco Brasil.

Nas contas que fiz com meu colega do FGV Ibre Bráulio Borges há alguns anos (com a pandemia houve quebra estrutural nos modelos, que ainda não estão funcionando bem), o juro neutro doméstico é a soma da taxa neutra de juros americana com a medida de risco EMBI Brasil.

Para reduzir o juro doméstico temos que buscar políticas que reduzam o risco país. A melhora das contas públicas, com a elevação do superávit primário, é a medida mais eficaz para reduzir o risco-país.

Mas será que não podemos adotar controles à mobilidade de capital? O Chile pratica. Sempre podemos adotar controles à mobilidade de capital. Aqui a dificuldade está no desenho da política. Certamente o controle precisa ser na entrada. Controle na saída eleva muito a percepção de risco e, consequentemente, eleva o juro interno.

Mas há outras diferenças importantes entre o Brasil e o Chile, que indicam que nunca podemos ter o grau de intervenção no câmbio do Chile. Se tivéssemos a carga tributária do Chile, o gasto público do Chile, o sistema previdenciário do Chile e a taxa de poupança doméstica do Chile, poderíamos ter as instituições chilenas. Com as nossas escolhas, não podemos. Podemos, mas aí teremos que arcar com as consequências: juros domésticos ainda maiores.

A conta de capital aberta é a forma de uma economia com baixíssima poupança doméstica reduzir os juros domésticos. O câmbio tem se desvalorizado mais intensamente no Brasil do que nos demais emergentes pois temos um problema que nos destaca em relação aos nossos pares: uma dívida interna muito elevada e sem clareza nas condições de seu financiamento nos próximos anos.

O câmbio é o termômetro de nossas dificuldades fiscais e de nossa dificuldade em gerenciar nosso conflito distributivo. Piorar a qualidade do termômetro —fechar a conta de capital ou impor limites à saída de capital— não solucionará nossos problemas.

| DOM. Samuel Pessôa | **SEG. Marcos Vasconcellos, Ronaldo Lemos** | TER. Michael França, Cecilia Machado | QUA. Bernardo Guimarães, Lorena Hakak | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. André Roncaglia | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Escritório busca mercado para financiar briga com Samarco

Firma britânica Pogust Goodhead tem 700 mil clientes na tragédia de Mariana

Alex Sabino

SÃO PAULO No ramo de investimentos de risco, o financiamento de litígios está em ascensão. De acordo com dados coletados pelo RationalStat, empresa de pesquisa de marketing, trata-se de um mercado que deve chegar a US$ 24,3 bilhões (R$ 133 bi) em 2028.

Ninguém levanta tanto dinheiro nesta área quanto a firma de advocacia britânica Pogust Goodhead. Responsável por ações em nome de vítimas da tragédia de Mariana no Brasil, Reino Unido e Holanda, é considerada a primeira empresa unicórnio do setor (avaliada em US$ 1 bilhão).

Mas isso também a coloca como alvo de críticas e acusações de adversários.

Para Thomas Goodhead, 41, galês que criou o escritório em 2019, seus advogados incomodam porque vão em busca de indenizações de multinacionais que querem se eximir de responsabilidades. Essas companhias e outros críticos acusam o escritório de ser "abutre em busca de carniça", de estar envolvido em polêmicas e de levar uma porcentagem maior do que a normal no mercado em caso de vitória judicial.

A Pogust Goodhead recebeu no ano passado empréstimo de cerca de US$ 500 milhões (R$ 2,7 bilhões) do Gramercy, fundo hedge com sede em Connecticut, nos EUA, com patrimônio de US$ 6 bilhões (R$ 32,8 bilhões). São recursos que vêm de fundos de pensão, fortunas individuais e fundos soberanos.

Em apresentação a seus investidores, o Gramercy informou que o empréstimo à Pogust Goodhead teria juros de 17,75% segurados pelo litígio ambiental no Brasil e por ações do escândalo Dieselgate, em que montadoras fraudaram os dados de emissão de CO_2 dos veículos.

Entre os investidores no Pogust Goodhead estão também três fundos brasileiros: Jive, Vinci Partners e Prisma Capital.

O dinheiro é usado para financiar a briga na justiça britânica contra a BHP, conglomerado anglo-australiano que é um dos donos da Samarco, pivô da tragédia de Mariana, em Minas Gerais. Em 5 de novembro de 2015, rompimento de barragem da mineradora despejou 62 milhões de metros cúbicos na região. O Rio Doce e sua bacia hidrográfica que passa por 230 municípios mineiros foi contaminado. Dezenove pessoas morreram.



Distrito de Bento Rodrigues destruído após barragem se romper Avener Prado - 26.nov.2015/Folhapress



O advogado Thomas Goodhead, que representa vítimas do desastre Matthew Pover/Divulgação

A Pogust Goodhead iniciou a maior ação de litígio da história da justiça britânica: pede à BHP US$ 70 bilhões (R$ 383 bilhões). Não é só o valor que chama a atenção. O escritório representa cerca de 700 mil pessoas, 46 municípios e cerca de 2,5 mil organizações religiosas, autarquias e empresas.

Em audiência em junho, a BHP questionou como é possível o mesmo escritório litigar em nome de tanta gente. O julgamento foi marcado para 7 de outubro deste ano.

"A BHP e a Vale [outra acionista da Samarco] estão em uma campanha de fake news [contra os advogados]. Elas têm muito dinheiro e têm feito isso há oito anos e meio para manipular a mídia e tentar manipular a corte. São companhias poderosas. Isso tudo é mentira. É falso. A BHP alegou que 35 mil pessoas não estavam representadas. Estão erradas. É uma tentativa de evitar a justiça e não pagar a reparação total", afirma Thomas Goodhead.

Ele diz que, em caso de vitória, o valor não será distribuído de forma igual entre todos os clientes. Terá de ser definido o prejuízo individual. Esta será uma discussão posterior.

Na Holanda, foi aberto outro processo contra a Vale em busca de mais uma indenização, esta de cerca de US$ 3,8 bilhões (R$ 20,8 bilhões).

A Pogust Goodhead busca financiamento na forma de empréstimos ou investimentos que serão devolvidos ao investidor em caso de vitória. O retorno dos fundos pode chegar a 20%.

Goodhead acredita poder existir uma confusão a respeito do seu trabalho. Não se trata de uma ONG sem fins lucrativos. É uma empresa que busca também o lucro, e este vem por atuar em nome de clientes, como ocorre em todos os escritórios de advocacia. Mas não há muitas firmas do setor avaliadas em US$ 1 bilhão e que já brigaram ou brigam com BHP, Vale, Uber e Volkswagen, entre outros.

"O caso na Inglaterra [da Samarco], por exemplo. Eu tenho de pagar contadores, advogados... Vai custar 250 milhões de libras esterlinas (R$ 1,75 bilhão) apenas a causa. Nenhuma ONG pagaria por isso. Não cobramos nada dos nossos clientes. Se você tem sucesso, precisa pagar de volta o investidor, como em qualquer negócio. Sem investidores, sem pessoas que aceitam riscos, não haveria justiça. Promotores públicos têm recursos limitados", completa.

São acusações que, para as pessoas que trabalham no escritório, não passam de tentativa de despersonalizar a tragédia de Mariana. Seria uma forma de esquecer milhares de pessoas que perderam casa, meio de subsistência ou familiares e tornar tudo uma briga entre milionários.

"O financiamento permite que vítimas de desastres ambientais lutem em paridade de armas com grandes mineradoras. A gente tem percepção falha que o acesso à justiça é fácil e é para todos. A parte que não consegue arcar com o litígio se torna vítima duas vezes. As mineradoras são capazes de litigar pela eternidade. Como essas pessoas [vítimas] superariam essas barreiras? Vão bater na porta de quem? Qual banco financiaria uma ação dessas?", questiona Ana Carolina Salomão, advogada responsável por encontrar financiadores e levantar dinheiro para o escritório.

Além de questionar como é possível representar centenas de milhares de pessoas, empresas e instituições na mesma causa, críticos da Pogust Goodhead a acusam de receber porcentagens superiores às do mercado. Citam e-mail enviado por advogado do escritório corrigindo contrato e colocando honorários em 50% para um dos processos do Dieselgate.

Para Goodhead, este é um clássico exemplo da campanha difamatória que empresas fazem contra sua firma. Durante entrevista com a **Folha**, utiliza "bullshit", termo de baixo calão em inglês para falar "bobagem". Afirma que os 50% seriam um erro de digitação no documento em que várias outras vezes estava mencionada a comissão correta de 35%.

"Os honorários de Mariana podem ser de 30%. Para municipalidades, são 20%. Para comunidades indígenas, são pro bono [gratuito]. Quando há acordo, nossos honorários são pagos à parte. Não fazem parte da compensação dos clientes. Colocamos o preço de acordo com o risco", diz.

A Pogust Goodhead também foi acusada no parlamento escocês, em setembro do ano passado, de abandonar um processo contra a Bayer, deixando 50 pessoas com dívidas legais. Thomas Goodhead afirma que ninguém ficou com conta nenhuma a quitar, mas que realmente o escritório deixou a causa. Esta reclamava quanto à eficácia do Primodos, droga usada como hormônio em testes de gravidez.

"Não vamos onde não há mérito. Mas os clientes não tiveram nada a pagar. Sem vitória, sem taxas", assegura.

Em reportagem do diário britânico Daily Mail, os sócios da Pogust Goodhead foram retratados como magnatas que levam uma vida de luxo, viajando em jatos privados. Thomas Goodhead já disse querer que seus advogados sejam os mais bem pagos do mercado. Segundo a imprensa britânica, profissionais em início da carreira poderiam receber até 2 milhões de libras (R$ 14 milhões) por ano.

"Eu amo o que faço", disse Goodhead à **Folha** sobre a sua empresa com cerca de 700 funcionários que hoje atua em 27 casos.

"O escritório tem o objetivo de seguir nessa luta por justiça social e caminhos alternativos para acessar a justiça ao redor do mundo. É importante que quando a gente pensa na relevância de temas para nossos clientes. Quanto mais recursos a gente angariar para causas específicas, melhor", conclui Ana Simões.

Mesmo que disso resultem acusações como a que, em caso de vitória no caso da BHP/Samarco, a Gramercy terá preferência em receber de volta, antes das vítimas da tragédia, o dinheiro emprestado à Pogust Goodhead. Thomas Goodhead reage indignado, ao ouvir isso:

"Bullshit!"

Trancado em supermercados, azeite não deve ficar mais barato nos próximos dois anos

Felipe Bramucci e Arthur Guimarães

SÃO PAULO A alta no preço do azeite, que acumula quase 50% de inflação no último ano, fez com que comerciantes passassem a trancar os produtos a chave e a colocar lacres antifurto nos recipientes. O cenário não deve mudar no curto prazo, afirmam especialistas do setor, que estimam que os preços permanecerão altos pelos próximos dois anos.

Quarta maior inflação acumulada nos últimos 12 meses, a alta do preço do azeite de oliva no último ano bateu 49,42%, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) para maio.

A variação só está atrás da registrada pela cebola (86,13%), tangerina (58,02%) e batata-inglesa (57,94%). Para se ter uma ideia, o índice geral da inflação acumulou alta de 3,93% no mesmo período.

Em dezembro de 2022, o preço dos azeites girava em torno de R$ 27, segundo pesquisa de Ceia de Natal conduzida pelo Procon-SP. No ano seguinte, o valor já estava na faixa de R$ 42. Em três mercados visitados pela **Folha** no fim de junho, as etiquetas indicavam R$ 49 na média.

O Brasil consome cerca de 100 milhões de litros de azeite por ano. A produção nacional corresponde a 0,6% dessa demanda, em torno de 600 mil litros, segundo o Ibraoliva (Instituto Brasileiro de Olivicultura). Devido à baixa produção, o mercado doméstico é dependente de importações e suscetível a instabilidades externas.

Para Renato Fernandes, presidente do Ibraoliva, o cenário externo deve se manter no curto prazo. "Não acredito em redução do preço do azeite nos próximos dois anos. Os estoques estão baixíssimos".

Em meio a esse cenário, mercados das redes Extra e Pão de Açúcar passaram a usar lacres antifurto nos recipientes de azeite na capital paulista para evitar prejuízos. A orientação veio da direção da franquia há cinco meses, segundo funcionários. No começo, apenas os produtos mais caros eram lacrados. Hoje, todas as garrafas de vidro recebem o artigo de prevenção.

A gerência de uma unidade da rede Mambo na cidade de São Paulo relatou que só não adotou o lacre porque a loja aumentou o número de seguranças. Em um mercado em Ipanema, na zona sul do Rio de Janeiro, por sua vez, garrafas de azeite passaram a ser trancadas a chave. Para comprá-las, é preciso chamar um funcionário.

De acordo com Fernandes, a região sul do Brasil tem um clima favorável para a produção de azeite, mas há uma "questão cultural" por trás da dependência estrangeira. "Temos a tradição de importar azeite europeu desde o Brasil colônia".

Do outro lado, bares e restaurantes têm amargado prejuízos. Joaquim Saraiva, diretor da AbraselSP (Associação Brasileira de Bares e Restaurantes de São Paulo), afirma que os negócios não estão repassando a variação para o cardápio para os clientes.

"Existem pratos nos quais o azeite não pode ser substituído. O restaurante não vai mudar a receita", diz.

Garrafas de azeite estão dispostas com lacre antifurto há cinco meses nas prateleiras de uma rede de supermercado em São Paulo; produto acumula quase 50% de inflação no último ano, uma das maiores altas registradas pelo IBGE Felipe Bramucci/Folhapress

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 157/2024

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

FONOAUDIÓLOGO POR PRAZO DETERMINADO PARA O HOSPITAL ESTADUAL DE RIBEIRÃO PRETO (01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

Data: 0h do dia 10/07/2024 às 14h do dia 19/07/2024

As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;
b) Possuir Certificado de Conclusão ou Diploma de Curso Superior de **FONOAUDIOLOGIA**, expedido por escola oficial ou reconhecida;
c) Possuir Carteira do respectivo Conselho de Classe do Estado de São Paulo devidamente atualizada.

Taxa: R$ 65,00 (sessenta e cinco reais)
Jornada de trabalho: 30h/semanais.
Salário: **R$ 3.951,09**
(três mil, novecentos e cinquenta e um reais e nove centavos)

CONVOCAÇÃO PARA A ENTREGA DE CURRÍCULO *ON LINE*
(somente para os candidatos inscritos)

PERÍODO: 0h do dia 24/07/2024 até as 17h do dia 25/07/2024 no site www.faepa.br
Os candidatos habilitados poderão anexar o seu currículo e as cópias dos respectivos comprovantes de formação acadêmica, experiência profissional e conclusão de cursos relacionados à função, digitalizados em formato PDF, no período e datas acima observados o que consta do esquema de Avaliação Curricular deste Comunicado.

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 158/2024

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

MÉDICO CLÍNICO GERAL PARA ATUAÇÃO NA ÁREA DE ONCOLOGIA CLÍNICA DO HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE RIBEIRÃO PRETO (01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

Data: 0h do dia 10/07/2024 às 14h do dia 19/07/2024

As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;
b) Possuir Diploma de Graduação em **MEDICINA**, expedido por escola oficial ou reconhecida pelo Ministério da Educação e Cultura;
c) Possuir Certificado de Conclusão de Residência Médica em **CLÍNICA MÉDICA** emitido por entidade credenciada pela Comissão Nacional de Residência Médica (CNRM) ou Título de Especialista em **Clínica Médica** emitido por sociedade de especialidade médica filiada à Associação Médica Brasileira (AMB);
d) Possuir Certificado do Programa de Suporte Avançado de Vida Cardiovascular (ACLS) da American Heart Association emitido no período de 2022 a 2024;
e) Possuir Carteira do respectivo Conselho de Classe do Estado de São Paulo devidamente atualizada.

Taxa: R$ 65,00 (sessenta e cinco reais)
Jornada de trabalho: 24h/semanais.
Salário: **R$ 9.118,97**
(nove mil, cento e dezoito reais e noventa e sete centavos)

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 159/2024

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

TAPECEIRO PARA RIBEIRÃO PRETO (01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

Data: 0h do dia 10/07/2024 às 14h do dia 19/07/2024

As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;
b) Possuir Declaração ou Certificado de Conclusão do **ENSINO FUNDAMENTAL** expedido por escola oficial ou reconhecida;
c) Possuir experiência comprovada de 06 (seis) meses na função de **TAPECEIRO**; -Serão considerados documentos comprobatórios de experiência: registro em Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS) ou declaração em papel timbrado emitida há menos de 30 (trinta) dias, contendo o cargo/função e descrição da atividade que exerceu, período trabalhado, CNPJ e assinatura do empregador com certificado digital ou firma reconhecida.
d) Possuir conhecimento em utilização de máquina de costura industrial, grampeador pneumático, furadeira/parafusadeira e soprador térmico.

Taxa: R$ 10,00 (dez reais)
Jornada de trabalho: 40h/semanais.
Salário: **R$ 2.096,07**
(dois mil e noventa e seis reais e sete centavos)

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 160/2024

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

MÉDICO CIRURGIÃO PEDIÁTRICO PARA O HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE BAURU (01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

Data: 0h do dia 10/07/2024 às 14h do dia 19/07/2024

As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;
b) Possuir Diploma de Graduação em **MEDICINA**, expedido por escola oficial ou reconhecida;
c) Possuir Certificado de Conclusão de Residência Médica em **CIRURGIA PEDIÁTRICA** emitido por instituição credenciada pela Comissão Nacional de Residência Médica (CNRM) ou, ainda, Título de Especialista em **Cirurgia Pediátrica** emitido por sociedade de especialidade médica filiada à Associação Médica Brasileira (AMB);
d) Possuir Carteira do respectivo Conselho de Classe do Estado de São Paulo devidamente atualizada.

Taxa: R$ 65,00 (sessenta e cinco reais)
Jornada de trabalho: 12h/semanais.
Salário: **R$ 4.868,62**
(quatro mil, oitocentos e sessenta e oito reais e sessenta e dois centavos)

CONVOCAÇÃO PARA A ENTREGA DE CURRÍCULO *ON LINE*
(somente para os candidatos inscritos)

PERÍODO: 0h do dia 24/07/2024 até as 17h do dia 25/07/2024 no site www.faepa.br
Os candidatos habilitados poderão anexar o seu currículo e as cópias dos respectivos comprovantes de formação acadêmica, experiência profissional e conclusão de cursos relacionados à função, digitalizados em formato PDF, no período e datas acima observados o que consta do esquema de Avaliação Curricular deste Comunicado.

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

LEILÃO ON LINE
Sheila Souto F dos Santos Jucesp 1213, torna público que no dia 12/07/2024 às 18:00h Leilão On Line de moedas, cédulas, selos e medalhas antigas.
Acesse:
www.caravelasleiloes.com.br

EDITAL ELEITORAL - O SINDCOP – **SINDICATO DOS POLICIAIS PENAIS DO SISTEMA PENITENCIARIO PAULISTA**, pela Comissão Eleitoral, na pessoa de seu Presidente GILSON PIMENTEL BARRETO, convoca os associados em condições de voto para ASSEMBLEIA GERAL ELEITORAL, a ser realizada no dia 14 de agosto de 2024, das 09:00hs às 15:00hs., A Eleição ocorrerá de forma virtual na plataforma Zoom para reuniões, aplicativo que deverá ser instalado no equipamento que será utilizado para acessar a assembleia virtual eleitoral. O link de acesso será https://www.sonlive.com.br/assembleiasvirtuais/sindcop-eleicao2024. Através deste link o eleitor apto a votar terá acesso a Manual de instruções de uso do aplicativo e do formato de votação, suporte técnico para acesso a sala virtual, acesso ao formulário da lista de presença, pelo qual entrará na sala virtual para participar da Eleição proposta, (art. 15, § 1º, Estatuto), Fica aberto o prazo de 05 (cinco) dias corridos, a partir da divulgação do presente edital, para o registro de chapas, que deverá ocorrer na Secretaria da entidade sindical, no horário das 09:00hs às 15:00hs, rua Manoel Bento Cruz, 13-45 – Centro – Bauru/Sp. Todos os atos eleitorais atenderão as disposições da Resolução Eleitoral 01/2024, à disposição para conhecimento, no mesmo local. O mandato das Diretorias e Conselhos será de 05 (cinco) anos, com início no dia 02 de janeiro de 2025 e término em 31 de dezembro de 2030. O prazo para impugnação de candidatos ou chapas será de 05 (cinco) dias consecutivos (08/07 A 12/07), contados da divulgação das chapas inscritas. Decididas as impugnações, as chapas homologadas serão afixadas na sede, subsedes e unidades prisionais, com sua composição, indicando os candidatos e cargos e, o nome com o qual concorre. Os casos omissos e duvidas serão resolvidas pela Comissão Eleitoral/2024. Cópia do presente Edital será afixada na sede da entidade e subsedes e, será amplamente divulgado pela mídia eletrônica do sindicato. Bauru, 05 de julho de 2024. Gilson Pimentel Barreto. Presidente da Comissão Eleitoral e Pleito.

HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE RIBEIRÃO PRETO DA FMRP-USP

ABERTURA DE INSCRIÇÕES PARA EXAME DE SELEÇÃO

◈ **CURSO DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL DE NÍVEL BÁSICO**
EIXO TECNOLÓGICO: AMBIENTE E SAÚDE - CUIDADOR DA PESSOA IDOSA
PERÍODO: TARDE / **MODALIDADE:** HÍBRIDA
108 horas (4 meses)
42 vagas

◈ **CURSO DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL DE NÍVEL BÁSICO**
EIXO TECNOLÓGICO: AMBIENTE E SAÚDE - ÓRTESES E PRÓTESES
PERÍODO: TARDE / **MODALIDADE:** HÍBRIDA
205 horas (Aproximadamente 05 meses)
5 vagas

PERÍODO DE INSCRIÇÃO:
As inscrições serão efetuadas através da Internet no site **www.hcrp.usp.br** no período entre: **00:00h do dia 08/07/2024 às 14:00h do dia 19/07/2024.**

Valor da Taxa de Inscrição: Consultar Edital no site.

O Edital na íntegra encontra-se no site www.hcrp.usp.br

FRAZÃO Leilões — **EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA** — Alienação Fiduciária itaú

Ana Claudia Carolina Campos Frazão, Leiloeira inscrita na JUCESP sob o nº 836, com escritório Rua Hipódromo, 1141, sala 66, Mooca, São Paulo/SP, devidamente autorizada pelo Credor Fiduciário **ITAÚ UNIBANCO S/A**, inscrito no CNPJ sob nº 60.701.190/0001-04, com sede na Praça Alfredo Egydio de Souza Aranha, nº 100, Torre Olavo Setúbal, na Cidade de São Paulo/SP, nos termos do Instrumento Particular de Venda e Compra de bem imóvel, Financiamento com Garantia de Alienação e Outras Avenças de nº 10169844702, no qual figura como **Fiduciante BRUNO RODRIGUES GOMES,** brasileiro, mecânico, RG nº 46.356.488-1-SSP/SP, CPF/MF nº 360.802.048-94, casado pelo regime da comunhão parcial de bens, com **CAMILA CHRISTINA SILVA RODRIGUES,** brasileira, do lar, RG nº 35.072.375-SSP/SP, CPF/MF nº 411.090.398-09, residentes e domiciliados em Bocaina/SP, levará a **PÚBLICO LEILÃO** de modo **Presencial e On-line,** nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, no **dia 29/07/2024 às 15h30min, à Rua Hipódromo, 1141, sala 66, Mooca, São Paulo/SP**, em **PRIMEIRO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 1.012.284,04** (um milhão doze mil duzentos e oitenta e quatro reais e quatro centavos)**, o imóvel objeto da matrícula nº 4.612 do 2º Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Jaú/SP**, com a propriedade consolidada em nome do credor Fiduciário constituído por: "Imóvel que recebeu nº 106 da Rua Vereador Antonio Marcelino dos Santos. Área total de construção: 243,35m² (Av.09) e respectivo terreno, sem benfeitorias, designada pelo mº 12-E, correspondente a parte do lote nº 12, da Quadra "B", do Loteamento denominado "Estância Jardim Planalto", situado na Fazenda Santa Maria do Pião, no município de Bocaina, desta 2ª Circunscrição e Comarca, com as seguintes medidas e confrontações: - mede de frente para a Rua 4, distante 95,50mts da Avenida 2, (lateral par da Rua 4), 21,75 metros; nos fundos onde confronta-se com o lote nº 11 da Quadra B, mede 26,00 metros; nas laterais da frente aos fundos de quem da Rua 4 a área olhe; confronta-se do lado direito com o lote 6-E, medindo 40,00 metros e na outra lateral esquerda confronta-se com o lote nº 12-D, medindo 52,00 metros, perfazendo assim uma área de 1.000,00 metros quadrados.". **Inscrição Municipal:** 04-03-B-12-000. **Obs.: Ocupado. Desocupação por conta do adquirente, nos termos do art. 30 da lei 9.514/97.** Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o **dia 09/08/2024, às 15h30min,** no mesmo horário e local, para realização do **SEGUNDO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 575.792,67** (quinhentos e setenta e cinco mil setecentos e noventa e dois reais e sessenta e sete centavos). Todos os horários estipulados neste edital, no site do leiloeiro (www.FrazaoLeiloes.com.br), em catálogos ou em qualquer outro veículo de comunicação consideram o horário oficial de Brasília-DF. O(s) devedor(es) fiduciante(s) será(ão) comunicado(s) na forma do parágrafo 2º-A do art. 27 da lei 9.514/97, incluído pela lei 13.465 de 11/07/2017, das datas, horários e locais da realização dos leilões fiduciários, mediante correspondência dirigida aos endereços constantes do contrato, inclusive ao endereço eletrônico ou por edital, se aplicável, podendo o(s) fiduciante(s) adquirir sem concorrência de terceiros, o imóvel outrora entregue em garantia, exercendo o seu direito de preferência em 1º ou 2º leilão, pelo valor da dívida, acrescida dos encargos e despesas, conforme estabelecido no parágrafo 2º-B do mesmo artigo, ainda que, outros interessados já tenham efetuado lances, para o respectivo lote do leilão. O envio de lances on-line se dará exclusivamente através do site www.FrazaoLeiloes.com.br , respeitado o lance mínimo e o incremento mínimo estabelecido, em igualdade de condições com os participantes presentes no auditório do leilão de modo presencial, na disputa pelo lote do leilão, com exceção do devedor fiduciante, que poderá adquirir o imóvel preferencialmente em 1º e 2º leilão. Os interessados em participar do leilão de modo on-line, deverão se cadastrar no site www.FrazaoLeiloes.com.br , e se habilitar acessando a página deste leilão, clicando na opção HABILITE-SE, com antecedência de até 01 (uma) hora, antes do início do leilão presencial, não sendo aceitas habilitações após esse prazo. A venda será efetuada em caráter "ad corpus" e no estado de conservação em que se encontra. O proponente vencedor por meio de lance on-line ou presencial terá prazo de 24 horas depois de comunicado expressamente pelo leiloeiro acerca da efetiva arrematação do imóvel, condicionada ao não exercício do direito de preferência pelo devedor fiduciante, para efetuar o pagamento, por meio de transferência bancária, da totalidade do preço e da comissão do leiloeiro correspondente a 5% sobre o valor do arremate. **A transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciante, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB - Banco Central do Brasil**. As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto nº 21.981 de 19 de outubro de 1.932, com as alterações introduzidas pelo Decreto nº 22.427 de 1º de fevereiro de 1.933, que regula a profissão de Leiloeiro Oficial. (PDTEC-2810-02)

= Leilão de Alienação Fiduciária =

1 Leilão: (Vinte e dois de Julho de dois mil e vinte e quatro às dez horas); 2 Leilão (Vinte e cinco de Julho de dois mil e vinte e quatro às dez horas) - Horários de Brasília.

JONAS COIMBRA, Leiloeiro Oficial, JUCESP no 1228, com escritório na Rua Marechal Bittencourt no - 1089-F, Vila Nova, Jaú/SP CEP 17.202-160 **FAZ SABER** a todos quando o presente **EDITAL** virem ou dele conhecimento tiver que levará a **PUBLICO LEILÃO,** de modo online, nos termos da Lei 9.514/97, art.o27 e parágrafos, autorizado pelo **credor fiduciário** CONTROLLER PEDERNEIRAS EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS SPE LTDA, CNPJ 18.638.970.0001-82, nos termos do instrumento particular firmado em 31/03/2021 com os devedores fiduciantes **LUIS FELIPE BONATELLI DUA, portador do CPF 443.459.378-17, e o RG 40.945.410 SSP/SP,** residente e domiciliado na cidade de Pederneiras/SP, em **PRIMEIRO LEILÃO** 22/07/2024 ás 10 hs com lance mínimo igual ou superior R$ **57.160,81 (Ciquenta e sete mil, cento e sessenta centavos e oitenta e um centavos)** - atualizando conforme disposição contratual, **UM LOTE DE TERRENO,** de no 13, quadra Q (atual rua Orestes Braz Pescara), com área total de 250 M2, melhor descrito na matricula de no 31.372 do Cartório de Registro de Imóveis de Pederneiras/SP. Cadastro Municipal 01.02.215.0134.001.01, sem benfeitoria, Desocupado, Venda em caracter ad corpus e no estado de conservação que se encontra. Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o **SEGUNDO LEILÃO** 25/07/2024 ás 10 hs com lance mínimo igual ou superior **R$ 75.180,75 (Setenta e cinco mil, cento e oitenta reais e setenta e cinco centavos)** nos termos do artº 27 §2 da Lei 9.514/97). Os interessados em participar deverão se **cadastrar na loja Coimbra Leilões** (www.coimbraleiloes.com.br), se habilitar com antecedência de 24 (vinte e quatro) horas de inicio do leilão. Forma de pagamento e demais condições de venda, VEJA A INTEGRA DESTE EDITAL NA LOJA COIMBRA LEILOES. Informações: 14-3418-5420/contato@coimbraleiloes.com.br

FRAZÃO Leilões — **EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA** — Alienação Fiduciária itaú

Ana Claudia Carolina Campos Frazão, Leiloeira inscrita na JUCESP sob o nº 836, com escritório Rua Hipódromo, 1141, sala 66, Mooca, São Paulo/SP, devidamente autorizada pelo Credor Fiduciário **ITAÚ UNIBANCO S/A**, inscrito no CNPJ sob nº 60.701.190/0001-04, com sede na Praça Alfredo Egydio de Souza Aranha, nº 100, Torre Olavo Setúbal, na Cidade de São Paulo/SP, nos termos do Instrumento Particular de Venda e Compra de bem imóvel, Financiamento com Garantia de Alienação e Outras Avenças de nº 10176930908, no qual figura como **Fiduciante THAIS ARRAIS SILVA,** brasileira, solteira, maior, administradora, CNH nº 00726393482-DETRAN/SP, CPF/MF nº 276.712.158-06, residente e domiciliada em São Paulo/SP, levará a **PÚBLICO LEILÃO** de modo **Presencial e On-line,** nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, no **dia 26/07/2024 às 16h00min, à Rua Hipódromo, 1141, sala 66, Mooca, São Paulo/SP**, em **PRIMEIRO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 1.170.366,59** (um milhão cento e setenta mil trezentos e sessenta e seis reais e cinquenta e nove centavos)**, o imóvel objeto da matrícula 125.572 (apto) e 125.577 (vaga) do 9º Cartório de Registro de Imóveis de São Paulo/SP**, com a propriedade consolidada em nome do credor Fiduciário constituído por: "O apartamento nº 152, localizado no 15º pavimento tipo, do Edifício Barcelona, à rua Azevedo Soares nº 736, no 27º Subdistrito - Tatuapé, com a área privativa de 149,32m², área comum de 110,64m², e a área total de 259,96m², correspondendo-lhe no terreno a fração ideal de 0,9841390%.". **Inscrição Municipal:** nº 030.129.0576- 6 (apto) e 030.129.0890-0 (vaga). **Obs.: Ocupado. Desocupação por conta do adquirente, nos termos do art. 30 da lei 9.514/97.** Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o **dia 07/08/2024, às 16h00min,** no mesmo horário e local, para realização do **SEGUNDO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 683.210,10** (seiscentos e oitenta e três mil duzentos e dez reais e dez centavos). Todos os horários estipulados neste edital, no site do leiloeiro (www.FrazaoLeiloes.com.br), em catálogos ou em qualquer outro veículo de comunicação consideram o horário oficial de Brasília-DF. O(s) devedor(es) fiduciante(s) será(ão) comunicado(s) na forma do parágrafo 2º-A do art. 27 da lei 9.514/97, incluído pela lei 13.465 de 11/07/2017, das datas, horários e locais da realização dos leilões fiduciários, mediante correspondência dirigida aos endereços constantes do contrato, inclusive ao endereço eletrônico ou por edital, se aplicável, podendo o(s) fiduciante(s) adquirir sem concorrência de terceiros, o imóvel outrora entregue em garantia, exercendo o seu direito de preferência em 1º ou 2º leilão, pelo valor da dívida, acrescida dos encargos e despesas, conforme estabelecido no parágrafo 2º-B do mesmo artigo, ainda que, outros interessados já tenham efetuado lances, para o respectivo lote do leilão. O envio de lances on-line se dará exclusivamente através do site www.FrazaoLeiloes.com.br , respeitado o lance mínimo e o incremento mínimo estabelecido, em igualdade de condições com os participantes presentes no auditório do leilão de modo presencial, na disputa pelo lote do leilão, com exceção do devedor fiduciante, que poderá adquirir o imóvel preferencialmente em 1º e 2º leilão. Os interessados em participar do leilão de modo on-line, deverão se cadastrar no site www.FrazaoLeiloes.com.br , e se habilitar acessando a página deste leilão, clicando na opção HABILITE-SE, com antecedência de até 01 (uma) hora, antes do início do leilão presencial, não sendo aceitas habilitações após esse prazo. A venda será efetuada em caráter "ad corpus" e no estado de conservação em que se encontra. O proponente vencedor por meio de lance on-line ou presencial terá prazo de 24 horas depois de comunicado expressamente pelo leiloeiro acerca da efetiva arrematação do imóvel, condicionada ao não exercício do direito de preferência pelo devedor fiduciante, para efetuar o pagamento, por meio de transferência bancária, da totalidade do preço e da comissão do leiloeiro correspondente a 5% sobre o valor do arremate. **A transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciante, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB - Banco Central do Brasil**. As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto nº 21.981 de 19 de outubro de 1.932, com as alterações introduzidas pelo Decreto nº 22.427 de 1º de fevereiro de 1.933, que regula a profissão de Leiloeiro Oficial. (PDTEC-2804-05)

FREITAS LEILOEIRO OFICIAL — **LEILÃO DE TERRENO URBANO** ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA LEI Nº 9.514/97

Data e horário do 1º leilão: dia 23 de julho de 2024 às 11h00
Data e horário do 2º leilão: dia 30 de julho de 2024 às 11h00

Local dos Leilões: Somente Online através do site do Leiloeiro Oficial: www.freitasleiloeiro.com.br

ANTONIO CARLOS VILLA NOVA DE FREITAS, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP sob n° 749, faz saber, que devidamente autorizado pela credora fiduciária **PORTAL DA RAPOSO 161 DESENVOLVIMENTO URBANO SPE LTDA. ,** inscrita no CNPJ sob nº 29.001.350/0001-54, nos termos do Instrumento Particular onde figura como devedor fiduciante Fernando César Tobias, e na forma da Lei nº 9.514/97, promoverá a venda em **LEILÃO EXTRAJUDICIAL DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA SOMENTE ON-LINE (1º ou 2º)** através do site do Leiloeiro Oficial: www.freitasleiloeiro.com.br, do imóvel abaixo descrito. O **PRIMEIRO LEILÃO** será realizado no dia **23 de julho de 2024, às 11h00**, **com lance mínimo igual ou superior a R$ 181.488,05 (cento e oitenta e um mil, quatrocentos e oitenta e oito reais e cinco centavos). DESCRIÇÃO DO IMÓVEL: Um terreno urbano**, de formato retangular, de uso comercial, constituído pelo Lote nº 62, da Quadra "F", do loteamento "PORTAL DA CIDADE", de frente para o lado ímpar da Rua Daniel Vieira de Almeida, bairro Taboãozinho, em Itapetininga/SP, com área total de 250,00m², matriculado sob o nº 102.478 do Ofício de Registro de Imóveis de Itapetininga/SP. Inscrição Imobiliária: 02.13.150.0391.001. Obs.: Regularização e encargos perante os órgãos competentes, quanto a baixa da Indisponibilidade de bens constante na Av. 3 da citada matrícula, correrão por conta do comprador. Ocupado. Caso não haja arrematação em primeiro leilão, fica desde já designado o **dia 30 de julho de 2024, às 11h00,** para realização do **SEGUNDO LEILÃO**, **com lance mínimo igual ou superior a R$ 112.322,96 (cento e doze mil, trezentos e vinte e dois reais e noventa e seis centavos)**. O imóvel está ocupado e será vendido à vista, em caráter "ad corpus" e no estado em que se encontra, sendo a desocupação de total responsabilidade do arrematante, nos termos do art. 30 da Lei 9.514/97. Os interessados em participar do leilão, deverão se cadastrar através do site www.freitasleiloeiro.com.br e se habilitar em até 01 (uma) hora antes do início do fechamento do leilão. Os lances on-line e seus incrementos deverão estar de acordo com valores mínimos estabelecidos. Todas as despesas propter rem, ou seja, condomínio, IPTU, etc., com fato gerador até a data do leilão, serão de responsabilidade da credora fiduciária. Havendo arrematação, a escritura pública deverá ser lavrada em até 90 dias contados a partir da data do leilão, sendo as despesas com a transferência da propriedade, por conta do arrematante. Providências e encargos para regularização de eventuais divergências, pendências e averbações junto aos órgãos competentes, correrão por conta do comprador. O arrematante pagará no ato do encerramento do leilão o valor total da arrematação, mais 5% correspondente à comissão do leiloeiro oficial, a qual não está incluída no valor do lance. Os referidos pagamentos deverão ser efetivados no prazo de 24 horas depois de expressamente comunicado. Caso não sejam efetivados os pagamentos do valor da arrematação e comissão do leiloeiro, no prazo estabelecido, a venda não será concretizada e o proponente estará sujeito às penalidades legais. O devedor fiduciante será comunicado das datas, horários e local de realização dos leilões, para no caso de interesse em exercerem o direito de preferência na aquisição do imóvel, pelo valor da dívida, acrescida dos encargos e despesas, na forma estabelecida no parágrafo 2º-B do artigo 27 da lei 9.514/97, incluído pela lei 13.465 de 11/07/2017. As demais condições deste leilão obedecerão ao que regula o Decreto n° 21.981 de 19/10/1932. O edital completo encontra-se disponível no site do leiloeiro www.freitasleiloeiro.com.br.

Central de Informações: 11 3117.1001 • www.freitasleiloeiro.com.br • af@freitasleiloeiro.com.br



Ilustração de Amarildo

Fortalecendo a âncora fiscal

Não há saída para o reequilíbrio das contas públicas a não ser a reconstrução do Orçamento, o que passa por um debate estrutural entre o Estado e a sociedade

Ana Paula Vescovi
Economista-chefe do Santander Brasil

A história recente do Brasil ajuda a economizar muitas palavras. A desorganização macroeconômica interrompeu governos; analogamente, gestores fiscalmente responsáveis puderam adensar suas entregas à população. Somente com orçamentos equilibrados podemos conviver com juros mais baixos e moeda estável, o que abre mais espaço para políticas sociais.

Quando caminhamos para a outra direção, forçando a marcha dos gastos, colhemos a incerteza: quando será o próximo aumento de impostos? Quanto a inflação aumentará? Quando e o quão intensa será a próxima recessão? Quais serão as próximas mudanças na regra do jogo?

Estamos nessa incerteza nos últimos quatro meses. Não adianta colocar a culpa nos eventos externos ou nos bancos centrais, que têm o papel de defender o poder difuso da sociedade no combate à inflação. A inflação ajuda a financiar governos perdulários por um curto período, mas isso não é sustentável. Desde o Plano Real, a sociedade brasileira aprendeu a defender sua moeda.

O pragmatismo deveria nos levar a soluções que estejam ao nosso alcance. E colocar para funcionar o novo arcabouço fiscal, aprovado no ano passado, é a resposta mais trivial.

Os preços dos ativos brasileiros embutem falta de confiança dos agentes econômicos, que avaliam que no próximo ano, ou no máximo em 2026, haverá algum "furo" no novo limite de despesas, mudanças de meta fiscal, uso de subterfúgios para forçar a marcha de crescimento da economia, e até o uso crescente de subsídios creditícios e/ou financeiros.

São tais crenças que levaram o dólar para mais perto de R$ 6,00 e a curva de juros negociados no mercado a embutir alta da taxa Selic já nos próximos meses, fato que acaba prejudicando o próprio crescimento da economia à frente (não obstante a boa performance recente).

Sem falar da queda de 3-4% da Bolsa de Valores desde março, que reduziu em R$ 190 bilhões o valor de mercado das empresas brasileiras.

Reverter isso não será trivial: será necessário enxugar cerca de R$ 100 bilhões dos R$ 170 bilhões de gastos acrescidos pela PEC da transição. O primeiro e mais importante passo é dar clareza ao diagnóstico para os tomadores de decisão, em várias esferas.

Calculamos o hiato de recursos para cumprimento das metas fiscais em 2024 próximo a R$ 40 bilhões. Assim, até 22 de julho, data da próxima reavaliação de receitas e despesas do governo central, seria necessário contingenciamento acima de R$ 15 bilhões para afastar mudança de meta, considerando a banda de tolerância de R$ 28,8 bilhões (cálculo do Tesouro).

O contingenciamento afastaria a incerteza do cumprimento das duas metas embutidas no novo marco fiscal: resultado do primário e limite de gastos. Como há o limite de gastos, a contenção de despesas será inexorável, e torna inviável o ajuste exclusivamente do lado da arrecadação.

No médio prazo, há o Orçamento de 2025, cujo Projeto de Lei Anual deverá ser enviado ao Congresso até 31 de agosto. Calculamos o hiato para cumprimento tanto do limite de gastos quanto do resultado primário em cerca de R$ 70 bilhões.

Nesse caso, a estratégia ótima seria propor medidas para aprovação pelo Congresso ainda neste ano, com efeito a partir do próximo, de modo a assegurar o cumprimento das regras em 2025 e em 2026 e a afastar incertezas no horizonte até o final da atual administração.

Há um conjunto de medidas aventadas para cortes de despesas e algumas que poderiam ser alvo de discussão e que se aproximam do valor necessário.

Trata-se da redução do valor de emendas parlamentares; do pente-fino nos benefícios previdenciários e assistenciais (auxílio-doença, auxílio-defeso etc.); da focalização dos cadastros do Bolsa Família; do realinhamento dos mínimos constitucionais de saúde e educação; da convergência de regras da previdência dos militares; da regulamentação do teto salarial no serviço público, da revisão do aumento real do salário mínimo e do redesenho/otimização do conjunto seguro-desemprego, abono salarial e FGTS.

O controle das despesas, além de abrir espaço para investimentos, gera benefícios com maior estabilidade e previsibilidade das contas públicas e reforça o compromisso no cumprimento do arcabouço, com ações contundentes.

A lacuna entre medidas aprovadas e a efetiva necessidade de redução deveria ser coberta por contingenciamento de despesas discricionárias. E isso afetará o investimento público. Ou seja, quanto mais medidas de redução de gastos obrigatórios aprovadas, mais se consegue preservar o investimento público.

Olhando mais à frente, até o final desta década as despesas obrigatórias tomarão todo o Orçamento público federal. Será imperativo rediscutir todas as funções públicas, partindo do zero e enfrentando as dinâmicas do envelhecimento da sociedade, das mudanças climáticas e das novas tecnologias.

Serão menos crianças entrando nas escolas. Contudo, serão mais jovens precisando desenvolver habilidades científicas, mais pessoas buscando por tratamento de doenças crônicas, desafios crescentes no combate ao crime organizado, maior demanda de recursos para mitigação dos eventos climáticos extremos e cada vez mais novos entrantes na Previdência Social.

Em alguns anos, a captura do Orçamento público por grupos de interesse não terá mais lugar. Será o colapso do Orçamento que levará ao enfrentamento de escolhas difíceis? Esse é um caminho duro para a reconstrução da nossa âncora fiscal e o melhor seria se pudéssemos nos antecipar a essa realidade.

| **DOM.** Ana Paula Vescovi, **Marcos Lisboa,** Candido Bracher

CEO de construtora fatura R$ 50 mi e lida com preconceito

Helen Moraes, dona da HB Brasil, regularizou áreas quilombolas e ocupações

EMPREENDEDOR SOCIAL TODAS

Gabriela Caseff

SÃO PAULO Pior do que a rotina de chegar à meia-noite em casa, de salto alto, e encarar mais trabalho no computador noite adentro é aguentar os olhares de desdém de cima a baixo, conta Helen Moraes, 51.

"Onde que essa mulher negra é dona de alguma coisa?", afirma, citando o pensamento preconceituoso que na sua avaliação ainda reina no meio empresarial no país.

À frente do negócio que deve faturar R$ 50 milhões neste ano, ela se orgulha em dizer que é a primeira mulher negra dona de uma incorporadora e construtora no Brasil.

"Não quero ser a única, não me abalo, mas as pessoas têm que se acostumar a nos ver nesses espaços."

A holding HB Brasil Incorporadora e Construtora, fundada por ela em 2020 e com escritório no bairro de Higienópolis (SP), oferece dois serviços: regularização fundiária e construção para baixa renda. Nas palavras da advogada, "oportuniza moradia digna".

Isso porque, explica ela, além de ajudar a legitimar e levar infraestrutura a terrenos antes irregulares, como ocupações e comunidades quilombolas, a empresária está construindo imóveis dentro da faixa 2 do programa Minha Casa, Minha Vida (MCMV) que serão entregues com linha branca e mobiliário essencial.

"A pessoa sai da favela e leva o fogão destruído, o colchão sujo, a geladeira enferrujada, faz o lençol de cortina. Poxa, com mais R$ 25 mil no preço final, você coloca armário na cozinha, guarda-roupa, geladeira, fogão, microondas, máquina de lavar e a conta fecha", afirma.

Na faixa 2, famílias com renda entre R$ 2.640 e R$ 4.400 podem financiar imóveis de até R$ 264 mil pelo programa federal.

"Prefiro ganhar um percentual menor de lucro e colocar a cabeça no travesseiro e pensar :'Uau, realizei um grande feito, deixei um legado'."

A conexão de Helen Moraes com moradia popular vem da infância —"Nunca tivemos casa própria, quase fomos despejados"— e da profissão.

No começo da carreira, a advogada paulistana trabalhou com assistência social e reparação.

Foi para Alagoinhas, na Bahia, em 2006, resolver um processo de regularização fundiária envolvendo a Petrobras. Lá, esteve à frente da Diretoria de Reparação Social do município e atuou com legitimação de territórios quilombolas, ajudando mais de 3.000 famílias a acessarem o MCMV.


A advogada Helen Moraes é primeira mulher negra CEO de uma incorporadora e construtora no Brasil Fabio Risnic/Divulgação

> Não quero ser a única [mulher negra dona de incorporadora no Brasil], não me abalo, mas as pessoas têm que se acostumar a nos ver nesses espaços
>
> **Helen Moraes**
> CEO e fundadora da holding HB Brasil Incorporadora e Construtora

"Os quilombos foram importantes para eu me entender como mulher negra que pode chegar lá", afirma a advogada. "Há rainhas nos quilombos", completa.

"Foi ela quem buscou recursos federais para as primeiras unidades do Minha Casa, Minha Vida aqui na cidade", diz Dulceneide dos Santos Bispo, coordenadora do Núcleo das Escolas Quilombolas de Alagoinhas (BA). "Ela é boa no que faz", conclui.

Com a experiência e mais R$ 2 milhões no bolso, que ela juntou com os processos pelo seu escritório, fundou em 2014 a Habita Reurb. A empresa de regularização fundiária alcançou, em 2023, receita de R$ 7 milhões e atua intermediando conflitos pela posse de terra em mais de 20 municípios, de Camaçari (BA) a São Roque (SP).

Em 2016, Helen voltou a SP para cuidar do pai, que tratava então de um câncer. Na mesma época, fez parte da defesa de uma comunidade em MG que passava por processo de reintegração de posse.

"Ocupação é um estado de necessidade, ocupantes querem a oportunidade de comprar a terra", diz ela, que também é diretora social do Instituto Brasileiro de Regularização Fundiária.

A doença do pai e a briga pela terra foram sanados. "É todo dia 'Jesus abençoe' no celular", afirma a advogada.

E, em 2020, ela criou o braço de construção a partir da compra de áreas remanescentes dos acordos judiciais. Há pelo menos sete projetos de incorporação em andamento, sendo que a previsão de entrega da primeira unidade é 2026, em parcelas que vão de R$ 600 a R$ 800.

Uma delas é o Condomínio Residencial Clube dos Baleiros, em Salvador (BA), projeto que nasceu com a dificuldade de trabalhadores informais acessarem o Minha Casa, Minha Vida.

"É gente que mora em ocupação, de aluguel ou em casa de dois cômodos e não tem comprovação de renda para financiar imóvel", diz Gilson Rodrigues, 41, presidente da Associação dos Baleiros da Bahia.

Serão 24 meses para a entrega, período em que a HB vai dar orientação financeira aos 1.200 profissionais. "O banco precisa nos enxergar, vamos estar com a vida arrumada", afirma Rodrigues.

Na área onde ficará o residencial, com casas com pouco mais de 40 m², haverá piscina, salão de festas, academia e uma área comercial, além do imóvel semi-mobiliado.

"O baleiro vai para a casa nova só com as roupas e o brinquedinho das crianças", diz Rodrigues.

Em São Paulo, Minas Gerais ou na Bahia, Helen diz sempre (e ainda) enfrentar racismo. Em Itatiba (SP), chegou a desfazer a compra de um terreno.

"Meu gerente [um homem branco] chegou dirigindo meu carro, desceu e foi tratado como dono. Fiz perguntas técnicas, ninguém deu atenção."

Quando o gerente perguntou "E aí, chefa, vamos comprar?", Helen conta que foi um espanto geral.

"Depois que ele responder às minhas perguntas e explicar tudo de novo para mim, quem sabe. Sou eu quem dou as cartas", relembra.

A HB projeta faturamento de R$ 50 milhões nas duas frentes de trabalho neste ano. O sonho da advogada é regularizar 1 milhão de moradias e entregar 200 mil unidades.

"Aí eu me aposento. Até lá, vão ter que me engolir."

Geração Z no mercado de trabalho

Jovem critica plataformas de recrutamento, pula de emprego, troca sindicato por redes e tenta conciliar trabalho e viagem

SÃO PAULO A geração Z, aquela dos que nasceram de 1995 a 2010, tenta entrar ou se manter no mercado de trabalho em um momento de transformação acelerada, com a proliferação de plataformas digitais e de novas tecnologias e com a redução de direitos trabalhistas.

O número de brasileiros com idade entre 18 e 29 anos é de 39,2 milhões. Desses, 25,5 milhões estão ocupados.

A maioria dos jovens, segundo o IBGE (em conta que começa nos 14 anos), está concentrada em comércio (24%), tecnologia da informação, comunicação e serviços administrativos (14%) e indústria (13,6%). O setor de educação e saúde é o quarto no ranking (10%) e inclui uma profissão das mais tradicionais, a medicina, que está em crescimento, com 95 mil médicos de até 29 anos espalhados pelo Brasil. Agronegócio vem logo atrás (7%), com dificuldade de atrair e fixar mão de obra jovem.

As profissões dos jovens são as mais variadas —ou nem são profissões, caso do "microtrabalho", que paga décimos de centavo para quem fica horas a fio atrás de curtidas e seguidores para perfis de empresas, influenciadores e políticos.

Conseguir emprego hoje implica passar por dezenas ou centenas de preenchimentos de cadastros em plataformas de recrutamento. Ter carteira assinada é outra dificuldade, e muita gente só consegue trabalho fingindo ser uma empresa, na chamada "pejotização".

É uma geração que não tem medo de mudar. A média de permanência no mesmo emprego é de apenas nove meses, contra dois anos para as outras faixas etárias. Se for possível unir trabalho e viagem ao exterior, melhor ainda.

Na hora de discutir questões trabalhistas, a rede social vira aliada, ajuda a criar mobilizações e a influir na discussão de leis. Já os sindicatos andam em baixa entre os jovens.

Neste caderno, a 68º turma do Programa de Treinamento em Jornalismo Diário da **Folha** destrincha alguns dos principais desafios e comportamentos de quem dá os primeiros passos no mercado de trabalho no Brasil.



Ítalo Leite

As reportagens de Jovens no mercado de trabalho, e a ilustração desta capa, foram feitas pelos 20 participantes do Treinamento em Jornalismo Diário com Ênfase em Economia, patrocinado pela CNA (Confederação Nacional da Agricultura) e pela Philip Morris Brasil. É a 68º turma do Programa de Treinamento em Jornalismo Diário da Folha.



Rick Azevedo, um dos fundadores do movimento VAT (Vida Além do Trabalho), faz panfletagem na Tijuca, zona norte do Rio de Janeiro Tércio Teixeira/Folhapress

Sindicatos perdem espaço para redes em pleitos trabalhistas

Desinteresse entre nova geração e entidades é mútuo, afirma sociólogo

Ana Beatriz Garcia, Bruno Xavier e Isabela Rocha

SÃO PAULO Na última década, a participação de trabalhadores entre 18 e 24 anos nos sindicatos caiu 73%, segundo o IBGE. Nesse período, as redes sociais centralizaram as reivindicações trabalhistas dos jovens. Hoje, eles se organizam em plataformas digitais para mudar a legislação e regulamentação.

O Vida Além do Trabalho (VAT), movimento que defende o fim da escala 6 x 1 (seis dias de trabalho e um de folga), reúne jovens no começo da vida profissional. Em nove meses, acumulou 125 mil seguidores no Instagram, 16 mil no TikTok, 1.934 no Telegram e centenas no WhatsApp. Também conseguiu mais de 1,1 milhão de assinaturas em uma petição online para mudar a escala de trabalho.

O movimento surgiu em 2023 a partir de um desabafo em vídeo do então atendente de farmácia e influencer Rick Azevedo, 30, hoje líder do grupo. Ele convocava trabalhadores a "meterem o pé na porta" contra o 6 x 1: "Viralizou muito rápido", afirma ele, que hoje faz "bicos".

No dia 5 de junho, o Congresso aprovou um pedido de audiência pública, ainda sem data definida, para discutir as propostas do VAT, após solicitação da deputada federal Erika Hilton (PSOL-SP). A parlamentar também protocolou em 1º de maio uma proposta de emenda à Constituição para a redução da jornada semanal sem impacto no salário.

"Eu espero que as redes sociais permitam que esse debate chegue cada vez mais longe, atravesse as pessoas e forme uma multidão de lideranças", diz Hilton. "Isso ajuda a juventude a sair das redes sociais e se organizar em grupos na política, nas bases, nos sindicatos, no ambiente de trabalho."

A pandemia impulsionou a busca pelo equilíbrio entre vida pessoal e trabalho, especialmente entre os jovens, diz Tatiana Iwai, professora de comportamento organizacional do Insper. A viralização de conteúdos facilita o crescimento desse sentimento nas redes, acrescenta.

"Carreira não é mais trabalhar o tempo inteiro e em primeiro lugar", diz Iwai.

> "A nova geração chega com tudo, dizendo 'olha, nós não queremos e não vamos aceitar exploração como as gerações anteriores'
>
> **Rick Azevedo**
> líder do movimento Vida Além do Trabalho

A advogada trabalhista Janaina Bastos, 43, com 1,4 milhão de seguidores no TikTok, diz ver nos jovens uma curiosidade ativa sobre seus direitos: "Essa geração é muito mais conectada. Não tem a mesma tolerância para suportar desrespeito aos direitos."

A participação dos trabalhadores brasileiros em sindicatos caiu quase pela metade: de 16,1% em 2012 para 8,4% em 2023, segundo dados da Pnad Contínua (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua). Entre 18 e 24 anos, a queda foi de 73%.

A secretária da juventude da Central Única dos Trabalhadores (CUT), Cristiana Paiva Gomes, 32, reconhece o desinteresse dos jovens. Para ela, isso se deve à estrutura dos sindicatos, que têm pessoas mais velhas na liderança.

"Os sindicatos deveriam passar por uma mudança de comunicação. Esse erro no diálogo com os jovens é muito grande. Eles não querem ouvir as mesmas coisas, querem posicionamentos em assuntos como cultura e meio ambiente", diz.

Gomes afirma que a taxa sindical afasta os jovens, muitos no limite financeiro. Ela vê as redes como aliadas, "mas o sindicato é essencial para a luta da classe trabalhadora".

Para Ruy Braga, chefe do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo, a baixa adesão de jovens ao sindicato é histórica, e o desinteresse é mútuo. "O sindicalismo brasileiro não é atraente aos jovens porque os jovens trazem contestações. Isso estimula desconfiança dentro dos sindicatos."

Em evento do Ministério Público do Trabalho em 28 de maio, Lucimara Malaquias, secretária-geral do Sindicato dos Bancários de São Paulo, disse que um entrave à sindicalização de jovens é a informalidade. Segundo o Ministério do Trabalho, 45% dos jovens ocupados de 14 a 24 anos não têm carteira assinada.

Jovens preferem o dinamismo das redes, e os sindicatos não acompanham a comunicação moderna, diz Rick Azevedo, do VAT. Ele afirma que o movimento buscou ajuda dos sindicatos no início, mas não sentiu receptividade.

"Os sindicatos ficaram fixados na política média, retrógrada", diz Azevedo. "O VAT tem sucesso porque é um movimento aberto, que os jovens acompanham instantaneamente."

O Breque dos Apps também é fruto da mobilização nas redes. Surgiu em 2020, como resultado de demandas por melhores condições de trabalho de entregadores de aplicativo.

Conhecido como Bola de Fogo, Andreando Firmino de Oliveira, 43, um dos líderes do movimento, é entregador em Goiânia (GO) desde os 23. Mesmo sem apoio dos sindicatos nos atos, ele afirma ter visto mudanças na área e diz que os jovens preferem a relação direta com os apps.

Um dos pedidos atendidos foi a implementação do código de confirmação de recebimento no sistema do iFood. A empresa afirma que mantém uma política de escuta ativa com a categoria. Entre as pautas pendentes está a modificação do sistema de agendamentos do trabalho de cada entregador.

"Você solicita a autorização dos dias em que trabalhará na semana seguinte, mas depende de a empresa aprovar o seu pedido", diz Bola. Segundo o iFood, a função de planejamento, disponível em algumas cidades, tem vagas prioritárias de agendamento, alocadas para quem se inscreve antes. A empresa também considera a pontuação dos entregadores: os melhores têm mais chance de receber pedidos.

Jovens pulam mais de emprego que outras gerações, diz estudo

Lara Barsi e Victória Batalha

SÃO PAULO Integrantes da geração Z mudam mais de emprego do que a média dos profissionais no Brasil, indica levantamento inédito da Gupy, plataforma de recrutamento mais acessada no país. Jovens entre 18 e 24 anos ficam cerca de nove meses em uma empresa, contra dois anos em média de permanência de todas as gerações anteriores quando consideradas em conjunto.

De acordo com o estudo, que ouviu funcionários de empresas que utilizam a plataforma Gupy Clima & Engajamento, a alta rotatividade da geração nascida entre 1995 e 2010 impacta as finanças das corporações. A gerente da área de carreiras do Insper, Tatiana Angelotto, diz que um dos motivos para as empresas tentarem reter esse público é o alto valor investido no desenvolvimento dos jovens talentos.

Na visão de Guilherme Dias, cofundador da Gupy, as corporações precisam entregar mais desafios e mobilidade interna para manter os jovens. "Gerações anteriores preferem mais estabilidade na carreira, ao contrário da geração Z. Eles não querem fazer a mesma coisa por muito tempo", afirma.

Conforme os dados do levantamento, feito com respostas coletadas no período entre janeiro de 2022 e dezembro de 2023, o setor que mais apresenta turnover voluntário entre os jovens é o de tecnologia, com 7% de desligamentos; varejo e atacado têm 4,6% de pedidos de demissão. Depois aparecem a indústria (2,7%) e o agronegócio (2,2%).

Trabalhando há 12 anos com tecnologia, o paulistano Raphael Tacla, 28, está no mercado desde o início da faculdade. Em uma das empresas em que trabalhou, ficou só três meses, e sua principal motivação para sair foi querer salário maior. Raphael diz que a área de tecnologia, por ter muita demanda, permite mais trocas de organizações.

Continua na pág. 3



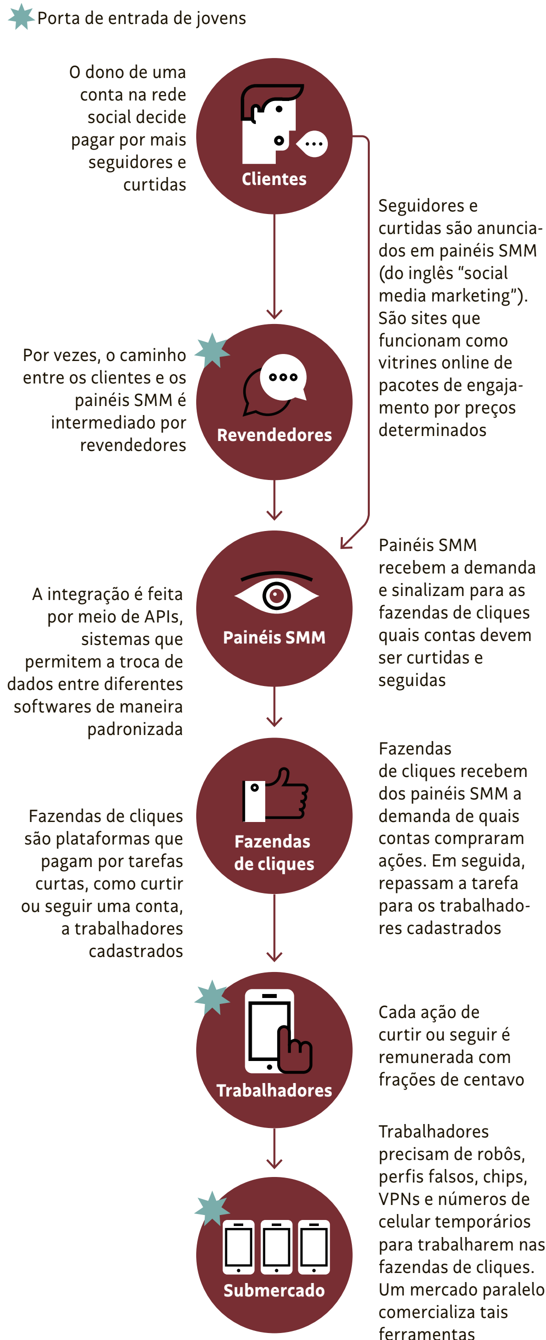
A arquiteta Thaís Paixão, 27 Karen Lima/Folhapress



O desenvolvedor Raphael Tacla, 28 Felipe Iruatã/Folhapress


Catarina Pignato

Mercado brasileiro de compra e venda de seguidores e curtidas atrai jovens



'Microtrabalho' engana com promessa de dinheiro fácil

Sites repassam demandas de clientes por seguidores por décimos de centavo

Laura A. Intrieri e Vitor Rosasco

SÃO PAULO A compra e venda de seguidores funciona às claras na internet. A falsa promessa de renda fácil cria um mercado irregular que infla perfis, paga décimos de centavo por clique e cria um estado constante de ansiedade em trabalhadores.

Jovens entre 18 e 35 anos vindos da informalidade são a maioria nesse tipo de atividade clandestina, segundo Matheus Viana Braz, psicólogo que pesquisa o trabalho em meios digitais.

Especialistas chamam de "microtrabalho" o ganho por pequenas tarefas realizadas online. Treinar algoritmos de inteligência artificial, classificar conteúdos violentos em plataformas ou, no caso de muitos jovens brasileiros, curtir publicações e seguir perfis.

"Eles perdem a fronteira entre vida familiar e profissional. Todo tempo de ócio passa a ser usado nas tarefas das plataformas. Trabalhadores já mencionaram levar seus notebooks para festas familiares. Uma mãe fazia tarefas pela madrugada, enquanto amamentava seu bebê", diz Braz.

"Quanto maior a dependência financeira, mais vulnerável a pessoa fica."

Apesar de contestada na Justiça desde 2022, a prática de pagar por engajamento é disseminada entre empresas, influenciadores e políticos. As tarefas são realizadas nas chamadas "fazendas de cliques", sites que recebem pedidos de donos de perfis e passam as demandas de cliques a trabalhadores cadastrados.

Elas pagam cerca de R$ 0,006 a cada seguidor e R$ 0,001 a cada curtida em redes como Instagram e TikTok.

A reportagem trabalhou em uma fazenda de cliques, criando uma conta no Instagram e cadastrando-a para seguir perfis. Após meia hora fazendo as tarefas, os pedidos para seguir novas contas pararam de surtir efeito e começaram a aparecer como desfeitos, sem mensagem de erro nem de violação de políticas.

O ganho no período foi de R$ 0,06. Com valores tão baixos, trabalhadores usam bots, programas de computador que automatizam os cliques, para ter chance de fazer algum dinheiro.

R.S. tem 18 anos e está no ramo há 3. Com os métodos otimizados, diz faturar R$ 3.000 por mês. "Programo desde os 13 anos. Tenho 70 contas fazendo 200 ações cada por dia."

Quem não usa bots e depende de cliques manuais "não consegue fazer nem R$ 5 por dia", segundo ele.

As plataformas exigem que o perfil usado pelo trabalhador para seguir e curtir contas pareça orgânico, com fotos e seguidores. Por isso, há um mercado paralelo de compra e venda de perfis aptos ao trabalho, além de números falsos usados para cadastro e redes privadas de internet.

Quem quer comprar seguidores vai a painéis "SMM" (sigla em inglês para "marketing de mídia social"), sites que funcionam como vitrines online de pacotes de engajamento por preços determinados.

Eles recebem a demanda e sinalizam para as fazendas de cliques quais contas devem ser curtidas e seguidas. Por vezes, o caminho entre os clientes e os painéis SMM é intermediado por revendedores. É o caso de T.M., 26.

"Eu ofereço uma proposta ao cliente. Depois do pagamento, pego uma parte do dinheiro e faço o pedido de compra de seguidores", diz.

No mercado há dois anos, divide o tempo entre estudo e trabalho —a maior parte, nas plataformas.

"Revender é melhor. Para trabalhar curtindo, a pessoa não gasta nada, só ganha, mas, de tanto seguir as pessoas, uma hora você é bloqueado."

Uma tarefa para seguir a conta da vereadora de São Paulo Janaína Lima (Progressistas) foi encontrada pela **Folha** numa fazenda de cliques, por R$ 0,006. Procurada, ela afirmou que nunca contratou nem autorizou serviços de compra de seguidores.

O mesmo aconteceu com o perfil no Instagram da ex-BBB Paulinha Leite, que administra uma empresa de apostas coletivas. A empresária diz que desconhece a compra de seguidores e que faz "postagens esporádicas" na rede.

A reportagem recebeu tarefas para curtir uma publicação no Instagram da apresentadora Nicole Bahls e seguir o perfil da marca de maquiagem Dailus. Nenhuma das assessorias respondeu aos pedidos de contato.

O Instagram afirmou que trabalha para manter a comunidade livre de "comportamentos inautênticos" e que suspende e remove contas que violem suas diretrizes.

O TikTok, cujas políticas também proíbem engajamento inorgânico, não se posicionou.


A estudante Fernanda Canaan, 24 Gabriel TX/Folhapress

Continuação da pág. 2

O maior tempo que Raphael ficou em um emprego foi cinco anos, na sua primeira experiência. Na empresa atual, trabalha como desenvolvedor e está há mais de um ano como PJ. Ele diz preferir cargos com horários mais flexíveis e que permitam trabalho remoto. Por isso, até abre mão de carteira assinada e benefícios como vale-alimentação.

"O setor de tecnologia é o mais dinâmico da economia. É onde novas oportunidades de crescimento profissional surgem a todo momento", diz o economista Naercio Menezes Filho, especialista em mercado de trabalho e tecnologia do Insper.

O estudo inédito Carreira dos Sonhos de 2024, da Cia de Talentos, consultoria com foco em atração e seleção, também mostra que os jovens mudaram mais de empresas nos últimos anos. Enquanto 35% da geração Z trabalhou em apenas uma empresa em um período de cinco anos, 62% dos baby boomers (nascidos de 1945 a 1964) dizem ter atuado em uma única organização durante o mesmo tempo.

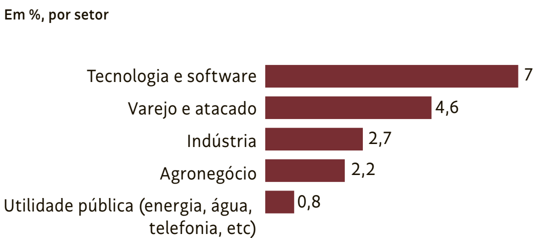
Segundo Danilca Galdini, diretora de Insights da Cia de Talentos, os pedidos de demissão no Brasil cresceram mais a partir do final de 2022, em grande parte impulsionados pela reflexão sobre o peso do trabalho na vida das pessoas. Esse questionamento é mais intenso entre o público jovem.

Geração Z permanece, em média, 15 meses a menos em um mesmo emprego

Tempo médio de permanência dos colaboradores
Em meses



Turnover voluntário
Em %, por setor



Fonte: Relatório de Clima & Engajamento da Gupy

A arquiteta pernambucana Thaís Paixão, 27, que mora em Petrolina (PE), trocou de emprego 7 vezes nos últimos 2 anos. Ela relatou a dificuldade de encontrar vagas na sua área de formação. "A gente não se sente preparada quando sai da faculdade. Não exercia a arquitetura nos primeiros empregos", diz.

"A maioria das empresas em que trabalhei não tinha um plano de carreira, o que me desmotivou e até mesmo me fez adoecer no início", conta Thaís. Hoje ela trabalha numa construtora, aplicando o que estudou na graduação.

Para ela, vale-alimentação e plano de saúde são benefícios essenciais. Mas os outros, como flexibilidade e trabalho híbrido, caros às novas gerações, não são uma realidade forte no interior do Nordeste, onde vive.

Segundo Guilherme Ceballos, sócio da plataforma de recrutamento Eureca, dois dos principais fatores que fazem um jovem desistir de um processo seletivo, mesmo aprovado, é descobrir que não vai fazer exatamente o desejado e que o pacote de benefícios e remuneração não é competitivo em relação ao mercado.

"A estabilidade buscada pela nova geração tem muito mais a ver com conseguir arcar com os seus custos, padrão de vida e progresso financeiro, do que, necessariamente, ter continuidade em uma mesma empresa", afirma Ceballos.

A estudante de ciências biológicas Fernanda Canaan, 24, trabalha como garçonete free-lancer em uma cafeteria em São João del Rei (MG). Conseguiu seu primeiro emprego assim que entrou na graduação, também como garçonete, na cidade vizinha de Tiradentes. Ela conta que trocou várias vezes de empresa devido à baixa remuneração e à escala de trabalho, com apenas um dia de descanso semanal.

Outro motivo que gera a rotatividade, para a jovem, é o desvio de função. "Na última vez, fui contratada como caixa e tive que fazer várias outras coisas, até limpar o banheiro."

Total de MEIs cresce, e pejotização preocupa

Na faixa entre 18 e 30 anos, há 3,5 milhões de inscritos; especialistas alertam para vulnerabilidade dos mais jovens

Anne Meire Ribeiro, Arthur Guimarães e Matheus dos Santos

SÃO PAULO A designer Gabriela Farias, 28, pediu demissão do emprego com carteira assinada após suspeitar de depressão. Quando voltou ao mercado, queria mais flexibilidade, mas hoje, como MEI (microempreendedor individual), trabalha das 9h às 18h30 e reclama da falta de benefícios.

Ela é um dos 3,5 milhões de MEIs de 18 a 30 anos registrados em junho de 2024, número que representa 22% dos 15,8 milhões de inscritos na categoria, segundo a Receita Federal. Desde 2019, quando somava 8,5 milhões, o segmento cresceu 86%, usando a mesma base de comparação. Mais de 1,5 milhão de MEIs são criados todo ano desde então.

"Melhorei como profissional e tenho mais funções do que um funcionário júnior deveria ter, mas meu salário não corresponde ao que entrego", diz a designer.

Como MEI, o profissional recebe o número do CNPJ (Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica) e tem direito a aposentadoria, auxílio-maternidade e afastamento remunerado por doença. Em contrapartida, paga uma taxa mensal, hoje em torno de R$ 70.

Se pela CLT o funcionário responde a um superior, tem horário delimitado e executa tarefas específicas, em contratações de PJ não deveria haver relação de subordinação.

O regime CLT, por outro lado, garante direito a férias, seguro desemprego, pagamento de horas extras, FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço), 13º e outros benefícios.

Segundo Olivia Pasqualeto, professora de direito do trabalho da FGV (Fundação Getulio Vargas), muitas empresas contratam funcionários como PJ para fugir de obrigações trabalhistas —prática chamada de pejotização.

"Isso cheira a fraude, mas não é todo trabalhador que vai processar, porque muitas vezes as pessoas ficam marcadas negativamente no mercado, e elas dependem do salário. Não é tão simples assim", diz.

Solange Gonçalves, professora de economia da USP (Universidade de São Paulo), diz que o trabalhador perde garantias e benefícios quando é contratado como PJ para atuar como empregado.

Com pouca margem de escolha, jovens são mais vulneráveis ao cenário pela menor escolaridade e pela falta de experiência, afirma ela.

Beatriz Guimarães, 23, trabalha em seu primeiro emprego após se formar, em 2023. De Manaus, também é MEI e atua com atendimento a empresas em uma agência, de forma remota. Ela mantém contato diário com os clientes e coordena as reuniões entre eles e a agência.



A designer Julia Faria, 27, em sua casa na Vila Gumercindo, zona sul de SP Lucas Seixas/Folhapress

> "O ponto positivo é não ter desconto. O negativo é que, se eu for mandada embora, fico sem nada
>
> **Joyce Lima**
> coordenadora de redes sociais

"Eu vejo [a pejotização] como um movimento para diminuir os custos das empresas. Vale a pena só com salários altos. No fim, é uma forma de pedir as mesmas coisas que um CLT faz, mas sem os direitos", diz.

Joyce Lima, 28, trocou o CLT pelo MEI há seis anos porque a empresa em que trabalhava passou por uma reestruturação —a pejotização foi um dos efeitos. Hoje, ela é coordenadora de redes sociais em uma agência.

"O ponto positivo é não ter muitos descontos, eu pago uma taxa e pronto. O negativo é que, se eu for mandada embora, fico sem nada. No CLT, tem garantias mínimas", diz.

A publicitária define sua rotina como corrida. "Sempre trabalho em horário comercial por conta dos clientes, porque tem muitas reuniões e demandas, então é uma falsa flexibilidade."

Para a doutora em economia pela FGV Bruna Alvarez, as dificuldades de rotina também se intensificam nessa faixa etária. "Um jovem PJ pode trabalhar muitas horas e aos fins de semana sem ser remunerado por isso, por não ter muitas opções."

Em estudo sobre o tema, Alvarez concluiu que 53% dos MEIs até 2019 eram pejotizados, ou seja, tinham as mesmas obrigações que trabalhadores celetistas.

André Spínola, gerente nacional de estratégia e transformação do Sebrae, questiona o número. Estimativas da entidade mostram que a taxa de pejotização de MEIs é de 5,5%.

"Muitos apontam a pejotização como uma praga no MEI, e não é. São apenas desvios que não deveriam acontecer."

A designer Julia Faria, 27, virou PJ ao sair de um emprego CLT para trabalhar como ME (microempresa) para uma companhia americana. A mudança decorreu da falta de perspectiva de crescimento como celetista. A principal diferença entre o MEI e a ME é o limite de faturamento anual, de R$ 81 mil para o primeiro e R$ 360 mil para a segunda.

"Prefiro CLT, acho mais seguro, mas além das novas experiências, o salário compensa os benefícios que perdi."

A empresa em que ela trabalha permite horários flexíveis, desde que se cumpra uma carga de 7 a 8 horas por dia. Julia não tem contrato de exclusividade e fica livre para eventuais freelances.

"Sinto que a ansiedade aumentou, mas eu já fui demitida repentinamente no passado, sei que isso pode acontecer em qualquer lugar. Não me arrependo de ter trocado, foi um passo importante na minha carreira."



A produtora audiovisual Rayara Lassance, 26, na biblioteca do Centro Cultural da Justiça Federal, no centro do Rio de Janeiro Eduardo Anizelli/Folhapress

Plataformas de recrutamento frustram jovens profissionais

Adson Dutra e João Pedro Capobianco

SÃO PAULO Adotadas com a promessa de tornar os processos seletivos mais ágeis e transparentes, as plataformas de recrutamento frustram jovens candidatos, que reclamam das múltiplas etapas a cumprir e da falta de retorno após a inscrição.

A produtora audiovisual Rayara Lassance, 26, afirma ter perdido a conta de quantas seleções participou desde que foi atingida por uma demissão coletiva em março deste ano. Em tom de brincadeira, ela diz ter se tornado sommelier de plataformas nos últimos meses.

"A mais frustrante de todas é, com certeza, a Gupy. Ainda é uma incógnita para nós, candidatos, como aquilo funciona."

Lassance soma 120 inscrições em vagas desde que se cadastrou no site, em 2022. Para ela, os principais problemas são a falta de retorno sobre as candidaturas e a falta de clareza nos critérios de seleção e nos limites entre a atuação de robôs e a ação humana durante a seleção.

De março a maio de 2024, com 52 milhões de cadastrados e 4.000 empresas clientes, a Gupy foi a plataforma do segmento com mais visualizações de página na internet do Brasil, segundo a Comscore MMX (empresa de análise de audiência). Indeed, Infojobs, Vagas.com, Glassdoor e Catho vêm na sequência.

Guilherme Dias, um dos fundadores da Gupy, afirma que a plataforma acompanha as críticas e implementa melhorias nos processos. Além de orientar que as seleções tenham menos etapas, o site criou, em 2021, um selo para empresas que dão retorno aos inscritos.

Dias destaca ainda que a elaboração do processo seletivo fica a cargo do contratante.

Segundo a Gupy, sua tecnologia de inteligência artificial não elimina nem aprova candidatos, apenas ordena currículos de acordo com os critérios definidos pelas empresas.

Uma semana depois de criticar a Gupy publicamente nas redes sociais, Laís Neves, 28, conseguiu, pela própria plataforma, uma vaga na área de recrutamento de uma empresa.

De candidata a recrutadora, experimentou os dois lados da ferramenta. "Eu entendo o posicionamento dos candidatos e acho que, sim, eles têm que se manifestar." Na sua avaliação, há uma culpa compartilhada entre o site e as empresas contratantes.

Ana Letícia Magá, mentora de carreiras da geração Z, diz que a intermediação das plataformas torna os processos seletivos impessoais. Produtora de conteúdo no canal FuturAna, no YouTube, Magá acompanha as reclamações dos jovens candidatos.

"Eles odeiam e são bastante críticos a esse modelo. Em geral, são muitas etapas automatizadas, e eles sentem que não são vistos."

Em dois anos, o economista Gustavo Diniz, 26, enviou o currículo 570 vezes pela Gupy e, mesmo assim, não conseguiu emprego. Só foi contratado após entrar em contato direto com uma recrutadora pelo LinkedIn. A tática é recomendada para fugir do filtro da inteligência artificial.

Já na Catho, um candidato de 21 anos que preferiu não ser identificado conseguiu marcar apenas uma entrevista na área de atendimento ao cliente. A vaga, porém, não condizia com o anúncio.

"A empresa colocou 60 pessoas em uma sala pequena, sem ventilação, e ficamos lá por duas horas sentados esperando o CEO chegar. E adivinha? Eles mentiram, a vaga era de corretor, presencial e sem benefício. A Catho até hoje me manda mensagens automáticas referentes a essa vaga."

A plataforma também é criticada por ter planos pagos. É possível se candidatar gratuitamente, mas quem paga tem mais chances. "Não faz sentido. Se eu estou desempregada, como vou ter dinheiro para divulgar meu currículo?", questiona Nattaly Gomes, 26, assistente de recursos humanos.

Em resposta às críticas de propaganda enganosa, Fabio Maeda, um dos diretores da Catho, afirma que todos os anúncios são inspecionados e que o site dispõe de um canal de denúncias de vagas e empresas. Segundo ele, as reclamações feitas são analisadas por uma equipe especializada.

O diretor compara a Catho ao YouTube e ao Spotify. "O nosso modelo é exatamente esse. Você pode entrar e se candidatar para as vagas, só que há algumas funcionalidades que estão no plano pago. O plano pago te dá mais destaque para o recrutador."

Tecnologias como o ATS (Applicant Tracking System, ou sistema de rastreamento de candidatos) facilitam o trabalho dos recrutadores, mas, para Magá, as plataformas também deveriam facilitar a experiência dos profissionais.

"Se os candidatos se sentem prejudicados, é importante que as plataformas encontrem outras soluções."



APRESENTA

EstúdioFOLHA

CNA/Divulgação



Participantes de uma das edições do CNA Jovem, programa de desenvolvimento de lideranças para o agro que completa 10 anos

CNA Jovem desenvolve lideranças para o agro

Com 10 anos de atuação, o programa identifica e desenvolve competências de liderança em jovens para fazer a diferença no setor agropecuário

Criado para identificar e desenvolver jovens com potencial de liderança para atuar no agronegócio, já passaram pelo programa mais de 7.400 jovens de todos os estados do país em seus 10 anos de atuação.

Idealizado pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar), o CNA Jovem alia o desenvolvimento de competências de liderança, autoconhecimento, técnicas de inovação, preparo para sucessão e experiências vivenciais que proporcionam um crescimento pessoal e profissional a jovens do agro de todo o país. À medida que o líder amadurece nesta trajetória, um problema local também tem a oportunidade de ser solucionado a partir do exercício da liderança empreendedora.

O CNA Jovem tem duração aproximada de 12 meses e contempla oficinas que apresentam temas que perfazem uma jornada que vai desde o conhecimento do setor e do Sistema CNA/Senar até a apresentação de uma iniciativa inovadora capaz de solucionar um desafio real. Para complementar, atividades presenciais são realizadas por meio de encontros estaduais e nacionais.

"O programa é estratégico para desenvolver lideranças que entendam as especificidades do setor agropecuário e abre um leque de oportunidades para os jovens que querem atuar no campo", afirma Gabriel Sakita, coordenador técnico da diretoria de educação profissional e promoção social do Senar.

Criado em 2014, o CNA Jovem acontece a cada dois anos. Foram realizadas cinco edições e uma especial, em 2018, que reuniu integrantes dos anos anteriores. Para participar, os candidatos devem ter entre 22 e 30 anos, formação técnica ou superior e vínculo com o setor rural.

CONHEÇA O CNA JOVEM
Programa de capacitação para jovens do agro

Primeira edição: 2014

O que é: Programa do Sistema CNA/Senar para identificar e desenvolver lideranças jovens para o setor agropecuário

Quem pode participar: Jovens entre 22 e 30 anos, com formação técnica ou superior e vínculo com o setor rural

7.407
Jovens de todo o país já participaram de ao menos uma etapa do programa

12 meses
É a duração aproximada do programa

Linhas de ação do CNA Jovem
- Liderança empreendedora
- Inovação baseada em desafios
- Preparação para sucessão
- Iniciativas de liderança
- Autoconhecimento
- Experiências vivenciais

Benefícios do programa
- Desenvolvimento de competências de liderança
- Acesso a mentores experientes do agronegócio
- Participação em missões técnicas nacionais e internacionais
- Conexão com jovens de todo o país
- Participação na Rede CNA Jovem

Fontes: Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar)



Segundo Sakita, entre os benefícios para os jovens participantes estão a oportunidade de desenvolver o autoconhecimento, questionando seu propósito de vida e refletindo sobre seus princípios e preferências, ter acesso a profissionais e mentores experientes do agronegócio e fazer parte da Rede CNA Jovem, com integrantes de diferentes regiões do país.

Além disso, os jovens que se destacam no programa podem participar de missões técnicas nacionais e internacionais. Já foram realizadas missões para China, Nova Zelândia e Vale do Silício (EUA).

Nas duas últimas edições do CNA Jovem, a missão técnica foi no Brasil. Em maio deste ano, um grupo de dez jovens que se destacaram no programa teve a oportunidade de viajar por cinco estados do país para conhecer o potencial da produção de alimentos e ter contato com as complexidades e as oportunidades do agronegócio.

"Ao viajar pelo Brasil, percebemos que as disparidades econômicas e sociais são gritantes e que muitos problemas enfrentados em uma região já foram solucionados em outras. A jornada de aprendizado do Senar para liderança ajuda a buscar essas soluções, a se relacionar com as pessoas e fazer a diferença", afirma Lucas Dierings, jovem do Paraná que foi destaque nacional da quarta edição do CNA Jovem, em 2021, e hoje atua como podcaster do Agro Jovem Podcast e comercializa uma ferramenta digital para gestão de propriedades rurais.

BENEFÍCIOS AO PRODUTOR

Outra vantagem do programa é que os jovens, por meio de suas iniciativas, mobilizam pessoas e recursos capazes de atender necessidades locais dos produtores rurais, gerando valor aos seus beneficiários e deixando um legado de liderança no campo. "Os jovens identificam um problema real ou uma oportunidade, gerando iniciativas de liderança que beneficiem os produtores rurais da sua comunidade", afirma Sakita. Essas iniciativas passam por um processo de construção e amadurecimento, recebem mentoria e começam a ser implementadas ainda durante o programa.

O CNA Jovem promove ainda discussões sobre sustentabilidade, inovações que impactam o setor, segurança alimentar e representatividade. "Foi muito interessante aprender sobre economia circular, por exemplo, e seu potencial de impactar o agronegócio", afirma Dierings.

Ao oferecer um conteúdo robusto, atividades desafiadoras e uma imersão nos problemas locais do setor, o CNA Jovem incentiva a criação de uma cultura de liderança empreendedora. "O programa abre várias portas para os jovens e é impressionante como eles evoluem. Deixam a timidez e os medos de lado e mudam a forma de se expressar e agir", diz Gabriel Sakita.


Victoria Apolori, 22, que estuda medicina na Afya, faculdade privada em João Pessoa (PB) Josemar Gonçalves/Folhapress

Brasil tem mais jovens médicos; maioria é mulher e generalista

Paraíba tem a maior proporção desses profissionais por mil habitantes; Norte fica abaixo da média

Felipe Bramucci
e Helena Schuster

SÃO PAULO Cresceu 26% o número total de médicos jovens no Brasil nos últimos três anos, de cerca de 75 mil em 2020 para mais de 95 mil em janeiro de 2024. Essa nova geração está mudando o perfil e a distribuição de profissionais pelo país.

Um exemplo é a Paraíba, que alcançou a maior proporção de profissionais com até 29 anos por mil habitantes (0,95), segundo o levantamento Demografia Médica 2024, do CFM (Conselho Federal de Medicina). A média nacional é de 0,53.

"Na minha sala, são 186 alunos. Eu nem conheço todo mundo", afirma Victoria Apolori, 22, estudante do terceiro ano de medicina na Afya, faculdade privada de ciências médicas em João Pessoa (PB). A capital tem três escolas médicas privadas e uma pública.

Ela vê vantagens em ficar no estado. Para ela, qualidade de vida é um dos fatores que influenciam a fixação de jovens. Por outro lado, há colegas que são do interior e querem voltar ou ir para o Sudeste.

O CRM-PB (Conselho Regional de Medicina da Paraíba) justifica os números pela oferta de vagas em cursos. O estado tem uma das maiores proporções de vagas por mil habitantes (0,26) do país. Em São Paulo, a taxa é 0,21.

O Ministério da Saúde também afirma que a Paraíba tem "um mercado com capacidade de absorção dessa força de trabalho". A estimativa é que, em cinco anos, o estado tenha dois terços de seus médicos com menos de 40 anos.

"Além disso, aumentou a oferta de residência médica. Isso faz com que muitos jovens que saíam para se especializar hoje possam fazer a residência aqui", diz Bruno Souza, presidente do CRM-PB.

No Nordeste, outros dois estado estão acima da média, Piauí (0,74) e Sergipe (0,59), enquanto cinco estão abaixo.

No Norte, 5 dos 7 estados estão abaixo da média nacional. Amapá e Acre têm as piores proporções, respectivamente, 0,22 e 0,29. O número é atribuído à concentração de médicos nas capitais e à migração de recém-formados para grandes centros urbanos do país. "Muitos dos jovens que estudam no Acre já são de outros estados e retornam após a formação", diz o CRM-AC em nota.

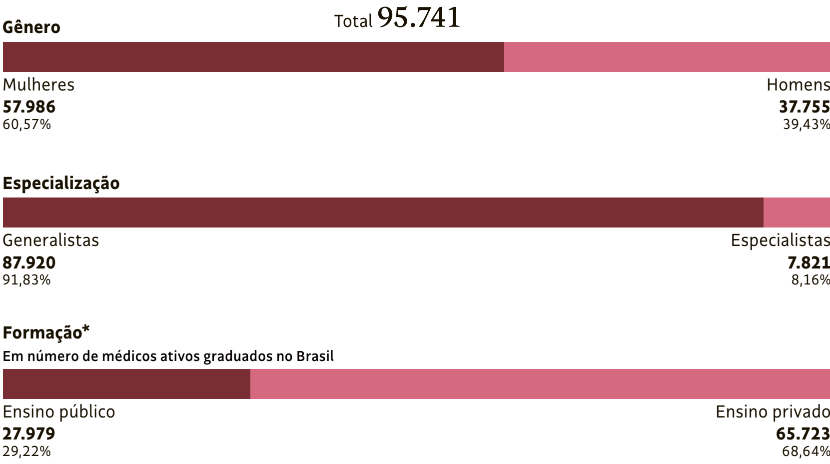
A baixa nota de corte no vestibular atrai jovens, como Vitor Leocadio, 29, cearense que foi estudar na única instituição pública do Acre. Diferentemente de quem busca apenas se formar no estado, a intenção do estudante é ficar.

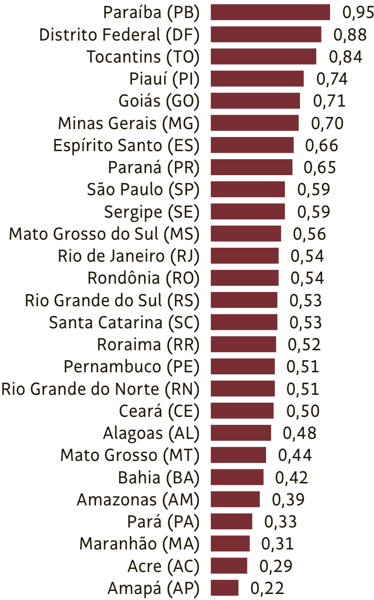
"O retorno monetário no Sudeste é melhor, mas o mercado é restrito. Se você já tiver contatos, as coisas ficam mais simples. Chegar sem nada é difícil. No meu caso, como estudei aqui, é mais fácil ficar."

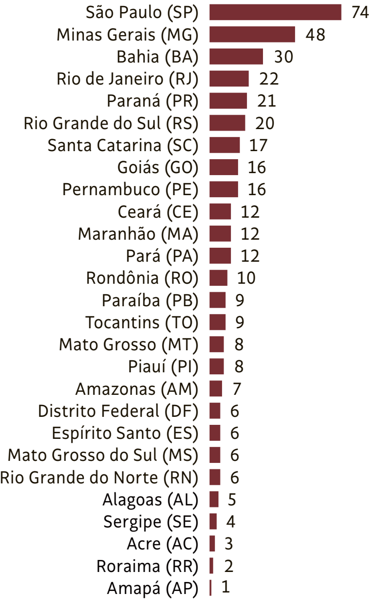
No Amapá, há apenas uma escola médica. "Nossa faculdade de medicina só começou em 2010. Faz apenas nove anos que estamos formando médicos aqui. Também não temos residência de todas as especialidades", diz o presidente do CRM-AP, Eduardo de Jesus.

Sem o recorte de idade, a densidade de médicos por mil habitantes no Brasil é de 2,81, maior que a dos Estados Unidos (2,7), segundo dados mais recentes (2021) da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico).

Perfil e distribuição dos médicos jovens no Brasil







Residência perde apelo entre jovens e preocupa entidades

No Brasil, há mais especialistas e médicos homens. Entre os jovens, a relação se inverte: há menos especialistas e mais mulheres. Na geração Z, nascida entre 1995 e 2010, também aumenta a quantidade de profissionais formados em instituições privadas.

Entidades médicas explicam que os gastos com a faculdade particular e a baixa remuneração oferecida pela residência afastam os profissionais da especialização. A carga horária dessa modalidade de pós-graduação específica para médicos vai até 60 horas semanais, e o salário fica, em média, abaixo de R$ 4.000 por mês.

Em três anos, houve queda de 10% no número de especialistas com até 29 anos. "Com a maioria dos cursos privados, os alunos se formam com dívidas e precisam melhorar a renda", diz Júlio Braga, coordenador das comissões de Ensino Médico e de Integração do Médico Jovem do CFM.

A geração Z está trocando a residência por plantões em hospitais, que oferecem melhor remuneração. Zeus dos Santos, membro da Comissão Nacional de Médicos Jovens da AMB (Associação Médica Brasileira), afirma que salários para plantonistas variam entre R$ 12 mil e R$ 30 mil.

"Imagine que você pagou a graduação e ficou um período sem trabalhar. A renda e o custo de vida aumentam, e você precisa continuar em longos plantões. Com que tempo vai estudar para residência?"

Entre quem opta pela especialização, as áreas mais buscadas são dermatologia, anestesiologia e psiquiatria. Para medicina da família e comunidade, faltam interessados.

As entidades se preocupam com o menor interesse pela residência. "A residência é a melhor forma do médico completar a atuação. Hoje é ainda mais necessário porque o Brasil tem pouco campo de estágio, e os alunos saem da faculdade ainda mais inexperientes que há dez anos", diz Braga.

A falta de aprendizado prático na graduação também preocupa. "O aluno se forma sem competência técnica para exercer a medicina de forma plena. É um profissional inseguro que se sente desvalorizado", diz Santos, da AMB.

Mais Médicos cria incentivos para atrair profissionais novatos

SÃO PAULO Em março do ano passado, o Mais Médicos mudou diretrizes com o intuito de atrair jovens profissionais.

O programa passou a oferecer cursos de especialização em instituições públicas de educação superior.

O novo projeto também viabiliza reembolso para quem estudou por meio do Fies (Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior).

O valor pode variar de R$ 238 mil a R$ 475 mil por profissional.

Em junho deste ano, a bolsa oferecida para os profissionais teve o primeiro aumento desde 2019.

De acordo com Felipe de Oliveira, secretário de atenção primária à saúde do Ministério da Saúde, a média salarial dos participantes é de cerca de R$ 12,3 mil. Os benefícios financeiros variam de acordo com a localidade em que o médico vai atender.

"São incentivos importantes para jovens médicos. É uma faixa etária que, provavelmente, está constituindo família e criando raízes no local. Temos mais de dez anos de existência. Sabemos onde há as melhores taxas de fixação e onde há maior permanência. Usamos isso para decidir quais vagas terão mais benefícios", afirma.

Dos mais de 24 mil profissionais ativos no programa, cerca de 21% têm até 29 anos.

A maior proporção está na região Nordeste, onde há 1.973 jovens. Em seguida, estão Sudeste (1.544), Sul (827), Norte (670) e Centro-Oeste (314).

O programa visa suprir a carência desses profissionais nas áreas de atenção primária à saúde e medicina familiar.

A iniciativa também busca aperfeiçoar profissionais dessas áreas em regiões consideradas prioritárias para o SUS (Sistema Único de Saúde).

"Temos a expectativa de suprir duas demandas: a má distribuição e a falta de especialistas, uma vez que o programa oferta uma especialização em saúde da família, uma das menos buscadas entre os profissionais", diz Oliveira. **FB e HS**

> "Aumentou a oferta de residência. Isso faz com que muitos jovens que saíam para se especializar hoje possam fazer a residência aqui [Paraíba]
>
> **Bruno Souza**
> presidente do Conselho Regional de Medicina da Paraíba

> "O retorno monetário no Sudeste é melhor, mas o mercado é restrito. No meu caso, como estudei aqui [Acre], é mais fácil ficar
>
> **Vitor Leocadio**
> estudante de medicina

Agro cresce, mas luta para reter nova geração

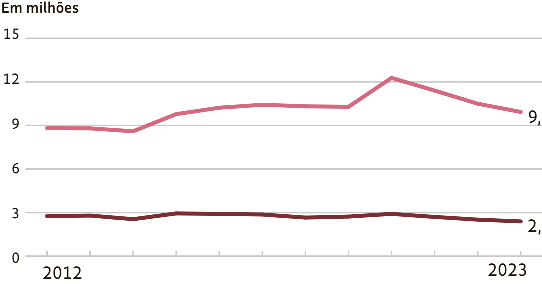
Participação de profissionais de até 29 anos caiu 13% em 12 anos; agricultura familiar enfrenta dificuldades na sucessão

Diego Alejandro, Marcelo Pessini e Vitor Hugo Batista

Cai a participação de jovens na agropecuária

■ Trabalhadores com menos de 30 anos
■ Trabalhadores com 30 anos ou mais

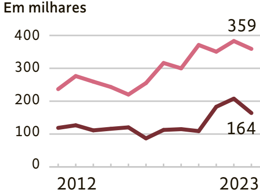
Todas as ocupações da agropecuária
Em milhões



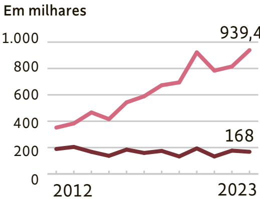
-13% é a queda na participação dos jovens em ocupações ligadas à agropecuária entre 2012 e 2023

Fonte: IBGE

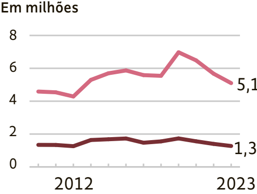
Técnicos da produção agropecuária
Em milhares



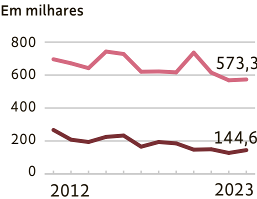
Agrônomos e afins
Em milhares



Produtores agropecuários em geral
Em milhões



Trabalhadores agrícolas
Em milhares



SÃO PAULO O agronegócio tenta, mas não consegue atrair nem reter trabalhadores jovens em número suficiente. Dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) apontam, nos últimos 12 anos, queda da participação de pessoas na faixa de 18 a 29 anos em quase todas as categorias que compõem o setor —exceto em ocupações classificadas como técnicas.

O quadro se aprofunda na agricultura familiar, que representa 77% dos estabelecimentos agrícolas do país.

De acordo com dados da Pnad Contínua (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua) analisados pela reportagem com o recorte de idade, 2,8 milhões de jovens trabalhavam no setor em 2012, enquanto as faixas etárias acima totalizavam 8,8 milhões.

Em 2023, o total de pessoas de 18 a 29 anos caiu 13%, chegando a 2,4 milhões, enquanto o resto do setor aumentou 12,7% (9,9 milhões).

"Esse problema começa já na base, ou seja, com vagas abertas para estágio. Quando o candidato sabe que a posição é para uma empresa do agro, já há uma desistência", afirma Ricardo Nicodemos, presidente da ABMRA (Associação Brasileira de Marketing Rural e Agro).

Há uma dificuldade de comunicação do mercado, que não consegue mostrar o potencial de oportunidades, acrescenta ele.

Além disso, diz Nicodemos, há dificuldade para encontrar mão de obra qualificada. "No intervalo de 2021 a 2023, o setor estima que foram geradas 178,8 mil oportunidades, mas apenas 32,5 mil profissionais estavam preparados para ocupar as vagas."

Coordenador técnico da diretoria de educação profissional e promoção social do Senar (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural), Gabriel Sakita lida com projetos voltados à capacitação de profissionais. "Atendemos 1 milhão de pessoas anualmente, e esse número só cresce. Mas não é suficiente para atender a demanda do setor."

Ele relata que, em 2023, houve uma inversão na procura e oferta de cursos. Os alunos preferiram aulas de operação de drones à formação em manejo de tratores e veículos similares. São 5.269 drones voltados à agricultura em operação no Brasil, de acordo com levantamento mais recente da Anac (Agência Nacional de Aviação Civil). Há dois anos, eram 1.109.

Nessa linha, o Ministério do Desenvolvimento Agrário tem o Programa de Formação em Assistência Técnica e Extensão Rural para Assentamentos de Reforma Agrária (ProforEXT), em parceria com 16 universidades.

A iniciativa envolve estudantes e professores na capacitação de membros de assentamentos, onde a maioria é jovem. O objetivo é atingir, em média, 240 famílias por ano.

A reportagem visitou o oeste do Paraná, para acompanhar um dia do projeto. Os produtores aprendiam a podar limoeiros.

"Tenho muitos amigos que falam 'quando terminar o ensino médio, vou vazar daqui'. Eu, não. Eu gosto do campo", diz Lucas Eduardo Quadros, assentado de 17 anos, participante da iniciativa. "Foi uma bênção esse povo [do projeto] ter me encontrado, me dado oportunidade."

"Vejo muitos pequenos proprietários cujos filhos não querem voltar para assumir o negócio, porque não é tão lucrativo", diz Otavio Balsadi, pesquisador da Embrapa.

"Ele vai vendo as pessoas ao seu redor com o mesmo problema, vendendo [as terras], e decide fazer o mesmo. No fim, agrava-se a concentração de terra, que já é grande no Brasil", continua.

Levantamento da Fundação Dom Cabral com gestores em todo o território nacional mostrou que mais de 80% dos empreendimentos rurais são comandados pelos fundadores (41%) ou pela segunda geração (41%).

Apenas 16% fazem parte da terceira geração e só 1% são da quarta em diante.

Outro estudo de caso, feito em 2020 por pesquisadores da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), mostrou que 61% dos proprietários não estão prontos para a sucessão.

Na contramão, houve aumento de jovens atuando como "técnicos da produção agropecuária", segundo nomenclatura da CBO (Classificação Brasileira de Ocupações, usada pelo IBGE para agrupar diversas funções). Em 2012, eram 118 mil, contra 163 mil em 2024.





Vinicius Fernandes (esq.) é piloto de drones; Thais Neres (dir.), criou projeto que promove a conscientização sobre saúde mental no campo Fotos Arquivo pessoal

Jovem que cresceu em sítio em MS troca colheitadeira por drone

SÃO PAULO Nascido em Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, Vinicius Fernandes, 22, cresceu no sítio dos avós. A vivência o levou a fazer minicursos para conciliar um ofício com a paixão pelo campo. Começou a operar colheitadeiras aos 17. Hoje usa drones para aplicar agrotóxicos em fazendas no Mato Grosso.

"Chego na propriedade e mapeio a área com drone. Depois, uso outro para pulverizar. Fico atento com o controle na mão se algo der errado."

A engenheira agrônoma Crislaine Ladeia, 28, teve o primeiro contato com essa tecnologia na faculdade. Especializada em sensoriamento remoto, atua como instrutora de drones em Mato Grosso. "O drone me permite identificar com precisão onde está o problema. Isso tem uma economia de produtos, de serviço e de tempo, além de ser mais sustentável", afirma.

Os dois pilotos são parte de um grupo crescente de profissionais do agronegócio. O Ministério da Agricultura e Pecuária exige cursos específicos para operar os equipamentos, como o Caar (Curso para Aplicação Aeroagrícola Remota), que dura em média 30 horas. Também é necessário um cadastro de piloto no Departamento de Controle do Espaço Aéreo.

Os salários podem ultrapassar R$ 10 mil no período de safra, quando se paga R$ 3 por hectare aplicado. "Comecei ganhando menos, porque estava aprendendo. Fui pegando experiência e cheguei a um salário melhor. Não é uma ilusão, realmente se recebe bem", afirma Fernandes.

"É uma mão de obra mais qualificada, que demanda padrão de contratação mais formal e, por consequência, a remuneração média no setor tem crescido de maneira mais acelerada", diz Felippe Serigati, pesquisador e economista do FGVAgro (Centro de Estudos do Agronegócio, da Fundação Getulio Vargas).

Márion Henry, 32, é engenheiro agrônomo e proprietário de uma empresa que atua no mercado de drones e agricultura de precisão em Mato Grosso. Ele afirma que os jovens procuram o mercado pela facilidade de inserção e habilidade com tecnologias.

"Os jovens veem o setor como uma oportunidade de altos ganhos sem precisar de uma formação extensa", diz.

Desde 2018, a empresa de Henry formou 2.873 alunos, incluindo Fernandes e Ladeia. A procura foi maior na faixa de 18 a 29 anos (61%), seguida por pessoas entre 30 e 39 anos (28%). Os alunos acima de 40 totalizaram 11%. Homens são maioria (68%).

Para Henry, muitos jovens não estão preparados para as condições do campo. "Chegam pensando que os drones são como videogame, mas a rotina do negócio envolve sol, chuva, vento e calor."

Apesar da boa remuneração, ele observa uma alta rotatividade. "Ficam temporariamente e saem em busca de oportunidades menos desconfortáveis e com rápida ascensão profissional." **VHB**

Produtora rural de SC sofre burnout e cria rede de apoio psicológico

SÃO PAULO "Tive um burnout morando no campo", afirma Thais Neres, 28, agricultora de Concórdia, no interior de Santa Catarina.

"Senti a pressão do clima, do dinheiro, da distância de tudo, por ser jovem, por ser mulher. Cheguei num esgotamento. As pessoas acham que no campo tudo é tranquilo, sem estresse, sem depressão, sem ansiedade. Mas acabei ficando doente."

Depois de procurar ajuda e tratamento, Neres percebeu uma demanda por serviços de saúde mental na sua região. Hoje, lidera um projeto de conscientização, levando do atendimento psicológico a comunidades rurais do interior catarinense, principalmente entre jovens.

"Meu projeto faz parte da minha história. Um minuto de atenção pode mudar a vida de uma pessoa", diz.

Ela foi destaque entre as lideranças do agro que participaram do CNA Jovem (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil) no ano passado, em Brasília. O foco do programa está no desenvolvimento de jovens capazes de mudar realidades locais.

Ítalo Torri, 25, de Santa Catarina, também participou do programa. Em parceria com a Unoesc (Universidade do Oeste de Santa Catarina), a iniciativa leva estudantes de psicologia para atender jovens mulheres em comunidades rurais do estado.

"A sobrecarga de funções afeta principalmente as mulheres, que cuidam da casa, dos filhos e do trabalho na roça. Muitas desenvolvem problemas de saúde mental."

> Acham que no campo tudo é tranquilo, sem estresse, sem depressão, sem ansiedade
>
> **Thais Neres**
> agricultora de Santa Catarina

Outras duas iniciativas, voltadas ao protagonismo feminino no campo, surgiram do programa da confederação. Em Divinópolis (MG), Vitória Mesquita, 26, lidera uma delas. Ela capacita mulheres para trabalhar na pecuária.

"Tem poucas mulheres na área, uma não incentiva a outra. Falta apoio e oportunidade. Além disso, o meio é muito machista. Quero uni-las para mudar isso", afirma.

Realidade percebida também por Manoela Souza, 29, nos estados de Rondônia, onde trabalha, e do Acre, onde nasceu. Ela viu a dificuldade das mulheres em encontrar emprego no setor e trabalha para aumentar a contratação delas, com capacitação.

"O machismo é uma coisa escancarada nessa área. Quanto mais velha, mais difícil é ingressar no mercado. Então a ideia é desenvolver as habilidades dessa mulher para que depois seja absorvida pelo sistema." **VHB**







Fotos Arquivo pessoal

> Não venham por emoção. Muita gente vem para cá achando que vai ser mil maravilhas, que as crianças vão ser um amor. Não vão

Laura Aguiar
participou do programa au pair

> Dê o pontapé inicial. Ele vai te colocar em movimento e dar energia para dar os outros passos. Quando perceber, realizou seu sonho

Julia Smith
viajou em "voluntariado"

> Eu me apaixonei pelo lugar. É uma experiência muito única, que até hoje meus pais não entendem

Bruna Barros
fez work and travel

Planejando bem, trabalho no exterior une útil ao agradável

Internet facilita busca de jovens que sonham viver em outro país

Lucas Leite, Ítalo Leite e Luana Franzão

SÃO PAULO Nos últimos anos, as redes sociais têm apresentado cada vez mais opções de trabalhos temporários no exterior. Em vídeos no Instagram e no TikTok, quem está ou esteve fora divulga novas plataformas e novidades em programas de intercâmbio antigos, tornando mais fácil a vida dos que sonham em unir o trabalho ao convívio com outras culturas.

Cuidar de crianças em casas de família (au pair), trabalhos temporários para estudantes de férias (work and travel), experiências de estudo e trabalho, além de troca de hospedagem por trabalho (o chamado "voluntariado"), estão entre as opções mais populares.

Dos intercâmbios atrelados a trabalho, os programas de au pair representam 80% das vendas, contra 17% para work and travel nos EUA e 3% para voluntariado no exterior, segundo Christina Bicalho, vice-presidente da rede de agências de intercâmbio STB (Student Travel Bureau).

Os destinos mais procurados para essas modalidades são EUA, Austrália, Nova Zelândia, Irlanda e Malta.

Plataformas de "voluntariado" permitem aos mochileiros custear suas viagens enquanto exploram novos lugares. Nesses sites, os viajantes trocam trabalho por hospedagem e, às vezes, alimentação. As tarefas variam, desde atender na recepção em hostels até organizar tours e cuidar da jardinagem.

A plataforma mais conhecida nessa modalidade é a Worldpackers, que reúne 100 mil viajantes ativos. Para conquistar a hospedagem gratuita, o candidato deve pesquisar as vagas na plataforma e entrar em contato com o anfitrião.

Aos 23 anos, Júlia Smith, administradora de empresas, já fez cinco "voluntariados". Nas experiências, já foi recepcionista de um hostel nos Alpes Suíços e atendeu clientes em uma casa de chá na Patagônia Argentina –sua estadia favorita até o momento.

Além de compartilhar seu cotidiano nas redes sociais, ela oferece cursos e consultorias pagas para mulheres que desejam transformar em realidade o sonho do mochilão. Júlia não recomenda o "voluntariado" como forma de ter hospedagem gratuita em destinos badalados.

Para ela, é mais importante selecionar a experiência que a pessoa gostaria de viver, e não o destino –afinal, o objetivo do site é oferecer viagens comunitárias.

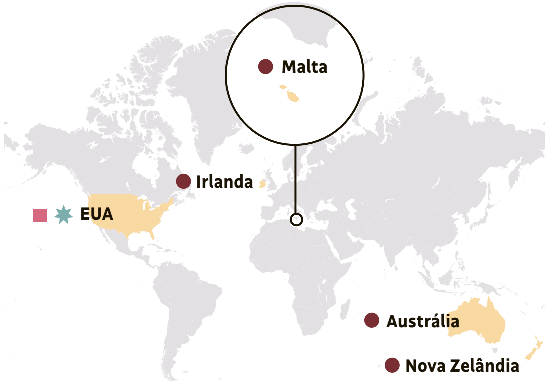
Ricardo Lima, CEO da Worldpackers, afirma que o site oferece apoio aos viajantes e valores para financiar uma outra hospedagem, caso algo não corra como o esperado durante o "voluntariado". A plataforma cobra anuidade dos itinerantes, na qual está incluído um seguro.

Segundo Lima, todos os anfitriões cadastrados passaram pela avaliação de uma equipe da Worldpackers. Se houver denúncias, podem ser excluídos da plataforma.

O programa work and travel é voltado a universitários entre 18 e 28 anos que querem trabalhar nos EUA durante as férias no Brasil. A seleção é realizada por agências de intercâmbio brasileiras, que conectam os participantes às vagas.

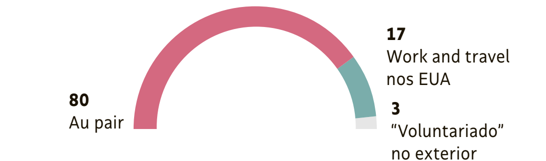
Os principais destinos dos jovens para viajar e trabalhar

- **Estudo e trabalho:** Intercambista viaja para o país escolhido para fazer o curso (de línguas ou de qualificação) selecionado na inscrição. Pode trabalhar em vaga com carga horária menor do que a do expediente padrão
- **Au pair:** Mais comum entre mulheres, o programa define que as intercambistas morem em casas de famílias no país de destino e cuidem de crianças e adolescentes em troca de um salário. As intercambistas também podem fazer um curso
- **Work and travel:** Nesta modalidade, os intercambistas saem do Brasil para ocupar uma vaga de emprego específica, definida antes da viagem, como trabalhar em estações de esqui ou nos parques da Disney
- **"Voluntariado" no exterior:** Viajantes procuram oportunidades para trocar hospedagem por trabalho voluntário através de plataformas como a Worldpackers e a Workaway. Os trabalhos podem variar, e exigem estadias mais longas do que uma viagem comum



Modalidades de intercâmbio preferidas

De janeiro a abril de 2024, em %



Fonte: Agência de intercâmbios STB

A paulista Bruna Barros, 23, participou do programa duas vezes, em 2023 e 2024. Após as etapas de seleção, Bruna recebeu uma lista de empresas e os salários oferecidos. Na maioria, as vagas disponíveis são para garçom, camareiro e auxiliar de cozinha em hotéis, estações de esqui e resorts. Escolheu um resort na cidade de Wisconsin Dells, a três horas de carro de Chicago.

Na primeira vez, ela trabalhou três meses na área de atrações. Na segunda vez, no mesmo lugar, foi atendente na cafeteria Starbucks. "Nas duas posições tive dias bons e ruins, mas as duas experiências foram muito boas."

Ela critica a variação da escala e da rotina. "Não tinha horário fixo. Tinha dias que eu entrava às 6h, tinha dias que eu trabalhava à noite e saía do resort à meia-noite."

Bruna se hospedou no próprio resort. A escolha do local de moradia ficava a critério do intercambista. "Tínhamos que pagar pela acomodação [no resort]. Era melhor, porque ficava a um minuto caminhando do trabalho."

A estudante conta que o local disponibilizado pela empresa tinha separação entre homens e mulheres, mas algumas áreas, como a cozinha, eram compartilhadas.

Os gastos e ganhos durante o programa mudam de acordo com o planejamento e o foco do intercambista. Bruna conta que, na sua primeira experiência, gastou muito devido à falta de experiência internacional. No segundo ano, focou em aumentar os ganhos e reduzir as despesas.

Para Bruna, a experiência do intercâmbio valeu a pena. "

O au pair une trabalho e cultura, com os participantes (na maioria, mulheres) tendo que cuidar de crianças na casa de uma família. No TikTok, a hashtag #aupair reúne mais de 225 mil publicações.

De acordo com o programa oficial de intercâmbio dos EUA, BridgeUSA, para ser au pair é necessário ter proficiência em inglês, ensino médio completo e idade entre 18 e 26 anos. O salário mínimo é de US$ 195,75 (cerca de R$ 1.100) por semana, com a hospedagem e alimentação por conta da família.

Os brasileiros devem obter o visto "J", que permite estadia de dois anos nos EUA, com o direito de estudar e trabalhar como au pair.

Carla, 27, (nome fictício a pedido da entrevistada) se tornou au pair em 2021, depois de se formar em psicologia. Viveu um ano e meio em Nova York, na casa de uma família que tinha três meninos de menos de sete anos.

"Foi horrível. Ficamos encantadas com a possibilidade de ser recebidas por uma família e se sentir em casa, mas é um sistema que explora a mão de obra barata", diz.

Carla enfrentou uma barreira linguística. A família não informou, nas entrevistas de seleção, que falava hebraico em casa, o que dificultou a comunicação entre a cuidadora e os pais. "Eu me sentia uma intrusa, porque não sabia o que estava se passando."

A advogada Laura Aguiar, 26, foi aos EUA em 2022. O início foi turbulento. A primeira família de Laura, de Nova Jersey, tinha uma rotina "muito controladora".

"Eles tinham um toque de recolher [hora limite para chegar], e não era o combinado antes de eu vir." Ela continuou no programa, mas se mudou para a casa, na mesma cidade, de outra família, que, segundo ela, entende a essência do programa, que é o intercâmbio cultural. Laura cuida de um menino de 1 ano e meio, em horários flexíveis. "Estou bastante satisfeita com essa família de agora", relata.

Atualmente no segundo ano do programa, Laura pretende continuar nos EUA e fazer mestrado. Para ela, metas são importantes para aproveitar a oportunidade. "Não venham por emoção. Muita gente vem para cá achando que vai ser mil maravilhas, que as crianças vão ser um amor. Não vão."

INFORME PUBLICITÁRIO
INES 249

FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921  UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA



DOMINGO, 7 DE JULHO DE 2024 — R$ 9,90

ÚLTIMOS INGRESSOS!

12, 13 e 14 DE JULHO



ROLEX 6 HORAS DE

SÃO PAULO

ESPÍRITO DE LE MANS

NO BRASIL

VALENTINO ROSSI

AUGUSTO FARFUS

JENSON BUTTON

COMPRE AQUI SEU INGRESSO







spturis eventos e turismo


ADQUIRA JÁ SEU INGRESSO

FIAWECSAOPAULO.COM.BR



















INÊS 249